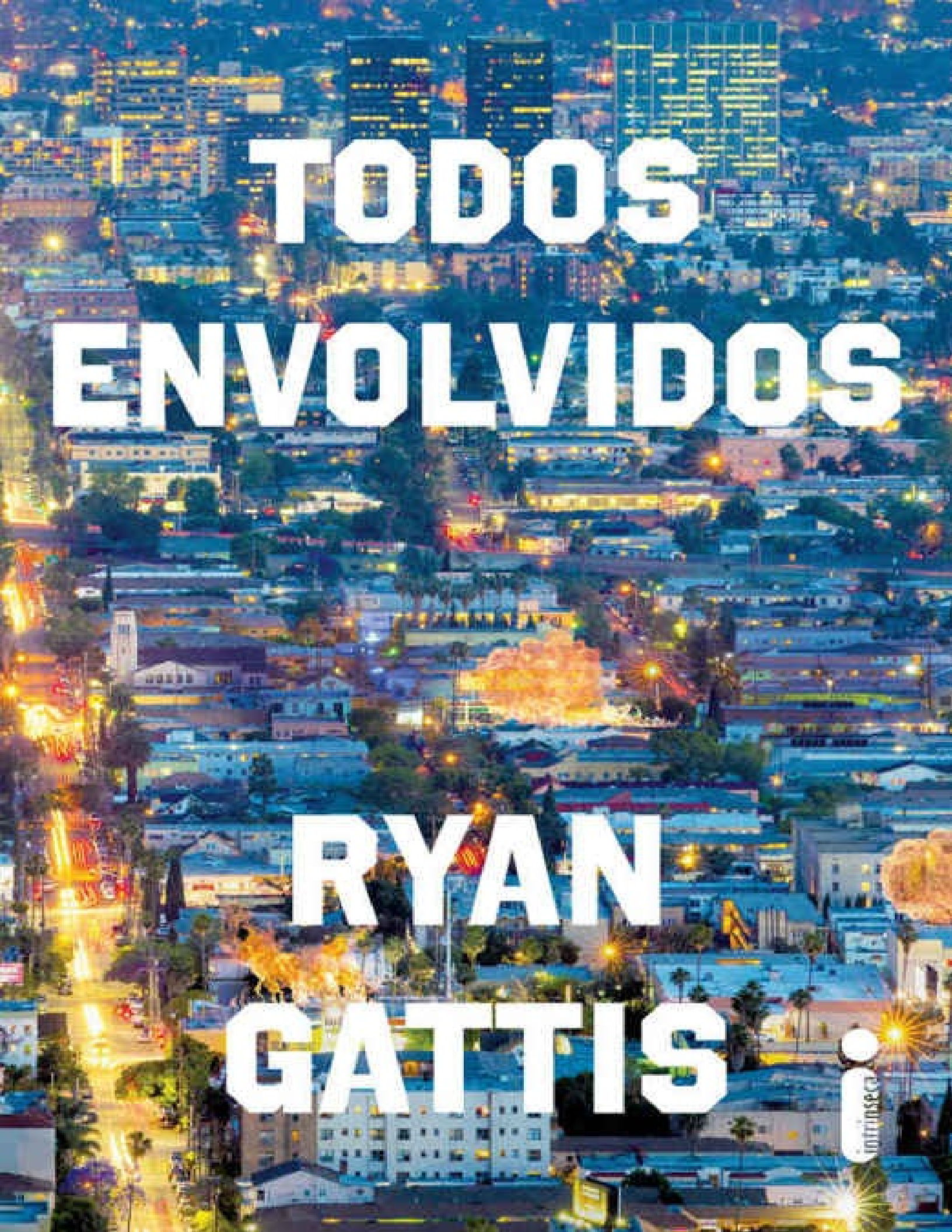

TODOS
ENVOLVIDOS
RYAN
GATTIS
intrinseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

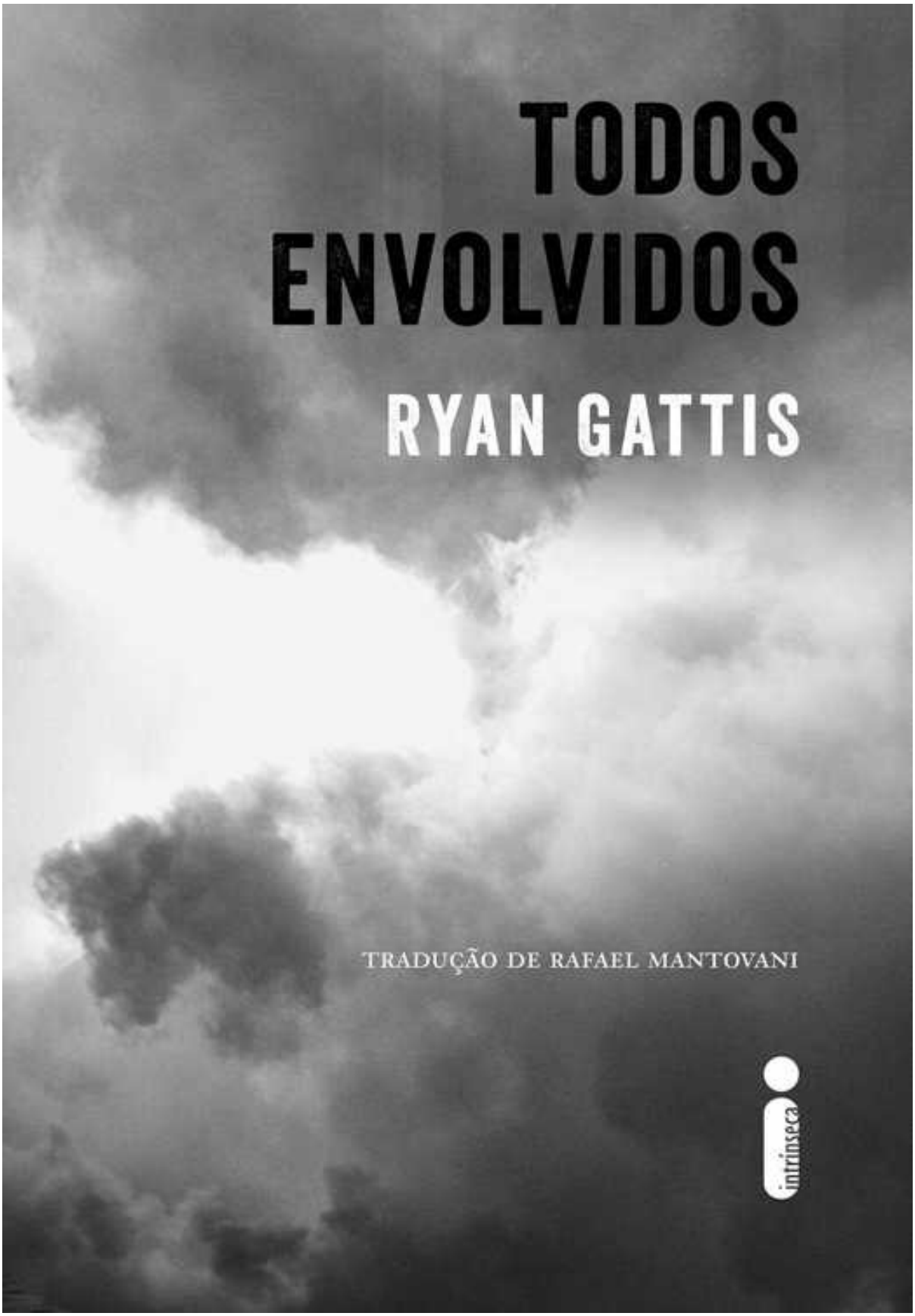
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


TODOS
ENVOLVIDOS
RYAN GATTIS
TRADUÇÃO DE RAFAEL MANTOVANI
intrínseca

© Ryan Gattis, 2015

TÍTULO ORIGINAL
All Involved

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Gabriel Pereira
Erika Nogueira

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

FOTO DE CAPA
© Chris Hepburn/Getty Images

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

E-ISBN
978-85-8057-811-9

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA
Janson Text

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

DEDICADO À MEMÓRIA DO CORONEL ROBERT HOUSTON GATTIS SR.

SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO
MÍDIAS SOCIAIS
DEDICATÓRIA

OS FATOS

PRIMEIRO DIA
- **ERNESTO VERA**
- **LUPE VERA, OU LUPE RODRIGUEZ, OU PAYASA**
- **RAY VERA, OU LIL MOSCO**

SEGUNDO DIA
- **JOSÉ LAREDO, OU BIG FATE, OU BIG FE**
- **ANTONIO DELGADO, OU LIL CREEPER, OU DEVIL'S BUSINESS**
- **KIM BYUNG-HUN, OU JOHN KIM**

TERCEIRO DIA
- **GLORIA RUBIO, ENFERMEIRA**
- **ANTHONY SMILJANIC, CORPO DE BOMBEIROS DE LOS ANGELES (LAFD)**
- **ABEJUNDIO ORELLANA, OU MOMO**

QUARTO DIA
- **BENNETT GALVEZ, OU TROUBLE, OU TROUBLE G.**
- **ROBERT ALÀN RIVERA, OU CLEVER, OU SHERLOCK HOMEBOY**
- **GABRIEL MORENO, OU APACHE**

QUINTO DIA

ANÔNIMO
JEREMY RUBIO, OU TERMITE, OU FREER
JOSESITO SERRATO, OU WATCHER

SEXTO DIA
JAMES
MIGUEL “MIGUELITO” RIVERA JUNIOR, OU MIKEY RIVERA

GLOSSÁRIO
CITAÇÕES
AGRADECIMENTOS
SOBRE O AUTOR
LEIA TAMBÉM

OS FATOS

Às 15h15 do dia 29 de abril de 1992, um júri absolveu Theodore Briseno e Timothy Wind, agentes do Departamento de Polícia de Los Angeles (LAPD), assim como o sargento Stacey Koon, da acusação de abuso de força para subjugar o civil Rodney King. O júri não conseguiu chegar a um veredito sobre a mesma acusação contra o agente Laurence Powell.

Por volta das 17h começaram as revoltas. Elas duraram seis dias, terminando finalmente em 4 de maio, uma segunda-feira, com um saldo de 10.904 prisões, mais de 2.383 pessoas feridas, 11.113 incêndios e mais de um bilhão de dólares em danos a propriedades. Além disso, sessenta mortes foram atribuídas às revoltas, mas esse número não leva em conta os assassinatos que ocorreram fora das áreas de tumulto durante estes seis dias de estado de sítio e quase nenhum serviço de emergência. Como disse o próprio chefe do LAPD, Daryl Gates, “haverá situações em que pessoas vão ficar sem assistência. São fatos da vida. Não há policiais suficiente para estar em todos os lugares.”

É possível, e mesmo provável, que uma série de vítimas não oficialmente relacionadas às revoltas tenha se tornado alvo devido a uma combinação sinistra de oportunidades e circunstâncias. De fato, cerca de 121 horas sem lei em uma cidade de quase 3,6 milhões de habitantes integrada a uma região de 9,15 milhões de pessoas foi um período de tempo longo o bastante para acertos de contas.

Este livro é sobre alguns deles.

PRIMEIRO DIA
QUARTA-FEIRA

UMA QUESTÃO AINDA MAIS INTERESSANTE É: POR QUE TODOS ESTÃO COM RECEIO DE OUTRA REVOLTA? POR ACASO AS COISAS EM WATTS NÃO MELHORARAM EM NADA DESDE A ÚLTIMA? É O QUE UM MONTE DE PESSOAS BRANCAS ESTÁ SE PERGUNTANDO. INFELIZMENTE, A RESPOSTA É NÃO. O BAIRRO PODE ESTAR REPLETO DE ASSISTENTES SOCIAIS, RECENSEADORES, VOLUNTÁRIOS DE SERVIÇOS COMUNITÁRIOS E MEMBROS DE OUTROS SETORES DA ÁREA HUMANITÁRIA, TODOS COM AS INTENÇÕES MAIS PURAS DO MUNDO. MAS, DE ALGUM MODO, NÃO MUDOU MUITA COISA. AINDA EXISTEM OS POBRES, OS DERROTADOS, OS CRIMINOSOS, OS DESESPERADOS, TODOS SEGURANDO AS PONTAS COM O QUE APARENTA SER UMA TEMÍVEL VITALIDADE.

— THOMAS PYNCHON
THE NEW YORK TIMES
12 DE JUNHO DE 1966

ERNESTO VERA

29 DE ABRIL DE 1992

20h14

1

Estou em Lynwood, South Central, perto do cruzamento da Atlantic com a Olanda, em uma festinha de aniversário de criança, embrulhando em papel-alumínio as bandejas com os feijões que ninguém comeu, então me dizem para ir para casa mais cedo e que talvez eu nem precise trabalhar amanhã. Talvez nem por uma semana. Meu chefe está preocupado que o que está acontecendo na 110 Street chegue aqui. Ele não fala de confusão nem revolta nem nada. Apenas fala "essa coisa mais ao norte", mas está se referindo ao lugar onde as pessoas estão queimando coisas, quebrando vitrines e levando porrada. Penso em discutir com ele, porque preciso do dinheiro, mas isso não ia dar em nada, daí nem gasto minha saliva. Guardo os feijões na geladeira da van, pego meu casaco e vou embora.

Quando chegamos lá, no começo da tarde, eu e o Termite — um cara que trabalha comigo — vimos fumaça, quatro colunas pretas se erguendo igual às torres de petróleo pegando fogo no Kuwait. Talvez não *tão* grandes, mas grandes. O pai do aniversariante, já meio bêbado, viu que tínhamos reparado na fumaça enquanto arrumávamos as mesas, e disse que era porque os policiais que espancaram o Rodney King não iam ser presos, e o que é que nós achávamos disso? Cara, você sabe que a gente não achou legal, mas não vamos dizer isso para o cliente do nosso chefe! Além do mais, foi uma grande injustiça e tal, mas

o que a gente tem a ver com isso? Estava estourando em outro lugar. Aqui, a gente só precisa calar a boca e fazer o serviço.

Estou trabalhando na van dos Tacos El Unico faz quase três anos. É só falar que eu faço. *Al pastor. Asada*. Tranquilo. Também rola um ótimo *cabeza*, se bater a vontade. Senão tem *lengua*, *pollo*, é você que manda. Tem para todo mundo, sabe como é. Geralmente estacionamos do lado do nosso quiosque na Atlantic com a Rosecrans, mas às vezes fazemos festas de aniversário, bodas, qualquer coisa, na verdade. Não recebemos por hora nesses eventos, por isso fico feliz quando acabam mais cedo. Dou tchau para o Termite, digo que da próxima vez é melhor ele lavar bem as mãos antes de aparecer e caio fora.

Andando depressa, são vinte minutos a pé para casa, quinze se eu pegar a Boardwalk, a rua de pedestres entre as casas. Não é um calçadão como em Atlantic City nem nada. É só uma viela estreita de concreto no meio das casas, que serve como ligação entre a avenida principal e o bairro. É o nosso atalho. Como diria minha irmã: “Desde sempre é o lugar onde os malucos correm da polícia.” Descendo, ela leva você direto para a Atlantic. Subindo, leva para as casas, rua após rua. É essa direção que eu pego. Subindo.

A maioria das varandas está com a luz apagada. Os quintais também. Ninguém do lado de fora. Nenhum dos ruídos de sempre. Nenhum rádio tocando velhos hits do Art Laboe. Ninguém consertando carros. Passando pelas casas, ouço apenas TVs ligadas, os âncoras falando de saques e incêndios e Rodney King e negros e revolta e eu acho tranquilo, tanto faz, porque estou concentrado em outra coisa.

Não me entenda mal. Não é que eu esteja sendo frio, estou apenas resolvendo o que precisa ser resolvido. Cresça no mesmo bairro que eu, com uma loja de armas que vende balas avulsas por vinte e cinco centavos para qualquer um que tiver uma ideia ruim na cabeça e uma moeda no bolso, e talvez você acabe como eu. Não abatido, nem irado nem nada, apenas concentrado. E nesse momento, estou contando os meses até conseguir cair fora.

Dois meses já devem bastar. Então vou ter dinheiro guardado para me motorizar de novo. Nada chique. Só alguma coisa que me leve para o trabalho e me traga de volta sem eu ter que andar por essas ruas. Pois é, desde sempre

tenho preparado a receita dos outros, mas não estou a fim de continuar nessa. Quando tiver meu carro, vou dirigir para o centro e implorar para me aceitarem como aprendiz na cozinha do R23, esse lugar maluco de sushi bem no meio de um bairro que costumava produzir a maioria dos brinquedos do mundo, mas agora os armazéns estão todos vazios, e esse lance dos brinquedos ficou para a China.

Fiquei sabendo desse lugar pelo Termite, porque ele também adora comida japonesa. Quero dizer, ele adora qualquer coisa oriental, principalmente mulheres, mas isso não vem ao caso. Ele me levou lá na semana passada, e eu paguei trinta e oito mangos por uma refeição só para mim, mas valeu a pena por causa dessas coisas que os chefs japoneses fazem. Coisas com que eu nunca tinha nem sonhado. Salada de espinafre com enguia. Atum tostado com um maçarico, tão bem-feito que fica cozido por fora e todo macio e cru no meio. Mas o que mexeu comigo mesmo foi um negócio chamado *California roll*. Por fora é arroz apertado em ovinhas laranjas de peixe. Por dentro é um círculo verde de alga com pedaços de caranguejo, pepino e abacate no meio. Foi esse último ingrediente que me deixou bolado.

Cara, você não está entendendo. Eu faço qualquer coisa para aprender com esses chefs. Lavo pratos. Varro o chão, limpo o banheiro. Fico até tarde toda noite. Não importa! Só quero estar perto de uma boa comida japonesa, porque na hora eu pedi esse sushi por causa do nome, olhei para ele e decidi que não queria porque não aguento mais abacate, e o Termite até precisou insistir para que eu comesse e então só pude encolher os ombros e provar. Mas quando a coisa encostou na minha língua, uma faísca acendeu dentro de mim. Meu cérebro inteiro simplesmente se iluminou, e eu vi possibilidades onde nunca tinha visto antes. Tudo porque uns chefs pegaram uma coisa que eu não aguentava mais, uma coisa que vejo todo dia, e transformaram em algo diferente.

Se você cortar, cavoucar e amassar uma quantidade suficiente de abacates, vai saber. Vai logo sentir uma dor nos ossos, uma dor que só acontece quando suas mãos decoram os mesmos movimentos, repetindo e repetindo, até você sonhar com eles. Prepare guacamole todos os dias, menos domingo, durante quase quatro anos e veja se você também não enjoa dessa fruta verde melequenta.

Alguma coisa bate na cerca perto da minha cabeça, e eu pulo para trás com meus punhos erguidos e preparados. Dou risada quando vejo que é só um gato ruivo gordo porque, cacete, ele fez meu coração disparar.

Mas continuo andando. Lynwood não é lugar para se ficar parado, não se você for esperto. O centro é diferente, é um mundo melhor. Pelo menos poderia ser para mim, e tem tantas coisas que eu quero saber, tantas perguntas que quero fazer para esses chefs. Tipo, eles fazem isso com a comida só aqui? Posso não saber muita coisa, mas tenho quase certeza que eles não têm abacates no Japão. Nesta cidade, nossa raiz é a comida mexicana, porque a Califórnia antigamente pertencia ao México. Até existe uma barbicha dela, a Baja California, que *ainda* pertence ao México, mesmo que o território ao norte agora seja outra coisa. Mais ou menos como eu. Meus pais são do México. Eu nasci lá, e fui trazido para L.A. quando tinha um ano. Minha irmã e irmão mais novos nasceram aqui. Por causa deles, agora somos americanos.

É para isso que servem minhas caminhadas para casa. Deixar as perguntas rolarem de um lado para outro dentro da cabeça, sonhar, pensar. Eu me perco nisso às vezes. Quando estou virando a esquina da minha rua, volto a me perguntar em que raios um chef japonês estava pensando quando inventou o *California roll*, e minha mente está ruminando o fato de que até um abacate pode virar uma coisa nova e bonita quando é colocado em circunstâncias diferentes, e é nessa hora que um carro com o motor roncando surge atrás de mim.

Não presto muita atenção nele. Não mesmo. Chego um pouco para o lado, mas o carro breca perto de mim. Então deixo toda a passagem para ele, certo? Tipo, tranquilo, ele vai seguir em frente quando perceber que não estou envolvido. Não tenho uniforme de *cholo*. Não tenho tatuagens. Nada. Estou limpo.

Mas o carro me acompanha, centímetro a centímetro, e quando o vidro do motorista baixa, salta um som veloz de piano em estilo Motown. Por aqui todo mundo conhece a estação de rádio KRLA, 1110 AM. As pessoas adoram essas músicas das antigas nesse lugar. Está tocando a abertura de “Run, Run, Run”, das Supremes. Reconheço o sax e o piano.

— Ei — me chama o motorista por cima da música —, você conhece esse

camarada, Lil Mosco?

No instante em que ouço o apelido do meu irmão caçula da boca desse estranho, dou meia-volta e corro na direção oposta. A cada passo, parece que meu estômago está tentando sair pela boca. Ele sabe que agora deu merda, de verdade.

Ouço o motorista dar risada enquanto põe o carro em marcha a ré e pisa no acelerador. O carro me ultrapassa facilmente e dá uma freada brusca. É então que dois caras saem pela frente e outro pula para fora da carroceria. Três caras, todos vestidos de preto.

Agora estou cheio de adrenalina. Devo estar mais alerta do que nunca, e sei que, se eu conseguir escapar dessa, preciso lembrar o máximo que puder, então viro a cabeça e observo enquanto corro tentando memorizar tudo. É um Ford. Azul-escuro. Acho que é um Ranchero. Está sem a luz traseira. Lado esquerdo.

Não consigo ler o número da placa porque estou dobrando a esquina, voltando para a Boardwalk, e agora estou me embrenhando entre as casas, tentando sair na rua seguinte, pular uma cerca e desaparecer no quintal de alguém, mas eles me alcançam rápido demais. Todos os três. Eles não passaram dez horas em cima de uma grelha, servindo tacos para um monte de crianças e bêbados. Eles não estão cansados. São fortes.

Ouço eles chegando bem atrás de mim, escuto o sangue latejar no meu ouvido e sei que estou quase rodando, cara. Em um segundo de clareza, engulo ar e me preparo para o momento em que eles voam para cima de mim, me derrubam com um chute e acertam meu queixo com força, e então eu caio. Depois disso vejo tudo preto por não sei quanto tempo.

Eu já levei murro na boca, mas nunca desse jeito. Acordo enquanto eles me arrastam de volta para o carro, e parece que meu rosto vai partir em dois. Além do zumbido no ouvido, ouço os calcanhares das minhas botas raspando no asfalto e me dou conta de que só devo ter apagado por alguns segundos.

— Não faz isso — murmuro.

A calma dessas palavras me surpreende, considerando que meu coração está a um milhão por minuto.

— Por favor. Eu não fiz nada para vocês. Tenho dinheiro. O que vocês

quiserem.

Eles respondem, os três caras, mas não com palavras. Mãos ásperas me colocam em pé num gesto brusco, me empurrando para fora da Boardwalk e para dentro de um beco com garagens dos dois lados. Mas eles estão só ajustando minha posição.

Socos rápidos e fracos me atingem nos rins, no estômago, nas costelas também. Vem de todos os lados. Os socos não parecem fortes, mas me deixam sem ar. No começo não entendo, mas então noto o sangue, olho para ele na minha camisa, e, enquanto me pergunto por que não senti as facadas, um taco me acerta.

Vejo um borrão escuro um segundo antes de a madeira me atingir e recuar. A parte pesada só me acerta no ombro, mas agora em vez de estar de pé olhando para minha camisa, estou estirado de costas, olhando para o céu noturno. Cacete.

— Toma! — grita um deles na minha cara. — Toma isso, seu filho da puta!

Eu fico em posição fetal, com a sensação de que estão fritando meu maxilar numa frigideira. Levo as mãos ao rosto para me proteger, mas não adianta. O taco desce de novo, e de novo. Levo um golpe no pescoço, e meu corpo inteiro fica amortecido.

— Amarra esse merda enquanto ele está estendido — ordena uma voz diferente.

Mal consigo respirar.

— É, faz isso você, Joker! — surge outra voz no meio, talvez a primeira.

Um deles se chama Joker. Preciso guardar isso, eu acho. É uma informação importante. *Joker*. A palavra gruda no meu cérebro e fico tentando lembrar. Não conheço nenhum Joker, e não faz nenhum sentido eles estarem atrás de mim e não do meu irmão, se ele fez alguma outra cagada.

— Por favor — peço, quando recupero o fôlego, como se implorar alguma vez já tivesse adiantado com esses monstros.

Até parece. Eles estão ocupados demais puxando meus tornozelos, mas estou tão atordoado que nem consigo saber qual deles. Da metade do meu corpo para baixo, sinto apenas minhas pernas sendo apertadas.

— Pronto — diz um deles.

Quando abro os olhos, penso “pronto *o quê*?”. Reconheço a vizinhança em volta. Por um segundo, acho que estou em segurança quando ouço eles se afastarem e vejo a luz de freio do carro tingir de vermelho as garagens ao redor. Me encho de alívio. Eles estão indo embora, eu acho. Estão indo embora! Então eu vejo um garotinho, de uns doze anos, escondido na Boardwalk. O rosto dele fica vermelho sob a luz de freio, e eu confirmo, ele está mesmo olhando para mim. Só que os olhos dele estão arregalados. A expressão dele me deixa tão perturbado que sigo seu olhar pelo meu corpo até os meus pés, e quase vomito quando vejo meus dois tornozelos amarrados com um arame grosso à traseira do carro.

Eu puxo bem forte, mas não consigo afrouxar o arame, apenas cravá-lo na minha pele. Tento chutar com toda a força que me resta, mas nada acontece. Nada sai do lugar. Luto para alcançar o arame com os dedos, tirá-lo de algum jeito.

Mas o motor dá partida, eu caio e sou arrastado, meu crânio derrapando no asfalto por causa da velocidade. O ar passa depressa por cima de mim, e cada pedaço de pele nas minhas costas parece estar em chamas quando o carro freia bruscamente.

O impulso me joga para a frente. Três metros? Seis? Acho que eu quiquei, pois fico no ar por um instante antes de algo duro e frio tipo metal me acertar no rosto, e dessa vez sinto minha maçã do rosto quebrar. Realmente sinto ela ceder por dentro, o estalo ecoar nos meus ouvidos, o osso partindo e o sangue jorrando em cima da minha língua. Viro a cabeça, abro a boca e deixo ele fluir. Quando ouço o sangue pingar na rua, quando ele não para de escorrer, eu sei que é o fim.

Sei que já era para mim.

Talvez eu tivesse uma chance antes, mas não agora.

— Pega esse arame de volta, maluco, e confere se esse filho da puta está morto! — grita uma voz de dentro do carro, não sei de quem.

Uma porta se abre, mas não ouço ela fechar. Escuto passos se aproximando, e então há um vulto pairando sobre mim, conferindo se estou respirando.

Eu nem penso. Apenas cuspo com toda a força que tenho.

O cuspe deve ter acertado, pois ouço algo se mexendo depressa, e o vulto

recua.

— Jesus — diz ele. — A porra do sangue dele espirrou na minha boca! Você está tentando me passar aids ou o quê?

Naquele momento eu até *queria* ter aids, só para poder passar para ele! Tento abrir mais os olhos. Só o direito obedece. Vejo o vulto colocar alguma coisa na boca e então ele dá um sorrisinho torto para mim, mostrando os dentes. A sombra está em cima de mim, tão rápido que nem sei o que está acontecendo, e ele me golpeia com força três vezes no peito. No começo, não sinto a faca, mas sei que ele tem uma por causa dos sons, pelo jeito como leva o meu ar com ela. Ouço a batida oca enquanto ele crava a lâmina bem fundo. O mais fundo que uma faca consegue chegar.

— Fala para o seu irmão que a gente está chegando — sussurra ele, como minha mãe sussurra na igreja quando está brava com você. Bem brava.

— Tem gente *olhando*, maluco! — grita o cara que está dando ordens de dentro do carro.

Então o vulto desaparece. O carro também. Os pneus jogam cascalho em mim quando partem. Ainda estou respirando, mas tudo está molhado. Metade é sangue. Estou perdendo a sensação no corpo todo. Tento rolar para o lado. Penso que se conseguir me virar, o sangue vai apenas escorrer para fora em vez de me engasgar. Só que não consigo. Vejo um novo vulto em cima de mim. Pisco com força e vejo um rosto. É uma moça tirando o cabelo dos olhos enquanto se curva sobre mim. Ela diz que é enfermeira e pede para eu ficar parado. Quero rir, dizer para ela que não consigo me mexer, para ela não se preocupar, vou ficar parado porque não consigo fazer mais nada. Quero pedir para ela contar para minha irmã o que aconteceu. Tem outro vulto do lado dela, um menor. Parece o menino que eu vi, mas está embaçado demais para eu saber. Escuto a voz nítida do menino.

— Esse maluco vai morrer, né? — pergunta o garoto.

Por um segundo, acho que ele está falando de outro cara. Não eu. Então a moça sussurra algo que eu não consigo ouvir, e sinto mãos sobre mim. Não exatamente mãos, mas uma pressão. O pior de tudo não é a dor. O problema é que eu não consigo respirar. Tento e não consigo. Meu peito não enche. Parece

que tem um carro estacionado em cima de mim. Tento dizer isso para eles. Se puderem por favor mandar o carro sair, eu vou ficar bem. Não vai estar tão pesado e eu vou poder respirar e tudo vai ficar bem se eu apenas conseguir tomar um ar. Tento gritar isso, qualquer coisa. Mas minha boca não funciona e minha pele parece grande, solta, e o céu parece perto demais, como se tivesse caído em cima de mim, no meu rosto, que nem um lençol, e tenho uma sensação estranhíssima, como se ele estivesse descendo para me consertar, entrando em mim com algum tipo de concreto escuro, tentando remendar meus buracos para me deixar respirar, e eu penso como seria bom se fosse verdade, mas sei que só estou morrendo, o menino tem razão, eu sei que penso que estou me fundindo nele porque meu cérebro está com pouco oxigênio, e sei porque isso é lógico, porque um cérebro não funciona direito sem alimento, e sei que não estou realmente virando parte do céu, eu sei porque, sei porque

LUPE VERA,

OU LUPE RODRIGUEZ,
OU PAYASA

29 DE ABRIL DE 1992

20h47

1

O Clever está estudando um livro didático enquanto o Apache faz um desenho estilo revista *Teen Angels* na mesa da cozinha, e no fogão o Big Fe revira com uma colher de pau o *chorizo* na frigideira. Já contou aos berros metade de sua história sobre os Vikings para que eu escute da sala, falando de como numa noite no Ham Park o tiro rolou solto e todo mundo se jogou no chão, e de como as balas zuniram, cara, de como elas realmente *fazem* esse som, então alguém bate na porta da frente da minha casa, uma batida forte e rápida, tipo *bam bam bam*, como se a pessoa do outro lado estivesse cagando para a própria mão.

Nós *estávamos* assistindo a um monte de *mayates* destruírem a cidade depois de acertarem uma tijolada na cara de um caminhoneiro branco na Florence com a Normandie, mas o noticiário logo ficou chato, por isso mudamos de canal. Tem um faroeste passando na TV agora com o volume baixo, mas tanto faz. Meus olhos com certeza não estão mais nas pistolas e nos chapéus. Estou olhando para o Fate (o Big Fe meio que só atende por Big Fate, então eu o chamo assim) o Clever e o Apache, e eles estão olhando para mim. Estamos pensando a mesma coisa: não são os polícias.

Os polícias não batem na porta. Eles derrubam. Entram gritando por trás de canos de escopeta e lanternas. Não querem saber se você é uma menina que nem

eu. Esculacham todo mundo sem distinção.

Duvido que sejam eles.

Fate tem a moral mais alta por aqui. Embaixo dessa regata apertada, ele é aquele tipo de grandalhão nato que os lutadores profissionais gostariam de ser. O braço direito dele vibra com tatuagens astecas enquanto ele puxa a calça de brim para cima e tira a frigideira do fogo mesmo com a linguiça ainda estalando.

Aceno para ele com a cabeça, e ele continua falando para parecer natural caso a pessoa do lado de fora consiga ouvir a gente. Ele acena de volta enquanto se agacha e apanha um revólver. Sempre tem um no armário de panelas embaixo do forno.

É um .38. É pequeno, mas faz buracos de verdade.

— Então eu estou deitado de costas — diz o Fate enquanto avança bem devagar para a porta —, olhando as estrelas, e tipo, pedacinhos de folhas caem em mim porque as balas atravessam elas. Eles *chovem* em cima de mim.

Deslizo até o chão. Espio as janelas, mas não vejo sombra alguma atrás das cortinas. Só que o Apache está bem colado nelas. Vejo a ponta do pente branco que ele guarda no bolso de trás. Ele não é muito mais alto que eu, mas é puro músculo, e usa roupas folgadas também para ninguém perceber como é forte. Ele é o tipo de cara que você precisa numa situação como essa, em qualquer situação, na verdade. Quero dizer, ele escalpelou um maluco uma vez. Foi assim que ganhou esse nome. Pegou uma faca e arrancou a pele, centímetro por centímetro, com cabelo e tudo. Jogou tudo numa pia quando terminou. Eu não estava lá, mas me disseram.

— Você me conhece — o Fate continua falando —, eu vou rastejando até a árvore mais próxima para poder espiar quem está atirando.

Devo ter escutado a história do Fate umas duzentas vezes. Todo mundo ouvi. A essa altura é automático. É nossa história, pertence a todos nós, e quando ela é contada, você tem que fazer perguntas nos momentos certos.

— Você conseguia ver quem era, tipo rostos ou qualquer coisa? — pergunto, rastejando até meu quarto.

Vem a batida outra vez, agora mais devagar e mais pesada. *Bam. Bam. Bam.*

O Fate pisca. Estou agachada do lado da porta do meu quarto, passando a

mão no rodapé, procurando o rifle que meu irmão mais novo esconde ali atrás do criado-mudo. Ele faz isso. Esconde um em cada cômodo, dois no banheiro.

— Eram os *Vikings*. Debruçados no capô da viatura, faróis apagados, mandando bala, cara, só sentando o dedo!

Isso é Lynwood. Temos nossa própria gangue de policiais neonazistas. Preferia estar mentindo. Não estou. Ouvimos falar que eles têm até tatuagens. Logotipos dos Minnesota Vikings no tornozelo esquerdo. A lei não importa para eles. A ideia deles de como resolver problemas entre gangues é colar numa vizinhança com os faróis apagados como o Fate disse, soltar uns pipocos em qualquer um que pareça marginal para depois cair fora, na esperança de provocar uma guerra de gangues, para a gente matar uns aos outros pensando que foi outra gangue que atirou, não os polícias. É um belo serviço de polícia criminal. Mas para eles, se você é latino ou negro, você não vale nada. Você não é nem ser humano. Matar a gente é como levar o lixo para fora. É assim que eles pensam.

Com o vidro do esmalte numa mão e o pincelzinho na outra, a Lorraine coloca a cabeça para fora do meu quarto com um olhar curioso, uma cara de imbecil e os peitinhos de colegial balançando. Ela nem está usando sutiã, e só três dos dez dedos do pé estão cobertos de *glitter* azul. Obviamente, ela foi interrompida.

Minha cara feia faz ela gelar. Minha boca esboça as palavras: *Puta, volta para dentro*.

No começo ela parece brava, mas mergulha de volta no quarto mal iluminado enquanto eu passo o dedo na coronha do rifle e puxo ele para o meu colo. É uma coisinha leve nas minhas mãos, um .22. Só disparei ele duas vezes na vida.

Verifico se está carregado. Você sabe que está.

O Clever está sussurrando para o Fate, olhando para o monitor de circuito fechado que mostra todos os ângulos do exterior da casa.

— Não tem nada no vídeo. É aquele moleque Serrato — diz Clever.

— O Alberto? — pergunta Fate.

— Não, o mais novo. Não sei o nome dele.

Vem a batida outra vez, e alta para caralho. Difícil imaginar um moleque de doze anos esmurrando minha porta com tanta força. Então meu estômago

despenca, como se eu estivesse numa montanha-russa. Porque é nessa hora que eu sei que tem algo muito errado. Alguma coisa que talvez não possa ser consertada.

2

O Fate está no telefone, fazendo a coisa certa: ligando para o outro lado da rua, ligando para duas casas adiante, duas casas para trás, para conferir se a avenida está limpa, sem carros, ninguém à espreita. Você nunca sabe quem eles podem usar para fazer você abrir a porta. Pode ser uma criança, pode ser qualquer um. É preciso ter olhos de todos os lados. Ele acena devagar com a cabeça antes de passar a arma para o Apache. O Clever cobre a retaguarda.

O Clever é magro como um palito de dente. Um *palillo* de verdade. Deixa a corrente na porta, mas vira a maçaneta e abre uma fresta para o Apache poder enfiar o cano curto do .38 pela porta gradeada de segurança, a poucos centímetros do rosto do menino.

— Precisa de alguma coisa, camaradinha?

O menino quase não consegue respirar, tossindo um pouco, não olha para o cano da arma nem mesmo para cima.

— Sra. Payasa, eu...

Lupe Rodriguez. Esse é meu nome para o governo, se você quer saber. Não que importe. Não é meu nome verdadeiro. Já mudei duas vezes. Mas é Payasa desde que estou envolvida. (Esse é o jeito educado de dizer que estou metida nesses lances de gangue.) Agora, me chamar de senhora? Rá. Se meu estômago não estivesse se contorcendo, eu talvez até achasse bonitinho. Mesmo numa hora dessas, respeito é necessário.

Por aqui, essas coisas não são cortesia. São a moeda corrente. Não se pode nunca esquecer disso.

— Desembucha, camarada — diz Apache ao se aproximar.

O menino ergue os olhos, e expressão dele é de tensão.

— O irmão dela, ele tipo...

O Clever abre a corrente e depois a porta de segurança. O Apache agarra o moleque, puxa ele para dentro pelos ombros, fecha a porta com o calcanhar

enquanto a grade de segurança bate e revista o garoto com mãos ágeis e eficientes. Ele tem cabelo preto muito comprido e um dente lascado. Também está com manchas de sangue.

O Fate assume o serviço e sacode um pouco o menino.

— *¿Adónde?* — pergunta o Fate.

Nem consigo mentir. Já estou achando que é o Ray, meu irmão mais novo. Ele atende por Lil Mosco. (*Mosco* significa "mosquito". Ele ganhou esse nome porque ficava zanzando por aí quando a gente era pequeno. O "Lil", de *little*, pequeno, é porque existia um Big Mosco até o ano passado. Tomou bala de um carro em movimento. Descanse em paz.)

O moleque leva um minuto para nos dizer que o corpo está a dois quarteirões de distância, mortinho da silva. É então que o sangue realmente lateja no meu ouvido, porque isso não faz sentido nenhum.

O Lil Mosco está num corre, um bate-volta em Riverside, eu penso, tipo, como ele pode...?

Merda. É nesse instante que a ficha cai bem na minha cabeça e faz a casa inteira bambear. Preciso me apoiar numa parede, só para conseguir me manter em pé.

Não é o Ray.

— Ai, merda — digo.

O Fate solta o moleque e fica com um olhar de tristeza no rosto, o mais triste que eu já vi. Ele também sacou. O Clever já está com a boca aberta, como se tivesse esquecido como respirar. O Apache segura a cabeça entre as mãos.

É o Ernesto, meu irmão mais velho. Meu estômago já sabe, mas meu cérebro está discordando, dizendo coisas como: "Ele nem está na jogada. Não está envolvido. Ele é um civil. É proibido encostar nele, então não tem como. De jeito nenhum."

Mas então surge a resposta, como um problema de matemática que a burrinha aqui finalmente resolveu. Nesse momento não há regras. Nenhuma regra. Não com pessoas se revoltando nas ruas. Tremo quando me dou conta de que todos os policiais da cidade estão em algum outro lugar, e isso significa que essa é a temporada oficial de caça contra qualquer maluco que já tenha se safado impune

de alguma coisa, e droga, esse bairro tem uma boa memória. Eu suspiro e tiro um segundo para avaliar o peso maligno disso.

Pois é, eu, o Fate e o Clever zoamos que ia acontecer alguma coisa desse tipo quando vimos o cara levar tijolada na TV antes do Apache chegar, e estávamos falando como agora seria uma boa hora para acertar algumas contas se estivéssemos a fim, mas acho que alguns camaradas já estavam lá, cobrando dívidas antigas, mandando bala.

— Não, baby, não... — diz Lorraine em algum lugar atrás de mim ao sair do meu quarto, como se estivesse tentando me consolar ou algo assim, mas não estou nem triste agora, e com certeza não quero as mãos dela me tocando.

Estou com raiva.

Na verdade, nunca senti tanta raiva de ninguém na minha vida. Enxergo um monte de pontos vermelhos brilhantes enquanto cravo as unhas na coronha do rifle.

Tipo, quantas vezes eu falei para o Ernesto prestar atenção quando voltava a pé para casa? O limite entre o nosso bairro e o deles já é sutil demais. Esse cuzão preguiçoso levou o que merecia por não prestar atenção no que eu digo!

Mordo o lábio e percebo que estou prendendo a respiração.

— Quem sabe? — ouço minha voz, e a pergunta sai com som de fúria.

— Tipo, quem fez isso? — pergunta o moleque, confuso.

— Não — respondo. — Quem está sabendo que o Ernie morreu?

O moleque enrola, mas acaba falando: só as pessoas no beco onde ele foi arrastado. *Arrastado*, o menino diz a palavra e eu nem sei que porra isso significa nessa situação. A palavra simplesmente não faz sentido para mim. Não entendo. Não nessa hora. Não com a casa ainda girando, não enquanto ainda preciso me segurar.

— Quanto tempo a gente tem? — digo, engolindo a raiva.

O Clever me encara como se não entendesse o que estou perguntando, mas o Fate entende. Nem preciso explicar.

Ele olha para o relógio na parede e encolhe os ombros.

— Uma hora e meia, talvez — responde Fate.

Esse é o tempo que vai demorar até o Lil Mosco voltar e descobrir. Ninguém

leva um *pager* nos corres. Isso elimina a tentação de mandar mensagem enquanto o cara está fazendo negócios.

Então noventa minutos, talvez menos. É o tempo que a gente tem para descobrir quem foi, encontrar os caras e encher de balas antes que o pirado do Lil Mosco chegue e vá de casa em casa atirando em qualquer pessoa que tenha alguma ligação com essa merda. Mas esse não é o meu estilo.

Preciso olhar nos olhos de quem fez isso. O que mais uma irmã deve fazer?

Eles precisam saber que eu sei antes de levarem o troco. Deve haver justiça.

Todo mundo na sala percebe que eu estou uma pilha. Ninguém diz nada quando desligo a TV numa cena de destacamento civil, distintivos sendo distribuídos para um monte de caras de chapéu branco. Por um segundo, parece que nós somos eles. Entrego meu rifle para o Fate e pego o telefone para ligar para *mi mamá*. Tiramos ela de Lynwood no ano passado e levamos para um lugar seguro, um lugar que eu não posso dizer nem para você. Mas ela ainda fica sabendo das coisas, como se os boatos chegassem na cozinha dela.

Preciso tentar cinco vezes para conseguir completar a ligação. As linhas devem estar congestionadas na cidade inteira hoje. Acho que dei sorte. Quando ela atende, percebo pelo tom de voz que ela ainda não sabe, mas percebe que tem alguma coisa errada por causa do meu tom. Mando ela não abrir a porta, trancar direito. Mando ela não atender o telefone de novo até eu chegar porque tenho uma coisa importante para contar para ela, mas que deve esperar, e preciso que ela ouça isso de mim, ninguém mais.

— Por favor — digo. — *Prométeme.*

Ela promete.

Desligo o telefone e mando o moleque levar a gente até lá, levar a gente no lugar onde esses merdas arrastaram o meu irmão até ele morrer.

3

O caminho até lá, no Cutlass do Apache, são os dois minutos mais longos da minha vida. Minha perna esquerda treme como sei lá o quê, e ela só para se coloco as mãos no joelho. Mas então a outra perna começa, e eu estou tipo, foda-se, e só fico olhando pela janela as caixas de correio passando depressa, as portas das casas protegidas por grades. Tudo está bem trancado, sem brechas. Não posso culpar ninguém. Ainda não escureceu muito, então dá para ver a fumaça acima dos telhados das casas e saber que as coisas lá longe continuam pegando fogo.

Tento me lembrar de respirar enquanto o Clever estaciona a uma rua de distância do beco, e então eu, o Fate, e o pequeno Serrato cortamos entre as casas na Boardwalk e chegamos num beco com garagens dos dois lados. O ar parece parado, como se as pessoas tivessem prendido a respiração até a gente chegar. Estou com muito calor, por isso abro os botões da camisa de flanela até sentir o vento soprar nas minhas costas, protegidas apenas pela minha regata.

Normalmente a gente iria colar lá, ver o que dá para ver e cair fora depressa. Mas hoje a gente tem tempo. Mesmo que alguém tenha chamado a polícia, eles não vão vir tão cedo. Não esta noite. Esta noite as ruas são nossas.

O Clever está bem atrás da gente com uma lanterna e alguns desses saquinhos com fechos já abertos e preparados. O Clever saca tudo desse tipo de coisa. Nós mandamos ele no ano passado para o curso de Investigação de Cena do Crime da L.A. Southwestern College. Ele quase tirou o diploma.

Tipo, parte de você quer que ele nunca use o que aprendeu. Mas essa é a vida louca. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai rodar. E você odeia quando isso acontece com as pessoas da sua *clica*; seu bando, mas odeia mais quando é da sua família. Eu já vivi isso duas vezes, com um primo e *mi padre*, que foram eliminados. Sou de novo a bola da vez. Minha vez. De novo. E preciso do Clever e das respostas dele. Preciso disso depressa.

Dou uma batidinha no cotovelo do Fate. Ele sabe para quê.

Ele me mostra o relógio de pulso. Ainda temos cerca de uma hora e quinze antes de o Lil Mosco virar o diabo-da-tasmânia. Isso se dermos sorte.

Os camaradas já bloquearam o beco. O Ranger, o Apache e o primo do Apache, o Oso, estão montando guarda. Como soldados, tá ligado? Não enxergo longe o bastante para saber quem está lá do outro lado, mas eles estão lá, quatro sombras, como facas compridas apontando para o beco, por causa das luzes do campo de softball a algumas quadras dali, o que é estranho porque não consigo acreditar que alguém esteja jogando, não com a cidade em chamas desse jeito, mas tanto faz.

A eletricidade não é minha.

O beco é largo o suficiente para dois carros compactos talvez, mais nada. As paredes dos fundos das duas casas de madeira são muito velhas, tipo dos anos 1940, cobertas de canos enferrujados. Algumas garagens são separadas das casas, e no vão entre elas há colchões, sofás velhos e todo entulho que as pessoas não querem na frente da casa ou no gramado.

É aquele tipo de lugar deprimente que o dono da casa nunca acha que você vai ver, por isso ninguém se dá o trabalho de pintar os fundos das casas.

À nossa volta, as ruas estão observando.

Rostos sem expressão escondidos nas sombras das garagens. Rostos assustados agindo como se não estivessem assustados. Alguns poucos me parecem familiares, e guardo eles na minha cabeça. Um deles é de uma enfermeira, ainda usando o uniforme azul do hospital. Ela se acanha um pouco quando olho para ela. Do seu lado tem um mendigo negro arrastando os pés, um cara que não reconheço da vizinhança. Ele é baixo, usa uma bengala, e está avançando na direção do corpo como se estivesse curioso.

— Ei, o que aconteceu aqui? — pergunta o mendigo, quando percebe que estou olhando para ele.

— Alguém tira esse enxerido imbecil daqui — cuspo as palavras mais do que as pronuncio.

Atrás de nós, o Fate acena com a cabeça por sobre os ombros, e algum soldado deve ter se destacado para cuidar disso porque ouço um tumulto rápido,

mas nada que valha prestar atenção. Já estou concentrada em outra coisa.

Quando chegamos até o corpo do meu irmão mais velho, ele parece pequeno demais para mim. Tipo, os ombros são pequenos demais, e eu sempre lembro deles sendo largos o bastante para me carregar e fingir que ele era um cavalo quando eu ainda era uma pequena *chavalita*. Não recuo quando vejo o rosto dele, mas paro. Paro na hora.

O rosto do Ernesto está completamente detonado. Tipo, é o rosto dele, mas não é. Não mais.

Os olhos dele estão inchados como se um lutador de boxe tivesse enchido ele de socos, um lance metódico e tal. Tem brita do chão da viela grudada nos cortes compridos nas bochechas dele e na boca. Grãozinhos de areia. Pequenas pedras. Um dos dentes da frente está completamente virado para dentro. A bochecha está afundada. Ele está sem uma orelha.

— É ele — diz o camaradinha, mas nem precisava.

Merda. É óbvio, porra.

Mas não digo isso. Estou perdida nos meus pensamentos.

Estou olhando para o meu irmão mais velho, que não parece tão grande.

Cerro os dentes tão forte que escuto um estalo. O Ernesto era mais alto, eu penso. Babaquice, eu sei, com todo esse estrago que estou vendo, mas não tem como evitar essas coisas. Os pensamentos simplesmente vêm, coisas nem um pouco originais que apenas surgem, e estou toda me coçando. É nessa hora que eu me dou conta de que estou suando em bicas.

Ele ainda está de uniforme, meu irmão mais velho. Está envolto em sujeira e sangue ainda secando. Em toda essa viela podre abandonada, só tem uma árvore alta o bastante para fazer sombra nele, e ela está balançando de um lado para outro, fazendo uma massa escura subir e descer nas pernas dele que nem um cobertor, como se estivesse tentando cobrir ele para dormir ou algo assim.

Pior que isso, ele está usando as botas de caubói que eu dei de presente no Natal dois anos atrás. Couro preto com salto e sola cor de madeira de olmo. Um lance classudo de verdade. Ele nunca usava a bota no trabalho, só para ir e voltar. Por algum motivo, é isso que me atinge mais fundo. Me lembro do sorriso torto dele quando abriu aquela caixa, como os olhos se arregalaram, e preciso de

um minuto para me recuperar.

Eu me afasto do corpo com os punhos fechados, mais apertados do que um nó cego. Ficar olhando para os holofotes do campo até enxergar cópias azuis deles ao olhar para as garagens ao meu lado não me ajuda muito, mas já é alguma coisa. Quando encaro outra vez o asfalto e começo a andar, tomo cuidado para não pisar nas marcas de pneu que se estendem para longe do Ernesto como trilhos pretos de uma ferrovia. Agora entendo a parada.

Ele deve ter sido arrastado pelo asfalto por uns quinze, dezoito metros depois que foi espancado.

Puta que o pariu! Entendi tudo.

Primeiro espancaram ele. Encheram o rosto dele de porrada, provavelmente deram umas coronhadas também, se estavam armados. Fizeram isso com um sujeito que nunca fez nada contra eles. Isso é passar dos limites, e só uma coisa nessa história faz sentido. Eles não estavam tentando atingir o Ernesto, e sim a gente, e mais provavelmente — é claro — o imbecil do Lil Mosco. Isso aqui é uma mensagem que eles estão mandando. Eles só não imaginaram que eu receberia a mensagem primeiro.

Minha fúria é tanta que estou tremendo. Toda essa raiva que eu sentia por Ernesto — o mesmo cara que me criou quando *mi padre* morreu, que sempre conferia se eu tinha comido meus *chilaquiles* e preparava almoço para eu levar para a escola todo dia — muda de alvo.

Chego a ouvir o estalo. Sinto o lance bem no fundo do peito, como um interruptor de luz que se acende. Toda a raiva que eu sentia pelo meu irmão por ter voltado a pé para casa pelo caminho errado simplesmente evapora, e nesse exato instante me acende uma raiva pelos malucos que fizeram isso. E preciso saber quem foi, mais do que já precisei de qualquer coisa na vida. Ver o rosto dele desse jeito — merda. Ver o rosto dele desse jeito.

Sei que nunca vou voltar a ser quem eu era antes disso.

Esses covardes fizeram de mim uma pessoa nova quando aprontaram isso com o meu irmão mais velho, meu Ernesto. Estou aqui parada, toda renascida e tal por causa deles. Nesse momento, estou morrendo de fome e de sede e pegando fogo, tudo ao mesmo tempo. Olho de novo para o rosto dele, e tenho

que saber no rosto de quem eu preciso fazer *isso*. Tenho que saber quais corações precisam de buracos iguais aos que tem no meu.

E tenho que saber isso tipo para ontem.

Quando estamos em público desse jeito, é o Fate quem dá as ordens. Forço minhas mãos a se abrirem. Me forço a andar na direção dele.

Não importa o que estou sentindo. Não posso ficar falando merda por aí, não posso nunca tentar passar por cima do orgulho de macho do Fate. Não funciona desse jeito. Ainda não sou nem soldado titular de infantaria, só parente de um. E além disso, as mulheres não têm voz de comando. Posso chorar ou lidar com isso. Prefiro a segunda opção.

Mas o Fate já sabe o que eu quero. É como se lesse a minha mente.

— Se já está em condições, Payasa, vá falar com algumas pessoas. Clever, você continua o que está fazendo.

O Fate acena para nós dois com a cabeça, depois se vira para o menino.

— Que porra você estava fazendo aqui fora, camarada?

Não ouço a resposta dele, na verdade não me importo muito.

Já estou dez passos mais perto daquela enfermeira que vi antes. Ela está parada no meio do beco, como se esperasse que alguém fosse fazer perguntas.

4

A enfermeira, ela tem talvez um e sessenta de altura, ainda está com o uniforme azul do hospital e sapatos grosseiros superbrancos. Ela tem uma cicatriz no queixo, cabelo curto e preto brilhando como esmalte sob um poste de luz, a frente da roupa toda manchada de sangue. O que eu acho é que ela tentou salvar o Ernesto, e o sangue do meu irmão parece roxo no avental, como se nem fosse real.

— Você é a irmã do Sleepy? Gloria? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça. Sabe que eu estou falando do Sleepy Rubio, não do Sleepy Argueta. Existe uma grande diferença. Uns trinta quilos, mais ou menos.

— Sinto muito — diz ela.

Falo na voz mais calma que consigo, porque ela parece abalada. Parece uma coisa falsa para caralho, mas é preciso.

— Me conta o que você sabe — peço.

Ela se abraça como se estivesse com frio e aponta para a garagem mais próxima, uma caixa que parece azul-marinho no escuro.

— Eu entrei com o carro, estava só vendo se tinha correspondência, sabe. É que só confiro de vez em quando e...

A Gloria vê meu olhar de não-tenho-tempo e se apressa.

— Um carro, parecia uma caminhonete com carroceria e tudo, passou depressa. Vi pelo retrovisor, e vi também alguma coisa sendo arrastada atrás dele, então desci do carro e vi que era uma pessoa, eu simplesmente não consegui acreditar. Era que nem coisa de filme. Eles pararam tipo umas quatro casas adiante, e dois caras saíram da caminhonete.

Estou contando na cabeça.

— Do lado do motorista também? — indago.

— Não. Da caçamba e da porta do passageiro.

— Então tinha um motorista que não saiu?

— Acho que sim.

Meus olhos devem ter brilhado com isso, porque ela recua um pouco.

— Como eram os outros dois? — pergunto.

— Não sei. Um era alto normal.

Reviro os olhos quando ouço essa merda. Perece que a maioria das pessoas presta menos atenção do que uma pedra. Não nós, nessa vida louca a gente tem que prestar atenção. Se você não presta, não merece respirar.

— Mas o outro — diz a enfermeira —, ele era mais alto que eu. Um metro e oitenta, talvez?

— Ok, já está bom — respondo, mas não está bom, não mesmo.

No entanto, já é alguma coisa. Tento incentivá-la, porque é isso que o Fate faria. Ele sempre foi melhor nisso do que eu. Ergo a cabeça.

— Você viu os rostos deles? Alguma marca ou alguma coisa incomum? — questiono.

— Não. Estava escuro. Mas eles estavam de óculos de sol. Achei isso estranho à noite.

— Como era o corpo deles? O que estavam vestindo?

— O corpo era normal, acho, mas o cara alto era musculoso, tipo alguém que levanta pesos. Os dois estavam de preto. De chapéu e tudo. Não consegui ver nada.

Faz sentido. Quando eu fizer umas maldades para vingar o Ernesto, provavelmente vou estar de preto também.

— Qual era a marca do carro?

— Não sei. Tipo, um Cadillac ou Ford, um desses carros compridos e quadrados dos anos 1970 ou algo assim... Eu disse que tinha uma carroceria? Um desses: meio carro, meio caminhonete.

— Tinha alguma coisa diferente nele? Adesivos no para-choque, ou um farol traseiro queimado, ou qualquer coisa?

A Gloria semicerra os olhos por um segundo.

— Não — responde ela.

Balanço a cabeça e desisto dessa porra.

— Me fala o que eles fizeram quando saíram do carro.

Ela fica um pouco ofegante e evita me olhar nos olhos.

— Deram facadas nele, tipo, muitas. Várias vezes. Nunca vi nada parecido antes. Faz um *barulho*.

Ela tem um calafrio e morde o lábio. Não precisa explicar.

De fato faz um barulho, e a altura do som varia, depende se você acerta as costelas ou se a pessoa está prendendo a respiração quando a lâmina afunda. Nem queira saber da cartilagem. Verdade: não é fácil matar alguém a facadas. Demora um pouco. Às vezes precisa de sorte. É muito mais fácil se a pessoa não resiste, e talvez o Ernesto estivesse machucado demais para resistir.

Mordo as bochechas por dentro com tanta força que sinto o gosto metálico de sangue. Estou tremendo de novo, cerrando os punhos.

— Quantas facadas deram nele?

— Não sei — responde.

Balanço a cabeça e engulo em seco, tentando enterrar meus sentimentos o máximo possível. Passando dos meus pés. Descendo para o chão.

— E daí eles simplesmente foram embora, certo?

É isso que eu teria feito. Chegar e vazar. Não deixar nada para trás. Limpo. Percebo que estou com os punhos cerrados, por isso obrigo meus dedos a se endireitarem. Já sei que a resposta para esta pergunta é sim.

— Não — diz a enfermeira.

Meus ouvidos estão zumbindo quando registram isso.

— Como assim?

— O cara alto, ele enxugou a faca e enfiou ela no bolso do agasalho e depois tirou um chiclete, pôs na boca e jogou fora o papel. Ou ele tirou o chiclete primeiro...?

— Espera.

O pelo na minha nuca arrepia.

— Onde?

Ela não ouve minha pergunta, ainda está falando, com um olhar distante, recordando.

— E então todos eles entraram no carro e...

— Segura aí.

Coloco a mão no ombro dela. Talvez com força demais, porque ela geme um pouco. Mas estou pouco me fodendo.

— *Onde* ele jogou o papel?

A Gloria se assusta e olha para mim.

— O quê? — pergunta ela

— O papel do chiclete.

Ela aponta para o beco, à direita de onde o Fate está parado com o moleque Serrato. Vou na direção do beco, depressa. Ela está me seguindo, ainda falando.

— Eu tentei salvar ele. Quero que você saiba. Mas era grave demais.

Eu lanço um olhar por cima do ombro e vejo a Gloria apontando para o uniforme de enfermeira dela, as manchas de sangue. O sangue do Ernesto...

Eu deveria agradecer. Não consigo.

Estou ocupada demais vasculhando tufos de mato e chutando pequenas pedras até achar uma bolinha de papel em um buraco na terra. Parece nova. Novinha em folha.

Meu coração bate mais forte no peito quando vejo como o papel está limpo, só um pouco molhado no fundo, como se tivesse sido jogado agora há pouco. Com toda a certeza é esse.

Viro de costas, prestes a chamar o Clever, mas ele está bem do meu lado, segurando um saquinho. Porra, ele é bom. Sempre adiantado. Jogo a bola de papel ali dentro.

Ele usa uma pinça comprida para apanhar uma das pontas da embalagem e usa o saco plástico como luva improvisada para desembrulhar o papel com os dedos. O outro lado é azul. Nós dois olhamos de perto.

Tem uns negócios estranhos escritos, tipo caligrafia ou algo assim. Fate está do nosso lado também, metendo a cara.

— Isso é estilo oriental? Tipo escrita coreana? — pergunto.

— Não. Não é coreano — responde Clever, e então levanta o papel para a luz. — Parece japonês. Estas letras são todas retas. Coreano é aquela com círculos.

Não sei, mas confirmo com um aceno de cabeça.

— O que diz? — pergunto.

Clever desenrola o papel antes de bater a pinça numa figura de fruta no meio. Ele semicerra os olhos para conseguir enxergar.

— Não tenho certeza, mas isso não parece blueberry?

— Quem é que masca chiclete japonês de blueberry por aqui? — indago.

— Vamos sair perguntando — rosna o Big Fate, e parte na direção dos soldados. — Já, já a gente descobre. Todo mundo conta para todo mundo.

Volto devagar até o corpo de Ernesto e olho os saquinhos que o Clever alinhou no asfalto solto. Seis saquinhos. Num deles está a carteira do Ernesto. Abro e confiro para ver se ainda tem dinheiro.

Tem. Isso só me faz ficar com mais raiva ainda. Quando eles nem se dão o trabalho de fingir que é um assalto, você se toca que essa merda foi uma mensagem. Não que dê para fingir alguma coisa quando você dá porrada num cara, arrasta ele e depois esfaqueia a sangue-frio. Merda.

Tiro o cartão dele e umas fotos do Ray, do Ernie e de mim quando éramos pequenos, uma foto da *Mamá* também. Coloco a carteira de volta no bolso dele e deixo o dinheiro para os polícias saberem que não foi um assalto, são só vinte e três dólares de qualquer modo, mas preciso fazer com que eles tenham trabalho na hora de identificar o corpo.

Garante mais tempo para nós. Só por via das dúvidas.

A essa altura, alguém já ligou para o 911. Mas não tem como saber quanto tempo vai demorar até alguém vir buscá-lo. Realmente sinto meu estômago se revirando quando penso nele estirado ali por sabe Deus quanto tempo. Uma hora? Duas? Eu tiro minha camisa de flanela e cubro o rosto dele. Levanto sua cabeça um pouco e coloco as mangas embaixo como um travesseiro. Minhas mãos ficam cobertas de sangue.

Depois disso é só o Clever recolhendo saquinhos e eu parada como uma tonta do lado dele, tomando coragem para dizer o que preciso dizer. Me inclino sobre Ernesto, perto o suficiente para encostar nele e fecho os olhos.

— A gente vai enterrar você direitinho, mano. Prometo. Mas agora a gente não pode, tá bem? Então, por favor, me perdoa, só isso.

Pisco e fecho os olhos de novo, mas só depois de agarrar a única parte que ficou limpa no uniforme dele, uma costura no ombro, perto do colarinho. Aperto

ela com força entre o polegar e o indicador.

— É só porque a gente precisa de mais um tempinho agora.

5

Depois que a gente volta, a casa está cheia de camaradas se perguntando que porra a gente vai fazer, como vamos dar o troco pelo que fizeram com o Ernesto. Esse é o papo. Os soldados querem armas e carros, até uma caravana. Eles querem sangue e nem sabem de quem. E é bom ouvir isso e tal, mas o Ernesto não era deles, saca? Ele é meu. A morte dele é comigo.

Mas o Fate é esperto para caralho. Dá tempo para eles esfriarem a cabeça, então manda todo mundo embora e diz para esperarem as ordens, menos o Apache. Ele pode ficar porque reconhece o papel do chiclete, só não lembra de onde, então estamos todos só no aguardo porque o Clever ainda está preparando seu equipamento e está tenso para caralho.

As paredes parecem mais próximas, o teto baixo demais. Até minha pele parece fina e esticada em cima dos ossos. Dói ainda mais toda vez que olho para o relógio da cozinha e sinto o caos garantido do Ray se aproximando, e minha chance de fazer justiça ficando mais longe.

Se alguém lamenta pelo Ernesto, não está demonstrando. Não estão chorando nem nada. Mesmo se quisessem não poderiam, porque isso é coisa de mulher. Pura fraqueza.

— Espera — diz finalmente o Apache, erguendo a sacola com o papel de chiclete. — O Cork’n Bottle! Foi lá que eu vi isso!

Então rola um silêncio total. Precisamos saber se ele tem certeza absoluta.

— Juro — confirma o Apache. — Eles têm todas essas paradas malucas lá. Até, tipo, chiclete de alcaçuz preto. Um negócio nojento.

O Fate faz cara de quem não duvida, mas precisa saber outra coisa também.

— Como você sabe?

— Bom, eu e o Lil Creeper tínhamos saído uma vez...

O Fate já está abanando a mão quando ouve o nome, como se fosse um cheiro ruim. Significa que tudo bem, ele entendeu, então pode parar, não precisa

continuar falando. Basta o Apache dizer Lil Creeper. O nome do cara põe fim na conversa. Significa que você não precisa explicar, porque a gente acredita. Como esse cara escapou umas cem vezes da morte ou ainda não tomou uma perpétua, eu nunca vou saber. É tipo como se ele estivesse chapado o tempo todo. Sempre no lugar errado. Sempre fazendo merda. E mesmo assim, por milagre, está sempre saindo por pouco dos apertos. Esse filho da puta é um verme, mas é o nosso verme.

Uma vez, quando a gente era pequeno, o Ray queria uma bike, uma Dyno. Era uma bike BMX, o lance mais maneiro da rua. Isso foi na época que o Creeper começou a usar. Heroína, coca, de tudo, não fazia diferença para ele. Se podia entrar no corpo dele, entrava. Então o Ray fala para ele que quer uma Dyno, fala as cores e tudo o mais.

É assim que funciona com os viciados, sabe. Você não precisa mandar eles fazerem nada. Só fala para eles o que você quer e deixa quieto. Funciona melhor do que direcionar eles. Dois dias depois, o Creeper chega na nossa casa com uma bike, branca e vermelha como o Ray tinha pedido, mas com um problema. Pois é, não foi uma Dyno que ele roubou da J.C. Pennies, foi uma *Rhino* — uma porra de imitação barata, com a marca imbecil escrita no mesmo tipo de letra. Cara, a gente se mijou de rir, e o Ray não teve escolha senão pagar assim mesmo. O Ernesto riu mais alto que todo mundo, com o corpo inteiro balançando.

Lembrar disso faz minhas costelas doerem.

— Ei, Fate, a gente não devia talvez chamar ele no *pager*? — digo.

— Quem? O Creeper?

— Para quê? — pergunta Clever.

Eu faço um revólver com a mão direita, indicador e médio formando o cano, e aponto para ela com a mão esquerda.

Não é fácil conseguir armas. Armas registradas em nome de outra pessoa, sem registro ou com o número lixado. E sem ofender o arsenal do Ray, mas um .38 não vai servir. Um rifle .22 não vai servir. A maior peça que a gente tem na casa é um revólver .357 que precisa ser limpo. Mas são só seis tiros.

Preciso de tipo uns dezessete se for fazer o que precisa ser feito.

O Fate já está pensando à frente de mim, como de costume.

— Já fiz isso — ele avisa.

Aceno para ele com a cabeça e vou para o meu quarto. Olho de relance para a minha Lorraine sentada na cama. Ela terminou de pintar as unhas dos pés. Elas parecem azuis e pequenas na penumbra, que nem jujubas brilhantes. Os olhos dela estão arregalados, e percebo que tem um monte de palavras em sua boca, mas ela não diz nada. Vai esperar até eu falar. É assim que deve ser.

Verifico o relógio do lado da minha cama, e meu estômago revira. Tenho uma hora. Sessenta minutos e só. E isso é ruim. Porque, veja bem, tem um problema com esse Cork'n Bottle que o Apache conhece.

Fica do outro lado da fronteira.

Não é tecnicamente a nossa vizinhança, e, já que a gente não é dono dessa merda, a gente não pode ir lá, a não ser que vá muito discretamente. E não temos tempo de reunir todo mundo, ir até lá, pegar o lance, voltar e depois fazer alguma coisa.

Então tenho uma ideia, uma ideia imbecil. O mais rápido que posso, tiro meu tênis, minha calça de brim, minha regata...

A Lorraine inclina a cabeça para mim como se soubesse que estou prestes a fazer alguma bobagem, mas está assustada demais para perguntar. Estou tirando do armário um dos vestidos dela, pegando na cômoda um lápis de olho e entregando para ela.

— Faz direito, e rápido — digo.

Ela olha o lápis, depois para mim, e me dá um sorriso malicioso. Quando eu me dou conta, estou com olhos de gatinho, sobrancelhas delineadas e cabelo modelado. Pareço uma cópia fajuta dela, num vestido dourado brilhante, totalmente piranha.

— Peraí, é o Cork'n Bottle na Imperial? — pergunta alguém na sala, enquanto a Lorraine confere seus toques finais.

— Sim, é esse mesmo — responde o Apache.

— Merda — diz o Clever.

O Fate já está pensando em como contornar o problema. Já estava ligado nisso. Ele sabia que eu sabia que era do outro lado da fronteira.

— Vamos chegar lá detonando. Pegamos as fitas. Quem sabe a gente consegue descobrir a cara do cuzão que masca esse chiclete.

— Ou fazemos alguma coisa inesperada — digo, saindo do quarto.

Os saltos de plataforma são novidade. Parece que estou andando com pernas de pau.

— Cacete — exclama o Apache, deixando a boca escancarada.

Ele está prestes a dizer alguma coisa sobre a minha roupa, mas o Clever dá um cutucão para ele ficar em silêncio.

— Deixa eu ir até lá buscar as fitas — digo. — Vai ser rapidinho. Volto num pulo.

Coloco um "por favor" no fim para o Fate saber que é ele quem manda, mas ele também sabe que essa é provavelmente a melhor chance que a gente tem. Pelo menos, é a melhor chance que eu tenho.

— Pode ser uma armadilha ou algo assim — afirma ele.

Eu só meio que encolho os ombros. Se for, então que seja. Mas sei que ele tem razão. Porque o Fate tem vinte e cinco anos. Já viu todo tipo de coisa nesse mundo. Você não vive tanto quanto ele, trabalhando durante uma década, sem ser paranoico.

— Se eles te pegarem lá, não vão só fazer cosquinha — alerta ele.

Esse é o jeito dele de dizer que eu vou levar bala se der sorte, ou faca se der azar.

Eu sei. Todo mundo na sala sabe.

O Clever também não gosta da ideia.

— Ainda acho que é melhor a gente chegar, tipo cinco, seis carros, pegar as fitas e dar o fora.

O Apache arregala os olhos, e dá para ver que ele concorda.

O Big Fate olha feio para os dois, desaprovando. Às vezes ele é mais família para mim do que o Ray jamais foi. Ele me conhece tão bem, sabe que é impossível me convencer de desistir dessas coisas quando já estou com a cabeça feita. Me encara com um olhar duro, mas tem alguma coisa em seus olhos, um ponto brilhante, como se ele sentisse orgulho e não gostasse dessa sensação, mas sabendo, melhor que qualquer pessoa, que eu preciso ir. Ele quer que eu tome

cuidado. Quer que eu volte em segurança. Só não vai dizer isso.

6

Não consigo andar direito lá fora, estou sem meu balanço de costume, por isso meio que preciso pisar primeiro com a ponta do pé e depois com o calcanhar. É suficiente para eu chegar até o meio-fio sem cair de cara. Sinto o olhar das pessoas em mim, mas não viro a cabeça para conferir as câmeras. Pode ser a última vez que eu veja qualquer um deles. Isso me vem à cabeça, mas não aceno nem nada. Só entro no carro.

A Lorraine tem essa lata velha japonesa rodando com três pneus bons e um estepe. Antes era da prima dela. Não tem tampa no acendedor de cigarro, e tem uma bola de beisebol com o logo dos Dodgers no câmbio. Eu entro e giro a chave. O rádio começa a tocar Smokey Robinson, mas eu calo a boca dele assim que percebo que o relógio piscando no painel está seis minutos atrasado.

Ainda me restam cinquenta. E só.

O motor de arranque cospe, o carro engata a marcha e eu saio em disparada pela minha rua, o adesivo da Virgem Maria olhando para mim enquanto vou me mexendo no banco para ajustar o vestido da Lorraine que está embolado no meu quadril. Faz sentido. Ela é dois tamanhos maior que eu, mas não posso fazer nada agora. Luto com essa porra de vestido num sinal fechado, confiro meus olhos no retrovisor e estou que nem a Cleópatra. Piso no acelerador.

Nessas horas, fico feliz de nunca ter feito tatuagem. Quem tem uma parada dessas está queimado logo de cara. A ideia de que eu não levasse tinta foi do Fate. Mas é uma babaquice, as tattoos dele vêm da garagem de um cara que todo mundo está falando a respeito. Pint. É o nome dele. O Fate diz que um dia ele vai ser um cara famoso vindo de Lynwood, que nem o Kevin Costner ou o Weird Al Yankovic, e agora as pessoas estão falando do Suge Knight também. Death Row Records. Esse cara.

Eu tenho inveja das tatuagens do Fate, mas que se foda. Ele disse há alguns anos que eu preciso continuar limpa, que assim eu coloco mais medo. Posso ir

para qualquer lugar sem eles, posso me misturar. Ele diz que sou o elemento surpresa, e eu entendo isso, mas ele sabe que tenho direito a duas lágrimas tatuadas. Meu pensamento seguinte me atinge com força, como um taco de beisebol.

Merda. *Três* lágrimas agora. Contando o Ernesto.

Minha respiração fica embolada nos pulmões. Está começando a parecer normal, como se eu só tivesse metade do espaço para usar, não todo.

Eu não exatamente tirei uma carteira de motorista, mas o Ernesto me ensinou a dirigir bem, na defensiva. E é engraçado pensar nisso logo agora, saca, porque uma velhinha que não consegue enxergar nada para além dos bobes no cabelo acaba de meter metade da van dela na minha faixa, então eu sento a mão na buzina, desvio, acelero e mudo logo de pista. Eu juro, essa gente dirige por aqui como se fosse Culiacán, ignorando as faixas, nunca dando seta. Eu gelo um pouco depois de pensar isso, porque é uma coisa que o Ernie dizia o tempo todo.

Sabe, ele nunca reclamou por ter vendido a caminhonete dele um ano atrás para pagar a fiança do imbecil do Ray, que foi acusado de agressão com agravantes. O Ernie se ofereceu para fazer isso. Sabia que a gente não podia mostrar dinheiro vindo de drogas, senão eles dariam um jeito de investigar a gente, uma auditoria ou algo assim, sei lá, essas merdas que eles fazem.

Aquela caminhonete dele era a única posse da família além da casa. E o Ernesto fez isso. Vendeu sem pestanejar. Foi a pé para o trabalho todos os dias depois disso. Aumentou o expediente. Nem quis aceitar o dinheiro que o Ray ofereceu para um carro novo. Em vez disso, ficou a pé e economizou para comprar outro.

Ele e o Ray nunca se deram bem. Quero dizer, eles se amavam, mas se matavam de brigar quando eram menores. O Ernie nunca perdeu. Não que eu já tenha visto, o que deixou o Ray bruto e competitivo, malvado pra cacete. Isso fez ele querer entrar na jogada também. Ainda faz ele querer se provar a toda hora, exagerar na dose, tipo duas semanas atrás, quando deu uns tiros num bar.

É aquele papo de sempre. Você provavelmente já ouviu alguma história parecida um milhão de vezes. Mas nem por isso deixa de ser verdade, é só imbecil que as pessoas continuem repetindo a mesma merda. Tipo, o Ray enche

a cara até perder a linha, vai para um bar, e quando algum *cholo* faz o sinal da gangue adversária, ele decide ir até o carro apanhar o trabuco para todo mundo sair falando como o Lil Mosco é do mal, depois é só aquela coisa: tiros e pneu cantando e ele ralando dali.

Ele atirou no olho de uma pessoa, uma menina de cabelo repartido e ombros largos. A gente sabe porque falaram na TV. Bom, não falaram que ela tinha cabelo repartido e ombros largos. Isso é só uma observação minha.

Os pais mostraram a foto dela no noticiário enquanto imploravam *en español* para que alguém desse mais informações sobre a morte dela. Um cara branco de uma afiliada da Fox traduziu as palavras deles com toda a emoção de quem dita uma lista de compras, bem diferente de duas pessoas chorando. O Ray estava fumando quando viu isso e deu risada dos pais dessa menina, deu outro trago, e riu outra vez.

O que o noticiário não disse — e que os pais dela talvez não soubessem — é que ela estava envolvida, não era uma civil. Isso não significa que ela tinha previsto o ataque, mas quando você está dentro, sempre é uma possibilidade. Estar no lugar errado e na hora errada quando toma um pipoco pode acontecer com qualquer garota, não apenas com as envolvidas. Ligação com uma gangue nunca protegeu ninguém de levar bala. Uma gangue não é um colete — lembro que o Fate disse isso na época —, é uma família.

Só de pensar nisso já bate um ódio do Ray, e ele está na miúda desde essa época, geralmente longe, fazendo serviços para o Big Fate na tentativa de compensar essa cagada. Todo mundo sabe o que ele fez, e eles não disseram nada, mas estavam esperando ele dar as caras para poder revidar.

Mas ele não apareceu. Acho que eles cansaram de esperar. Decidiram que tanto fazia um ou outro, civil ou não. Irmão por irmão. Mesma coisa, certo? Essa é a única coisa que faz sentido.

Meus olhos estão molhados e coçando, então abro a janela e tomo um vento seco da noite no rosto porque não quero estragar o trabalho da Lorraine. Sinto o cheiro dos incêndios, como se todo mundo no bairro tivesse comprado um fogão a lenha de ontem para hoje e enchido eles de pneus, lixo, qualquer coisa.

Essa garota no retrovisor não sou eu. Eu me convenço dessa merda. Ela é

uma espiã. Perigosa. Tem um três-oitão na bolsa que pegou da namorada.

Lá fora, a cidade está ocupada fazendo os sons da noite. A música de bandinha mexicana numa festa de quintal vai diminuindo quando viro na Atlantic, e, ao entrar no tráfego, encontro carros com carburador ruim acelerando antes de o sinal ficar totalmente verde. Eles tocam música alta. Competem. Mesmo agora. Mesmo quando as pessoas estão se revoltando e se matando a uns poucos quilômetros daqui.

Doideira. Mas são as prioridades, acho.

A uns oito quilômetros além da fronteira, eu sigo tranquila por mais alguns quarteirões. Viro à esquerda na Imperial. Assim que entro nela, sinto olhos em cima de mim, e pode ter certeza que eu não estou olhando para as luzes acesas dos dois lados. Estou apenas olhando para a frente.

A última coisa que eu preciso é que algum camarada baixe o vidro e me aborde, perguntando de onde eu venho.

Parece que meu sangue está correndo rápido e sem direção dentro de mim, e então aparece o Cork’n Bottle. Agarro o volante com mais força do que preciso quando tento cortar um Dodge e viro à direita no sinal amarelo. Estou olhando para o relógio no painel enquanto vou para atrás da loja e estaciono no terreno que eles dividem com a loja de pneus. Está tudo vazio.

Quarenta e três minutos, é só isso que eu tenho.

7

Está mais claro que a luz do dia quando entro pela porta dos fundos, me equilibrando o máximo que consigo nos sapatos de salto plataforma. Passo o olho na loja e não vejo ninguém além do balconista. Ele é meio careca, usa uma camisa de botão que não está nem abotoada nem enfiada na calça. Tem olheiras escuras e ombros caídos que combinam com a regata e a barba preta.

Ele não é mexicano, nem *salvi*. Parece outra coisa, tipo afegão ou sei lá o quê. Os braços dele estão cruzados no peito enquanto observa uns caras entrando e saindo pela porta da frente, abrindo as geladeiras e catando cervejas e refrigerantes enquanto outros enfiam um monte de doces nos bolsos. São três ou quatro caras. Saqueando em estilo linha de montagem. Ou linha de desmontagem. Seja como for, o vendedor não está nem aí. Não quer acabar morrendo por causa disso. Esperto, eu penso, um homem com quem vale a pena conversar.

O chiclete deve estar bem na frente. Dou uma olhada rápida em todas as marcas e vejo ele ali, azul e brilhando na minha cara.

— Você fala inglês? — pergunto para o balconista.

Ele diz que sim, claro, mas parece surpreso por ter alguém falando com ele, então eu coloco um pacote do chiclete de blueberry na cara dele, para que veja direitinho.

— Você sabe quem compra isso? — questiono.

Lá em cima, atrás dele, percebo uma câmera filmando o meu lado do balcão. É o ângulo perfeito. Não sei quando o cara que matou o Ernie comprou o chiclete, mas ele com certeza está gravado na fita. O balconista vê meus olhos se voltarem para ele e dá de ombros.

— Chiclete é chiclete — diz ele. — É tudo igual.

Eu descalço os sapatos de plataforma e dou um sorrisinho para essa merda de salto. Não posso andar depressa com eles. Eu poderia pular a porra do balcão,

ficar entre o cara e o botão de acionar a polícia, empurrar ele com força na vitrine de cigarro e sacar meu .38 num piscar de olhos. Poderia enfiar essa merda embaixo do queixo dele, na pele macia logo embaixo da língua. Poderia ver os olhos dele se arregalarem. Poderia segurá-lo pelo braço enquanto ele tenta se desvencilhar antes de perceber que eu ganhei muita vantagem.

Eu poderia, mas não faço isso.

Em vez disso, uso outra abordagem.

— Olha, cara, a gente sabe que o dono daqui é o Julius, não você, por isso é só você me entregar as fitas que vai ficar tudo bem — digo.

Indico a câmera num gesto com a cabeça e depois a porta do lado das geladeiras, que dá para a sala dos fundos onde eles guardam as fitas. Essa não é a primeira vez que uma pessoa veio querendo as gravações. Os donos dessas lojas não moram na vizinhança, mas os empregados moram com certeza. Nós sabemos onde moram as *mamás* deles, as namoradas, os bebês também. Quando a gente pergunta, quando alguém pergunta, eles abrem o bico como um passarinho. É assim que funciona.

Eu arranco uns sacos plásticos do suporte de metal no balcão. O balconista pisca para mim, mas eu não sou eu. Eu sou perigosa.

Ele vê nos meus olhos e entende. Vamos só nós dois até o depósito. Está cheio de monitores, caixas de cerveja, papel higiênico e batata frita, tudo amontoado pelas paredes. Na maior calma, ele aperta eject-eject-eject nos três videocassetes e joga as fitas num dos sacos plásticos.

Eu aponto para a prateleira de fitas em cima das máquinas.

— Todas essas também — digo.

Ele põe as fitas nos sacos como se fossem compras, arrumando elas direitinho. Deve ter umas vinte fitas nos dois sacos.

— Você devia ir para casa. Não adianta nada ficar sentado aí enquanto eles levam tudo — falo para ele.

Ele olha para as fitas e depois de novo para o meu rosto.

— E você nunca viu uma garota levando fitas — afirmo.

Ele dá de ombros, e percebo que não vou conseguir arrancar muito mais informação dele, por isso saio do depósito e passo por um velho que está com a

metade do corpo enfiada dentro de uma geladeira lutando para tirar uma caixa de cerveja, os bolsos cheios de tiras de carne seca, tentando carregar tudo isso. Nossa. Essa porra não é da minha conta.

Estou ocupada demais apanhando os sapatos da Lorraine debaixo do balcão, enfiando os pés dentro deles e saindo pela porta por onde entrei, meu sangue totalmente a mil. Mas não dou nem quatro passos no estacionamento quando ouço a voz de um cara atrás de mim.

— Ei, menina — diz ele na maior calma —, de onde você é?

8

Enquanto dou meia-volta, vou deslizando dois dedos para dentro da bolsa, até encostar na coronha. Não tento esconder os sacos atrás de mim nem nada. Isso é suspeito. Só rezo para que esteja escuro o suficiente para a pessoa não ver as fitas e ficar se perguntando por que tantas delas, de onde veio essa porra, por que preciso disso.

Meu coração gela quando vejo de quem é a voz.

Ele é mais alto que eu, tipo uma cabeça, ombros largos, estilo *cholo* careca, e está parado a uns poucos passos da porta.

Merda.

Meu estômago me odeia por causa disso. Começa a socar minhas costelas para me avisar.

O cara está todo alinhado, também: calça de brim passada, tatuagens pretas aparecendo por baixo da regata mais branca que os dentes das pessoas nas propagandas de pasta — tudo isso. O pior de tudo é que ele está me olhando e sorrindo. Ainda não sei que tipo de sorriso é, ou o que ele quer que eu faça a respeito.

Atrás dele, dois dos seus camaradas estão ocupados apoiando os lados do batente da porta com os ombros, fazendo pose. Sabe essas pessoas que acham que estão num filme, como se a câmera estivesse sempre virada para elas? *Assim*.

Ele vem na minha direção e eu prendo o fôlego. Minhas veias parecem pista de corrida.

Quando ele franze a testa, rola um engavetamento de uns vinte carros dentro do meu peito.

— Olha, não me leva a mal nem nada assim — diz ele, e lambe os lábios. — Mas você está saindo como se tivesse roubado alguma coisa.

— Porque roubei — respondo sem hesitar.

Mas posso respirar aliviada. Porra, *aliviada*. Esse idiota acha que pode me comer, não que sou uma rival. O alívio faz meus joelhos tremerem um pouco, mas continuo de pé. Também tiro os dedos do revólver.

— É, eu percebi na hora, você parece o tipo que rouba — diz ele.

— Sou a maior ladra que você já viu.

Ele aponta para o meu rosto e balança o dedo, tentando ser brincalhão.

— Sabe, você até que parece familiar — fala para mim, e depois se vira em direção aos amigos dele. — Não parece?

Eles não se mexem. Estão ocupados demais fazendo cara de mau para sair no *close*. Ou isso, ou acham o papo do cara tão cansativo quanto eu.

O olhar dele muda, agora tem algo a seu favor, e ele levanta a cabeça.

— Mas sério, de onde você é? — pergunta.

É numa hora dessas que o inesperado acontece.

Tenho que aproveitar para colocar a mente dele em outro lugar, guiar ele, para que eu saiba quais serão as próximas perguntas. Colocar ele num novo caminho, tá ligado. É isso que os espiões fazem.

Dou meu melhor sorriso estilo Lorraine.

— Do Valley — retruco.

Ele recua ao ouvir isso.

— Tipo de onde, do Encino ou algo assim? Com todo o respeito, você não parece uma garota do Valley.

Ele diz isso como um elogio.

Dou um tapinha no ombro dele. Os músculos com certeza não são de mentira.

— Quis dizer o Simi Valley — corrijo.

Ele faz cara de quem não estava esperando por isso. Perfeito.

— Por que não disse logo, então? Não precisa ficar me confundindo — diz ele.

— Porque ninguém dava a mínima nem sabia como chegar no Simi até eles mudarem o julgamento desse Rodney King para lá. Tenta. Você sabe onde fica?

— Ahã, claro que sei — responde ele com um sorriso envergonhado.

— Ah, tá — retruco em tom sarcástico, dando uma risadinha como a Lorraine dá. — Onde fica, então?

— Tipo, no norte? Certo?

— É — digo do jeito que a Lorraine diria —, muito bem. “*Norte*”. Você vai ter que me perdoar, mas eu já escutei essa conversa minha vida inteira, e a próxima coisa que você vai me perguntar é onde realmente fica, e então vou ter que explicar como chegar e se lá é muito grande mesmo e todo esse papo furado por educação, e eu apenas não estou a fim de fazer isso. Por isso prefiro dizer só do Valley e deixar você achar o que quiser.

Ele entende. Vejo o pensamento brilhar nos olhos dele e depois ser arquivado. Esse cara não é burro. Mas ainda faz as perguntas que eu induzi ele a fazer. Nem enxerga minhas armadilhas antes de pisar nelas.

— Então o que você está fazendo por aqui? — pergunta.

Ele realmente quer saber por que é que eu ia pegar o carro e vir da Brancolândia até aqui. Está me testando, querendo saber se sou burra, se estou fazendo turismo na comunidade, ou procurando encrenca, ou tudo isso.

— Minha prima mora aqui. Maria Escalero. Você conhece?

A Maria não é minha prima, mas o nome dela é seguro de usar. Era minha paixão do colégio, uma veterana que conheci quando ainda não tinha largado a escola e era uma caloura que ia na aula. Eu costumava correr atrás dela na aula de educação física. Uma bunda que você nem acredita. Morava perto do Lugo Park e acabou indo fazer faculdade em algum lugar no Colorado. Uma pena mesmo.

— Nem, não posso dizer que conheço.

— Que azar — respondo. — Você parece o tipo que conhece pessoas.

Ele arregala um pouco os olhos ao ouvir, como se não estivesse esperando. É até bonitinho de um jeito triste, como se ele não fosse tão malandro quanto acha que é, não fosse tão treinado. E então ele desembucha, diz o motivo por que me chamou afinal.

— Ei, então, você quer sair hoje? É tipo uma festa e você tem o... — ele faz uma pausa, descendo o olhar para o meu peito sem se dar ao trabalho de o tirar de lá — *perfil* que a gente está procurando.

As alças dos sacos agora estão bem cravadas na palma da minha mão. Meus dedos estão ficando adormecidos.

— E você ainda nem me viu de perfil — digo.

Eu viro de lado e me exibo para ele, escondendo melhor os sacos.

— Bonito isso, sabia?

— Ah — digo, ainda fazendo a Lorraine —, eu *sei*.

Ele agora está ficando vermelho, perdendo a compostura.

— Você devia vir, sério mesmo.

É minha vez de dar uma boa olhada na cara dele, fazer ele gelar.

— Tô de boa — respondo, finalmente. — Prometi pra Maria que a gente ia sair hoje, se a cidade inteira não pegar fogo.

— Não vai pegar fogo. Vocês podiam vir depois.

— Não, valeu. Mas você é fofo. Boa noite.

Eu saio andando e os olhos dele estão fixos na minha bunda, mas tudo bem porque estou com as sacolas na minha frente e já estou abrindo a porta. Entro no carro jogando os sacos no chão atrás do banco da frente e viro a chave na ignição antes de ele sequer se dar conta do que aconteceu.

O relógio diz que eu tenho trinta e cinco minutos. O número muda bem diante dos meus olhos. Trinta e quatro agora.

Eu me tensiono no carro. Penso que nem fodendo a gente vai conseguir ver todas essas fitas a tempo, que é só...

Alguma coisa bate com força na janela do passageiro e eu levo um susto.

É o punho dele. Ele está batendo.

Dou um sorriso e procuro o .38, mas ele abre a mão e aperta um pedaço de papel contra a janela. Por detrás do papel, o cara sorri.

Eu solto a arma. Baixo o vidro.

— Aqui está o endereço, só para o caso de você decidir aparecer... bem, você sabe — diz ele. — Tem o meu número também. Bem aqui.

Ele aponta para o número, como se eu realmente precisasse de ajuda para saber qual deles é o telefone.

— Quantos anos você tem? — pergunta ele.

Olho para ele enquanto penso se devo mentir ou não. Decido que não. Não sei por quê.

— Dezesseis — respondo.

— Dezenove — informa ele, apontando para si mesmo.

— Qual é o seu nome mesmo? — pergunto.

— Por aqui eles me chamam de Joker — diz ele, crente que eu estou curtindo esse lance de bandidagem.

— Isso não é um nome. Qual é o seu nome de verdade? — questiono.

— Esse *é* meu nome de verdade.

Se eu quisesse forçar a barra, perguntaria como ele conseguiu esse nome. Não pergunto. Eu conheci um Joker uma vez. Tinha esse nome porque toda vez que enfiava a faca em alguém, ele dava risada. Não importava o motivo, se ele estava nervoso ou chapado ou o quê. Ele simplesmente fazia isso. Tem umas coisas nessa vida que acontecem e ninguém sabe por quê, nem mesmo as pessoas que fazem, e esse com certeza foi um caso.

— Esse não é o nome que a sua *mamá* te deu. E esse é o único tipo de nome que eu tenho, então como é que a gente vai negociar? — digo.

Alguma coisa fria e dura se embola no meu peito nessa hora. Só uma verdade: se esse filho da puta soubesse que está olhando para a Payasa, irmã do Lil Mosco, provavelmente ia me dar um tiro na cara. Não ia nem pensar duas vezes. A espiã dentro de mim sorri com o poder de ser outra pessoa. Ele acha que é para ele. E isso é bom. É útil.

— Ramiro — responde ele, finalmente.

— Lorraine — eu falo. — Com dois erres.

— Certo — diz ele, acenando com a cabeça. — Até mais tarde, Lorraine-com-dois-erres.

9

O Clever trabalhou muito desde que eu saí. Com a distância entre os rastros dos pneus, ele descobriu a largura do chassi, o tipo de pneu, a velocidade aproximada e tudo o mais. Diz que estamos procurando um Ford Ranchero, provavelmente 1969, mas não tem certeza absoluta. Digo que isso bate com o que a enfermeira disse, já que ela mencionou que o carro tinha uma carroceria. O Clever assente com um gesto. Pelas marcas na pele, eles usaram arame para amarrar os tornozelos do Ernesto, e o Clever diz que amarraram ele num engate de reboque antes de arrastá-lo. Esse mesmo engate de reboque provavelmente foi o que detonou a bochecha do meu irmão quando eles pisaram no freio e o Ernesto voou de cara na traseira do carro.

Eu ouço tudo isso concordando com a cabeça, meio insensível, mas o pânico me atinge quando espalho as fitas na mesa da cozinha e não sei dizer quais delas vieram dos três videocassetes com as gravações mais recentes. Isso me dá um nó no estômago, parece que levei uma porrada forte, e o Clever, o Fate, a Lorraine e o Apache se aproximam para olhar.

— Cacete, garota — diz o Apache. — Isso aí é sério!

Claro que é sério, só que esse lance vai deixar a gente atolado. Mas quando você não sabe o que é o quê, você simplesmente leva tudo. Melhor sobrar do que faltar, certo?

A Lorraine me dá um cutucão como se quisesse fazer uma pergunta imbecil, tipo quantas fitas são. Eu só lanço um olhar para ela, que não é besta de discutir. Está treinada.

— Três dessas são as mais recentes, mas não sei direito quais — digo para o Clever.

— É fácil — responde ele, e vai deitando as fitas, uma por uma. — Está vendo que nenhuma delas foi rebobinada?

O Clever tem razão. Em cada uma delas, o lado esquerdo não tem nada além

do suporte branco do rolo. O lado direito está cheio de fita preta enrolada.

— E nenhuma delas está marcada também — digo. — Que negócio malfeito.

Às vezes, passa uns lances pela cabeça do Apache e ele simplesmente solta.

— Eles nem se dão ao trabalho de assistir isso? Só tiram elas quando acabam e colocam fitas novas? Por quê?

— Assistir pra quê? Dá trabalho — responde o Fate. — E se não aconteceu nada, então é um trabalho que você não precisa fazer. Mas se você gravou alguma coisa, é só entregar essa merda para os polícias e aí são eles que têm que trabalhar, entende?

O Clever está anuindo com a cabeça enquanto ajeita mais duas fitas como se fosse uma partida de dominó, depois três. Eu ajudo. Viramos cada uma das fitas até a mesa estar coberta por uma camada contínua de preto para que a gente possa ver os rolos.

— Mas algumas você tirou antes de estarem cheias — diz o Clever.

O Clever e eu pegamos as três que estão diferentes e corremos para a televisão. Ele insere uma, e então o Cork’n Bottle está rolando na minha sala. É a área do balcão, e nessa hora me toco que as outras duas fitas filmaram ângulos diferentes da loja. Sinto a eletricidade estática no dedo quando encosto na tela e digo:

— A parada de blueberry está bem *ali*.

— Se alguma coisa se mexer — diz o Clever —, nós vamos ver.

Alguém bate na porta, e o Apache vai atender. Tem uns camaradas do lado de fora, então não é preciso tomar as precauções de sempre.

Ele abre a porta e lá está o Lil Creeper, vestido todo de preto: moletom preto com capuz, jeans preto, sapato preto. Ele dá uma fungada e tem uma tremedeira estranha, que começa na perna esquerda e sobe até o ombro e desce de novo. Tem um saco de papel pardo na mão esquerda também.

Ele bate o olho em mim, sentada no sofá, e começa a rir.

— Por acaso é Halloween ou o quê? — provoca ele.

Vendo que não consegue nenhuma reação, ele tenta puxar o Apache para o seu lado.

— Por que ela está toda arrumada desse jeito?

É inútil responder ou parecer malvada ou qualquer coisa. O Lil Creeper tem uns parafusos a menos. Não adianta tentar treiná-lo. Todos nós sabemos disso, principalmente o Fate.

— Passa logo esse saco pra cá — diz o Fate.

O Creeper dá um passinho para trás.

— Ok, mas Fate, é o seguinte: só consegui uma Glock e treze balas.

— Isso dá uma diferença no preço, não dá?

— É, *poderia* dar — responde o Creeper enquanto passa a sacola de uma mão para a outra por um instante. — Quero dizer, eu reconheço que é verdade, mas tem que ter algum tipo de bônus de sinceridade incluído também, saca? Porque, tipo, eu podia ter simplesmente trocado o saco pelo dinheiro e saído correndo, certo? Mas não fiz isso. Agi como um homem e contei antes de você descobrir. Portanto isso vale alguma coisa, certo?

O Fate apenas estende a mão.

— Certo? — sussurra o Creeper.

A mão do Fate não se mexe nem um centímetro. Ele queria que o Lil Creeper pusesse o saco na mão dele, então o Creeper finalmente faz isso. O Fate rasga o saco, tira a arma e vê que a coronha está toda enrolada com esparadrapo, o que é estranho, mas não é nada de mais, contanto que funcione. Ele encolhe os ombros e confere se a trava de segurança está fechada, tira o clipe, conta as balas com a ponta do polegar, depois confere a câmara e o percussor, antes de contar e dobrar o dinheiro que tirou de um maço.

— Isso é tudo que tinha dentro do cofre, Fate — diz o Creeper.

— Cofre de quem?

O Creeper lambe os lábios e dá de ombros.

— De algum cara aí. Que diferença faz? — responde.

— Tem certeza que era só isso que tinha? — pergunta o Fate.

— Pode crer — responde o Creeper enquanto balança um pouco para cima e para baixo. — *Pode crer*.

— Toma — fala o Big Fate ao entregar o dinheiro.

Uma Glock 17L comporta dezessete balas, dezesseis no clipe, uma na câmara. O Creeper nos trouxe uma faltando quatro balas para estar cheia. Se eu parar no

meio de um grupo de pessoas, são quatro chances a menos de terminar o serviço.

O Clever e eu estamos olhando fixo para a tela em *fast-forward*, por isso não vejo o que acontece, mas sei o que acontece. O Creeper pega a porra do dinheiro, cai fora e vai se chapar em algum lugar. Como sempre.

No Cork'n Bottle, ninguém chega nem perto do chiclete. Nós queimamos vinte minutos de tempo real e ninguém chega perto dos malditos chicletes. É só cerveja e cigarros e gente parada. Não é nada.

— E se — diz o Apache todo sério —, e se o atirador comprou isso, tipo, uma semana atrás e só mascou agora?

Isso acaba com o clima na sala. Olho para o Clever, e o Clever olha para mim. Nós dois olhamos para o Fate. Ele está franzindo a testa para a Glock na mesa. A Lorraine está ocupada cavando um buraco no tapete com os dedos brilhantes do pé.

Mas o Apache continua.

— Ou, e se nem foi ele que comprou o chiclete? E se alguém comprou para ele?

Todo mundo continua quieto.

Todos nós sacamos ao mesmo tempo o quanto essa merda pode ser inútil.

— Mas é isso que nós temos — digo, e não quero parecer tão zangada quanto estou. — É *só isso* que temos.

Estou zangada por fora, mas por dentro já estou desistindo.

É inevitável.

Nosso tempo acabou. Eu sei. Todo mundo sabe.

Temos treze minutos antes de o Ray chegar em casa e transformar essa porra num campo de guerra. Treze minutos não são nada. Menos que nada.

É um poço tentando me engolir.

Não estou mais nem olhando para a tela. Estou pressionando a testa com a palma da mão, quando ouço outra batida na porta, agora rápida, tipo *bam bam bam*.

Então eu sei que terminou. É o fim.

Porque eu sei que é o Ray. Só pode ser. Ele deve ter chegado mais cedo. E tenho que dar um jeito de contar a ele sobre o Ernie. Sou eu que tenho que deixar

ele mais puto do que ele já esteve na vida. Mas me ocorre outra coisa no instante em que o Fate se mexe pra atender.

O Joker pode ter me seguido até em casa.

10

Sinto uma dor me corroendo por dentro quando a porta abre. Estou olhando para a Glock na mesa, longe demais. Ouço o videocassete zumbindo atrás de mim enquanto duas pessoas entram na casa, aquele mesmo moleque Serrato e uma *hina* que eu reconheço da Will Rogers Elementary School, Elena Sanchez.

Eu respiro aliviada.

Quero dizer, foi burrice eu achar que seria o Joker. Se fosse, não bateria na porta, e a gente teria ouvido eles chegando. Talvez isso seja só a minha culpa se revelando por eu não ter contado para o Fate sobre o que aconteceu no estacionamento do Cork'n Bottle. Apenas não deu tempo.

A Elena dá uma olhada em volta, na casa. Ela costumava ter cabelo loiro uns sete anos atrás, mal tingido. Agora é o castanho natural, bonito e claro, com o tipo certo de ondulado. E não foi só isso que ela perdeu. A gordura infantil que ela tinha não aparece mais nesse jeans preto com barra aparente e nessa camiseta branca com gola rendada. Ela está ótima agora. Não há dúvida disso. A Lorraine vê o meu olhar e levanta os ombros como se estivesse brava.

— Precisa de alguma coisa, camaradinha? — indaga Fate para o moleque.

— Eu perguntei para as pessoas sobre o chiclete, como você mandou — responde Serrato. — Perguntei para todo mundo e, é, ela tem uma coisa para te contar.

— Eu sei tudo sobre o desgraçado que vocês estão procurando, que masca esse chiclete de blueberry — diz Elena.

Pensei que o pelo na minha nuca ia acabar cansando de arrepiar, mas não cansa. Ele empina na direção do teto. Do meu lado, o Clever levanta depressa. O Apache até dá um passo para a frente.

Todos precisamos ouvir isso.

Agorinha mesmo.

— Uns dois meses atrás, eu tava com esse cara que sempre mascava esse

troço. Conheci ele numa festa, e sabe, achei que ele era aquilo tudo. Sorrisão, bom de papo. Beija bem. Beijar ele era como beijar um saco de bala. Eu juro que ele era o mais viciado em doce...

O Fate faz cara de que ela precisa acelerar esse papo. Agora.

— A gente foi se vendo cada vez mais, e sabe, ele tava sempre tipo, “gatinha, eu e você” e “amor da minha vida” e tudo o mais. E a gente até falou de casar. Ele falava disso o tempo todo. Mas sabe, isso foi antes de eu descobrir que ele engravidou a Elvia, minha melhor amiga! Quando fui falar com ele sobre essa merda, ele disse que tinha sido sem querer, que ele estava bêbado e ela tinha armado uma cilada, mas quando eu perguntei para ele...

Ciumenta como sempre, a Lorraine interrompe.

— Você alguma vez pensou que talvez merecia?

A Elena não deixa quieto.

— Quem é você, garota? — solta Elena, dando um passo firme na direção da Lorraine.

Eu agarro o pulso da Lorraine e torço. Ela geme.

A Elena sorri vendo isso.

— E esse cara se chama? — pergunta Apache, acenando com a cabeça.

— Ele se chama Ramiro — responde ela. — Está tentando criar nome na praça, mas na verdade ele é só um *leva*, um bundão. Ele tem que *rodar*.

Ramiro. Meu rosto parece queimar, como se alguém tivesse botado fogo nele.

Nunca me senti tão burra assim antes. Enquanto lembro de vê-lo parado ali, de como fiquei assustada, de como era o cheiro dele, um pensamento me toma: ele estava a um braço de distância.

É isso. Talvez menos de um metro.

Eu estava com o .38. Podia ter sacado a arma e acabado com ele bem ali.

Já podia ter vingado o Ernesto.

— Joker — sussurro o apelido como se doesse.

Porque dói.

A Elena me olha de um jeito, como se talvez estivesse com ciúme, mas principalmente como se precisasse descobrir como eu sei.

— É, esse mesmo — diz Elena, com os olhos apertados.

Merda. O Fate também quer saber como eu sei o nome do cara.

— Você sabe alguma coisa sobre a galera com quem ele anda? Dois caras? — pergunto.

Ela sabe que eles estão envolvidos em alguma treta séria, mas não, não sabe os nomes deles.

— Os dois acham que são modelos ou algo do tipo. Sempre usando óculos escuros à noite, como dois *idiotas* — diz Elena.

— Isso mesmo — digo, pensando que isso se encaixa com o que a Gloria já tinha dito, embora no Cork'n Bottle eles não estivessem de óculos escuros. — São eles.

O Fate me olha de lado para saber se eu ainda preciso da garota.

— Muito obrigado por ter vindo — diz ele quando aceno com a cabeça.

— Como eu falei, ele precisa *rodar*. — Elena reitera sua opinião para o Fate. — E antes de ele rodar, fala para esse cuzão traidor que eu contei para vocês quem ele era. Fala para ele que fui eu. Elena. Quero o *meu nome* na cabeça dele quando vocês estourarem os miolos desse merda.

Ela costumava ser tão tímida na escola. Usava óculos. Gostava de ler. Não falava nada para os professores. Não falava nada para ninguém.

— Caramba — diz Apache enquanto lança um olhar para o Clever. — Uma mulher desprezada e tudo o mais, certo?

Os olhos da Elena brilham na direção dele com um ódio bruto.

— Ahã — responde ela.

Depois que ela vai embora com o moleque, eu conto para o Fate como sei o que sei.

Conto sobre o Cork'n Bottle também. Entrego o pedaço de papel com o endereço e o telefone.

— Peraí, como é que é? — questiona Apache antes de todo mundo. — Tipo, quais são as chances de isso acontecer? Quero dizer, você deu uma puta sorte de...

— Cidade pequena, primo — interrompe Fate.

Ele diz isso porque está falando com o Apache.

Mas está olhando para mim.

— Pronta pra partir? — pergunta Fate.

11

O Clever está dirigindo o Cutlass do Apache. O Big Fate está na frente, e o Apache do meu lado no banco de trás. Combinamos o esquema no caminho. Falamos da ideia de eu ligar para o Joker e ser toda sexy enquanto convido ele para me encontrar em algum lugar, mas então o Clever diz que, se a gente fizer isso, talvez ele apareça sozinho e a gente perca a chance de pegar os outros dois que apagaram o Ernesto. E isso não é uma hipótese. Para ninguém.

Alguém diz que é melhor simplesmente aparecer e usar meu elemento surpresa, então o Clever diz o que estou pensando durante a noite inteira, que eu sou tipo uma espiã ou algo assim. Ainda é verdade.

Eu troquei de roupa e tudo o mais. Depois que terminou de ficar puta comigo por causa da Elena, Lorraine só choramingou um monte, emburrada, tentando não chorar de verdade enquanto vestia em mim um lance de chiffon que parece um guarda-chuva caído em volta da minha cintura. A única batalha que venci foi em relação aos sapatos. Fiquei com um tênis branco. Nenhum salto para eu poder correr. Perdi em todo o resto.

Tipo, estou usando pérolas. Estou usando umas luvinhas brancas que terminam num tipo de franja rendada em volta do pulso, como se eu fosse uma princesa *quincé* querendo ser a Cinderela ou algo parecido. Mas as luvas são importantes. Não deixam digitais.

O Fate não tem tanta certeza de que devo ir sozinha. Percebo pelo jeito como ele está quieto. Ele quer todo mundo. Cooperação total. Estilo Forças Especiais.

— Não tem uma opção segura, Fate — argumento. — Se acontecer comigo, então é a minha vez. Isso não significa que tem que ser a vez de todo mundo também.

Não preciso dizer que o Ernesto não estava na jogada, que ele não tinha poder nenhum. Que a vingança dele pertence a mim. E eu também não digo que é melhor eu ir do que o Ray descolar uma AK-47 com uns peixes graúdos e sair

abrindo buracos de ventilação na casa de alguém, e depois em outra, e mais outra.

Então a gente pensa junto.

— Você vai lá — diz o Fate. — Fica marcando eles. Anda meio longe se eles não estiverem juntos. Se mistura na multidão. Vê se consegue esperar eles estarem juntos para você pegar todos de perto. Assim é mais difícil errar a mira. E muito mais fácil terminar o serviço depressa.

Nós paramos na frente de uma casa que eu nunca tinha visto antes, e um cara vem rapidinho da varanda até o carro. Quando o Apache põe a mão para fora da janela, o cara solta alguma coisa na mão dele e vira de costas.

São quatro balas, todas nove milímetros.

Eu vejo as balas brilharem, então o Clever acelera e nós partimos direto para o endereço que o Joker me deu, o endereço onde ele supostamente está.

O Apache entrega as balas para o Fate, e eu observo ele carregar o resto da Glock antes de entregar para mim. Aperto ela, e o cabo coberto de fita parece estranho na minha mão, grudento. O Fate me mostra onde é a trava de segurança e como destravar com o polegar, então eu faço isso.

Tem um monte de regras a seguir para fazer isso. É quase uma lista.

Quando eu atirar, tenho que contar os disparos.

— Isso mantém sua concentração — diz Fate. — Te impede de simplesmente sentar o dedo até descarregar.

Nada de lance de caubói. De perto é melhor.

Não mire na cabeça primeiro. Mire no corpo. É maior.

Concentre no coração. Termine na cabeça se der tempo. Se você estiver perto.

Quando eu terminar — quando *o serviço* terminar — eu solto a arma. Sem desculpa.

O Apache vai estar protegendo minha retaguarda, e então a gente corre, daí o Fate passa a proteger a nossa retaguarda, quase como uma corrente, e então a gente entra no carro.

Esse é o plano porque o Fate diz que é.

Eu olho para o troço na minha mão. É a pistola mais pesada que já segurei, preta e brilhante em cima e branca no cabo por causa da fita. Nessa hora eu

penso que algum coitado vai ter a casa invadida hoje à noite, ou amanhã, ou quando finalmente as pessoas pararem de se revoltar nas ruas, e os polícias e tiverem tempo de descobrir que a arma desse sujeito foi usada num tiroteio. Vai ser logo, logo de qualquer modo. Os Vikings sempre vêm.

Se eu fizer o que me mandam e soltar essa parada na grama ou onde for e os polícias acharem e rastrearem o número de série até descobrirem que pertence a algum cara direito, eles vão arrombar a casa do sujeito às quatro da manhã e acordar ele com uma escopeta na cabeça, acordar as crianças, a mulher também, vão algemar ele no tapete da sala, na frente da família, como se ele fosse um assassino, mas não me sinto mal. De jeito nenhum. Foda-se esse cara e o cofre de armas dele.

Ele vai ser liberado alguma hora. Vai voltar para casa logo depois. Vai agradecer e ficar contente e livre.

Diferente do Ernesto.

Talvez eles ainda nem tenham colocado ele no saco preto com zíper. Talvez ele nem esteja no necrotério. Tipo, talvez ainda esteja no beco com a minha camisa cobrindo o rosto dele. Esse pensamento é o que mais machuca.

Então o Clever liga o rádio na KRLA e está tocando “I Wish It Would Rain”. Dos Temptations. Isso não é justo.

O Apache me dá um cutucão e abre as mãos. Tem um frasco de líquido numa delas, e um cigarro na outra.

— Precisa se molhar, Payasita?

Ele não olha para mim. Destampa o frasco, mergulha só a ponta do cigarro e fecha a tampa de volta.

Diz que isso facilita.

A luz entra com força pela janela enquanto o carro passa em disparada por postes de luz. Olho para a ponta do cigarro, está manchada e escura.

— Facilita o quê? — pergunto.

Ele nem olha na minha cara. Só encolhe os ombros e responde:

— Tudo.

12

Está tão escuro e a festa é tão barulhenta que ninguém percebe a gente se espalhar pela rua: ninguém vê o Clever estacionando a meio quarteirão, nem o Apache saindo do carro e atravessando a rua para postar algo na caixa de correio de uma casa, nem o Fate parado do outro lado na metade do caminho.

Quando saio do carro, sinto mais calor do que se estivesse sentada em cima de uma fogueira, mas, cacete, uma brisa soprando o meu rosto é uma sensação boa. Passo o dorso de uma das luvas na testa e percebo que estou suando. Nossa. Não sei por quê, mas essa porra de repente fica engraçada para mim.

Mas a graça não dura muito tempo, porque o Clever tinha razão no final das contas. Em menos de um minuto a gente acha o Ford Ranchero, aquele com engate de reboque. O para-choque está amassado.

Eu fico olhando pro carro por um segundo, me perguntando se foi a cabeça do meu irmão que fez essa marca e o que eu sinto a respeito disso, mas não sinto nada de mais. O Apache me falou que é a PCP. Deixa você anestesiada logo de cara, ele disse.

Quando eu viro para a casa, estou pensando que já é bastante tarde, todo mundo que vinha para essa festa já deve ter chegado. Está um silêncio total na rua, tirando a música. E as vozes.

Ouço pessoas nos fundos, então em vez de passar por dentro da casa, eu contorno e vejo se tem uma cerca ou outra coisa entre eu e ela.

Não tem.

É só um trecho de concreto que se estende a partir da entrada e me leva até um quintal.

É um bom quintal. Metade grama, metade deque. Um telhadinho de madeira avermelhada que vem da casa e cobre o pátio. Embaixo dele, perto da casa, está o Joker.

Ele está com uma cerveja na mão. Um dos camaradas dele está atrás.

O outro cara está apoiado do lado mais distante do quintal, perto da cerca dos fundos, talvez a uns cinco metros de distância. Está enrolando alguma coisa.

Eu atravesso a grama na direção do Joker ignorando os olhares das pessoas.

Tipo, é loucura como eu me sinto calma quando penso, *ah, é só eu matar dois e caminhar até o outro*. Tranquilo, sabe? É moleza.

Porque não estou com muita vontade de esperar agora. Tenho vontade de atirar. Pelo Ernesto.

O Joker me vê e meio que pira. Está com um sorriso grande no rosto, como se estivesse muito feliz de me ver, como se estivesse contente pra caralho que eu tenha aparecido.

Eu percebo, e gosto, porque tudo fica muito melhor se esse desgraçado não se ligar que eu sou o anjo da morte.

— Ei, achei que você não vinha — diz ele, todo entusiasmado. — Cadê a sua prima? Ela tá aqui?

Eu enfio a mão na bolsa.

E tiro o brilho labial da Lorraine.

Deixo meu lábio brilhante na frente dele, toda sexy, de olho no sujeito. Penso em fazer isso pela Elena.

Enquanto estou guardando o negócio de volta, minha mão envolve a Glock, a fita em volta do cabo.

Dou para o Joker o sorriso mais meigo que tenho, um daqueles sorrisos tipo “tava pensando em você”.

— Pelo Ernesto — digo.

Quando eu saco a arma, a mira enrosca no zíper. Mas é só por um instante. Menos de um segundo.

É nessa hora que o tempo desacelera. Não é sacanagem.

Acontece de verdade.

O Joker faz uma careta franzindo a testa e abrindo a boca como se estivesse chocado, enquanto inclina a cabeça.

Ele também vira, olha para longe, na direção da casa.

Eu dou o tiro na orelha. Bem embaixo.

A bala atravessa direto o crânio dele, jogando uns pedaços do cara em cima

das pessoas que estão atrás.

E é bom. Eu gosto.

Isso faz sentido porque o Ernesto também estava sem orelha quando levou a dele. Isso é o que eu chamo de justiça.

O camarada do Joker que está mais perto começa a se agachar, enfiando a mão dentro da jaqueta. Só consegue tirar metade da mão antes de eu acertar ele também.

A arma estoura como um canhão na minha mão, sacode o meu corpo.

O peito do cara se abre enquanto ele cambaleia pra trás. Ele leva mais outro no alto da cabeça quando estou perto, tipo, *blau*.

É esse o som que faz. Tipo uma palavra alemã. É como soa para mim.

Não vejo pessoas, não mesmo. Vejo uma puta bagunça.

Vejo ondas de roupas avançando. Como se eu fosse o Moisés. Como se o maldito mar Vermelho estivesse se abrindo só para mim.

Eu viro na direção da cerca enquanto o outro camarada do Joker está tentando fugir.

Atiro e erro.

Atiro e acerto uma garota.

Atiro e acerto na perna dele. Ele cai da cerca. E eu dou risada.

São seis, eu penso. *São seis?*

Eu faço as contas, a soma na cabeça.

É isso. *Seis tiros gastos.*

Acho que ele grita, mas não consigo ouvir nada. Meus ouvidos estão zumbindo como o diabo.

— Pelo Ernesto — digo, já parada em cima dele.

Quando ele está perguntando “Quem?”, eu disparo.

Eu erro. A um metro de distância, eu erro. Mas o tiro seguinte é certeiro.

Atravessa o olho dele, sai pelo fundo do crânio, e faz um buraco no pé da cerca, grande e vermelho do tamanho de uma bola de golfe.

Isso também é meio engraçado.

Mas cacete, estou com calor. Fervendo. Preciso muito de água.

Nem sinto meu dedo no gatilho, mas atiro nele de novo, na clavícula. Pelo

menos acho que atiro.

O peito dele não explode, só abre um buraco que fica vermelho na hora.

Esse é o nove ou o dez.

O quintal está quase vazio agora. Tem pessoas destruindo a porta corrediça de vidro para entrar na casa, e vejo uns caras tentando sair por entre elas.

Caras querendo vir me pegar.

Solta a arma, eu penso. *Corre.*

Então faço isso.

Meu pé escorrega na grama e eu caio na poça de sangue de alguém. Não sei de quem. Acho graça nisso também.

Mas levanto depressa, e é ruim porque um cara barbudo com uma puta pistola gigante está se enfiando pela porta, apontando o troço pra mim.

Não consigo sentir meus pés. Mas eles se mexem. Estou suando como se estivesse correndo há horas.

Surgindo do nada, o Apache está ali, vindo na minha direção, como se fosse mágica. Ele está com o .357 e abre fogo no sujeito. E deve ter acertado, porque não estamos mais sendo seguidos e ele está me puxando, me arrastando para a frente, me salvando.

Eu olho para trás e tem outro corpo na grama e mais dois caras saindo da casa.

Nós dobramos a esquina, chegamos na entrada para carros, na calçada.

Quando os camaradas do Joker viram a esquina da garagem, o Fate abre fogo com a escopeta. A parada é tão barulhenta que parece uma queda de avião. E eu dou risada.

O lance rola assim, como planejado, porque estamos no carro e avançando. Mas não sei qual direção é qual.

Me sinto fina que nem um lenço de papel. Quero rir outra vez. Quero contar a história inteira de como tudo aconteceu, de como eu me senti.

E então percebo que talvez precise vomitar.

— Pegou os filhos da puta? — Fate quer saber, e eu quero responder.

Não consigo. Tento, mas minha boca não funciona.

Nunca tinha atirado em alguém antes.

Quero dizer, já tinha atirado muito. Em alvos e passarinhos e tal.

Mas nunca tinha atirado em *alguém* antes.

É diferente.

— Você tem que se ajeitar — diz o Fate, puxando o retrovisor para poder me ver.

Ele olha duro para mim. Ninguém discute com aquela cara. Nunca.

O carro parece estar avançando a mil por hora, mas eu sei que o Clever está indo dentro do limite de velocidade.

Isso também era parte do plano.

Aceno com a cabeça para dizer que entendi.

Sei que preciso me ajeitar.

Mas meus braços não se mexem. Não fazem o que ele quer. Nem o que eu quero.

— Faz logo essa porra — exclama Fate para o Apache.

O Apache levanta meus braços, joga um moletom por cima do meu vestido.

Ele limpa a maquiagem do meu rosto com um pano, arranca meus brincos e põe um boné na minha cabeça antes de cobrir com o capuz.

Eles estão procurando uma atiradora, uma garota.

Isso se estiverem procurando. E mesmo que estejam, não ia importar de qualquer modo. Não pareço mais uma mulher. Não por fora.

Mas, porra, os polícias com certeza não estão procurando. Estão todos na TV. Eu dou risada disso também.

Dou risada pensando em como eles estão ocupados em Florence, Watts, apagando os incêndios em Los Angeles hoje. Você acha que eles se importam se houve um acerto de contas entre umas gangues de Lynwood? De jeito nenhum. Devem achar ótimo. Ótimo que eles não tenham que investigar. Ótimo que eles podem só vestir aquela armadura e marchar para cima da multidão.

Eu recolho meu *pager* do chão. Estou com ele na mão. Só consigo pensar em *mi mamá*. Só consigo pensar na cara de preocupação dela.

E sinto a tristeza cair em cima de mim como um cobertor, me impedindo de respirar.

— Fate — digo, e minha voz está pequenininha.

Ele está olhando para a rua.

— O quê?

— Como vou contar para ela o que aconteceu?

O Fate não entende no começo. Olha para o Apache, mas o Apache está olhando pela janela, por isso o Fate olha de volta para mim.

Ele entende nessa hora, mas percebo que ele não tem a resposta quando vejo a boca dele se abrir no retrovisor e continuar aberta.

Estamos na Imperial, perto da feirinha de camelôs.

— Fala para a sua *madre* que você fez justiça — diz Fate. — É isso que você vai falar para ela.

RAY VERA,

OU LIL MOSCO

29 DE ABRIL DE 1992

19h12

1

Nem sei qual é a porra do problema do Fate. Só fiz o que ele teria feito. Naquela época, ele ganhou nome fazendo o que eu fiz e outras coisas até piores. Agora ele está nessa de me punir por causa do que aconteceu quando eu mandei umas balas na frente daquele bar, e fica tentando me testar ou algo assim, mandando eu fazer os serviços dele.

Faz um ano ou mais que eu estou de supervisor da distribuição. Mas já estou muito acima dessa merda. Sério mesmo, fazer coleta é para os novatos imbecis como o Oso. Ele inclusive *estava* fazendo isso até o Big Fate decidir que o lance seria meu. Hoje ele vê essas revoltas rolando na TV e do nada me manda para longe da cidade num corre. Claro, ele fala a coisa certa, tipo “Vamos mandar você porque os polícias estão em todos os outros lugares”, mas ele me conhece bem demais. Viu no meu olho o quanto eu queria aprontar alguma. Tipo, quem não ia gostar de ter uma TV nova, certo?

A única coisa boa nesse corre, e é tipo a única coisa mesmo, é que eu posso dirigir o carro do Fate, um Chevy grande e velho dos anos 1970. Juro por Deus, o motor dessa máquina devora a estrada, a 10 Freeway. A gente *voa* para o leste. É Monterey Park, depois El Monte, depois West Covina sem eu nem me dar conta que estou com o pé no acelerador.

Ah, mas sabe de uma coisa? Tem uma série de regras que eu preciso seguir agora. Porque o Fate simplesmente diz que eu tenho. A número um é parar com o *sherm*. Ahã, claro. Número dois, tenho que dirigir sempre no limite de velocidade. Quanto a isso, estou tipo: tenta me obrigar, desgraçado! Número três, não posso levar ninguém nos meus corres porque preciso aprender a ficar sozinho e ser mais confiável.

Mas como é que ele vai saber o que eu faço, contanto que o serviço seja feito? Além disso, até parece que eu seria tão burro de aprontar depois de buscar a parada. Bom, tirando que preciso quebrar a regra de não levar ninguém comigo, só que nem é tão sério. Pelo menos o Fate conhece o meu parceiro, o Baseball, então acho que ele não vai ficar puto se descobrir. Mas não que ele vá descobrir. Quero dizer, eu não vou contar. E o Baseball também não.

É óbvio como ele ganhou esse nome. A cabeça dele tem exatamente o formato de uma bola de beisebol, tipo com as costuras e tudo, porque o pai dele bateu o carro quando ele era pequeno, e o Baseball varou a cabeça no para-brisa com tudo. Ele acabou com metade do couro cabeludo grampeado, e agora o cabelo cresce de um jeito estranho em volta dessa cicatriz. Ele é bem sensível com esse lance. Usa um boné dos Los Doyers agora, não tira nunca.

O Baseball é vidrado em histórias. Está sempre querendo me ouvir contar do dia do bar de novo, sempre querendo outro detalhe ou perguntando qual foi a sensação de fazer o que eu fiz e esse tipo de coisa.

— Aquele cara realmente chamou sua irmã de *manflora*? — pergunta.

Eu já cansei de falar sobre essa porra, e mostro isso para ele me afundando um pouco mais no banco e balançando o pulso em cima do volante. Nem olho para ele, tipo para mostrar que estou acima disso, saca?

Além do mais, ele já ouviu mil vezes que aquele cara disse que ia estuprar a minha irmã, a Payasa, que ele ia enfiar uma faca na boceta dela, e então, quando ele falou meu endereço, tipo meu endereço de verdade, até com o CEP e tudo, eu simplesmente perdi a cabeça, cara. Fui para o carro e esperei até ele sair com a garota dele, e comecei a mandar bala para tudo que é lado. Ela levou. Ele não.

Enfim. Não dá para acertar o tempo todo. Não existe arrependimento nessa vida louca. Mas eu sabia que eles talvez voltassem atrás de mim.

Comecei a esconder armas pela casa depois disso. Em todos os cômodos, cara. Não consigo deixar de levar essa porra a sério. Até guardo *duas* no banheiro. Tem uma no armarinho de remédio e uma embaixo da pia. Se um dia alguma coisa acontecer com a Lu, eu vou sair atirando que nem o Rambo. Todo mundo sabe que eu sou capaz disso. Se você machuca a minha família, está perdido. Eu mato você em uma igreja. Mato a sua mãe quando ela estiver dormindo. Não tô nem aí. As ruas sabem. O Lil Mosco não leva desaforo. Como você acha que eu consegui meu respeito? Eles não te batizam de nada se você fica o dia inteiro sentado em casa jogando a porra do Neo-Geo.

— Ei, sabia que os patrões estão pedindo a cabeça do Manny Sanchez por causa do que aconteceu em Norwalk? — diz o Baseball, tentando puxar assunto de novo.

— Manny tipo o irmão da Elena? — Sei quem é mas meio que não conheço. — Estudei no primário com essa garota. Como chamam ele hoje em dia?

— Lil Man.

Esse nome não me diz nada. Juro por Deus, o Baseball não para de falar sobre os peixes grandes. Idolatra eles. Como é aquele ditado? Tá no meio das árvores e não enxerga a floresta, ou algo assim? Ele é desse jeito. Não faz ideia do contexto maior.

— Enfim, todo esse falatório sobre um tratado de paz é por causa da grana, certo? — digo.

— É por causa da *raza*, cara — responde ele. — Ficar unidos. Formar uma porra de um exército.

Eu tiro a mão do volante e dirijo com o joelho por dois segundos. Isso me dá liberdade para dar uma porrada atrás da bola de beisebol que é a cabeça dele.

Ele fica puto, e eu rio da cara dele.

— Você tem noção de como parece idiota falando isso? — pergunto. — Bandidos de verdade estão cagando para esse lance de *raza*. Eles só querem saber do dinheiro. Eu só me importaria com isso. Você também. Diria essas coisas pra alcançar os objetivos. É isso. Fazer um cara se concentrar em alguma coisa bem longe e então enfiar a mão no bolso dele. É genial, *vato*.

— Bom, tipo, talvez — diz o Baseball enquanto esfrega a parte de trás da

cabeça. — Mas quando alguém te lança a sentença de morte, isso é real, mano. Às vezes eles colocam *varrios* inteiros na jogada.

— Por que você não me conta logo o que aconteceu com o Manny? Porra, você fala pra caralho e nunca chega em lugar nenhum!

— Tá, então ele foi fazer aquele serviço com o carro, matou aquela vovó na varanda por acidente. Como você não ficou sabendo dessa?

Eu detono ele com o olhar.

— Porra, cara, como *você* ficou sabendo? — pergunto. — Você ainda nem está envolvido e já cospe mais histórias que um veterano.

— Eu tenho ouvidos — diz ele, meio amuado. — Todo mundo sabe.

Ele fica quieto depois disso, sem dizer nada até a gente chegar na periferia de Riverside.

— Você já teve medo que eles fossem pedir a sua cabeça por causa daquela menina ou algo assim? — Ele finalmente abre o bico.

— Isso nunca, maluco.

Mas então penso nisso. Me pergunto se eles talvez fossem fazer isso.

— Não foi um tiroteio entre carros. Eu só saí andando e atirei sozinho — digo.

— *Raza* é *raza*, cara. Na jogada ou não, ela era isso. Era uma das nossas.

— Ela não era uma das nossas porra nenhuma. Deixa de ser imbecil.

Mas então estou pensando, tipo, *será que era*? Não estou mais a fim de conversar, por isso ligo o rádio para que ele não continue, mas a rádio do Art Laboe só pega estática aqui. É uma pena. Esse trabalho de carro é perfeito para essas músicas das antigas, mas em vez disso eu ponho esse lance novo do Kid Frost no toca-fitas. Essa porra saiu tipo na semana passada, então ainda não sei se chega a ser um *Hispanic Causing Panic*, mas é bom. Estou ouvindo “Mi Vida Loca” no lado B tipo sem parar desde que o álbum saiu.

Cara, eu nunca contei isso para ninguém, mas adoro o deserto à noite. Abro a janela do carro só para ver as estrelas e sentir o vento, mas um caminhão enorme passa e eu tenho que fechar. Duas saídas depois, eu embico para fora da rodovia e a gente vai em zigue-zague subindo um morro e atravessando um lote gigante de casinhas iguais, todas construídas numa encosta. Todas de dois ou três

andares. São casas com sótão, saca? Todas com as mesmas cores, tipo areia ou madeira ou o que for, e mais nada. Quase o sonho americano, se não fosse pela viagem de uma hora todo dia, para ir e voltar do trabalho.

— Trabalhe em L.A., more na puta que o pariu — digo.

— *La neta*.

O Baseball concorda comigo porque sabe que é verdade, e assim ficamos amigos de novo.

Continuamos amigos quando passamos pela porta da frente, pelas plantas artificiais, e entramos na sala. Tem uma cozinha bem do lado, separada por uma muretinha com bancos encostados. Meu contato está lá de pé, preparando um drinque, toda sexy e tal.

Através do roupão fino de seda, eu vejo um biquíni verde e azul florido. Ela é branca, tem uns quarenta anos, está bronzeada e parece uma hippie com uma flor vermelha no cabelo, mas a carne é de primeira. Boas coxas. Bunda boa. Peitos no mesmo nível. Toda firme.

Não acreditei quando ela me falou da primeira vez, mas ela na verdade é assistente social. Não estou zoando, esse é mesmo o trabalho dela. Põe ela em contato com o tipo certo de gente, eu acho. O pai dela está preso na Penitenciária Central de Los Angeles, mas ela toca os negócios dele do lado de fora. Não sei o nome verdadeiro dela. Pelas costas, todo mundo chama ela de Scarlet. Tenho certeza que ela sabe e não se importa.

A televisão está ligada num volume alto, e o filho dela está sentado na frente, meio debruçado na direção da tela. Está passando basquete, mas depois muda para o noticiário, eu pisco e tento entender qual parte da cidade está pegando fogo agora, mas então volta para o basquete. Ele é da minha idade, talvez mais velho. Não sei direito. Ele é branco, tipo camiseta e roupa limpa, como se nunca saísse na rua. A pele embaixo dos olhos é cheia de veias azuis.

— E aí — cumprimento o cara.

— E aí — responde ele, sem tirar os olhos da tela.

— Esse é meu camarada, o Baseball — falo para a Scarlet.

Ela acena para ele com a cabeça depois de dar um gole.

— Por que eles te chamam assim? — pergunta ela.

— Porque os *huevos* dele são maiores que bolas de beisebol — respondo por ele.

Ela me lança um olhar tipo você-fala-tanta-merda, mas eu só dou de ombros, e então ela fica curiosa. A Scarlet trepa com qualquer um. Não é exigente. Foi exatamente por isso que eu trouxe o Baseball.

Eu devo grana para ele, e ele nunca comeu uma mulher, então achei que era uma boa troca. Porque, porra, tá ligado que eu já catei ela. Foi ok. Teria sido melhor se ela não fumasse o tempo todo. A parada foi nojenta, cara. Meio que fez a boceta dela ficar com um gosto azedo também, se você quer saber.

Ela sai da despensa com uns sacos, e a gente conduz a transação porque já fez isso muitas vezes antes.

Acontece depressa. Eu dou o envelope para ela. Ela me dá dois sacos pardos de compras, especialmente embalados. Não sei tudo que tem aí dentro. Com certeza *sherm*, pó e heroína. Não sei mais o quê. Talvez metanfetamina. Tudo que o Fate quiser. Hoje eu só sou o cara da coleta.

Eu vejo que a Scarlet está de olho no Baseball, por isso nem faço questão de agradecer. Sei o que vai rolar. Acho que o filho dela sabe também. Já estou vendo ele meio se encolher no sofá vermelho. Ela dá uma olhada para ele antes de abrir a boca.

— Você falou que ia levar o lixo pra fora... — diz ela para o filho.

Ele fica todo vermelho antes de ela conseguir terminar a frase.

— Cala a porra da boca, mãe! — grita ele. — *Meu Deus*, eu já te ouvi das primeiras trinta e duas vezes.

Ele nem olha para ela. Está prestando atenção na TV. Mas eu? Eu estou morrendo por dentro, cara. Fico totalmente chocado. Eu *nunca* ia falar isso para a minha mãe! Esses brancos são uns loucos, vou te dizer.

— Ainda não te mostrei a casa — diz a Scarlet para o Baseball, mas ela está olhando para o filho, furiosa.

O roupão dela já está aberto. Uma das tiras do biquíni está caída. Ela está tirando um cigarro do maço, virando de costas e subindo a escada, conduzindo o Baseball. Leva um minuto ou dois para ela estar gemendo, mas é rápido. Essa é a velocidade dela, eu acho.

A televisão voltou para o basquete. Lakers e Portland, parece. O volume está aumentando bastante, também. Nem culpo o moleque. Se minha mãe fosse piranha assim, eu não ia aguentar morar no mesmo estado que ela, muito menos na mesma casa. Porra, de jeito nenhum.

Eu sinto pena dele. Sinto mesmo. Mas quando ele levanta do sofá todo quieto e vai até a porta que dá para a garagem e abre o portão, eu penso tipo "*Que porra é essa? Ele está deixando um cachorro entrar ou algo assim?*"

Ainda estou me perguntando por que alguém ia fazer isso quando essa mesma porta que dá para a garagem abre lentamente, e três polícias entram de mansinho. Uns caras grandes. Com escopetas. Usando coletes com LAPD escrito bem grande na frente. *Cacete*.

Cara, não posso fazer porra nenhuma! Eles se aproximam de mim tão depressa, enfiando meu rosto no maldito carpete, algemando meu pulso com muita força, e me puxando até eu ficar de joelhos. Mas então eu me pergunto por que eles não se identificaram como polícia. Por que não gritaram.

Na TV, a multidão está berrando. O relógio faz tique-taque.

Nessa hora, o filho da Scarlet anda até a despensa. Abre a porta e mostra para os caras onde a parada está escondida. Ele aponta para os meus pacotes também. E faz questão de apontar para o andar de cima e erguer dois dedos no ar. É então que eu me ligo no que está acontecendo.

Essa porra é um *assalto*.

— Você tá na lista, mosquinha — diz alguém atrás de mim.

Eu paro de respirar. Peraí. *O quê?*

Quando um dos caras passa na minha frente, vejo tatuagens no pescoço dele, atrás das orelhas também. Ele é careca e tem bigode, estilo Charles Bronson. Eu sinto um enjoo nessa hora, porque esses caras não são da polícia.

Eles *não são* da polícia.

E me sinto ainda mais burro, porque estou em Riverside e os coletes do LAPD *mesmo assim* me enganaram. Não é nem a porra da mesma jurisdição, cara!

— A gente vai pagar pra vocês — digo. — Quanto vocês quiserem. A gente vai acertar tudo.

Isso faz eles rirem, com a mão cobrindo a boca, bem quietinhos de propósito e tal.

No andar de cima, a Scarlet continua gemendo sem parar.

— Beleza, quem foi então? — pergunto.

Eu tento molhar os lábios, mas estou seco e não consigo saliva nenhuma.

— Quem armou essa merda pra mim? Tô te implorando, cara! Me conta só isso.

Com certeza parece que não foi a Scarlet, e isso não foi ideia do filho dela nem fodendo. Quero dizer, se não foi, então só tem duas opções, e uma delas é o Fate. Porra. Essa dói demais. Mas talvez tenha sido o pai da Scarlet, eu acho. Essa faz algum sentido. Talvez ele só tenha se cansado de ela ficar dando pra todo mundo, e talvez ela tenha zoado com a grana dele também. Não faço ideia dos contatos dele, o quanto esse cara pode ser dos grandes. Só não consigo me livrar da sensação de que é um daqueles lances de dois coelhos numa cajadada só.

No jogo na TV, um cara tenta uma cesta. Ele erra, mas alguém do time pega o rebote. A torcida pira quando a bola bate na tabela e entra. O juiz apita logo depois, quando o outro time pede um tempo.

— Foi você que armou para você mesmo, *pequeña mosca*. A culpa é toda sua. Devia ter atirado nuns *mayates* se queria dar tiro em alguém.

Nesse momento a Scarlet está quase lá, berrando como se a boceta fosse explodir. Do canto do olho, vejo um dos caras com escopeta subir a escada devagarinho. Porra. Que frieza. Ela nem está ligada no que vai acontecer.

Só que eu, eu estou muito ligado. Pelo menos sei que é hora das últimas palavras. Pelo menos me dão esse respeito.

— Fala pra minha irmã que eu amo muito ela. Meu irmão também. E minha mãe. Fala pra eles.

— Claro — diz a voz atrás de mim —, a gente já chega lá.

A escopeta dispara no andar de cima, tipo *boom*. Parece a porra de um foguete acertando a casa. Lá em cima, o Baseball dá um berro e grita meu nome. Mas antes dele falar mais, rola outro *boom* e depois mais nada.

Só dura um ou dois segundos antes de o apito do juiz do jogo penetrar no meu

ouvido e eu levar um susto quando a plateia fica em pé, torcendo enlouquecida pelo que vai acontecer. Quando o apito soa de novo e a bola é colocada em jogo e algum cara que eu nunca ouvi falar arremessa de três pontos, até os locutores prendem a respiração.

Grande e redondo e frio, eu sinto o cano da escopeta beijar a minha nuca. Tento rezar. Tento dizer, *Pai nosso que estás no céu* e tudo isso, tento falar *santificado seja o Vosso nome*, mas as palavras certas ficam entupidas no meu peito e eu não consigo achar elas, então em vez disso só expiro, deixando sair todo o ar que tem dentro de mim enquanto fecho os olhos.

SEGUNDO DIA
QUINTA-FEIRA

AHÃ, ELES PENSAM MUITO SOBRE O QUE ACONTECEU COM O RODNEY KING.
TIPO, ESSA É A *ÚLTIMA* COISA QUE PASSA NA CABEÇA DELES!
ISTO É SÓ...
ISTO É UM DIA DE FESTA POR AQUI.
ISTO É ROCK AND ROLL EM L.A.

— JOE MCMAHAN, *7 LIVE EYEWITNESS NEWS*

JOSÉ LAREDO,

OU BIG FATE,
OU BIG FE

30 DE ABRIL DE 1992

8h14

1

O sofá da Payasa é dos anos 1970, cheio de buracos. Fiquei deitado nele durante a noite inteira sem conseguir dormir, segurando uma arma e ouvindo cada carro que passava, certo de que cada um deles seria a gangue do Joker para dar o troco na gente — até o momento que o carro passava direto e eu começava a me preocupar com o seguinte.

Estou com cãibra em todos os dedos da minha mão direita, por isso balanço eles enquanto uma luz amarela que entra pelas janelas da frente, atravessando as cortinas velhas listradas, me faz fechar os olhos. É de manhã. Eu sei disso.

Não pude dormir por mais de umas poucas horas, porque a Payasa teve que visitar a *mamá* dela, só para contar o que aconteceu com o Ernesto e como ela fez justiça com os caras que mataram ele, mas o que veio em seguida foi feio. Feio no nível *Exorcista*. Gente se descabelando, chorando, gritando. Santos sendo evocados. A Payasita levando uma puta culpa, mas o Lil Mosco levando mais. A gente só foi embora quando a tia dela chegou — aquela que não fala porque mordeu um pedaço da língua quando era garota e tomou um coice de cavalo no México — e começou a fazer *pozole* naquela hora da matina.

Na volta para casa, faço um caminho passando pelo Ernesto para a gente ver se os legistas já tinham recolhido ele, e ainda não tinham. Acho que a cidade

estava ocupada demais pegando fogo, porque o corpo ainda estava no beco, com a camisa de flanela listrada de preto e branco da Payasa cobrindo o rosto, tipo as bandeiras de luto que eles põem nos caixões dos soldados. Se isso não te dá um soco no estômago, então nada mais dá, amigo.

Ouço a porta da geladeira abrir e fechar, então o Clever arrasta os pés com pantufa pela cozinha porque é preguiçoso demais para dar um passo. Ele está com fome, mas nunca pega nada além de suco. Vai esperar até eu cozinhar para comer qualquer coisa. Ovos, talvez, se bem que a gente só tem quatro. *Papas*. Acabou o bacon. Não tem mais tomate também. Ainda tem um pouco de *chorizo*, mas está frio. Acabei não comendo nada por causa de ontem à noite.

A porta do quarto da Payasa está fechada. Ela ainda está lá dentro com a Lorraine. Elas ficaram em silêncio a noite inteira. Silêncio de cemitério, como eu costumo dizer. Tenho que saber se ela está bem, mas não estou nada ansioso para o momento em que ela talvez descubra sobre outra coisa que eu fiz, uma coisa que tem me atormentado tanto que está transbordando.

Essa coisa meio que me queima por dentro, e não quero pensar nisso agora se não for necessário, então vou até a TV e ligo, abaixo o volume e volto para o sofá, esperando o mesmo que qualquer outro bandido de L.A. com algum juízo, tá ligado? Pura lei e ordem.

Tipo, policiais de colete saindo com força total, bloqueando tudo. Algemando uns malucos e jogando eles na gaiolinha do banco de trás para meter eles no sistema. Declarações. Impressões digitais. Fotos. Cadeia. Só um monte de marginais de uniforme, passando o rodo pelas ruas e catando os idiotas, os bêbados, os drogados — aqueles que ficaram na farra até tarde e agora vão pagar pelo que todos os outros fizeram.

Mas quando a tela acende com um zumbido e as fagulhas de estática somem, surge uma imagem dessa mistura de manchas coloridas. A imagem aparece depois que essas formas são lapidadas. Formas de quarteirões da cidade. De pessoas correndo. De pessoas correndo e *carregando* coisas. E eu não vejo aquilo que esperava ver. Nem perto disso. Vejo exatamente o contrário.

Eu pisco para garantir que estou realmente vendo a coisa estourar em Compton, onde tem todo tipo de coisas espalhadas na rua. Parece que passou um

tornado ali. Roupas, papel higiênico, TVs detonadas, latas de bebida, algo que parece algodão-doce voando no ar, mas não pode ser. De jeito nenhum. Tem vidro quebrado por todo lado, nas calçadas, nas sarjetas e nas ruas, parecendo um confete brilhante em que você nunca vai querer encostar.

E fogo. Porra. Tem fogo em latas de lixo. Incêndios em mercadinhos. Incêndios nos postos de *gasolina*, cara! Tem incêndios e mais incêndios, e eles estão subindo em colunas, como se estivessem sustentando o céu. Pernas de mesa, é o que eu digo. É isso que a fumaça parece.

O noticiário passa a mostrar uma câmera num helicóptero, e o céu, cara, o céu não é nem azul nem o tom cinzento que a gente vê nos piores dias de neblina com poluição. Parece concreto molhado. Um cinza tão escuro que é quase preto. Parece pesado pra caralho.

Então eu me ligo que estou olhando para um campo de guerra. Em South Central.

Como se alguém tivesse juntado toda a confusão que eu tenho visto no Líbano quase minha vida inteira, colocado numa caixa, mandado para cá, e aberto o caos no meu quintal. É um lance tipo Faixa de Gaza. *La neta*, amigo.

Toda essa cena diz para mim a mesma coisa que para qualquer outro idiota que tenha feito alguma maldade nessa cidade: hoje é seu dia, camarada. Parabéns, você ganhou na loteria!

Vai para a rua e arregaça, é o que a cena diz. Vem pegar o que quiser. Se você é malvado o bastante, se é forte o bastante, vem aqui buscar. O diabo está solto em plena luz do dia hoje, é o que eu digo.

Porque o mundo onde a gente vive está totalmente invertido. De cabeça para baixo. De pernas pro ar. O ruim agora é muito *bom*. E um distintivo não significa porra nenhuma. Porque a polícia não é dona da cidade hoje. *Nós* somos.

Eu sinto algo como um pulso de eletricidade subir e descer pelo meu pescoço, e não consigo pegar o telefone rápido o suficiente. Mando mensagens de *pager* para cinco, seis camaradas dizendo para eles correrem logo para cá, discando o mais rápido que consigo com os meus dedos duros. Lembro os números de cabeça até chegar nuns doze, e então paro porque sei que eles vão espalhar a notícia como precisa ser espalhada. Precisamos de um carro. Precisamos chegar

chegando. Até o momento parece que a gente está atrasado.

O primeiro passo é chegar com tudo em Lynwood. Sabe, criar o mesmo caos que está estourando em Compton, porque isso vai deixar os polícias ainda mais espalhados que já estão. Então começo a planejar uns lances na minha cabeça. Lugares para atacar. Coisas para recolher. Onde esconder essas coisas. Pego o telefone outra vez e mando uma mensagem para o *pager* do Lil Creeper.

Se já teve um dia feito para esse *cucaracha* de merda, o dia é hoje. Ele veio a esse mundo para roubar, fugir e meter a própria cara nas drogas e nada mais. Mesmo chapado, mesmo quase dormindo, *ninguém* lida com uma fechadura melhor que ele. É como se fosse papel-alumínio na mão dele. Ninguém é mais capaz de olhar para um portão de ferro e, em cerca de dois segundos, descobrir como arrombar ou abrir do jeito que esse cara é capaz.

Quando o telefone apita para eu digitar meu número, faço isso. E deixo meu código de sempre no final, para ele saber que tem que retornar depressa porque é sério, e se não fizer isso, bom, então é nessa hora que dá merda. É nessa hora que eu mando um camarada arrastar ele até aqui.

O Clever entra na sala nessa hora, bebendo suco num desses copos plásticos que você ganha de brinde no McDonald’s. Ele bate o olho na tela e congela na hora, daí eu ponho o fone de volta no gancho.

A gente assiste a uma farmácia em Vermont ser completamente detonada enquanto um repórter fala sem parar que isso tudo não tem nada a ver com o Rodney King, nem com o veredito, e que são apenas uns pobres sem escrúpulos tendo a chance de fazer a coisa errada, e que ele não consegue acreditar que eles estão aproveitando essa chance. E eu fico tipo, *sério mesmo*?

Mas ele continua falando que isso não é os Estados Unidos dele, o país que ele conhece, ama e acredita. Acho graça desse ignorante, esse cara que mora há tanto tempo em um bairro nobre que nem sabe mais o que é real, e então o Clever abre a boca e fala o que eu estava pensando o tempo inteiro.

— Bem-vindo ao *meu* país, *cabrón*.

2

Fate não é um nome tão comum, não entre os latinos. Nunca soube de ninguém chamado assim. Às vezes me perguntam de onde vem, como ganhei esse nome, mas nunca falo que é porque eu levei uma bala quando tinha vinte anos, e não vou te dizer quem atirou nem de que *clica* era, porque eu também não contei isso para os polícias quando perguntaram. Mas a bala era de um calibre grande, e devia ter algum defeito nela ou no cartucho, porque mesmo a uns seis metros de distância, ela não me atravessou inteiro. Ficou presa.

Não entrou mais que dois centímetros, mas eu sangrei na frente da casa da minha vizinha, a sra. Rubio, de um jeito que você não acredita. Tudo o que lembro disso, além de estar na ambulância com aquele paramédico podre que não conseguia achar minhas veias nem fodendo, é da *abuela* aparecendo toda calma e sentando em posição borboleta do meu lado, ajeitando o vestido azul e colocando a minha mão em cima dele, em cima do tecido rendado no colo dela, enquanto falava sobre como eu tinha *una* "fate" *grande* e ia sobreviver. Como *fate* significa destino, naquela hora achei que ela estava falando que morrer não era a minha sina, mas quando ela disse de novo, eu ouvi direito. *Una fe grande*. Ela não estava falando do destino, mas sim de uma grande fé. Porém, era tarde demais, meu cérebro já tinha captado a palavra *fate* e gostado do som, e prometi a mim mesmo que, se sobrevivesse, esse se tornaria o meu nome.

Nunca contei a história inteira para a Payasa e não consigo pensar num motivo pra contar agora. Ela sabe sobre a bala, com certeza, e sabe que uma *abuela* estava lá, mas não que a velhinha me deu esse nome, mesmo que por acidente. Acho que, às vezes, ao passar muito tempo com as pessoas, você acaba não questionando elas, nem de onde elas vêm, nem de onde ganharam esse nome, ou como. É assim e pronto. Você simplesmente aceita. Mas eu meio que quero contar para ela agora.

A Payasa me perguntou muito tempo atrás se às vezes eu lamento o que fiz.

Na época eu disse que não, mas a resposta é sim. Com certeza é sim. Mas não me arrependo de nada. Eu sou um soldado. Sempre fui aonde precisavam de mim, e sempre topei tudo. *Sempre*. Mesmo quando era moleque, quando eles recrutavam a galera no beco sem saída do lado do parque, os camaradas mais velhos nem me perguntavam, porque já sabiam que eu toparia. Ninguém nunca teve que chamar meu nome. Nem uma única vez.

"Você é firmeza", eles diziam, ou, "Esse camarada danado topa", e então eles usavam meu nome como exemplo de como os outros moleques deviam ser. Isso sempre fazia com que eu me sentisse bem.

Agora, tem pessoas aqui na sala precisando que eu diga para elas o que fazer. Eu conto quinze dos nossos cento e dezesseis — e isso sem incluir os camaradas lá fora tentando topar serviço e ganhar experiência. Eu olho para eles, todos os rostos nessa sala, e penso: "É por isso que eu faço o que faço." Por eles. *La Clica. Mi Familia*. Tudo isso por eles. Foi por eles que tive que desistir do Lil Mosco.

Cara, é verdade. Fui eu. A Payasa nunca vai ficar sabendo por mim, e o que eu poderia falar sobre isso? Mas a verdade é a verdade. Eu lamento, mesmo, mas também não me arrependo.

Só que agora eu queria mesmo que ela pudesse entrar na minha cabeça e ler minha mente, ver através dos meus olhos, e entender, num instante, a decisão que tive que tomar quando os patrões vieram até mim, me mandaram sentar e disseram que o nome do Lil Mosco estava na lista. A cabeça dele estava em jogo, eles disseram, e eu tinha que escolher: ou um idiota que não para de fazer cagada, ou a família inteira. Simples assim, saca? Você não pode discutir nem falar que eles estão errados. Ele tinha que rodar. Então você aguenta essa porrada no queixo, como um boxeador que sabe que chegou a hora de beijar a lona.

Se eu não mandasse o Lil Mosco para Riverside, teria sido temporada de caça a nós. Todos nós. Em qualquer lugar. O tempo todo. Essa porra é um fato. Um não é igual nem maior que cento e dezesseis, se eu não errei na conta. Até eu sei disso, e eu larguei a escola na metade da oitava série.

Mas o Joker e os caras pegando o Ernesto no mesmo dia? Essa merda me deixou *destruído*.

Foi o pior momento possível quando o moleque Serrato apareceu na porta pela primeira vez. Eu quase abri o jogo para a Payasa porque achei que o garoto estava falando do Lil Mosco, e eu pirei pensando em como isso podia ser possível, e só me toquei uns poucos segundos depois que não era! Perceber isso foi como levar um soco. O Ernie estava morto no chão sem nenhuma explicação. E quando eu soube disso, bateu a consciência de que devia ter desistido do Lil Mosco antes, e isso me queimou por dentro. Eu também sabia que precisava fazer tudo ao meu alcance para ajudar a Payasa. Deixei ela passar de alguns limites para fazer um lance que eu nunca teria deixado nenhuma *chola* fazer, porque era um lance de vingança, e era legítimo.

Mas o Lil Mosco? Merda. Eu *tive* que desistir dele. A Payasa sabia melhor que ninguém que a cabeça dele não prestava. Foi por isso que passei tantas regras para ele, saca? Número um, não use nenhuma porra de droga. Número dois, respeite o limite de velocidade, maluco. E número três, e mais especialmente, não leve ninguém com você. Eu tinha que garantir que ele não ia arrastar ninguém para essa parada. E até dei meu carro para ele fazer o serviço.

O Lil Mosco escreveu o próprio nome nessa lista. Isso é fato. E eu tive que garantir que a gente não ia acabar na lista também. Porque não era só a gente. Era nossa família. Os patrões podiam fazer isso se quisessem. Já tinham feito isso antes. Não tem como ir contra. Nunca foi uma escolha de verdade. Era uma decisão óbvia. Tipo, pensa como teria sido se um deles aparecesse na casa nova da mãe da Payasa, tocasse a campainha e pusesse uma pistola no olho mágico quando visse a luz atrás da porta ser tapada pela cabeça dela? Porra. Me dá enjoo só de pensar nisso.

Eu tenho outra regra: um por todos, mas nunca todos por um. Aconteça o que acontecer.

Se a Payasa tivesse saído do quarto um pouco mais cedo, talvez eu pudesse ter puxado ela de lado para convencê-la que era a coisa certa.

Mas esse lance do Ernesto? Sem comentários. Ninguém estava esperando, mas essa vida louca é assim. Ela vem para você como quer, não importa se você está preparado ou não, e às vezes toma de você o que não devia. Às vezes, essa é a única coisa com que se pode contar: ela vai tomar alguma coisa de você.

A porta do quarto ainda está fechada. A Payasa não responde quando eu bato, então só fico olhando todas as armas da casa juntas numa pilha na mesinha na frente do sofá. Tem vinte. Isso não é suficiente para a gente se proteger do que o irmão mais velho do Joker pode aprontar de volta.

Por isso estou bolando um esquema, pensando que a gente podia ir lá e entrar com tudo na Western Auto porque eles têm armas nos fundos. Pistolas. Munição. Tudo isso. Por que armas numa loja de carros? Nunca me perguntei isso antes. Acho que só porque rende mais grana do que amortecedores e pastilhas de freio. Essa é a economia do gueto. Enquanto estou pensando isso, o telefone toca. Estou no aguardo da ligação do Lil Creeper quando atendo. Mas não é ele.

É o Sunny da loja de armas em Long Beach. Assim que ouço a voz dele, sei que a ética foi pro beleléu. Ele diz que só tem outros dois caras no turno com ele, e eles estão com a luz apagada. Supostamente estão protegendo as armas, mas por um preço ele vai deixar a porta da frente aberta e a gente pode chegar junto.

— Quanto? — pergunto.

— Hã — murmura ele, e faz a pausa que precisa para tirar da cabeça um número aleatório. — Três mil.

— Claro — respondo.

Como se esse cuzão algum dia fosse receber *isso*.

— Em dinheiro — diz ele.

— De que outro jeito eu ia pagar? Com um cheque? Só garante que a porta da frente vai estar aberta, maluco.

Avaro, é como eu chamo. Ganância, fome de dinheiro.

O Sunny está só procurando uma grana fácil. Está vendendo seu emprego, vendendo as pessoas que trabalham com ele. Não consigo respeitar uma porra dessas. Pois é, o que o Sunny não sabe é que pode negociar em qualquer outro dia, menos hoje. Quando está tudo de cabeça para baixo, não tenho que pagar merda nenhuma para ele. Mais importante, vou poder me vingar dele por ser um *culero* e dormir com a minha irmã mais velha na noite de formatura de 1986, e por passar gonorreia para ela. Foda-se quem são os camaradas dele. Hoje, ele vai levar.

Mas eu não falo isso para ele. Só desligo o telefone e engatilho minha arma. É

uma dessas Colts velhas do exército. O cano tem a informação *Calibre 45*. Também está escrito *Sem aro Sem fumaça*. Acho que pertencia ao avô de alguém, mas isso não importa. Agora é minha. É minha faz quase um ano.

Eu olho o relógio. São quinze para as dez, e o Creeper ainda não apareceu.

Hijo de su chingada madre, eu penso. Ele deve estar enfurnado em algum motel, já deve ter gasto o dinheiro que eu paguei por aquela pistola e um pente faltando balas. Ele injetou a grana direto na veia. Garantido.

Enquanto decido se deveria dar mais um minuto para ele, a Payasa sai cambaleando do quarto, cumprimenta o Clever, que está terminando o kit dele, pega o Apache, sussurra alguma coisa e puxa ele para fora, quase para onde os camaradas estão parados em roda no gramado.

Não fico feliz ao ver isso, mas não vou falar para ela não fazer. Pela janela, vejo os dois dividindo um cigarro. Estão chapando de novo. Garantido.

Cada tapa que eles dão nessa merda é apenas uma fuga da dor real. Eu entendo, principalmente pelo que aconteceu com o Ernesto, eu entendo, mas não posso recomendar. Na minha experiência, quando você faz esse tipo de trabalho, e mesmo depois, é melhor fazer isso sóbrio. Desse jeito você pode encarar e assumir o que fez. Assim é mais fácil saber que os cuzões mereciam o que receberam. Se a Payasa um dia perguntar, vou dizer para ela. Mas só se ela perguntar.

Um minuto vira dois minutos e nada do Creeper ainda. Num dia como hoje não posso liberar nenhum camarada para localizar ele.

Então eu digo “foda-se”, e vou para a rua.

3

Nós vamos juntos até os carros, andando em grupo. Os menores não estão sendo discretos. Estão pilhados como cachorrinhos numa festa de aniversário. Latindo. Zoando. Só o Clever, eu e a Payasa entramos no Cutlass do Apache. Isso me dá ainda mais saudade do meu carro. Provavelmente ainda está lá em Riverside. Parado. Se algum dia eu chegar a ver esse carro de novo, vou ter que tirá-lo da garagem da polícia, muito provavelmente. Mas antes vou ter que dar queixa de roubo. Só para não criar envolvimento entre o carro e o Lil Mosco. Mas não posso fazer isso até os patrões entrarem em contato. Claro, o Lil Mosco não voltou para casa ontem à noite, mas isso não assegura que o serviço tenha sido feito. Por isso preciso ficar na minha e andar por aí com essa culpa me remoendo por dentro.

E estou pensando que esse é o maior dos meus problemas até que, quando a gente está carregando os carros de soldados para sair por aí saqueando e arregaçando tudo, meu pai aparece dirigindo o Datsun velho e detonado dele. O carro é enferrujado e cinza, com a pintura descascando em volta dos faróis. Não tem mais o enfeite do capô, e só um dos faróis funciona. É só... triste, saca?

Ele tem esse carro desde sempre, desde antes de a minha irmã ir morar com a minha tia em 1987, antes até de a minha mãe morrer em janeiro de 1985. E ele ainda tinha o carro quando arranjou outra mulher com quem eu não me dava muito bem e acho que terminou por aí. Encontrei um lugar para ficar porque *la clica* não ia me deixar na mão, e foi assim que acabei morando com o Toker e o Speedy no começo, e depois com a Payasa, o Ernesto e o Lil Mosco. Isso tudo não significa que o meu pai parou de me amar ou parou de conferir como eu estava. Ele estava sempre preocupado, sempre perguntando se eu estava bem e esse tipo de coisa. Quando ele perguntava, eu nunca mentia, mas também não falava toda a verdade.

E agora, estou vendo a preocupação estampada no rosto do meu pai pelo

para-brisa rachado, como se ele não acreditasse no que está vendo. Tipo, lá está ele, todo preocupado se eu estou bem ou não, pega o carro e vem de Florence até aqui para ver se ainda estou vivo e respirando, e, quando chega, estou carregando o carro de camaradas — nenhum deles fazendo esforço nenhum para esconder a arma.

Meu pai não é burro. Ele saca logo na hora. Eu, o filho dele, não sou o cara *por quem* se deve ter medo. Sou o cara *de quem* se deve ter medo.

A cara dele meio que derrete nessa hora, o queixo cai como se ele estivesse prendendo o fôlego por quilômetros e só agora soltasse o ar, ele me encara com a testa toda franzida e balança a cabeça como se estivesse muito, muito decepcionado. Então ele engata a ré, volta uns cinco metros até um cruzamento para poder manobrar e, quando manobra, vai embora. Depressa. Piscando uma luz de freio boa e uma quebrada enquanto desaparece na esquina. Isso fica na minha cabeça. Essa luz de freio estourada, brilhando branca em volta de dentes vermelhos.

E então ele se foi.

A primeira pessoa para quem eu olho depois é o Clever. O aceno com a cabeça é rápido, mas complexo. Ele sabe sobre o meu pai e eu sei sobre o dele, que caiu fora quando o Clever ainda nem sabia andar. Vejo que ele me entende, mas, ao mesmo tempo, faria qualquer coisa para que o pai dele se importasse o suficiente para vir conferir como ele está algum dia. Dá para perceber que ele prefere a decepção paterna do que o abandono completo, então eu desvio o olhar, porque não tem nada que eu possa fazer sobre isso.

Os camaradas mais velhos sabem que não é da conta deles. Mas os menores, aqueles que ainda não estão ligados, falam merda tipo “Quem era esse *viejo*?”

— Ninguém — digo, e é quase verdade.

Isso satisfaz os camaradinhas o suficiente para eles terminarem de carregar o carro, sentam contentes, ou com as pernas penduradas para fora da traseira de um furgão, e um deles, todo pilhado, solta um grito agudo, tipo *ai-ai-ai*, que soa como se ele tivesse galopando um cavalo, e chutasse o bicho para ir mais rápido.

4

Não acreditei até ver que era real. TV é TV, você nunca pode confiar nessa porra. Mas hoje pode. E é na Atlantic, furando os semáforos sem nenhum policial à vista, que a febre nos domina. Todos nós. É uma sensação quente, suada, de que a gente pode fazer exatamente o que quiser. Parece que a gente tomou café demais. Parece...

Estou sentado no banco do passageiro, abro a janela e ponho a mão em cima do carro. Bato o punho no teto, tipo *ba-bop, ba-bop, ba-bop, ba-bop*. Como um ritmo para a nossa velocidade. Oitenta. Noventa. Noventa e cinco.

O Apache é um demente pé pesado. Em geral eu falaria para ele maneirar no acelerador, mas hoje não.

Hoje não tem limite de velocidade. Não tem *nenhum* tipo de limite.

— Ei — diz o Apache depois que eu exagero nos *ba-bops* —, esse é o meu *teto*, cara.

Eu lanço para ele um olhar tipo cala-essa-boca.

— Foi mal — diz ele na mesma hora.

— Tô te zoando, maluco! — provoco, sacudindo ele.

Eu ligo o rádio. Mexo o dial de um lado para outro. Em todas as rádios só tem notícias, notícias, notícias. Boletins. Pessoas reclamando como se não fosse o dia mais legal do mundo, mas um desastre ou algo assim. Eu passo para AM. Não tem músicas antigas, mas tem alguma coisa. Música de verdade. Mais ou menos.

É um rock cafona pra caralho. O tipo que os *gabachos* chamam de clássico. Guitarras e uns sons de palmas. Ba-ba-*bada*-ba é a pegada da música. Essa chama “More Than My Feelings” ou algo assim.

O Apache reconhece.

— Cara, *foda-se* o Boston — diz ele, franzindo a testa pra caralho e já indo desligar a música, mas eu faço que não com a cabeça.

— Deixa essa porra tocar — ordeno.

Até aumento o volume só para sacanear ele.

Quem já conseguiu sair do meu bairro só conseguiu porque não foi para a rua brincar. É impossível explicar para essas pessoas como é boa a sensação, como é *forte* a sensação de estar com os seus irmãos e fazer o que você quer. Um dia como o de hoje é mais do que tudo que você já sonhou, um dia em que você pode fazer qualquer coisa, mas é só fantasia, porque esse tipo de coisa nunca acontece, até que um dia acontece *de verdade*...

As guitarras estão vibrando à minha volta enquanto estico o braço o mais alto que consigo e tento agarrar o ar seco. Tento gravar a sensação de ele contornando as bordas da palma da minha mão na memória, o jeito como deixa minha mão quase fria. Quero lembrar disso para sempre.

Mas eu tiro a mão quando a gente chega na Gage, e a sensação está sumindo um pouco, porque só de olhar em volta fica óbvio que está rolando um lance muito sério tipo *Mad Max*. Tem gente saqueando, mas não como é na TV, pessoas correndo como loucas de lá para cá, se empurrando para entrar em buracos nas fachadas das lojas como se fossem ratos. Aqui não tem nenhum lance parecido com algodão-doce voando na rua, nenhum incêndio. Só que tem um cheiro de fumaça, de madeira, e também o tipo de cheiro amargo e penetrante de quando você queima plástico.

Nossa caravana de quatro carros passa na frente da Western Auto só para dar uma sondada, mas tem uns filhos da puta com rifles no telhado. Então tomo uma decisão e digo foda-se.

O Apache gira o volante, e a gente pega velocidade de novo, usando a rua como se fosse uma dessas pistas de trenó que você vê nas Olimpíadas de Inverno. Albertaville ou sei lá onde foi da última vez. Esses somos nós. Só que são quatro carros juntos, costurando o trânsito, dando um foda-se para o sinal vermelho, virando a cabeça para os lados para ver se tem alguma outra gangue com o pescoço para fora, para ver se eles também estão fazendo o que gente está fazendo.

Quando passamos pelo Mel and Bill’s Market, vemos uns caras brancos que nunca tínhamos visto antes saqueando umas caixas de latas de cerveja, carregando elas numa caminhonete, então o Apache mira o nosso carro direto

neles e chega chegando, pisando no freio bem no último segundo possível, cantando pneu, deixando um rastro de borracha na rua enquanto a gente para a uns poucos centímetros de distância dos caras. Porra, eles parecem chocados pra cacete. Mas ficam ainda mais chocados na hora que eu saco a pistola e o Apache me dá reforço.

— Aqui não é sua área, não — digo com um sorriso frio. — É melhor vocês caírem fora enquanto ainda dá tempo.

Eles fazem a coisa certa e largam a cerveja no chão, mas eu mando eles recolherem as latas e ajudarem a descarregar a caminhonete deles e colocarem tudo na nossa van. Então eles fazem isso. Depois a gente cai fora. De olho aberto, procurando o próximo alvo.

5

Quando a gente chega numa *carnicería*, alguém detona as dobradiças da porta de segurança com uma escopeta de cano serrado, e o lance inteiro range enquanto a parede de estuque solta uns pedacinhos de cascalho e de pedrinhas, como se estivesse sangrando. As pessoas nunca pensam em como o estuque é quebradiço quando instalam portas de segurança. Não pensam que a única coisa que você precisa fazer é quebrar *isso*, e então arrancar a porta de metal. É fácil. Depois disso, a gente chuta a porta de vidro e entra berrando como um bando de índios em guerra, como se todo mundo estivesse num filme de faroeste.

Não tem luz lá dentro, e o cheiro de carne crua sem refrigeração vem como um golpe no nariz, porque a eletricidade está desligada desde ontem à noite ou talvez hoje cedo.

— Sacos — digo apontando para os caixas. — Peguem todos eles.

Os mais novos pegam sacos plásticos enquanto eu e os camaradas mais velhos pulamos para trás do balcão e abrimos as embalagens de plástico transparente com um *poft-poft-poft*. É o som que faz quando eles golpeiam as pontas das aberturas, e o som ecoa em geladeiras com porta de vidro na outra parede, voltando para a minha direção, e por um instante eu penso em como tudo isso é bizarro. Ninguém por perto. Ninguém para impedir a gente. Eu tento absorver essa sensação, tá ligado?

A questão é que eu passei muitos dias na minha vida me perguntando de onde viria o próximo prato de comida, então para mim essa situação é como o Natal, o dia de Ação de Graças e Ano-Novo e aniversário ao mesmo tempo. E eu não sou o único. Enquanto a gente está catando quilos e quilos de carne moída, os camaradas estão gritando e berrando. A gente arranca costelas penduradas em ganchos e ri. Joga pernis de carneiro por cima do balcão para os irmãozinhos agarrarem.

Um dos pernis cai no chão e o camaradinha parece que não quer recolher.

— Isso é comida boa, rapaz! — grito. — A gente lava! Cata essa merda *agora*.

Ele cata, e então precisamos de cinco pessoas só para enfiar tudo que a gente pegou nesses sacos brancos de plástico: oito frangos inteiros, salsichas ainda presas numa linha tão grande que dá para girar em cima da cabeça como se fosse uma corda, quatro línguas gordas de boi e mais um monte de coisas. Estamos entrando e saindo, carregando o quanto conseguimos carregar, deixando o porta-malas do Cutlass do Apache todo abarrotado de carne. Pulando em cima da carne. Amassando para poder caber, tá ligado? No começo o Apache não gosta, porque vê os sacos rasgando. Vê o sangue pingando, o sangue formando linhas vermelhas entre os pedaços de terra no pneu de estepe e sumindo no carpete azul escuro que forra o porta-malas. Eu falo que a gente pode limpar depois. Vamos mandar os camaradinhas lavarem com uma mangueira e sabão e esponjas enquanto a gente faz um puta churrasco, e ele não fica contente, mas não reclama.

Eu fecho o porta-malas, já pensando em acender a churrasqueira e em como vai ser boa a sensação de alimentar cada um dos camaradas até eles não conseguirem mais andar, e só de pensar nisso já fico mais feliz do que eu já estive faz muito tempo — pelo menos até olhar para a Payasa.

Ela está com um olhar que eu não sei decifrar direito. É um olhar chapado com certeza, por causa da PCP, mas tem alguma outra coisa. Não toco no assunto nem nada, mas são lágrimas. Grandes.

Ela está chorando e não aparenta saber por quê, porque está enxugando os olhos, olhando para as mãos e enxugando de novo como se não conseguisse acreditar. Coisas imprevisíveis acontecem quando você fuma um *sherm*. Acontecem mesmo. Você pode chorar sem saber por quê. Pode gritar, ou ficar anestesiado por horas. Mas como qualquer tipo de droga, pode piorar o que já tem dentro de você. E ver a Payasa desse jeito me faz lembrar como estava o corpo do Ernesto, totalmente imóvel naquele beco.

Isso me faz lembrar que ela nem conseguia olhar, que ela cobriu o rosto com as mãos quando a gente passou de carro, e eu tive que mentir e falar para ela que eles já tinham recolhido o corpo. Que ele não estava mais lá. Só que ele *estava* lá

sim. E o Clever me ajudou, pois ela não deve ter acreditado em mim e então, perguntou para ele também. Ele disse para ela não se preocupar, que o corpo tinha sido recolhido, e estava tudo bem agora, tudo bem dentre dos limites. E então ninguém falou nada na volta para casa.

Eu não chamo atenção para a Payasa. Em vez disso, mando todos voltarem para os carros, e, quando a gente está na metade do caminho para a loja de armas e acho que está tudo sossegado, ela se debruça para fora da janela e solta cinco tiros na lateral de um carro, uma van com uns caras que parecem ser da gangue Bloods dentro. Ela dá uma puta risada quando o outro carro embica para o lado na rua, passa por cima do meio-fio e sai em disparada pelo estacionamento de um desses shoppings pequenos.

— O Mosco ia ter adorado essa porra — diz ela. — Afinal, onde é que ele está? Se metendo em alguma treta ou o quê?

É esse *ou o quê* que me dói. Mas ela não quer realmente que alguém responda as perguntas dela. Só diz “isso aê”, como se ela própria tivesse respondido, e continua olhando pela janela.

Eu olho para o Clever e o Clever olha para mim.

Ele não sabe sobre o Lil Mosco, mas sabe. É esperto demais. Ele sacou quando o Mosco não voltou de manhã que o cara provavelmente tinha rodado.

Ninguém diz porra nenhuma até a gente estacionar na lateral do prédio de tijolo vermelho onde está escrito *loja de armas* em grandes letras azuis na frente, contornamos pela lateral numa fila comprida, armas em punho, e rezo em silêncio para que o Sunny realmente seja um merdinha, para que ele tenha mesmo deixado essa porta aberta e a gente não tenha que derrubar ela a tiros.

6

A porta da frente está aberta, mas só um pouco. No começo parecia que não estava, mas quando o Apache deu um empurrão, ela se mexeu. Já que não faço ideia do que esperar, eu vou primeiro, e nós entramos agachados. É só um quadradão de carpete no meio. Em três dos lados — esquerda, direita e logo à frente — tem balcões de vidro. Atrás deles, mostruários altos com portas de vidro e as malditas armas chiques trancadas dentro. Só as luzes desses mostruários estão acesas, tubos brancos brilhando no topo, iluminando as peças de metal polido.

— Até que enfim, *raza*. Porra! — diz Sunny, sorrindo. — Faz pelo menos meia hora que estou segurando as pontas. E o meu dinheiro, camaradas?

Eu relaxo e coloco minha arma de lado, e, enquanto ando na direção da sombra que vejo no fundo, meus olhos se ajustam. Meus camaradas estão bem atrás de mim, ainda ressabiados.

O Sunny não é da minha *raza*. Ele é de Lynwood, nascido e criado, não me leve a mal, mas ele é branco, não é *chicano*. Só que isso nunca impediu ele de querer ser.

Quando chego nos fundos, finalmente entendo do que ele está falando quando diz que está segurando as pontas. Atrás de um grande mostruário de vidro cheio de revólveres de cano curto de todos os tamanhos, cores e coronhas possíveis, vejo dois caras sentados um do lado do outro no chão. Tem um branco e um negro. O Sunny está apontando uma arma para eles.

Mas eles não parecem estar desconfortáveis, esses dois. Estão lendo juntos uma revista. Uma edição velha da *People*. Tem aquele imbecil do *Barrados no Baile* na capa, com a testa franzida embaixo daquele cabelão, como se a vida dele fosse um puta mistério. Só consigo sentir desprezo por essa merda.

Isso é a farsa de L.A., bem ali, à venda em qualquer lugar. Não é a minha L.A. E aposto que todo mundo que está assistindo TV agora também percebe a

diferença.

Mas por que eles têm essa merda imbecil numa loja de armas é uma coisa que eu nunca vou saber. Acho que pode ser um tédio enorme ficar vendendo uma bala por vez. Parasitas de merda.

Ponho os dedos no lábio e dou um assobio. Isso chama a atenção deles.

O cara negro fecha a revista bem devagar enquanto os dois se endireitam, o que é bom, porque eu preciso que eles vejam essa porra.

— Você não é da minha *raza*, porra — digo para o Sunny enquanto enfio minha Colt na cara dele.

Engatilho antes que ele tenha tempo de pensar em levantar a arma dele, e dou só o tempo suficiente para ele perceber que é isso que acontece quando você deixa a porta aberta e convida o lobo para entrar.

Mais cedo ou mais tarde, ele acaba te devorando, cara.

Pak. É esse o som de uma .44 quando solta uma bala que atravessa um nariz, um crânio e um cérebro e crava num armário de madeira. O Sunny morre antes de cair, e quando cai, bate no chão de um jeito esquisito. Aterrissa de cabeça, com as costas curvadas para trás, e não afunda. Fica no carpete, como uma barraca quebrada.

— Puta que o pariu — diz o cara branco atrás de mim quando dou um passo à frente para dizer uma coisa para o Sunny, mesmo que ele não possa ouvir, tudo bem.

Não é por ele. É por mim. E é por outra pessoa também.

— Isso foi pela minha irmã. Esse bairro tem boa memória, *chavala* — digo.

Então viro para os reféns do Sunny. *Ex*-reféns.

— Agora que tenho a atenção de vocês — digo olhando para as caras de assustados pra caralho deles —, passem logo a carteira.

O negro faz isso depressa. Ele sabe como é o esquema. Não vai levar pipoco por uma bobagem. Mas o branco hesita. *Cabrón*.

Você sabe que eu não aguento isso. Dou um passo até ele, e ele anda como um caranguejo para cima do armário atrás dele, bate bem forte com a cabeça e dá uma tremida. Os camaradas dão risada dessa porra tipo em coro, mas o Apache logo entra no meio.

— Puto, esse é o Mister Fate, o maior, o cara mais do mal de Lynwood — afirma Apache. — Se ele quisesse te roubar, ia mandar *ela* te detonar antes!

Ele aponta para a *Payasita*. Aproveitando a deixa, ela inclina a cabeça e dá uma fungada tão forte que eu sinto um calafrio descendo pela espinha até parar nos joelhos. Os olhos dela estão mortos por dentro, e qualquer pessoa com o mínimo de juízo pode ver que ela não está fingindo porra nenhuma. É um olhar de gelar o sangue nas veias.

O cara branco sabe também, porque fica dois tons mais pálido e começa enfiar a mão no bolso de trás e a tirar uma carteira de pele de bezerro, uma *fiadaputa* gordinha. É assim que os brancos falam, certo? Tipo tudo junto? *Fiadaputa*. Cara, que coisa caipira. *Hijo de su chingada madre* sai muito mais macio da língua. Você pode cuspir essa frase se quiser, ela só reforça a mensagem.

O Apache me entrega as carteiras e eu deixo só o dinheiro, tirando as habilitações de motorista e depois jogo as paradas deles no chão — bem na poça de sangue do Sunny. Ouço o cara negro gemer. Ele é bem inteligente. Sabe o que vai acontecer agora.

— Vou ficar com elas, tá ligado? Guardar para minha coleção.

Eu aceno com a cabeça para o branco.

— Agora a gente sabe onde você mora, *Gary*.

Aceno para o negro.

— Você também, *Lawrence*.

Eu dobro os joelhos e me agacho até a altura deles.

— A gente não deixa testemunhas nessas horas.

Eu aponto para o Sunny de um jeito bem casual, mas fico de olho neles. Eles entendem, por isso olho as habilitações. Ambas são da Califórnia. Um mora em Gardena, o outro, em Wilmington.

— A gente sabe onde vocês moram. E os policiais, bom, eles estão meio ocupados, então acho que vocês vão ver isso como um favor do cara que apontou uma arma para a cara de vocês e acabou dando azar.

E o azar é bom, eu penso.

Eu viro a cabeça para olhar para o Sunny mais uma vez e vejo que os olhos

dele ainda estão abertos. Bom, pelo menos o olho que eu consigo ver. O sangue está escorrendo espesso do buraco onde antes ficava o nariz, pingando por cima desse olho, descendo pela testa e caindo no chão como se fossem lágrimas ao contrário.

Confiro a carteira do Lawrence e vejo duas criancinhas que são a cara dele. Duas meninas com belos vestidos roxos.

— Então se você sentir uma vontade louca de contar para alguém como foi libertado hoje, bom, talvez alguém tenha que visitar a escola das suas filhas.

Eu olho para o Lawrence, mas ele não está olhando para cima, está com o rosto contraído, do tipo que não se mexe. Eu noto a aliança do Gary e ponho os olhos nele.

— Ou encontrar a sua mulher no estacionamento do mercadinho ou algo assim.

Ele franze o rosto inteiro quando ouve isso, então deixo ele absorver minhas palavras. Deixo ele absorver tudo.

— Não vai ser a gente — digo. — Mas vai ser alguém.

Tipo o Lil Creeper todo trincado, eu penso. Deixo eles fecharem os olhos e respirarem por um tempo, pensando nessas novas circunstâncias.

Quando sei que eles absorveram a ameaça tão fundo que nunca mais vão esquecer, mando vazarem imediatamente, e eles se olham por um segundo antes de levantar e sair correndo. Os camaradas se cagam de rir vendo isso e imitam os dois — imitam a cara deles, até apostando corrida de brincadeira em câmera lenta, mas depois que a porta do fundo bate e ouço motores acelerando e sumindo, faço um gesto para todo mundo se espalhar.

Na loja inteira, a gente vai arrombando mostruários. Vai empilhando armas de um jeito que eu nunca tinha visto na vida. Carabinas de pressão. Pistolas Desert Eagles. Dois AK-47 semiautomáticos. Rifles de longo alcance também, um lance *sniper* de verdade. É uma coisa tipo aqueles filmes de assalto a banco.

Uma *bonanza*, é como eu chamo. Mas não esses programas falsos pra cacete de faroeste na TV. Um lance real.

E quando eu pego um AK e sinto o peso na mão, mando o Clever mexer num desses tubos fluorescentes e armar um bom incêndio elétrico de verdade, para

me livrar do corpo do Sunny. Um incêndio bem lento, porque, veja bem, é nessas coisas que os malucos dão mole, porque quando queima depressa a polícia sabe que foi de propósito. O Clever sempre diz isso, que desse jeito fica óbvio que alguma coisa foi usada para acelerar o processo, tipo fluido de isqueiro, ou um coquetel Molotov.

Um *acelerante*, ele chama.

E enquanto assisto ao Clever pôr as luvas de borracha grossas dele e subir num mostruário para poder mexer nuns fios do teto, só consigo pensar no Lil Creeper, em como esse demente vai ficar triste por ter perdido a melhor rapa da história.

ANTONIO DELGADO,

OU LIL CREEPER,
OU DEVIL'S BUSINESS

30 DE ABRIL DE 1992

10h12

1

Estou parado no estacionamento do meu motel, tentando decidir qual carro eu devo arrombar, cada vez mais decepcionado, principalmente porque, tipo, eu posso ser um drogado, mas tenho bom gosto, *esé*. Posso ser um mexicano qualquer, amigo, mas tenho bom gosto. Já foi o tempo que eu roubava as bicicletas erradas na J.C. Pennies. Pergunta para qualquer um por aí. Eu sei o que é bom.

Depois desse pensamento, me dou conta de que não sei como cheguei aqui.

Tipo, eu estava no quarto do motel que paguei com a grana que o Fate me descolou pela arma. Acordei sozinho, e o relógio marcava 10h05 da matina. A TV estava ligada, portanto eu devo ter deixado ligada. Eu lembro. Lembro que eu me sentia igual um saco de papel amassado, também. Sem brincadeira.

Como todo mundo, eu tinha certeza que os polícias iam cair matando em cima dos *mayates* depois do que aconteceu ontem. Sabe como é, achei que fosse rolar uma repressão policial com uns malucos na Florence, na Normandie ou qualquer outro lugar. Mas então esses *culeros* na TV (negros, latinos, *brancos*, até *crianças*, cara!) estão saqueando uma merda de loja para pegar cerveja e pipoca, e meu primeiro pensamento é *Seus burros da porra, pensando pequeno demais. Pequeno demais mesmo.*

Tipo, eu entendo. Você é pobre, e faz tanto tempo que não tem nada que a sensação de simplesmente pôr a mão em alguma coisa é gostosa. Mas quanto tempo vão durar essas coisas que você está pegando? Uma semana? Nem isso. É uma total perda de tempo, galera. Acordem. Já que vão fazer merda, então façam *merda* mesmo. Não sejam medíocres.

Tipo, se você pudesse fazer qualquer coisa que quisesse, o que faria?

Eu paro de olhar para os carros estacionados e fico viajando nisso por um segundo.

Bom, para mim seria comer a Payasa e uma outra garota ao mesmo tempo. Mas sabendo que *esse* lance não vai acontecer nunca, acho que posso ter um segundo sonho.

Porra, mas ela estava tão bonita ontem à noite, até parecia uma garota normal! Quem ia imaginar que ela ficava tão bem de vestido e salto alto? O Apache não disse nada, mas sabia. Todos os caras sabiam, e a gente só estava guardando essa imagem mental para depois.

Então pensando nesse *outro* sonho, meu segundo sonho, só tem uma única outra reposta. Limpar o estoque do Momo. Roubar tudo.

Em qualquer outro dia, esse não seria um sonho tão bom, porque esse cuzão está totalmente ligado com a *clica* que apagou o Ernesto. Tipo, não é bem que ele faz parte, ele está meio acima. Fica entre eles e os camaradas mais experientes, quase. O que parece ser o lugar certo para um *cerote* salvi que ninguém sabia que era salvi até ele ficar maior e mais velho, porque ele não assumia a origem da família quando era novo. Isso mostra como esse cara é mascarado.

Ele não é um patrão agora nem nada, mas mesmo assim, ele ajuda essa outra *clica*. Armas. Drogas. Tudo que os caras precisam ele fornece. E ele sabe que estou meio ligado com o Fate e os outros. Sempre foi um pouco... como é a palavra?

Complicado.

Pois é, sempre foi complicado entre nós dois. Mas o lance com o tempo de paz e o lance com as drogas é que as pessoas vão aonde a melhor parada está, e nesse caso estava principalmente com o Momo. Esse imbecil, sem nenhum bom

gosto.

Mas depois eles mataram o Ernesto e não é mais tempo de paz. É guerra.

Então eu posso muito bem passar esse cuzão. Estuprar e saquear como um viking. Mas não como a gangue dos polícias de Lynwood. Um viking de verdade. Aquele dos livros de história.

Tenho outros motivos, mas os dois maiores são:

1. Nem sei quantos dias de vida eu ainda tenho, e
2. Poucos cuzões merecem tanto quanto o Momo.

Mas peraí. Onde eu estava? Deixa eu voltar.

Eu estava falando de bom gosto.

Tipo, tem uma diferença entre cocaína de El Salvador e uma parada decente da Colômbia. Uma me deixa pilhado. A outra me deixa afiado como uma faca. Se você tem bom gosto, sabe disso. Bom gosto na verdade é saber a diferença entre um lixo e um tesouro, mais nada.

E acho que eu cheirei uma salvadorenha num Cadillac hoje de manhã, e *só pode* ser por isso que sinto que meu coração vai explodir.

Porque é isso, ou é o Big Fate.

Já tinha três chamadas desse maluco medonho no meu *pager* quando eu finalmente acordei, e a cidade estava pirando total. E deixa eu te falar, isso aqui não é normal. Cara, *um* chamado do Fate já basta para zoar sua cabeça. Isso reorganiza o seu dia inteiro. Só um chamado já me faz respirar diferente.

Mas ele *nunca* me chamou três vezes pelo *pager* antes.

Três! Quando eu vi da primeira vez, desviei o olhar da TV, peguei o meu *pager*, e o número dele estava marcado na primeira mensagem, e eu pensei, tipo, tranquilo. Na segunda, às 8h54, meu estômago estava roncando como um condenado. Mas a terceira, às 9h12? Caralho! Tive que vomitar na pia quando vi isso.

Porque primeiro eu pensei: *Fodeu, tô morto*. Mas então bebi um monte de água da torneira e lavei a boca e cuspi e pensei: *Não. Se um cara como o Fate quiser que você morra, já era.*

Você não vai receber mensagens no *pager*. Não vai ter avisos.

Você simplesmente leva bala. Dormindo. Tomando banho. Tanto faz.

Então eu começo a pensar que talvez ele saiba onde arranjei aquela Glock enrolada em fita branca parecendo uma múmia, e ele não gostou que ela veio do Momo porque isso complica as coisas. Ou ele sabe que eu menti sobre aquela Glock ser a única arma no cofre. Quero dizer, tinha outra coisa lá. Eu coloco a mão no bolso só para sentir, e quando faço isso, preciso olhar para ela de novo.

Tiro um revólver de cano curto, prateado com cabo de madrepérola que brilha branco e azul quando eu viro ele na luz do dia.

Merda. O Fate *só pode* estar sabendo de tudo isso.

Não tem nenhuma outra explicação para ele querer me localizar.

Então eu lido com isso não lidando com isso, tá ligado? Lido com isso saindo do estacionamento e indo para a rua, porque não tem nada que desperte o meu interesse. Nada além de Hondas e caminhonetes detonadas, e nenhuma delas é boa o suficiente. Quero dizer, preciso de um carro especial para esse tipo de coisa.

Acontece que se eu realmente estou prestes a morrer, se o Fate só está tentando me tirar da toca, eu acho que preciso viver como se fosse meu último dia nesse mundo.

Porque talvez seja.

É um plano imbecil pra caralho. Mas essa é a minha especialidade. Talvez se eu queimar o Momo todo, o Fate vai me perdoar por ter mentido para ele. Mesmo assim, nem fodendo que isso vai fazer a Payasa baixar as *chonies* para mim como se eu fosse o herói dela.

Mas estou cagando para isso. Talvez seja a hora certa para o rolê selvagem do Mister Creeper, tá ligado? Aperta o cinto e vai.

Porque, agora, essa é a melhor ideia que eu tenho.

É isso, eu penso.

É isso.

Eu visto o capuz e desço do meio-fio, direto para o trânsito da Imperial.

Não me assusto quando um Taurus enorme desvia e quase me acerta.

Uma caminhonete cor de madeira faz a mesma coisa. O terceiro?

Para o terceiro eu aponto minha nova pistola brilhante.

A pistola que eu roubei do Momo.

2

O terceiro é uma grande van Chevy Astro preta, com o para-lama amassado. De longe, o velho que está dirigindo parece meu antigo treinador de boxe, o padre Garza, e meu estômago embrulha quando a van freia de repente bem na minha frente, e eu ouço os pneus cantando enquanto corro até o lado do motorista e — puta merda! É o Garza.

Cidade pequena, eu penso. *Sempre* esbarrando nos malucos.

Eu dou um sorriso quando vejo ele.

O Garza parece atordoado, trêmulo, até me reconhecer também. Eu até tiro o capuz e espero.

Quando ele me reconhece, eu sorrio e faço uma prece para o céu.

Para todos os santos que já existiram e existirão.

Porque eu nem sabia que esse era o meu sonho, até ele estar bem na minha frente, o cara que me disse que equilíbrio era a única coisa necessária no ringue, esse cara que me disse que eu não tinha disciplina e que ele nunca ia me levar para ser profissional porque eu não prestava atenção, o cara que me treinou dos dez até os dezessete anos e toda semana dizia que o único jeito de se tornar um boxeador esperto era fazer exatamente o que ele mandava, até uns lances nojentos que não tinham nada a ver com boxe, uns lances que eram simplesmente errados, ainda mais para uma criança.

Um bostalhão que não merece respirar.

— ¿*Qué pasa*, seu cuzão? — digo.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu deixaria vivo. Mas é o Garza.

Então você *sabe* que a hora é agora.

Olha, não me entenda mal, eu não sou um animal.

Não atiro nele dentro da van porque preciso dela.

Jogo ele na rua primeiro.

Dou um chute com tanta força no queixo dele que ouço os dentes de baixo

baterem forte nos de cima. Então, deixo ele cuspir sangue e implorar um pouco antes de mandar uma bala na boca desse cuzão.

É uma boa sensação puxar o gatilho, quase como se eu estivesse esperando a vida inteira para fazer isso. E eu respiro como nunca respirei antes. Em paz. Tipo, completamente. Depois mando uma no peito dele também.

Só para garantir.

O trânsito talvez já estivesse parado antes, mas nessa hora os motoristas dão a ré nos carros e fogem logo dali.

Mas por mim tudo bem. Só que eu estou olhando para o corpo, me perguntando se o Garza realmente tinha uma marca de nascença como essa no pescoço. Não me lembro dessa porra.

E então me pergunto, o Garza realmente era alto desse jeito?

Mas então meio que ligo o foda-se, entro na van e começo a dirigir, agradecendo a Jesus Cristo por não ter janelas atrás, mas então eu me toco que isso faz sentido porque o dono do carro é um merdinha molestador de crianças.

Bom, *era* o dono do carro. Porque devia ser o Garza.

Era o Garza, eu digo para mim mesmo imediatamente. *Não encana com isso. O cuzão merecia.*

Embico minha nova van na direção da casa do Momo e meto o último resto do pó salvadorenho na gengiva, porque só os imbecis cheiram dirigindo. Basta passar num buraco e sua parada cai no chão e você fica com cara de idiota.

Eu fiz isso uma vez. Tive que cheirar metade do tapetinho quando o carro parou. Agora eu tô ligado.

Bom, talvez eu não esteja exatamente ligado. Não em tudo.

Porque quem tá ligado não volta para a cena do crime. Pelo menos é isso que dizem na TV.

É por isso que é uma puta burrice eu voltar na casa do Momo, considerando que é dele o cofre de armas que eu arrombei e roubei.

A Glock que o Fate provavelmente deu para a Payasa fazer um serviço.

E o cano curto que está no meu bolso agora mesmo.

Então, foda-se. Esse é meu lema hoje. *Foda-se*.

Eu vou voltar. Tanto faz.

Piso fundo no acelerador.
O carro voa.

3

Às vezes dá um branco total na minha cabeça. Tipo, por exemplo, lembro que fiz um grande serviço público para a cidade de Los Angeles mandando bala no Garza. Sempre vou dar valor a essa porra.

E lembro que entrei na van.

E lembro que conferi se o tanque estava acima da metade, e estava, por isso empurro o acelerador até o chão, como se fosse um bandido arregaçando geral naquele *Miami Device*.

E lembro que a van tinha um cheiro tipo de tortilhas velhas e de parecer que o teto dela nunca iria se livrar das marcas de um milhão de pastilhas de menta.

E lembro que pensei que fumar é com certeza o *pior* hábito de todos os tempos, e depois... nada.

Eu vasculho meu cérebro. Me pergunto de novo.

Tipo, e depois?

Mas não tenho lembrança.

Não lembro como estacionei em cima do meio-fio na frente da casa do Momo, parei a trinta centímetros da porra da caixa de correio dele, que tem um canarinho pintado, e quem é que achou que *isso* era uma boa ideia? Com certeza não parece a casa de um traficante, mas é para isso mesmo, eu imagino. Camuflagem.

4

Minha cabeça dói no ponto acima das orelhas. Mas é aquele tipo bom de dor. O tipo que me diz que ainda estou aqui. O tipo de dor que me mostra que estou vivo. O tipo pronto-pra-foder-com-tudo. Então piso fundo no acelerador e jogo a van para a frente. É incrível o jeito que ela entorta o poste da caixa de correio para trás, mas não quebra nem nada. Simplesmente arranca a coisa inteira de dentro do chão, como um jogador de golfe derrubando a bandeirinha do buraco e levando junto um pedaço de terra.

Foda-se, é claro que eu assisto golfe na TV! E daí? Não tem nada melhor para assistir chapado. É todo silencioso e verde e tal. Uma onda suave.

Então, enfim, eu dou a ré na van e passo por cima da caixa de correio de novo, e de novo, até ouvir a caixa de metal ser esmagada embaixo dos pneus. É isso aí.

Aliás, eu sei que na verdade a série chama *Miami Vice*. É só que eu gosto muito mais de *Device*. Além do mais, falo assim para zoar as pessoas o tempo todo. O tempo *todo*.

Passo uma última vez em cima da caixa de correio por via das dúvidas, paro a van e saio.

A vida funciona muito melhor quando as pessoas acham que você é estúpido. Isso é fato.

É tipo mil vezes mais fácil sacanear os cuzões quando eles acham que você não sabe umas coisas básicas.

Eu quero que você ache que eu sou um lixo. Descartável. Invisível. Porque quando eu sou *isso* na sua cabeça, posso aprontar qualquer bandidagem e sair limpo.

Mas agora estou viajando totalmente. Onde eu estava?

Ah, sim, parado na frente da casa do Momo com a grama alta fazendo cócega no meu tornozelo, e é nessa hora que eu descubro que não pus a meia antes de

sair. Meus pés estão pelados dentro do tênis, um Vans preto, cara. E eu mexo um pouco os dedos, e tipo, hã? Que estranho.

Por que eu não pus a meia, cacete?

Não é normal essa porra acontecer quando estou cheirando pó.

Normalmente, a cocaína é minha melhor amiga. Meu incentivo. A alavanca que engata meu lado fala mansa, sagaz, incapturável. O que me faz voar. Não tipo um *mosco* piradaço, não tipo o Ray, mas tipo passarinho. Como uma decolagem. Como se meu corpo inteiro fosse uma bomba, e a cocaína acendesse o meu pavio do jeito certo. Não demais. Não me queimando logo de cara. Mas na medida.

Pois é, eu penso. *Sou uma bomba*.

Esse pensamento gruda em mim enquanto eu atravesso a grama, vou até a varanda e toco a campainha como um bandido de verdade. Eu enfio o dedo no botão e não solto, saca? Ela faz um *ding* e trava. Promete o som do *dong*, mas isso não vai acontecer até eu soltar o botão, o que não vai acontecer enquanto alguém não abrir a porta.

Nessa hora eu percebo que estou parado na frente do olho mágico, então dou um passo para o lado, porque você tá ligado que eu preciso que alguém abra a porta para descobrir o que tem do lado de fora.

E esse é um lance meio Chapeuzinho Vermelho.

Acho graça, mas preciso segurar a risada. Levando os doces para a vovozinha.

Eu coloco a orelha na porta. Escuto a TV ligada. Escuto uns pezinhos se arrastando, e tenho uma sensação — não, eu *sei* — que o Momo não está lá. Ele está sentado no depósito, como estava ontem à noite. Lá tem mais produtos para proteger. É nessa hora que eu sei que fiz a aposta certa quando voltei.

Esses pezinhos param atrás da porta. É então que eu sei que eles estão pensando.

Estão pensando se devem ou não dizer alguma coisa, porque talvez alguém tenha uma escopeta ou algo assim do outro lado.

Escuto uma voz.

— Você sabe que precisa voltar mais tarde porque o Momo não está aqui, e eu

não vou abrir a porta pra ninguém.

É a Cecilia, a puta gorda. Adoro isso.

Esse esquema é perfeito.

A mesma garota que me deixou entrar ontem à noite quando não devia. A mesma que desmaiou na minha frente depois de tomar o que eu falei que era um *speedball*, mas na verdade eram só uns remédios para dormir esmagados. A mesma que não sabe que eu arrombei o cofre de armas do Momo porque tranquei de volta e ainda está tudo exatamente igual lá dentro.

Eu entrei ontem à noite me aproveitando da sede dela — porque o Momo não foi burro de deixar muita parada para ela usar, ele só deixou o suficiente, e é claro que, no instante que ele saiu, ela usou tudo, e estava se coçando para arranjar mais quando eu apareci. Viciados são previsíveis pra caralho. E veja bem, é exatamente por isso que eu sei que não posso mandar o mesmo truque nela duas vezes, porque ela vai ficar totalmente... como é a palavra?

Desconfiada.

Pois é, *isso*.

Por isso eu mudo de tática. Mas isso é fácil, porque às vezes eu sou um ator. Puro improviso. Isso significa que eu invento os lances na hora, e vai, e vai. Basicamente, eu vou *no fluxo*.

— *Cecilita*, sou eu — digo. — Antonio.

É que ela não me conhece como Creeper. Só como Antonio.

— Toño? — pergunta ela como se no começo não acreditasse que sou eu.

Ela pode ser uma puta gorda, mas não é burra.

Eu dou uma tossida. E quando eu falo, é tipo, digno de Oscar. Tipo o melhor papel da minha vida.

— Você está bem, *mi angelita*? Está segura? — falo com a porta.

Isso quer dizer minha anjinha. As garotas *adoram* ouvir essas coisas. Principalmente as putonas, porque ninguém ama elas. Ninguém trata elas com carinho. Eu uso isso para o meu benefício. Não preciso respeitar elas. Tipo, porra, eu *não deveria*. Mas às vezes, preciso ser carinhoso. É uma carta no jogo, e eu jogo muito — soltando a carta na hora certa.

— Por que você quer saber? — pergunta ela com a voz mansa e como se

talvez não acreditasse em mim.

Eu *sei* que ela está espiando pelo olho mágico. Sei que ela está esperando para me ver e não posso desperdiçar esse momento, por isso eu fuço nos meus bolsos, e por pura sorte de Deus tem uma gilete no esquerdo. Eu corto a unha do meu dedinho enquanto pego ela depressa.

Tinha um menino do meu quarteirão quando eu era menor, que o pai antigamente era *luchador* — um daqueles caras mascarados de luta livre — lá em Sonora ou algum lugar desses. O *Louva-a-Deus*, era o nome de guerra dele. *Mantis religiosa*. Tinha até aqueles olhos esbugalhados estranhos na máscara. (Eu *odiava* essa porra quando era criança. Ficava perturbado mesmo. Às vezes vejo isso nos meus sonhos, mas não conto para ninguém. Não serve para nada os malucos conhecerem as suas fraquezas. Jamais.) Mas de qualquer modo, esse menino me ensinou, pela experiência do pai, que nada sangra melhor que uma testa. Isso engana a plateia toda vez, faz ela pensar que você está machucado. É praticamente uma fonte de drama, e *sempre* parece real.

Então eu corto a testa rente à linha onde o meu cabelo termina, e um tufo de cabelo preto sai na minha mão quando eu puxo. Merda. Não pretendia fazer *isso*. Fico olhando aquilo por um segundo, depois solto no canteiro de flores do lado da porta, um que não tem flor nenhuma, só terra. Deve ajudar o fato de que eu estou suando, porque em um segundo o sangue está ardendo nos meus olhos.

Eu sei que ela ainda está olhando, por isso dou mais um segundo e então dou um passo para onde ela pode me ver. Deixo a cabeça baixa. E então levanto o rosto com o melhor olhar de filhote abandonado que alguém já fez na história do mundo inteiro.

Esse lance é um clássico, garantido. É isso que o Fate diria. *Garantido*. Mas eu levo a coisa para o nível seguinte. Tiro o dedo da campainha bem nessa hora também, só para colocar um ponto de exclamação nessa porra.

Dong!

Eu abro a boca enquanto o som vai sumindo e digo:

— É só que eu estava tão preocupado com...

Nem preciso terminar de falar e as trancas já se mexem — uma, duas, três, e uma taramela faz *kssssssss* enquanto desliza e *bang*, cai no chão de ladrilho azul

que eu conheço tão bem — e então a porta abre tão depressa que um jatinho de vento faz a minha roupa balançar.

Isso é como o Fort Knox abrindo os portões para mim. Não, é mais tipo, como eles chamam naquela história da marca de camisinha?

Troia. É isso. O cavalo de madeira.

O eu verdadeiro está escondido dentro do eu falso enquanto sinto a sala se abrir para mim. Dou de cara com o ar parado e vejo o velho e conhecido sofá verde, a TV ligada no canto, um monte de embalagens de comida pronta no chão. E não tem janelas abertas, nem mesmo ar-condicionado, mas não tem cheiro de incêndio aqui dentro, não é como do lado de fora, e isso é bom.

Eu seguro a cabeça com a mão e tropeço na soleira da porta. A Cecilia dá um gritinho e estende a mão para mim.

Ah, Momo, eu entrei. É só isso que consigo pensar. *Seu cuzão imbecil, que merda você tinha na cabeça quando confiou nessa cretina inútil para tomar conta das suas paradas?!*

Entrei, porra.

5

A Cecilia quer saber o que aconteceu comigo enquanto me puxa para dentro. Cacete, ela faz questão.

— Me conta que porra é essa que aconteceu, Toño! — pede.

Ela não é minha namorada nem nada. É só uma garota que o meu traficante come, uma garota que às vezes eu como também. O tipo que ninguém sabe de onde vem. Um dia ela simplesmente *aparece*, toda fodida, e por que não, tá ligado?

Ela aperta o rosto no meu peito quando me abraça, e a sensação é boa.

Ela tem cabelo preto tipo Betty Boop, curto como os pelinhos na ponta de um chicote, e com uma franja. Uma franja estilosa, cara. Do tipo caída bem na frente dos olhos verde-claros. Esses olhos me matam.

É verdade que ela tem a barriga toda estufada como a metade de uma melancia, mas foda-se, cara, ela já teve tipo dois filhos! Ela tem ombros de pedreiro também, mas isso faz com que ela me abrace melhor e tal — além disso eu só consigo pensar nos olhos. São verdes como Gatorade.

Eu caio todo mole nos braços dela, ainda sem sair do personagem, mas querendo sair.

Querendo dizer *N*ão *tem nada errado, sua puta. Agora cala a porra dessa boca!* só para poder ver a cara dela de quem sabe que fez cagada, o olhar tipo merda-o-Momo-vai-me-passar-a-faca-quando-chegar, e talvez eu não conseguisse segurar a risada, porque conhecendo o Momo, ele passaria a faca nela mesmo. Esse cuzão ama uma faca, e ama ver sangue na lâmina. Ama quase tanto quanto respirar. Mas eu seguro minha onda.

Não falo isso. Não falo nada. Ainda não.

Porque, se liga, ela se afasta de mim e corre até a cozinha. Vejo sua bunda enquanto ela corre. Vejo a bunda dobrando e lutando embaixo de um moletom azul-escuro e fico quase triste quando ela volta com um maldito guardanapo de

lanchonete, cheia de ternura, e pressiona ele contra a minha testa como uma mãe faria, porque tinha esquecido como essa bunda era boa. Se existisse uma competição olímpica de bunda, ela se classificaria. Não estou dizendo que ia ganhar uma medalha (porra, não chegaria nem a *bronze*), mas ela ia se classificar e competir. Ia durar pelo menos uma ou duas rodadas. *Com certeza*.

Então, eu percebo que nem me importo tanto em cantar vitória.

Só me importo com uma única coisa, e mais nada.

Beijo ela com força, e logo estou no lance que prende o sutiã dela por trás, abrindo a parada por cima da camiseta dela com um estalo, e ela recua, fazendo sinais de parar com as duas mãos (mas sem se preocupar em fechar o sutiã de volta, e esse detalhe é importante).

— Que porra é essa, Toño? Achei que você estava *machucado*!

Olho para ela por um longo segundo. Dessa vez não faço o olhar de cachorrinho.

É um olhar diferente. Um olhar que diz *Estou machucado, mas nunca vou te dizer o quanto, neném*. Existe uma arte de fazer a pausa certa. Acertá-las na sua fala é como acertar pausas na música. Sem umas boas pausas, é só barulho.

Depois de ficar em silêncio por tempo suficiente, eu pisco para tirar o sangue do olho — o que sobrou do sangue, porque já sinto ele secando — e olho para a TV, dois caras no Canal 7 correndo na rua carregando entre eles uma TV gigantesca da porra, e só depois volto meu olhar para ela.

— Tô com a sensação que o mundo tá acabando, que não resta muito mais tempo pra gente. E vim aqui o mais rápido que pude porque...

Eu pauso nessa hora (sim, *de novo*, porque a primeira foi só a preparação e *esta* é a crucial), e deixo minhas palavras pairando enquanto olho fundo nos *ojos* verdes brilhantes dela.

— A única coisa que eu conseguia pensar era em chegar até *você* — digo numa voz toda grave, meio que fazendo bico.

Cacete, eu sou bom.

Mentiras são ferramentas. Porra, *palavras* são ferramentas, não tão diferentes assim de um revólver. Uso elas para conseguir o que quero. Todo mundo usa.

E você *sabe* que essa porra funcionou porque parece que uma bomba

explodiu atrás dos olhos dela, detonando a Cecilia todinha por dentro.

Estou admirando minha obra enquanto ela tenta recuperar o fôlego. Sou tipo aquele Warren Beatty. Dei uma de *Bugsy* com ela. Me dá logo essa porra de Oscar porque a puta gorda está em cima de mim tão depressa que a gente logo está caindo, jogados no tapete e raspando os cotovelos antes que eu me dê conta do que aconteceu.

A camiseta dela praticamente se tira sozinha, o moletom também. Parece mágica.

Com a TV ligada no fundo mostrando pessoas erguendo cadeiras de jardim roubadas em cima da cabeça, pirando na frente das câmeras e tal, eu como ela *muito* bem, cara.

É o melhor tipo de foda com pó. Tipo pássaros brigando, barulhenta e selvagem, e você sente tudo, só que os tapas e os arranhões meio que não te atingem.

Só a parte boa chega até você.

Só a parte boa.

E ela está gritando para eu meter nela por trás, pirando, agarrando o meu saco e tal, mandando eu morder a orelha dela, agarrar a bunda dela com vontade, dar tapa na cara dela — tapa *com força*. E você sabe que eu dou. Porra. Sempre procuro agradar.

A gente só tem que fazer uma pausa para a cocaína. Eu cheiro a parada direto do mamilo direito dela, que é tipo uma minipanqueca, de tão largo e escuro. Dou linguada no mamilo para limpar antes de ela mandar uma carreira comprida, espalhada em cima do meu pau.

O que rola a partir daqui é a coisa mais pirada que você pode imaginar. Os lances que você sempre quis fazer com uma mulher de cabelo preto e bunda grande, uma mulher que senta e desce até o chão.

Tipo, imagina ela abrindo espacate em cima de você e chupando seu dedo indicador como se fosse outra coisa, toda gemendo, os olhos rolando tanto para trás no crânio que você tem medo que ela tenha um derrame.

Pois é, *assim* mesmo.

Um lance tão bom que até a Payasa, aquela lambedora de *panochas*, ia ficar

com tesão.

6

É depois disso que começam as perguntas. A Cecilia está montada em cima de mim como uma *cowgirl* ou algo assim e, cara, ela parece estar *irritada*. Não ouço as palavras dela no começo. Não ouço nada, não mesmo. Mas quando me inclino para a frente e tento levantar a cabeça do tapete, as palavras surgem e sincronizam com a boca se mexendo, como se alguém tivesse acabado de ligar o som em mim.

É como uma onda vindo.

— Que porra é essa, Toño? Você desmaiou comigo?! Que foi, bateu a cabeça ou algo assim? E quem te bateu, afinal? Foram os saqueadores? Foram eles que te cortaram?

E não termina por aí. Dura mais um minuto.

Não lembro de ter desmaiado. A parada era melhor do que eu pensava!

Não tem nada igual a uma latina maluca, cara.

Nada.

Eu finalmente acho minha língua e remexo ela. Está muito seca e grossa dentro da boca.

— Não tem nada errado, sua piranha. Agora cala a porra dessa boca!

Os olhos dela ficam arregalados quando ela ouve isso. E, saca, é bem nessa hora que ela descobre que cometeu o maior erro da vida dela abrindo a porta.

Porque eu já estou dentro da casa. Saca aquele lance de deixar o lobo entrar ou algo assim? O lobo agora sou eu.

A Cecilia tenta correr, mas meto a mão no cabelo dela, puxando ela de volta para o chão, e ela tenta levantar, mas eu logo viro ela de lado. Estou por cima, esmagando os sovacos dela com os meus joelhos, prendendo os braços da garota embaixo do corpo, até que alcanço minha calça jeans do meu lado no tapete e procuro os bolsos secretos costurados no forro, o tipo que você só pode pegar o que tem dentro se enfiar a mão atrás do zíper. É num desses bolsos que eu

encontro a seringa, já cheia com uma heroína que eu nem sei de quando é.

Mas ainda está líquida quando dou um peteleco no plástico, *plec-plec-plec*, balanço e vejo o lance girar um pouquinho, o que é bom, eu acho.

Bom para a Cecilia, pelo menos.

Mas ela não parece concordar. Está balançando a cabeça enquanto eu cravo os joelhos com mais força nos sovacos dela. As veias saltam no pescoço enquanto ela luta comigo, e eu penso *Que bom. Que coisa ótima. Porque assim não preciso achar uma veia no seu braço, gata. Continua lutando. Isso é bom.*

A agulha ainda está boa, não está detonada nem nada, só embotada talvez. Pelo menos um pouco. E, porra, talvez eu só tenha usado uma vez? Com a pontinha eu cutuco a maior veia, a mais medonha que ela tem, só para testar, e a agulha entra bem fácil, então eu só aperto a seringa.

Até ela não é trouxa de lutar quando eu faço isso.

Ela sabe o que acontece quando uma veia arrebenta. O lance é sério.

Ela chora enquanto leva a injeção, chora quietinha enquanto eu aperto a seringa até o fim, e já estou começando a pensar melhor nisso, tipo, quanto tinha nessa porra de dose, afinal?

Espero um segundo, mas não lembro de nada.

Porque não faço ideia.

Nem sei se enchi a seringa ontem à noite ou hoje de manhã.

Não consigo segurar a risada, porque, cara, me sinto mal por fazer isso. Quase dou com a língua nos dentes, até. *Ops!* Quase digo em voz alta, mas não digo.

Porque já estou balançando a cabeça. *Preciso me concentrar*, penso. *Afiar os pensamentos. Estou aqui por dois motivos, e só por dois motivos.*

1. Estou aqui para encontrar o dinheiro que eu sei que o Momo esconde.
2. Estou aqui para roubar todas as drogas em que conseguir meter a mão.

Ter comido a Cecilita foi só a cobertura do bolo. Uma bela cobertura. Cream cheese e *dulce de leche*, tudo misturado. Mas é só a cobertura.

Pois é, o Momo tem vivido às minhas custas, e de otários como eu, faz anos. Cobrando caro demais. Me passando porcaria quando ele tem uma parada boa

em outra sala. Me mandando pessoalmente pra descolar qualquer tipo de coisa (semana passada foi um caminhão da Pampers, não estou zoando, porque esse *perezoso* nem é capaz de comprar fralda sozinho), e tá ligado que ele nunca me pagou uma grana justa.

O Big Fe, ele sempre paga pelo que você entrega. Eu penso de novo naquelas chamadas no *pager*, e tremo antes de sentir a adrenalina subindo mais uma vez.

Mas agora não tem como ele me encontrar, é o que eu digo para mim mesmo. Provavelmente está aprontando algum lance por aí. Ontem à noite, você acha que eu queria contar para esse cuzão com cara de asteca quantas balas tinha dentro daquela Glock toda enrolada com fita? Merda. E você tem dúvida se eu queria que ele tivesse pago pela parada inteira? É claro que queria, pode apostar o seu *culo*! Mas ele não pagou, e é isso que eu recebo. Assim é essa vida. É assim que funciona.

Pois é, se eu conseguir te levar na conversa, se eu conseguir te sacanear, se eu conseguir mentir e você cair na mentira, então a culpa é toda sua por ser otário pra caralho.

Se eu te roubei, você devia ter me *impedido*, cara!

O problema é *seu*.

E o Fate, esse maluco já viveu muita coisa nessa vida. Ele é tipo um general ou algo assim. Todo estratégico e tal. Não tem como pensar mais à frente do que ele. Eu e ele, nós somos de raças diferentes. Eu *nunca* conseguiria sacanear o Fate. Nem uma única vez.

Mais importante, ele nunca diria um preço por isso ou aquilo e voltaria atrás depois que você arrisca sua pele para trazer o que ele pediu, te dando um preço menor, agindo como se você tivesse entendido errado da primeira vez.

Com o Fate, o preço é o preço. Esse cara tem *honra*.

Mas com o Momo o esquema é outro.

O Momo está por conta própria, numa categoria muito diferente, dedicada especificamente aos malucos que caem no esquema.

E agora é hora do Momo cair no esquema.

A culpa é dele por não me impedir.

De onde venho, eles chamam esse lance de retribuição. E às vezes é o único

motivo para continuar vivo. Dias como hoje.

Dias onde você pode finalmente foder quem te fodeu.

Eu saio de cima da Cecilia bem devagar e vou até o quarto com um sorriso do tamanho do letreiro de Hollywood.

7

Eu faço a limpa na casa de cima a baixo em menos de uma hora. Calculei o tempo pelo horário na TV, porque tem um relógio pequeno no canto da tela. Acho que quando coisas ruins acontecem, eles sempre querem que você saiba que horas foi.

Levou dez minutos para eu achar o outro cofre. Estava embaixo do colchão d'água, embutido na armação da cama. Muito esperto. Mas não o suficiente. Consegui abrir a parada em trinta segundos. Acho que você não devia ter deixado as apólices de seguro da casa, os passaportes e esses lances na mesinha de cabeceira, Momo. Isso diz muita coisa sobre você. Mas por outro lado, eu não precisava deles, porque você usou a mesma combinação — seu aniversário — do seu cofre de armas, *puto*, e essa eu já sabia.

A lingueta estalou quando eu abri o cofre, um barulho tipo estouro de *piñata*, só que para adultos. Como se eu tivesse acertado direitinho e ganhado todos os doces para mim.

Dentro tinha seis mil dólares divididos em seis maços de mil, presos com elástico, e mais quinhentos e vinte e dois soltos. Decidi imediatamente que era esse valor que o Momo me devia.

O resto foi presente de Natal.

Duzentos gramas de maconha. Meio quilo de cocaína. Meio quilo de heroína. Nenhuma dúvida que essa parada era a reserva dele, para o caso de dar alguma merda. Isso é óbvio. Qual será o valor de revenda nas ruas? É a pergunta que eles fazem nesses programas de polícia.

É uma boa pergunta. Não faço a mínima ideia.

Mas vale muito!

Vale tanto que eu faço uma dancinha de se-fodeu-Momo em cima do que restou do colchão d'água, que eu cortei com a faca que achei na estante de livros.

Eu coloco tudo num saco preto de lixo que peguei na cozinha, e jogo a balança do Momo ali dentro também.

Quando volto pela sala, vejo que a Cecilia não se mexeu nem um centímetro esse tempo todo. A franja dela parece um leque quebrado, toda espalhada pelo tapete. Ela está tão imóvel que fico preocupado e enfio dois dedos embaixo do nariz dela, dedos que ainda têm o cheiro dela, para ver se ainda está respirando, e está, então eu faço tipo, *ufa*.

Fico sentado e corto a menor abertura do mundo no pacote de cocaína usando a faca do Momo, e então, como um cientista trabalhando com substâncias perigosas, enfio só a unha comprida do dedinho, e tiro ela cheia de um morrinho branco em forma de meia-lua.

É por isso que eu sempre ganho de lavada naquele *Jogo da Operação*. É só me dar a pinça e ficar olhando eu catar todas as paradinhas brancas!

Então eu enfio a parada direto no nariz, e sinto arder antes de ficar com o rosto todo adormecido (nariz, bochechas, até os olhos), mas é então que eu sei que é o lance certo.

Colombiana. Pura.

Eu dou umas tossidas fortes, mas a parada me enche de energia. Me faz sair correndo pela porta. No instante seguinte, estou abrindo a porta lateral da van e jogando o saco preto em cima de quatro caixas que tem todo o tipo de bebida alcoólica que você pode imaginar, mas principalmente *ron* porto-riquenho. Quarenta e quatro garrafas. Eu contei.

Putz, eu já comentei que catei tudo isso?

Bom, eu catei. Cada uma delas.

Esse Momo, ele bebe pra cacete. Mas eu preciso disso para outra coisa.

Eu pego a garrafa mais próxima da caixa mais próxima, arranco a tampinha, enrolo um pano que peguei do armário de roupa de cama (os traficantes também têm armários de roupa de cama, e estão sempre abastecidos, porque os caras sérios sempre deixam tudo limpinho), então, enfim, estou enrolando um pano na outra mão como se estivesse apertando um grande baseado de pano, e enfio ele tão fundo na garrafa que ele encosta no rum cor de chá e suga a bebida como uma esponja.

Depois disso eu acendo a ponta do pano. Ele fica preto quando começa a queimar e cria uma chama baixa cor de laranja.

Essa é apenas uma regra simples.

Quando você queima alguém, tem que *queimar* de verdade.

A garrafa pesa na minha mão enquanto eu sinto o calor subir do braço até o rosto. Quando a chama chega perto da boca da garrafa, eu olho para ela por um instante, toda amarela e vermelha e laranja, com pedacinhos de preto queimando. Quase não quero soltar ela.

Porque esse negócio aqui é por mim, mas também não é.

É pelo Ernesto, porque eu devo mais para esse maluco do que poderia pagar.

Sabe quem foi que entrou naquela academia de boxe tantos anos atrás e falou para aquele cuzão do Garza que se ele mexesse com algum moleque mais uma vez a última coisa que ele ia ver na vida ia ser a ponta do cano de uma escopeta?

Não foram os meus pais. Nem fodendo. São viciados das antigas, os dois. Viciados desde o tempo em que as pessoas nem sabiam o que era isso, ou como era um viciado.

Foi o irmão mais velho da Payasa que entrou ali com tudo, foi ele mesmo.

Nunca encostou numa arma na vida, mas estava puto o bastante para dizer que ia, e falava sério. Esse maluco, que não estava envolvido nas paradas nem nada, entrou lá e fodeu com tudo. Quebrou uma estante de troféus com um taco de beisebol antes de tirar dali o irmão menor dele, o Ray (acho que o Ray tinha treze anos na época), também tirou eu e dois outros meninos.

Acabei ficando com ele e o Ray e a Payasa e a *madre* deles por um tempinho. São pessoas do bem. Queriam muito acreditar em mim. Quero dizer, realmente tentaram, até que o meu apetite ficou grande demais. E então o Fate chegou, a *madre* deles foi embora, eu estava sempre fazendo merda de qualquer modo, então, sabe como é. Foi como aqueles franceses quando eu tive que dizer “selavi” e cair fora porque a vida pode ser muito doida. Enfim...

Merda! A garrafa de vidro está queimando a minha mão, então eu levanto ela e arremesso pela porta aberta da casa do Momo. Ela percorre o ar como uma bola de golfe numa tacada perfeita, um Fuzzy Zoeller da vida colocando a bola no ponto certo, e quando acerta o tapete da sala, a parada inteira *explode*!

Cara, eu adoro esse som de quando o lance pega fogo. *Wa-fwooom!*

Eu podia passar dias ouvindo isso. Ou...

Peraí.

Só uma coisa.

Será que eu... ?

Merda.

A Cecilia ainda está *lá*!

Mas eu já estou recuando. Nem consigo evitar.

Falo para mim mesmo que ela vai ficar bem. Vai acordar, de boa. O calor, é, o calor vai acordar ela e ela vai correr para fora.

Tipo, claro, eu *penso* em entrar correndo e agarrar ela, penso em bancar o herói, mas então um cara aparece numa espécie de bike motorizada com um aparelho de som amarrado na traseira tocando punk rock ou algo assim, e tenho a impressão que já vi ele por aí antes, mas não sei de onde, e, além disso, ele não parece muito assustador (afinal, quem usa um suspensório vermelho?!). Mas ele está olhando bem no meu olho, por isso eu vazo rapidinho.

Eu entro na van, cara, e vou.

8

Então, tenho que confessar uma coisa. Às vezes, eu nem *sempre* sei o que estou fazendo. Às vezes eu simplesmente faço e pronto.

Sou impulsivo, é isso que o Clever diz. Tipo, eu vivo de impulsos, de coisas que surgem no meu cérebro e então meus músculos estão se mexendo e eu já estou agindo antes de me dar conta.

E por causa disso, às vezes acontecem paradas boas, e às vezes acontecem paradas ruins. Depende.

Se eu me arrependo? Mais ou menos.

Mas, na verdade, não.

Como disse, se eu conseguir sacanear você, é culpa sua por deixar que isso aconteça.

Se ela não acordar e sair dali com aquela bunda grande, a morte da Cecilia é culpa do Momo. Muito simples. Pois é, se ele não tivesse deixado ela tomando conta, isso nunca teria rolado.

Cara, *pau no cu* do Momo por me obrigar a fazer essa merda.

Eu grito isso pela janela para todo mundo e para ninguém, e faço a curva em volta do Ham Park, onde a Josephine Street se transforma na Virginia Avenue, de olho naquele muro imbecil de madeira para jogar paredão, e eu só penso em quantas farpas já me espetaram, porque essas porras grudam na bola quando você bate forte, mas então ela volta com força e quando você acerta de novo, a única coisa que acontece é que umas farpas cravam bem fundo na palma da mão (ou pior, na pele entre os dedos) se você não está usando luva, e é nessa hora que eu sei que essa merda de muro tem que sumir!

Eu viro o volante, quico por cima do meio-fio e avanço depressa na direção do muro. Depressa demais, na verdade, porque não dá para frear na grama como se freia no concreto, e eu descubro isso quando dou uma guinada com a van tentando não bater no maldito muro, e então eu derrapo, arrancando uns torrões

de terra em duas linhas grandes, tipo um patinador deixando marcas quando corta o gelo. Merda. Quase capotei com essa porra.

Quase.

Quando consigo parar, pego uma garrafa, desenrosco a tampa e encharco outro pano no rum antes de enfiar ele pelo gargalo. Então fuço na van procurando um isqueiro e não acho nada, até me tocar que ainda tenho um no meu bolso.

Eu acendo, e o pano pega fogo rapidinho! Um pequeno *fwoom* bem ali na minha mão.

Eu nem penso. Mando o meu melhor arremesso no muro.

O lance acerta a parte de baixo, e o fogo se espalha na hora.

Fica laranja e começa a soltar fumaça.

Estou orgulhoso porque sei que agora eles vão ter que construir um bom muro. Um de concreto ou algo assim. Alguma coisa que realmente dure.

É uma sensação boa. Como se chama?

Orgulho.

Isso. É assim que se chama. *Orgulho*.

9

Eu acordo deitado na grama e, porra, com uma dor de cabeça muito *forte*. Cara, pressão em todo lugar. É como quando eu tenho um resfriado daqueles e parece que o meu rosto inteiro vai desabar. E no começo eu estou, tipo, como é que cheguei aqui?

Mas então eu lembro da van, da grama e de ter destruído a casa do Momo, e quando olho em volta, a van ainda está ali, parada em cima de umas marcas enormes de pneus na grama.

O fogo agora está fazendo mais barulho. Parece um animal selvagem comendo a parede, devorando e respirando fundo, dilacerando a parede em pedações, uma parte grande dela já está preta.

Eu volto para a van me levantando devagar do chão, como se o fogo fosse me comer também.

Essa porra está começando a virar um hábito.

Estou perdendo a noção do tempo de algum jeito, como um corte num filme.

Um salto no tempo, tá ligado?

Essa é a minha vida agora. E me faz pensar, tipo, será que eu devia pegar mais leve?

Primeiro isso parece uma ótima ideia, só ficar relaxando de boa, manja? Achar um hotel com uma piscina em algum lugar e só ficar dormindo numa daquelas cadeiras que dobram no meio.

Mas então eu penso, *não*.

Preciso seguir em frente.

Porque eu sou uma bomba.

E se não continuar em movimento, vou explodir.

10

Estou indo pegar a 105 Freeway, que nem acabou de ser construída, mas foda-se, por que não? Estou rindo quando passo voando pelas placas de EM CONSTRUÇÃO e subo por uma rampa que termina com um monte de vigas espetadas para fora do concreto. É um bom lugar para estacionar, cara. Aqui em cima, parece que a estrada é minha, como se tivesse sido construída só para mim. Olho na direção norte, para pontos de incêndio e uma mancha de fumaça tão gigante que sobe até lá em cima no céu. Está tudo preto, como se tivesse anoitecido mais cedo. Não consigo ver as San Gabriel Mountains. Não consigo ver o Centro. Não consigo ver nada.

Mas consigo ver mais do que vi o dia inteiro. Parece que eu passei horas num submarino, olhando por um daqueles *persicóspios*, mas agora saí para a superfície e abri a janelinha e olhei para fora.

Está tudo em silêncio também. Mais silêncio do que se pode imaginar. Nem ouço nenhuma sirene.

Mas o trânsito está bom. Estou vendo a rodovia daqui e não tem nada nela. Todos os malucos ou estão em casa esperando esse lance acabar, ou estão aprontando alguma coisa. Não estão por aí dirigindo. O que significa que o melhor horário para dirigir em L.A. é quando a cidade inteira está pegando fogo. Acho essa porra engraçada pra caralho! E o que é ainda mais engraçado, dias como esse rolam a cada duas décadas por aqui.

Se liga, quando mexicanos nessa cidade são o assunto, a gente sabe tudo sobre os caras que se vestiam com o tal *zoot suit* e foram cobertos de porrada por fuzileiros navais brancos e caras da marinha e tal. Todo mundo tem um *abuelo* com uma boa história para contar sobre isso. Foi nos anos 1940 ou algo assim. Por aí.

Esse lance foi uma parada de raça. Era simples, tipo: você vê um cara latino todo alinhado, então obriga ele a engolir aquele sapato brilhante, e faz isso junto

com todos os seus manos brancos. Senta a porrada no maluco por se vestir melhor que você, tá ligado?

Depois que isso acontece, todo mundo olha para trás e fica tipo (na minha melhor voz de branco apresentador de jornal) “Uau, isso foi terrível, foi péssimo, não devia acontecer de novo de jeito nenhum.”

Mas então eles esquecem, e até esquecem que acharam ruim, e por um tempo nada acontece mas nada é resolvido também, só fica mais seco, pronto para pegar fogo de novo, e é então que acontece a revolta de Watts, que eu acho que estourou nos anos 1960, porque todo mundo também tem um tio velhote que não para de falar disso. (Não sei muito sobre famílias — merda, não sei *nada* sobre famílias, mas parece que as crianças nunca escutam. Eu sempre escuto as pessoas mais velhas. Talvez não *pareça* que estou escutando, mas sempre estou. Na verdade, talvez eu não faça o que eles dizem, mas eu ouço. Eu ouço eles. Meu ouvido está sempre ligado, cara.)

E então, depois de Watts, acontece a mesma coisa que antes, certo? Todo mundo olha para trás e fala, tipo, “Uau, isso foi terrível, não devia acontecer de novo de jeito nenhum”, e o mais louco disso é que eles estão falando *sério* dessa vez, mas com certeza não lembram da última vez, e nada muda ainda.

E as coisas não mudaram desde essa vez. Então dá... quanto? Vinte anos de distância entre as revoltas por causa de raça? Tempo suficiente para todo mundo esquecer de novo, certo? Porque estamos em 1992, caralho, e quanto dá? Tipo, trinta anos. Provavelmente um pouco menos. Não importa. Do jeito como o lance está estourando, já passava da hora de isso acontecer.

Essa porra é como um empréstimo de banco. *Com juros*.

E eu talvez nunca diga muita coisa que faça sentido para ninguém além de mim, mas anota bem uma coisa que eu vou falar. Ou grifa. Tanto faz.

Se L.A. um dia morrer, se as pessoas todas desistirem e forem embora, grava isso no túmulo dessa porra de cidade...

L.A. tem uma puta memória curta. Nunca aprende *nada*.

E é isso que vai matar essa cidade. Fica de olho. Vai ter outra revolta racial em 2022. Ou antes, não sei.

Merda.

Peraí.

Me ocorre então que eu não devia estar dirigindo muito por aqui porque o lance pode desmoronar ou algo assim. Me viro no banco e olho para o saco de dinheiro antes de abrir um sorriso enorme. Penso na heroína e na erva ali dentro enquanto mergulho outra unha na cocaína e esfrego ela na gengiva como se fosse uma pomada, dou meia-volta com a van e desço devagar pela rampa.

Essa rampa me assusta às vezes, parece toda quebradiça! Com certeza foi mais fácil subir do que descer. Mas quando estou de volta ao chão, sei que o que preciso fazer é voltar para o hotel. Preciso esconder bem essa parada. O dinheiro e tudo o mais.

Mas tem outra coisa sobre L.A. Ela é grande pra caralho, mas as pessoas ficam nos seus cantos. Tem quarteirões inteiros onde só se fala espanhol ou etíope ou o que for.

É como se cada raça fosse seu próprio pugilista, e quando isso acontece, quando você tem essa mentalidade, é fácil olhar para todos os outros como adversários, alguém para você dar porrada, porque se não der, não consegue o que é seu. Você não consegue os prêmios, tá ligado?

E talvez seja justamente esse o lance, trocando em miúdos, como se diz por aí.

Você junta um monte de pessoas do mundo todo, mantém elas nos seus cantos e não deixa elas se misturarem para resolver os problemas, e todas elas só pensam em competir, porque, porra, todo mundo em L.A. está o tempo todo se virando para conseguir as coisas.

Peraí, onde eu estava?

Merda.

Cara, essa porra de dor de cabeça está me *matando*.

Tipo, é tão forte que eu consigo sentir na cabeça o meu coração batendo.

Boom-boom. Boom-boom.

Eu enfio de novo a unha no meu pacote branco, e desta vez ponho embaixo da língua. O gosto é como o de quando eu tinha que engolir aspirinas sem água, só que pior. Mais amargo. Então eu respiro fundo pelo nariz, tentando encher todo o pulmão antes de soltar e expulsar o gosto.

Então, é, como eu disse, vai ter mais dessa mesma merda em 2022. Apenas aguarde.

Mas se fosse eu quem decidisse, essa ia ser de robôs contra pessoas.

Porque pelo menos assim a gente ia ter que se unir e tal. Porra. Eu ia adorar estar aqui para ver isso também. Tá ligado que ia ser um lance igualzinho o *Exterminador do Futuro 2*. Daí a gente podia lançar bombas de verdade no rio Los Angeles com um caminhão e umas motos!

Isso aê.

Esse lance parece foda, mas talvez seja porque minha dor de cabeça está passando e meus dentes estão zumbindo dentro da cabeça bem agora, cara.

11

Com o dinheiro solto, alugo outro quarto, logo na frente do quarto que eu já tenho por mais quatro dias. Bom, agora são dez. Quando esse tempo acabar, vou me mudar para outro hotel onde ninguém nunca me viu na vida. Talvez em Hawthorne ou algum lugar assim. Um lugar *longe*, saca?

Mas por enquanto eu tenho o quarto novo, no mesmo andar do antigo (o segundo), do outro lado do corredor, mas ninguém sabe que é meu. Eu paguei para o maluco da recepção não falar nada para ninguém. E acho que estou tranquilo porque ele mal fala inglês e não manja nada de espanhol, o que significa que se o Fate ou o Momo algum dia vierem fazer perguntas, ele não vai ajudar em nada. Não sei se ele é chinês ou o quê. Coreano, talvez?

Foda-se. Para mim tanto faz um ou o outro. Quanto menos inglês, melhor.

Nenhum dos quartos está no meu nome. Um é para o Shane, só Shane, e o outro está como Alfredo Garcia. Tá ligado, tipo aqueles filmes de faroeste?

Eu confiro se não tem ninguém vendo eu entrar no quarto novo. Quando a porta fecha atrás de mim, eu tranco e fecho as cortinas. Arrasto uma cadeira toda fodida até a abertura de ventilação em cima da TV e uso a ponta da faca do Momo para desparafusar a tampa.

Lá dentro está cheio de poeira quando eu abro! Fico tossindo por tipo dois minutos sem parar antes de pegar duas toalhas de mão e tirar uns bolos de poeira dali e levar direto para o lixo.

— Vai se foder, poeira! Você nunca faz bem pra ninguém.

Logo depois, eu enfio a heroína, a erva e o resto do dinheiro ali. Empilho tudo direitinho.

No banheiro, eu encho de pó um desses potinhos transparentes de filme da Kodak que sempre trago comigo, carregado com a parada da vez. Eu jogo o pó lá dentro, tomando cuidado para não derramar, mas essa porra é escorregadia. Cai um pouco na pia, mas eu cuido disso. O resto eu embrulho bem apertado no

saco plástico do balde de gelo e coloco dentro da ventilação também. Então eu aparafuso a tampa de volta, penduro a placa de Não Perturbe na maçaneta, e caio fora.

Lá no estacionamento, ouço alguém me chamar e quase tenho um ataque cardíaco enquanto procuro a pistola no bolso.

— D.B. — diz ele —, ei, Devil's Business! Qual é que é, mano?

Eu me viro e é o Puppet. Aquele bunda-suja.

Eu percebo que tenho que ser duro com ele agora.

— O que você disse? Eu não sou seu mano, porra!

Quando conheci esse cuzão, ele achou que eu não tinha apelido, e sempre sabia que eu estava aprontando merda, então inventou esse lance de Devil's Business, negócio do diabo, como se fosse uma puta coisa inteligente. Como se tivesse classe. Agora ele sabe muito bem que todo mundo me conhece por Creeper, mas continua me chamando desse jeito. Não sei por quê. Ego, talvez? Quem sabe por que as pessoas fazem as coisas zoadas que fazem?

— Ah, foi mal — diz, um pedido de desculpa que não parece sincero. — Você tem aí?

O Puppet quer saber se eu tenho drogas. Agora, o que você acha, que eu vou falar a verdade para esse cuzão?

— Não — respondo —, não desde tipo uma hora atrás.

— Mano, você está todo zoado agora, não tá? Devia ter *compartilhado* essa sua parada.

Como se eu um dia fosse compartilhar minha parada com o Puppet de propósito.

Quando o Puppet chega perto, eu percebo que ele não precisa de mais nada, porque está trincado pra caralho, mas ele não quer só saber se eu tenho alguma parada, ele está pensando em alguma coisa e está bem a ponto de me contar.

Quando isso acontece, faço questão de prestar atenção mesmo, de escutar como se não estivesse escutando porque as ruas ouvem tudo e sabem tudo. Se você acha que não, pense outra vez.

— Você ouviu falar que a galera do Fate pegou o Joker e aqueles caras? Alguma garota foi lá ontem de noite e passou geral numa festa.

O Puppet faz um revólver com a mão, apontando o dedo para alvos imaginários do outro lado do estacionamento. Então ele pensa melhor e vira a arma de lado.

— Tipo, *pá*, *pá*, *pá*. No maior sangue frio, camarada!

Uma garota, é? Ele deve estar falando da Payasa. Não pode ser outra pessoa. Por algum motivo, isso meio que me deixa abalado, porque sei que ela nunca fez um lance tão sério antes. É como se ela tivesse perdido o cabaço apagando esses malucos. Como se fosse uma nova mulher agora. Como se não fosse mais virgem.

— É, eu ouvi falar — digo, mesmo que não tenha ouvido nada.

Mesmo assim, é melhor que ele pense que eu ouvi, porque ele é o único cuzão no mundo inteiro que eu quero que se sinta menos esperto do que eu, para ele não meter na cabeça que pode me sacanear.

— Aposto que eu consigo causar mais incêndios do que você — diz o Puppet após um daqueles longos silêncios incômodos. — A gente podia fazer tipo um concurso ou algo assim. O que você acha? Você é homem para isso?

Ele tira um isqueiro e brinca com ele como se fosse grande coisa. Eu quase dou risada na cara desse otário. Mas seguro minha onda. Como se ele fizesse a mínima ideia de que já está perdendo por um ponto, dois se você contar o muro, que eu com certeza conto. Ele também não sabe que eu tenho uma tonelada de combustível abrindo uma cratera na van do Garza. Quero dizer, não literalmente, mas podia, você sabe. Mas então eu penso, essa ideia não é tão ruim, saca.

Tipo, eu podia abrir uma cratera nessa cidade, maior do que qualquer um já tenha feito parecido na história dos Estados Unidos. Na história do mundo. Não desde, tipo, uma guerra ou algo assim. E fogo? Fogo limpa. Transforma toda a sujeira e abre espaço para as coisas novas. Porque alvejante também queima, né? É tipo a mesma coisa.

Eu faço uma pausa e olho para o Puppet antes de virar para olhar um maluco sem-teto se arrastando pelo estacionamento, se apoiando numa bengalinha de metal com penas amarradas, mas mantendo a cabeça erguida como se fosse o xamã de Los Angeles ou algo do tipo. Ele nem olha para mim, mas mesmo de longe eu percebo que tem uma cicatriz bem feia na lateral do nariz. Por um

segundo eu penso em fazer uma cicatriz igualzinha no Puppet.

Então eu viro de volta para o Puppet e falo como se fosse o Charles Bronson.

— Você é estúpido pra caralho, Puppet. Por que eu ia fazer uma coisa tão pueril?

Pueril significa infantil, tipo uma coisa que uma criança idiota e imatura faria. E o Puppet ainda tenta me explicar por que não é uma ideia estúpida, por que não é nem um pouco estúpida, mas é tarde demais porque eu já estou na van dando partida no motor e contando as garrafas com o canto do olho. Quarenta e quatro, ainda. Não, quarenta e duas.

Eu te contei que enrolei mais panos e enfiei eles nas garrafas? Não?

Bom, eu fiz isso.

E quando mexo na embreagem para partir, só consigo pensar em como vou ser o maior incendiário da história do mundo.

O maior que ninguém nunca conseguiu identificar.

Um herói, tipo.

Uma lenda.

12

Agora estou com meus dois melhores isqueiros no colo (BICs pretos, porra), e não estou nem aí para o nome do bairro onde estou. Lynwood, Compton, sei lá. South Gate? HP? Quem liga? Só sei que pego a direita na Western vindo da Imperial e decido que vou seguir para o norte até acabar a gasolina, jogando coquetéis pelo caminho todo.

Vou botar fogo nessa cidade inteira sozinho. Vou deixar ela no chão para a gente poder construir coisa melhor. Aí a gente pode recomeçar. Algum dia alguém vai me agradecer por isso.

Primeiro, eu crio uma espécie de rotina.

Eu paro num lugar que parece bom para o fogo se espalhar — talvez tenha um toldo, ou a porta esteja aberta, ou uma janela, e quando eu vejo isso, pego uma garrafa, acendo essa porra e taco pela janela do motorista como se eu fosse o melhor entregador de jornal do mundo. Só que não é um jornal. A garrafa estilhaça e a parada faz um *fwoom* sinistro!

Acho que eu estou chegando em Inglewood ou algo assim quando começo a ver as palavras *propriedade de negros* e *donos negros* pintadas com spray nas laterais de lojas de bebida, lojas de penhores, tudo isso. Grandes letras pretas. Tudo em maiúsculas. No começo eu não faço ideia do que isso quer dizer.

Mas depois de alguns quarteirões, eu me toco que os *mayates* precisam de ajuda para saber quais lugares devem detonar. Não consigo deixar de rir. E quando termino:

1. Eu jogo nessas também.
2. E jogo em qualquer outra.

Só paro uma vez quando olho para o leste num desses cruzamentos principais, (merda, não lembro qual, era a Manchester?) e vejo um lance que parece um

tanque ou algo assim, todo bege e camuflado com uns caras sentados em cima, com rifles e coletes. Essa porra me dá um embrulho no estômago por um segundo, mas eles nem olham na minha direção. Só continuam sentados ali no cruzamento.

Então eu seguro a onda por alguns quarteirões, tá ligado, só por segurança, e ainda bem que eu faço isso, porque num sinal vermelho um ônibus encosta em mim do lado do motorista. Eu meio que olho para o lado e vejo que o troço inteiro está lotado de soldados, e um deles parece latino e está de olho em mim, então eu sorrio e dou tchau, ele acena com a cabeça e dá tchau também, e quando o sinal fica verde, eu só seguro a onda e sigo abaixo do limite de velocidade até o ônibus virar a esquina. Eu continuo na miúda por mais uns sete quarteirões, até ver pessoas destruindo lojas de novo. Juro por Deus, num estacionamento da Vons eu até vejo policiais estacionados ali e assistindo! Tipo, que porra é essa? Sem tentar prender ninguém. Só parados. Sem tentar fazer nada. Só olhando.

Depois disso é que decido continuar soltando bombas. Que tudo isso se foda. Eu acendo e jogo, acendo e jogo.

Eu acerto mais do que erro. Pioneer Chicken, *boom*. Tong's Tropical Fish & Pets, *boom*. (Mas eu meio que me arrependo dessa.) Aquela loja de perucas, Tina's Wigs, *boom*. Um barraco com uma placa na frente que diz CONSERTO SAPATOS em letras vermelhas — já era, essa porra explodiu como fogos de artifício.

Quando acabo com a segunda caixa e estou na metade da terceira, ligo o rádio com um murro e nem sequer dói. O aparelho liga, captando uma música de branquelos, você sabe o tipo, cheia de guitarras e gritos, e não estou exatamente a fim disso, então aperto o botão AM e rezo para ter alguma coisa do Art Laboe. Uns sucessos suaves das antigas. Alguma coisa com uma batida.

E eu devo ter pego o fim do que o Art está dizendo, porque ele está colocando a voz dele nas ondas aéreas, falando para todo mundo ficar em segurança dentro de casa, e diz *Agora uma coisinha para vocês tirarem da cabeça o que está acontecendo lá fora.*

Eu não consigo deixar de rir, porque estou "lá fora" e *ba-bap-bap*, essa é a

bateria entrando. Uns tambores, eu acho. E o cantor entra logo em seguida.

Acho que conheço essa música. É “Rock Around the Clock”, e que porra é esse *glad rag* que ele fala na letra?

Vou explicar o que é. Um *rag* é um pano velho, como os meus pavios.

Todos esses panos que eu rasguei e enfiei no gargalo dessas garrafas. Eles com certeza me deixam feliz, *glad*, como na música. E quando entra a porra do solo de guitarra, é como se a música estivesse tocando só para mim, dirigindo a mil por hora enquanto seguro o volante com os joelhos, tirando uma garrafa da caixa do meu lado com a mão direita, acendendo o pano com a esquerda, então segurando o gargalo enquanto passo de volta para a mão esquerda e jogo a garrafa de baixo para cima, e quando a música termina, eu fico triste e só continuo dirigindo.

Queria poder rebobinar, e tocar de novo e de novo e de novo.

13

Já estou cansado quando chego na Sixth com a Western, onde eu não estaria se não tivesse que fugir de mais um punhado de outros malucos com cara de exército, seguir para leste na Seventy-Sixth por um tempo antes de pegar a Hoover, depois embicar na Gage até poder entrar de novo na Western e voltar para o norte. Um puta desvio.

Eu não estava bem planejando isso, e só me sobra uma caixa quando vejo um shopping pequeno na Sixth e penso *Foda-se. Por que não? É um lugar tão bom quanto qualquer outro para ser minha obra-prima, porque eu vou queimar essa porra inteira.*

Todos os dois andares dessa merda.

Mas é estranho, porque eu não consigo me concentrar tão bem. Sabe, tem uns sabores aparecendo e desaparecendo na minha boca já faz uns quarteirões.

Tipo, num instante é manteiga de amendoim, e me pergunto quando foi que eu comi manteiga de amendoim pela última vez. Eu nem *gosto* dessa merda.

Eu devia ter tipo o quê? Quinze anos?

Então, quando tenho certeza que não comi essa merda desde os catorze anos, sinto gosto de tomate. Tomate cru. E sinto o cheiro também.

Cacete. Acho que exagerei *sério* nesse pó.

Para parar de pensar em tomate, pego a chave de pneu que está escorregando de um lado para o outro na traseira desde que eu comecei a dirigir essa porra, saio e começo a bater com o ferro numas vitrines. Depois que elas estouram, eu acendo uma garrafa de rum e jogo lá dentro. Já destruí duas portas quando me toco que tem um monte de malucos do outro lado da rua.

Não dá para ter certeza de longe, mas talvez eles sejam negros. Seja como for, esses malucos estão pirando, tentando arrancar barras de ferro da janela de uma loja de conveniência. Estão até chegando ao ponto de amarrar algum tipo de corda no guincho de uma caminhonete enferrujada para tentar arrancar a

moldura inteira da janela, e então eu vejo por quê.

Tem alguém lá dentro que eles estão tentando pegar. Um vendedor com uma arma ou algo assim, e pessoas pulam para a frente e para trás na abertura, soltando tiros como se fosse Beirute ou uma porra dessas.

Isso faz eu me apressar.

Eu detono uma terceira vitrine, uma quarta. Só estou atacando as lojas que estão apagadas.

Que se fodam as acesas. Não preciso que tenha alguém lá dentro com uma arma.

Estou na minha quinta, uma locadora de vídeo com pôsters que eu não consigo ler porque está num alfabeto diferente, então ouço um rangido atrás de mim, tipo um carro cantando pneu numa freada brusca, tenho certeza que é o caminhão, mas então alguém grita alguma coisa tipo “A gente vai atirar, a gente vai atirar!”. Mas eu não viro de costas. Quebro outra vitrine, achando que a ameaça é para os malucos do outro lado da rua. Mas quando estou tacando um *ron* flamejante pela vitrine, eu ouço “Pare senão eu atiro!” bem alto e em inglês, e penso que talvez seja para mim.

Se for, eu penso, *foda-se.*

Eu pego de volta a chave de pneu e vou detonar outra vitrine...

Mas eu ouço um estalo antes de conseguir jogar o lance para a frente e quebrar o vidro, e meus ouvidos começam a zumbir, tipo na mesma hora. E tem um buraco na vitrine agora, um buraquinho de verdade, como se alguém tivesse jogado uma pedrinha nela agora mesmo.

Eu tusso, e cai sangue no vidro na minha frente.

Tipo, respingado.

Eu sei bem nessa hora que essa merda de sangue é meu.

— Porra — sussurro enquanto estendo a mão e encosto na vitrine.

Parece muito mais escuro do que eu achava que o sangue deveria ser.

E eu tento colocar de volta. Realmente tento.

Estúpido, né?

Tento limpar o sangue do vidro e colocar ele de volta dentro de mim, mas quando encosto na minha bochecha, descubro que tem um buraco nela.

Um buraco do tamanho da ponta do meu dedo. Eu sei porque sinto ele.

E tento tapar o buraco.

Mas quando eu tento, meu dedo atravessa direto até o outro lado e eu sinto uns pelinhos na minha bochecha...

Do lado de *fora* da bochecha.

É nessa hora que eu me toco que estou quase encostando no ouvido.

Quando metade da minha mão está *dentro* da minha boca.

Caralho.

Isso não é bom.

Estou começando a ficar anestesiado.

Na minha cabeça. Tipo, no crânio. Não sinto nada.

Não mais.

E isso é estranho. Porque eu não tenho dor de cabeça.

Não tem...

Nada.

Só o escuro brotando do chão.

Me agarrando como se fossem mãos.

KIM BYUNG-HUN,

OU JOHN KIM

30 DE ABRIL DE 1992

18h33

1

Eu teria aula no dia seguinte — e estaria em casa — se o tumulto não tivesse se espalhado. Foram registrados saques em Hollywood, em alguns pontos do San Fernando Valley e, segundo o rádio, até em Beverly Hills. Está espalhado pela cidade inteira, mas parece que é mais aqui: Koreatown, o lar da minha família, meu lar. Mas aposto que ninguém nesses outros lugares está sentado no banco de trás de um carro, com o rádio ligado em volume alto, enfiado entre seu pai e seu vizinho velho que tem cheiro de *bonjuk*, tentando segurar um revólver apertado com força entre seus pés enquanto outro revólver está cravado no seu quadril.

Ambos doem de verdade. Eu sinto o metal rígido machucando os arcos dos meus pés, apertando através do couro dos meus Jordans, mas a arma do meu pai é pior: ele usa como se fosse um pistoleiro, num coldre de lado. Toda vez que ele se mexe, o peso da arma esmaga o meu quadril, e uma dor quente desce pela perna.

Com isso que está acontecendo, meu pai é uma pessoa diferente, não o cara que deixa minha mãe falar mais alto do que ele na mesa do jantar, nem aquele que assiste aos Dodgers em silêncio, de braços cruzados. Ele cai em cima de mim quando o carro vira à esquerda, e outra ferroada de dor sobe e desce pela minha perna. Eu me controlo para não franzir o rosto. A última coisa que preciso

é ele me acusando de ser fresco, não na frente dessas pessoas.

O sr. Park está dirigindo. Ele mora no nosso prédio também, mas eu só conheci ele faz uma hora no nosso saguão. O carro é dele. Ele tem uma grande verruga na bochecha esquerda e usa o colarinho da camisa polo levantado para tentar cobrir, eu acho. O irmão dele está sentado no banco do passageiro, vestindo uma camisa de flanela e um boné dos Lakers. Usa óculos, como eu. À minha esquerda, o sr. Rhee tem cabelo grisalho, usa um agasalho cinza com uma calça xadrez puxada até em cima. Como eu sou o mais novo e o menor, tenho que sentar no meio. É constrangedor e desconfortável. Nem consigo olhar pelas janelas. Mas sei que tem fumaça, um monte de fumaça. Não consigo sentir mais nenhum cheiro agora. É como se tivesse carvão enfiado no meu nariz. Eu também sei que o sr. Park usa muito a buzina enquanto dirige e xinga pessoas em coreano — pessoas nas ruas, imagino.

Quando escrevi meu trabalho sobre Los Angeles para o curso de História Moderna da Califórnia, descobri que tem 146 nações representadas dentro do seu perímetro, e noventa línguas diferentes. Vou ter que conferir na enciclopédia da biblioteca quantos países existem no mundo agora. Antes eu sabia quantos eram, mas então a União Soviética acabou no ano passado, e nesse ano a Iugoslávia também, então pode ser que existam uns vinte novos com a Croácia e outros países agora independentes.

— *Ya* — diz meu pai, me cutucando com o cotovelo. — *Jib-joong hae*.

Ele quer que eu preste atenção na Korean Radio USA, 1580 AM. Ele sabe que eu estou tentando não prestar, porque é deprimente. Todas as histórias são exatamente iguais. Na cidade de L.A. inteira, lojas de coreanos foram ignoradas pela polícia e pelos bombeiros. Na verdade, é por isso que estamos aqui, na traseira do furgão Toyota do sr. Park, subindo a Wilshire, patrulhando nossa vizinhança; porque ninguém mais quer fazer isso. É por isso que eu tenho uma arma.

— Eu *estou* — respondo em inglês, mas ele me olha como se eu estivesse mentindo.

— Homem protege o que é dele — diz ele em inglês, sem nenhuma vergonha de como isso soa incorreto. — Isso *América*.

Eu concordo com a cabeça. O sr. Tuttle, meu professor de História Avançada, diz que nada acontece no vácuo. Tudo tem um contexto. Se você entende o contexto, entende a causa e os efeitos que surgem dele. Então, se a revolta é um efeito, o que causou isso? Rodney King e o vídeo, é claro, mas tem uma outra coisa: uma menina chamada Latasha Harlins. Ela foi o tema do meu trabalho na aula de justiça social no semestre passado. Eu tinha que bancar o advogado do diabo e me colocar na pele de um afro-americano.

Menos de duas semanas depois do espancamento de Rodney King, uma menina de quinze anos, Latasha Harlins, foi morta a tiros em março de 1991 por uma lojista coreana chamada Soon Ja Du. Teve um vídeo gravado também. Soon, uma mulher que parecia as velhinhas do meu prédio, mas só tinha cinquenta e um anos, atirou em Latasha pelas costas e foi condenada por homicídio doloso, levou uma multa e ganhou cinco anos de condicional, embora o crime de que ela era culpada implicasse uma pena máxima de dezesseis anos de prisão. Compreensivelmente, isto foi visto pela comunidade negra como um erro judicial, e as pessoas ficaram muito bravas. Porém nada aconteceu depois desse veredito.

O sr. Rhee desvia meu pensamento sacando uma arma com um cabo prateado comprido. Ele confere mais uma vez se está carregada. Está. As balas com fundo dourado são enormes dentro das câmaras, grossas como meus dedos mindinhos. No meio, elas têm pontos pretos com pequenos círculos prateados em volta. São sinistramente parecidas com olhos: seis olhos me encarando de dentro do tambor cilíndrico antes de o sr. Rhee fechar com um estalo. Não consigo imaginar o que elas fariam com um corpo humano; talvez arrancassem a cabeça inteira de uma pessoa.

Então me ocorre que tecnicamente somos vigilantes, e não sei o que sinto a respeito disso. O termo tem uma conotação negativa, mas na verdade são apenas cidadãos autodesignados que suprem a falta quando não há quem exerça a lei. A polícia nos disse para evacuar, para abandonar nossas casas e nossas lojas. No começo, o rádio nos disse para fazer isso também, mas então um advogado telefonou para a rádio e disse que não deveríamos. Ele disse que temos a Segunda Emenda. Disse que temos o direito de proteger nossa propriedade e de

nos proteger. Quando meu pai ouviu isso, me pediu para explicar. Eu disse que estava na Constituição; era nosso direito possuir e portar armas. Depois que eu disse isso, tudo mudou. O rosto do meu pai ficou vermelho e ele acenou com a cabeça. Quando ele abriu o armário e tirou as armas, percebi que algo estava prestes a acontecer, e aparentemente por culpa minha. Algumas das armas eu já tinha visto quando ele me levou ao estande de tiro para fazer aulas práticas e de segurança um ano atrás. Mas a maioria eu não tinha visto. Foi assustador vê-las alinhadas no chão. Pareciam brinquedos, porém mais pesados, mais brilhantes, e eu só fiquei parado, olhando, enquanto meu pai pegava o telefone e ligava para o sr. Rhee.

O sr. Park pisa forte no freio, e eu levo um tranco para a frente, batendo o queixo no encosto do banco do passageiro. Ele xinga alguém na frente do carro enquanto seu irmão abre a janela e aponta uma arma para fora. A pessoa que estava no caminho deve ter fugido correndo, porque logo, logo estamos avançando de novo.

Nesse ponto, eu me pergunto se também sou um vigilante. A ideia me assusta no começo, mas então sinto um calor no peito porque imagino o que a Susie Cvitanich pensaria. Ela provavelmente não acreditaria em mim. A Susie estuda no meu colégio. A família dela é croata. Ela acha que sou um rapaz certinho. *Señor Aburrido Amarillo*, ela me chama quando estamos estudando Espanhol Avançado na biblioteca. Isso significa Senhor Amarelo Chato. Soa racista, mas não é isso. É só que as palavras em espanhol soam engraçadas juntas.

Eu apanho o revólver que está entre os meus pés. Ainda está num coldre de couro marrom surrado que meu pai deve ter comprado nos anos 1970. Ninguém nunca diz como um revólver é pesado. Acho que é algo que você tem que descobrir sozinho. Enquanto sinto o peso com a mão e imagino que deve pesar uns setecentos gramas pelo menos, talvez um quilo, tenho certeza de que a Susie não ia me chamar de chato se soubesse que eu sou um vigilante.

Porém, quanto mais eu penso nesse termo, menos gosto. Gostaria de pensar em nós mais como uma milícia civil. Na realidade, somos só um grupo de cidadãos preocupados que moram na cidade e contribuem com a vida cotidiana e o comércio. O sr. Park e o irmão dele têm uma lavanderia. O sr. Rhee é

aposentado, mas era dono de uma loja de bebidas antes de vendê-la. Meu pai é o único que não trabalha na vizinhança. Ele é engenheiro. Trabalha para a TRW. Eles podem parecer comuns, mas o que as pessoas talvez não saibam — as pessoas que querem nos roubar, nos machucar e queimar nossas casas — é que todos os homens neste carro, exceto eu, têm pelo menos três anos de experiência militar. Isso é porque o serviço militar é obrigatório na Coreia do Sul. Todos eles sabem usar armas. Se Koreatown for salva, será porque homens como o meu pai são treinados.

Historicamente, as milícias do Oeste eram compostas de rancheiros e comerciantes fiéis à lei. Eles eram civis, não xerifes, mas quando chegava o momento, punham distintivos porque eram solicitados. Exerciam a lei quando era preciso, como quando o xerife precisava de ajuda, mas o que acontece quando a polícia abandona você?

Os xerifes nunca abandonam a cidade nos filmes de faroeste. Não seria uma atitude americana. Mas está acontecendo aqui. A Guarda Nacional está em South Central, mas não aqui no norte. Não temos distintivos, mas deveríamos ter. O sr. Tuttle diz que não há nada mais americano do que se defender quando as pessoas estão tentando oprimir você. Essa foi praticamente a ética fundadora deste país. A Inglaterra era uma opressora, então nós a derrotamos. Não há nada mais americano do que defender a si mesmo e aos outros.

O sr. Park tira uma mão do volante e aumenta o volume do rádio.

— Recebemos o chamado de uma mulher em apuros — diz a voz do *disc jockey*, quase em pânico. — Este é o endereço: South Western Avenue, Cinco Meia Cinco. Por favor, ajudem!

— Onde fica isso? — quer saber o sr. Park, o motorista.

Seu irmão, o outro sr. Park, tem um guia de ruas no colo e na mão uma lanterna em que ele precisa bater para conseguir ligar. Ele folheia o guia.

— Sixth com a Western — responde ele. — Esquerda, logo ali.

— Quando estiver com uma arma em punho, não pense muito — diz meu pai em coreano.

Ele está com a arma dele para fora. Puxa o ferrolho dela tão para trás que consigo ver o pequeno cano redondo na frente, mas ele só está conferindo a

câmara. Só vejo uma fração do cartucho antes de o ferrolho pular para a frente com um estalo pesado. Com a mão, ele faz um gesto para eu tirar o coldre da minha.

— Eu lembraria você do Eclesiastes.

Ele está falando do Eclesiastes 3:3, acho — tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir. Eu respiro muito fundo, o mais fundo que consigo com os ombros esmagados. O sr. Rhee dá um tapinha no meu joelho.

— *Gwen chan ah* — ele me diz. *Tudo bem*. — Eles são animais, não são homens.

Meus pais sempre me disseram que a escola me prepararia para qualquer coisa, que a escola era a coisa mais importante desse mundo inteiro, mas a escola nunca me preparou para nada parecido com isto. Não poderia. Sinto um frio no estômago quando o sr. Park faz uma curva aberta entrando na Western e acelera seguindo o quarteirão. Pelo que deve ser a décima sexta vez, meu pai me mostra onde fica a trava de segurança da arma que estou segurando, com uma grande diferença: desta vez, ele destrava.

2

Tudo acontece rápido demais. Já ouvi isso em histórias antes, e sempre pensei que era bobagem, quase um truque, mas agora sei que é verdade. Quando a situação é caótica, quando há coisas demais para prestar atenção e seu coração bate na velocidade máxima, as coisas *realmente* acontecem rápido demais. Simplesmente não tem como prestar atenção em tudo. Você só pode fazer o melhor possível dentro das circunstâncias.

Pelo para-brisa, vejo que estamos nos aproximando de uma caminhonete. Parece que tem quatro pessoas reunidas em volta dela. Duas delas estão armadas. Minha mão fica seca quando vejo isso. Todas as pessoas são negras.

O sr. Park para o carro no meio-fio, cantando pneu — tentando assustá-los, eu penso. Mas não importa muito se ele fez isso de propósito ou não, porque funciona. Todos os quatro pulam para trás.

Os dois irmãos abrem as janelas e portas como policiais de programas de TV e se debruçam, esticando suas pistolas pelo espaço onde estava o vidro, mas ainda usando as portas como cobertura. Ambos estão gritando “Vão embora ou nós atiramos!”

Eles gritam isso pelo menos duas vezes, talvez três enquanto meu pai e o sr. Rhee abrem as portas também e saem apontando suas armas, mas eles apoiam os braços na parte de cima das portas, e só me resta me contorcer para sair do meio, com o som alto do rádio atrás de mim.

— Estou falando com a mulher — diz o DJ em coreano. — Ela diz que os tiros pararam, e parece que chegou ajuda. Quem quer que você seja, obrigado!

A caminhonete com os saqueadores dá marcha a ré, tentando sair, mas ainda está amarrada ao prédio por uma corda. Os irmãos Park gritam com os homens, mandando-os desamarrarem, e por mais estranho que pareça, um dos caras largados na traseira da caminhonete se levanta depressa e começa a puxar o nó, tentando soltar a corda.

A alguns quarteirões de distância, ouço uma sirene. Parado na rua por um instante, eu me pergunto, a polícia está vindo ou está indo? Meus pulmões parecem pesados só de respirar o ar esfumaçado. Na nossa frente, os saqueadores estão verdadeiramente assustados. De fato, não esperavam que fôssemos enfrentá-los.

Ouço uma batida e olho atrás de mim para o outro lado da rua, vejo um pequeno shopping de dois andares onde uma figura negra levanta e baixa o braço em frente a uma vitrine escura. Várias das vitrines do térreo estão alaranjadas. No começo não sei por quê, e então me dou conta: fogo! *Meu Deus do céu*, eu penso*, esse cara está ateando fogo!*

Não há tempo para pensar, e eu preciso disso. Preciso de tempo para pensar. Um segundo se passa, e dois, mas não fiz nenhum progresso. Preciso deter o cara de algum jeito.

— Pare senão eu atiro — grito, pois é a única coisa em que consigo pensar.

Me sinto estúpido dizendo isso, mas rezo para que seja o suficiente.

Não é. Ele não para. Quando corro mais para perto, vejo que ele está com um pé de cabra na mão, e está se posicionando para quebrar outra vitrine quando eu paro e levanto a minha arma. Meu pai me mandou dar apenas tiros de advertência, atirar no vazio. Assustar eles, meu pai me disse. Só assustar. Eu miro, sabendo com certeza que vou errar. Penso, *Se eu conseguir chegar perto, posso assustá-lo mais*.

Eu alinho a figura negra com a mira de metal na ponta da minha pistola, e então miro à direita da cabeça dele, num pôster de filme coreano que reconheço na vitrine da locadora: *Canção da Morte*. Nele há um camafeu com a foto de uma mulher, quase redondo, cercado por um campo branco. É um alvo perfeito no escuro. Aperto o gatilho devagar, como me ensinaram, e a pistola calibre .22 estala, pulando nas minhas mãos.

A figura, talvez a uns vinte metros de distância, para e depois cambaleia. Solta o pé de cabra, que cai com um estrondo no concreto. Ouço isso do outro lado da rua. É então que me ocorre: acertei nele. *Acertei* nele!

Atrás de mim, ouço a caminhonete partir em alta velocidade, e os irmãos Park gritando para a dona dentro da loja de conveniência, dizendo que ela está a

salvo. Não me vem a ideia de correr até o homem em quem atirei, até o sr. Rhee fazer isso.

Nem parece que estou correndo. Em um instante estou do outro lado da rua, em outro, no estacionamento, ofegando e olhando para o homem caído, vendo o sangue que corre do rosto dele para as rachaduras no concreto, enquanto o sr. Rhee tira seu agasalho cinza e o aperta na bochecha dele. Tem muito sangue, mais do que já vi antes.

A sirene que eu ouvi antes parece mais próxima agora. Está vindo na nossa direção! O sr. Rhee manda eu correr até a rua, sinalizar para eles pararem se eu conseguir, então faço isso. A cinco quarteirões de distância, percebo que é um caminhão dos bombeiros. *Louvado seja Deus*, eu penso enquanto levanto as mãos e aceno freneticamente.

O motorista tem que me ver, eu penso. Ele *tem que*. Quando cinco quarteirões viram quatro, três, e então dois, ele de fato me vê, mas não está indo mais devagar. Na verdade ele acelera! Quando chega ao nosso quarteirão, preciso sair correndo da rua para não ser atropelado!

Quando conto ao sr. Rhee o que aconteceu, meu pai consegue chegar a um acordo com os irmãos Park.

— Eles vão levar o homem para o hospital — diz ele em coreano. — Não querem que você se envolva.

O assunto se encerra. Os irmãos Park recolhem o corpo do chão, carregam-no cambaleando até a traseira aberta do furgão e o colocam lá dentro; o cara, que de longe parecia tão assustador, parece magro e frágil de perto, e tem mais alguma coisa. Ele parece jovem — talvez um pouco mais velho do que eu. A porta traseira é fechada com força, bloqueando minha visão, e então os pneus giram e o Toyota acelera pela Sixth em direção ao centro, o mesmo caminho para onde seguiu o caminhão de bombeiros.

Estou suando enquanto observo o carro ir embora. Pergunto ao meu pai se ele está morto, o homem em quem atirei.

— Ainda não — diz meu pai em coreano.

Ele coloca a mão no meu ombro e vejo um novo olhar no seu rosto, não de raiva, mas de orgulho. Acho que é, pelo menos. Nunca vi esse olhar antes, mas

só tenho um momento para apreciá-lo, porque então meu pai corre em disparada até o hidrante mais próximo e grita pedindo para eu ajudar a abrir.

Não sei quanto tempo demora. Dois minutos? Mais? Porém o hidrante se abre lançando um jato d'água na rua, enchendo o bueiro em questão de segundos antes de se espalhar no asfalto.

Agora que a caminhonete foi embora, pessoas surgem do nada. Coreanos com lenços amarrados no rosto para se proteger da fumaça. Eles tentam apagar o incêndio. As pessoas usam qualquer objeto possível para pegar água: regadores de metal, baldes vermelhos de brinquedo — qualquer coisa. Velhos e mães pegam água da sarjeta, e a água ali reflete os movimentos apressados deles diante das chamas vivas alaranjadas e da fumaça preta espessa que brota das vitrines do shopping. Não sei por que esse fato aleatório me vem à cabeça, mas vem: um incêndio doméstico normal atinge a temperatura de 590 graus Celsius, e isso me dá uma sensação horrível de estar afundando. Essa gente carregando água não é suficiente para salvar nada.

É então que ouço outra sirene, fraca de início, mas depois mais alta. Estes estão vindo direto na nossa direção, chegando pela Fifth e descendo a Western em disparada para depois encostar no meio-fio.

— Deus seja louvado! — digo quando vejo as viaturas pretas e brancas com as luzes ligadas.

Eu corro até eles, aliviado, mas quando chego lá, um deles está repetindo a mesma frase para o meu pai numa voz muito alta, como se ele fosse surdo.

— Você não pode defender estes comércios quando os donos não estão presentes.

Mal consigo ouvir isso por cima do barulho do incêndio. Está quase roncando, e então uma viga do teto desmorona atrás de nós com um estrondo que parece um trovão. Meu pai se agacha, e quando levanta, tem no rosto um olhar de quem não consegue acreditar no que o policial está dizendo. Ele aponta para o incêndio. O sr. Rhee dá um passo à frente também, e é então que eu noto que há outro policial perto de mim. Está apontando para a minha mão.

— Você tem uma licença para esta arma? — pergunta ele.

Não, eu quero dizer, *só tenho dezessete anos*, mas não digo. Em vez disso,

gaguejo uma espécie de resposta negativa, mal conseguindo fazer minha língua funcionar porque meus olhos grudaram nas vitrines que estão ficando pretas na parte de cima. Na hierarquia de emergências, com certeza um incêndio em grande escala num prédio, possivelmente com pessoas dentro, deve estar acima de pegar uma arma emprestada para proteger os vizinhos, principalmente quando o caos completo reina...

O policial atrás de mim puxa forte o meu braço, me desarma e me joga em cima do capô da viatura. Meus óculos voam, fazendo barulho no asfalto enquanto algemas prendem meus pulsos, e eu solto um gemido. Meu mundo está borrado quando meu pai grita, e eu ouço pessoas protestarem atrás de mim em coreano, porém sem muita ênfase. Elas estão divididas entre me ajudar e combater o incêndio.

— Senhor — diz o policial para mim —, você está preso por porte ilegal de arma de fogo.

— Mas... o incêndio!

Embora esteja talvez a uns quinze metros de distância, tenho certeza de que poderia tostar marshmallows de onde estou. Está quente a esse ponto. Tento me levantar. Tento fazer alguma coisa — qualquer coisa! — para ajudar as vovozinhas e vovozinhos tristes.

— Sr. policial, nós temos que apagar o incêndio!

Um cotovelo me segura contra o capô pela minha nuca suada. Enquanto me contorço para olhar para a esquerda, parece que o peso na minha órbita direita vai esmagar o olho. Pelo vidro traseiro da viatura, vejo a silhueta distorcida do meu pai sendo empurrado para dentro do carro pela cabeça, e no reflexo, brota uma labareda tão grande que parece um lança-chamas de filme. Vejo agora que o segundo andar também está pegando fogo. O desgosto se revira dentro de mim, misturado com mais outra coisa: raiva.

É então que tenho meu primeiro pensamento calmo desde que o sr. Park virou na Western: este prédio vai queimar até o chão, e pior, eles vão *deixar* queimar. Estes servidores públicos que pagamos para nos proteger, para nos servir, eles vão deixar...

Compreendo uma coisa que me atinge como um raio. Penso que é *assim a*

sensação de injustiça. Este sentimento de impotência-fúria-desgosto, esta espera até que o bom senso de alguém finalmente funcione, esta *reza* para que este agente, este policial, se dê conta de como está sendo insanamente estúpido e me desalgeme para podermos *todos* combater este incêndio, para podermos de fato ajudar pessoas, para podermos realmente *salvar* alguma coisa.

Sem aviso, o cotovelo sai da minha nuca e eu sou puxado do capô, em direção à porta da viatura. Tropeço, mas ele me obriga a levantar. O policial tem que me virar para me enfiar no carro ao lado do meu pai, e quando faz isso, eu jogo o corpo para a frente e tusso.

Não é fingimento, não mesmo. Meus pulmões estão realmente secos. Realmente tenho a sensação de que eles vão se esfarelar dentro de mim. Porém, enquanto estou tossindo, estou juntando cada resto de catarro que tenho. Quando termino, sei que não vou ter palavras para convencê-lo de que o que ele está fazendo é errado, *sempre* vai ser errado, portanto, em vez disso eu levanto o corpo e fico de pé em menos de um segundo, o policial dá um passo para trás, reflexivo, talvez para ver se precisa me bater para que eu obedeça, mas este momento de apreensão é tudo que preciso, porque me dá a oportunidade de olhar no seu rosto de pêssego felpudo e *mirar*.

Quando eu cuspo, todas as coisas terríveis que tenho dentro de mim acertam o homem bem na cara.

TERCEIRO DIA
SEXTA-FEIRA

SERÁ QUE PODEMOS NOS ENTENDER? PODEMOS PARAR DE DEIXAR TUDO HORRÍVEL PARA OS MAIS VELHOS E AS CRIANÇAS?

— RODNEY KING

GLORIA RUBIO, ENFERMEIRA

1º DE MAIO DE 1992

3h17

1

Não tenho dormido desde que a revolta começou. Não consigo tirar da cabeça a imagem do corpo do Ernesto Vera. É como se estivesse gravada em mim, permanentemente, no meu cérebro. O nome dele, o olhar — não consigo afastar esse pensamento, e já vi mais mortes do que a maioria das pessoas deveria ver na vida. Parte disso fui eu que pedi, eu sei. É o meu trabalho. Mas parte disso vem do meu bairro também.

Só que o caso do Ernesto foi diferente. Foi pessoal. Ele não me reconheceu quando eu estava tentando ajudá-lo, mas mesmo todo ferido como estava, eu o reconheci. Sabia que estudamos juntos no Lynwood High, que até convivemos por um tempo no primeiro ano, e ele era gentil. Nos beijamos um pouco na sala de música, mas nunca deu em nada. Ele nunca soube porque eu nunca contei, mas ele foi o primeiro menino que beijei.

Anos depois, eu via ele às vezes no furgão do Tacos El Unico ou no quiosque na Atlantic com a Rosecrans, e ele sempre dava para a minha *abuela* um taco a mais do que nós tínhamos pedido, caprichando na cebola porque era assim que minha avó gostava, e ele sempre lembrava. Esse era o jeito do Ernesto, eu acho. Lembrava das coisas pequenas. Um tempo depois, fiquei sabendo pelo meu primo Termite que o Ernesto tinha que pagar do próprio salário por esses tacos a mais. Ele nunca disse nada sobre isso para nós. Nunca reclamou. Acho que

também isso fazia parte do jeito dele.

Então uma noite eu volto para casa e o Ernesto está estirado no meu beco, e toda a formação em enfermagem que eu tenho não é capaz de salvá-lo. Ele sucumbe bem embaixo dos meus dedos, e então fica a noite inteira ali, até o dia seguinte. Fica bloqueando o caminho que eu geralmente faço para ir para o trabalho, os insetos e os passarinhos estavam ficando interessados demais nele, por isso liguei para a emergência cinco vezes e só consegui ser atendida uma, mas então me puseram em espera e assim me deixaram. Depois liguei para o namorado da minha tia, que trabalha no instituto médico legal, e ele disse que compreendia muito e tal, mas de jeito nenhum viria até aqui, não com a situação tão perigosa como estava, e além disso, ele disse que tinha zero recursos. Os homens dele estavam espalhados por toda a cidade, já com horas de atraso nas coletas, mesmo nas áreas seguras.

Isso me deixou possessa. Eu comecei a berrar antes de perceber, perguntando como ele achava que eu me sentia tendo que viver no meio disso, tendo que ver por mais de um dia na frente da minha garagem o cadáver do primeiro menino que eu beijei. Ele sabia que eu fiquei com as janelas da casa fechadas esse tempo todo, mas depois comecei a sentir o cheiro. Será que ele fazia alguma ideia de como era terrível quando você não podia fugir?

Depois disso, não esperei ele dizer nada, bati o telefone e liguei para uma empresa particular de ambulâncias que conheço através do hospital e implorei para eles virem, mas foi só quando eu disse que ia pagar um extra para os motoristas que eles começaram a prestar atenção. Tive que mentir, também. Disse que era irmã dele e que, por favor, nós só precisávamos que ele fosse tratado direito. Eu não conhecia o cara ao telefone, mas ele disse que sabia de um lugar para levar o corpo, e então começou a inventar uma mentira também, dizendo que ia ter que dizer para a polícia que não havia cena do crime, que era uma desova de corpo, e eles só tinham saído para fazer um serviço e se depararam com ele, e a família nos implorou e *Ah, sei lá*, lembro dele dizendo, *vou pensar em alguma coisa. Só garante que vai ser dinheiro vivo.*

Assisti a dois caras recolherem o corpo do Ernesto e o colocarem na traseira da ambulância por duzentos e vinte e oito dólares. São onze notas de vinte, uma

de cinco e três de um. Todos os bancos estão fechados desde que as revoltas começaram, por isso só pude dar o que tinha em casa, todo o dinheiro que eu tinha guardado para algum aperto. Eu ia comprar uma TV nova com esse dinheiro, mas agora isso parece bobagem. Nem quero mais olhar tudo o que está acontecendo na cidade. Não quero ver os noticiários. Só quero silêncio.

A coisa que me marcou no jeito que eles o levaram é que não tiraram do rosto a camisa de flanela da irmã dele, a camisa preta e branca que eu a vi colocar com todo o cuidado em cima dele. Eles só puseram um lençol branco por cima de tudo, da cabeça aos pés, e tentaram não desarranjar nada do corpo. Pela chance de ter alguma evidência, disseram. Depois disso, assisti a eles fecharem as portas, e ao Ernesto ser levado embora. Alguém tinha que fazer isso. Sou enfermeira há tempo suficiente para saber que não tem como ajudar todo mundo. Às vezes você só precisa estar ali, ser testemunha, para eles não passarem sozinhos para o outro lado. Espero ter sido isso para ele, mas não sei. Ainda sinto que falhei. Fiquei um tempão no beco depois que ele foi levado, e quando finalmente saí para o trabalho, não voltei mais para casa.

Ainda estou no hospital, o Harbor-UCLA. Não consigo me forçar a voltar para casa, por isso só fico aqui pensando no Ernesto e preocupada com o meu irmão. Ele está lá fora com todos os outros, quebrando e saqueando coisas, eu simplesmente sei. Ele e os caras que ele chama de “galera da festa”. Eu nem sabia o que era isso, então pedi para ele explicar, e ele não explicou. Só me contou uma história sobre essa única vez que alguns deles cabularam aula e fizeram uma festinha, do tipo em que todo mundo usava drogas e fazia sexo no quintal durante o dia. Ele não parava de falar como isso tinha sido ótimo. Woodstock da Bandidagem, era assim que ele chamava. Eu *queria* que ele estivesse brincando. O Aurelio é muitas coisas, mas não é mentiroso.

A Stacy deve ter me visto parada no corredor, por isso vem do posto de enfermagem até mim.

— Tá tudo bem, mulher? — pergunta ela.

— Dia longo — respondo automaticamente.

Isso em geral significa *não pergunte*, ou *ainda não terminou*. Para mim e para as outras enfermeiras, é como um código. Tivemos um toque de recolher hoje à

noite na cidade inteira. Começou no entardecer, disse o noticiário, mas para nós no hospital isso só transformou o fluxo em espasmos, pois o que antes era ininterrupto se tornou uma ocasional inundação repentina, porque quando as pessoas chegam, elas chegam em ondas. Agora estamos tendo um descanso, mas logo vai recomeçar.

— Dia *longo* — responde Stacy, sorri e vai embora, mas enquanto está indo, meio que pisca para mim e aponta por trás da prancheta para um homem que está vindo pelo corredor.

Sigo o dedo dela até o homem conhecido como sr. Sei-Lá, e é nessa hora que meu coração começa a palpitar como se estivesse pulando corda e de repente ficasse todo enroscado.

Esse não é o nome verdadeiro dele, aliás. Só eu e as outras enfermeiras chamamos ele assim. No começo, era porque a Filipina Maria — tem duas Marias, a Abulog e a Zaragoza — bom, a Maria Abulog foi a primeira a ver esse homem, dezesseis meses atrás, e gostou do que viu, embora ela seja casada e tenha três filhos, mas acho que ela sentiu que era importante falar dele para todas as enfermeiras solteiras, porque é assim que as enfermeiras são: ou querem te arranjar um namorado, ou querem te derrubar. Na minha experiência, não há muito um meio-termo.

Enfim, quando a Filipina Maria olhou para o crachá do sr. Sei-Lá, viu um sobrenome começando com *S* que ela não tinha esperança de conseguir pronunciar, por isso ela só chama ele de sr. Sei-Lá, e então todas nós passamos a chamá-lo assim. Em pouco tempo, todo mundo já estava craque em ficar de olho no bombeiro alto, mais de dois metros, com um bigode preto e uma covinha no queixo, olhos castanhos e sobrancelhas bonitas como se ele depilasse ou algo assim, mas eu sei que ele não depila. Muitas meninas começaram a dar em cima dele, mas ele não parece interessado. Pelo menos não era a fim da Stacy, e ela é toda loira e ex-jogadora de vôlei, então não sei qual é o tipo dele. Todas as enfermeiras mais velhas na nossa ala dizem que ele gosta de mim, mas não acredito nelas. Talvez eu seja baixa demais para ele. Talvez seja morena demais.

Eis o que eu sei sobre o sr. Sei-Lá: seu primeiro nome é Anthony, ele tem trinta e seis anos, mas não sei quando é o aniversário, e isso é uma pena porque

ajudaria a saber o horóscopo; ele tem uma cicatriz na bochecha esquerda que parece uma letra *v* minúscula, mas não sei como ele a ganhou; embaixo dessa cicatriz, tem uma covinha quando ele sorri, mas não tem do lado direito; ele mora em San Pedro e cresceu lá; a família dele é croata, e eu sei disso porque a Teresa do setor de Faturamento é de San Pedro também e conhece a família dele, já que lá só tem um colégio público e um colégio católico minúsculo, então todo mundo se conhece, e isso é bom porque a Teresa também sabe que a família é católica, o que é uma ótima notícia para a minha mãe, caso, enfim, um dia ela o conheça ou algo assim. Eu deveria dizer que não sou nem um pouco obcecada. Só gosto dele um pouquinho.

Ok, talvez muito. E é estranho, também, porque geralmente não sou tão boa em prestar muita atenção em nada além do trabalho, mas com ele não consigo evitar. Tipo, quando ele termina de falar comigo, longo antes de ter que ir embora, ele sempre curva a cabeça um pouquinho, como se estivesse muito ciente da minha presença, como se as nossas conversas tivessem algum significado para ele também. E as mãos dele não são do tamanho normal. São tão grandes, do tipo que podia arrancar você do chão, do tipo que segura as mulheres com força nas capas dos livros bobos de romance que a tia Luz lê, e o melhor de tudo, a mão esquerda dele não tem aliança. Perguntei para a Teresa, e ela disse que ele nunca foi casado, só noivo uma vez, mas não deu certo. Tento não olhar fixo quando ele me vê e caminha na minha direção.

Quando eu era uma garotinha, fazia aulas de balé porque minha mãe dizia que eu precisava de cultura, e agora a única coisa que eu lembro é como as piruetas me faziam sentir toda tonta e remexida por dentro depois. É isso que eu sinto quando o sr. Sei-Lá se aproxima.

Já o vi algumas vezes, sempre com outros bombeiros. Ele é o motorista, ou operador de aparelho, como chamam. Leva os bombeiros até os incêndios e, se alguém se machuca, ele traz a pessoa para cá. Seu olhar me diz que é por isso que ele está aqui, e sinto um aperto no coração.

— Bom dia, enfermeira Gloria — diz ele, bem baixinho.

Ele faz isso, me chama de enfermeira e adiciona meu primeiro nome. Não consigo lembrar por que ou como isso começou. Mas eu gosto. Virou a nossa

coisa, o jeito como a gente se cumprimenta, por isso sempre respondo “Bom dia, bombeiro Anthony”. Mas hoje ele não sorri para mim, e não posso ver sua covinha, não do jeito normal. Ele está cabisbaixo. Sei que é por causa de tudo o que está acontecendo, mas mesmo quando as coisas estão indo mal — e quando você trabalha onde a gente trabalha e se encontra como a gente se encontra, sempre tem *alguma coisa* indo mal —, ele guarda um sorriso para mim, mesmo que seja só um sorrisinho, ou uma piada sombria sobre alguma coisa que ele viu ou ouviu. Geralmente ele tenta me fazer sorrir, mas não hoje. Hoje ele coloca as mãos nos bolsos.

E então eu sei que tenho que começar a conversa.

— Pelos casos que estão chegando, a coisa não parece boa lá fora. O que está acontecendo? — pergunto.

Ponho a mão de leve no tríceps dele, mas a retiro depressa. Quero que ele saiba que eu me importo, mas ao mesmo tempo não quero que ele saiba que eu me importo. Meu coração está meio palpitando, como se lembrasse que tropeçou pulando corda e estivesse um pouco receoso. Dou uma olhada nele de cima a baixo para garantir que não está ferido nem nada, nem um pouquinho.

— Hum — é o que ele diz, e mais nada.

Eu sei que não devo insistir. Você ouve coisas no hospital. Você vê coisas. Ontem à noite tratamos onze bombeiros que eu conheço — e acredite em mim, conferi cada um dos nomes quando eles entraram. Um deles tinha levado um tiro, mas aguentou a cirurgia e conseguiu sobreviver. Talvez tenha havido mais. Parece que foram os bombeiros quem mais sofreram no primeiro dia. Tudo estava tão desorganizado e não tinha policiais para protegê-los, então eles levaram tiros. Parece estar melhor agora, mas ainda não está ótimo. Até ouvi dizer que houve ataques de *snipers* nos 9º, 16º e 41º grupamentos. Assim que os caminhões saíram dos quartéis, pessoas começaram a atirar.

Por isso, se estou agindo de um jeito meio estranho, ou agitada, só me perdoe. Eu não sabia se o sr. Sei-Lá estaria são e salvo ou se eu ia vê-lo de novo, e as mulheres às vezes fazem coisas estranhas quando não sabem se vão rever alguém-que-talvez-acabe-sendo-muito-especial-para-elas. Pelo menos era isso que a minha *abuela* dizia, e ela era especialista em todos os tipos de coisas,

principalmente em ser mulher.

— Vê se toma conta dele — diz o sr. Sei-Lá, finalmente.

Não sei bem de quem ele está falando, mas sei que temos mais um bombeiro para cuidar agora. Depois eu pergunto para a Stacy sobre isso, quando ele tiver ido embora. O sr. Sei-Lá inclina a cabeça um pouco nessa hora, depois olha de volta para o corredor por onde veio — ele sempre faz isso logo depois de curvar a cabeça.

— Você tem que ir — digo.

Ele me lança um olhar como se não soubesse direito como eu sei disso, mas eu só dou um sorrisinho, esperando que ele retribua. Ele não retribui.

— Se cuida lá fora — declaro.

Ele faz que sim com a cabeça e vai embora. Não olha de volta para mim. Tento não levar para o pessoal, mas isso faz meu peito queimar um pouco por dentro. Quando ele está a alguns passos de distância, vejo sangue seco na sua nuca e logo quero estender a mão para segurá-lo, examiná-lo, garantir que ele está bem e que o sangue não é dele, mas sei que não posso — isso seria apenas um gesto estranho da minha parte —, por isso solto um suspiro de frustrada-e-nervosa-e-preocupada, e começo a andar.

2

Para me distrair das minhas emoções, vou aonde deveria ter ido antes, o quarto de um paciente na UTI de neurologia, para uma checagem pós-cirúrgica de sinais vitais. Este veio com um buraco de bala na bochecha esquerda, e um teste de toxicologia anexo ao quadro. Imagina isso, ele levou um tiro por trás num ângulo inclinado, por isso a bala entrou pela bochecha e saiu pela boca aberta, de modo que não houve ferimento de saída, mas ele não estava reagindo quando chegou, e ninguém conseguia entender por quê. Quero dizer, até nós fazermos uma ressonância magnética e descobrirmos um tumor no cérebro.

— Um milagre — disse a médica do plantão. — Esse filho da puta tem um tumor do tamanho de uma bola de golfe no lóbulo frontal, e cocaína suficiente para matar um cavalo no organismo, mas ainda está de pé e andando por aí? Se ele não levasse um tiro na cabeça, talvez a gente nunca descobrisse. Mais coisas entre o céu e a terra, enfermeira Rubio.

Não sei o que essa última parte significa, mas sei que a cirurgia dele correu bem. O tumor era superficial e saiu com uma área de tecido normal inteiramente em volta, e agora ele está na minha ala ocupando um leito, por isso minha missão é ser a vilã e liberar o cara o mais rápido possível, porque já temos pacientes instalados em cadeiras no saguão por aqui. Em circunstâncias normais, ele ficaria aqui por dois ou três dias, mas uma revolta e lei marcial não são circunstâncias normais.

Quando eu puxo a divisória corrediça, ele está acordado. Tem gaze e esparadrapo no rosto, cobrindo a bochecha inteira, e novos pontos com crostas vermelhas escuras no crânio. Seu quadro antes dizia Fulano de Tal, mas alguém antes de mim riscou isso e escreveu Antonio Delgado. É até fofo de um jeito meio maltratado, pelo menos desde que não abra a boca. Algumas garotas curtem esse tipo. Mas eu não. Não mais.

— Enfermeira, oi — diz ele, estragando a boa impressão. — Oi, enfermeira.

Meu nome é Antonio. *Annnnn-to-ni-o*. Mas quem me conhece me chama de Lil Creeper.

Ele dá uma risadinha. Na verdade, ele racha de rir. É uma boa notícia, eu acho, porque significa que a morfina está fazendo efeito.

O exame de patologia voltou dizendo que era um astrocitoma de baixo grau, maligno como o diabo. Mas nós o pegamos cedo, o que é bom, porque se não tivéssemos, ele poderia estar morto em doze meses ou menos. Portanto, de um certo modo, levar um tiro salvou a vida dele. Incrível. Como é que as baratas do mundo têm toda a sorte, mas as boas pessoas como o Ernesto nunca parecem ter? Nunca vou entender isso.

Eu confiro primeiro a pressão intracraniana, que está normal considerando o estado dele, e depois a pressão sanguínea. Está em treze por nove, meio alta, mas isso é perfeito, porque significa que ainda consegue empurrar nutrientes para o cérebro através do inchaço.

— Meu coração talvez esteja acelerando porque você está perto. Acho que você devia conferir de novo.

Ahã, claro. Eu desinflo o medidor de pressão, retiro e ilumino os olhos dele com a minha lanterna. As pupilas estão reagindo, constringindo-se de forma perfeita e simétrica. Uma contração maior ou menor em uma ou na outra pode indicar um problema, mas por enquanto ele está bem o suficiente para eu poder dispensá-lo para a Enfermagem Prática, contanto que ele fique estável durante vinte e quatro horas, e, de acordo comigo, isso vai ser daqui a dez horas. Estou anotando isto quando me atinge uma sensação de enjoo. Eu *conheço* este paciente.

É o viciadinho que a sra. Nantakarn tem certeza de que roubou todos os pratos bons de porcelana dela no ano passado, sem motivo algum, porque não são algo que dê para vender por muita coisa, e ela teve que comprá-los de volta num bazar de trocas uma semana depois. Ele e o meu irmão eram do mesmo ano na escola. Tenho certeza de que eles se conhecem. É claro, não preciso chamar atenção para isso.

— Olha só — diz Antonio.

Ele quase fecha os olhos, como se estivesse pensando.

— Eu te conheço — conclui ele.

Ótimo, que beleza. Já sinto que aquele meu lado que eu consigo esconder tão bem no trabalho está prestes a se revelar. Só de estar perto deste maluco, isso já desperta o bairro dentro de mim. Em vez de esperar ele se lembrar de como me conhece, decido partir para a ofensiva.

— Ah, é? Bom, eu te conheço também. Por que você roubou todos aqueles pratos bonitos no ano passado?

Ele sorri como se eu o tivesse pego no flagra, mas também é malandro. Logo foge da pergunta.

— Eu nunca roubaria nada, irmã número um do Sleepy. Nunca na vida. Você está me insultando dizendo isso.

Eu lanço para ele um olhar que diz sei-bem-qual-é-a-tua, guarda-essa-conversa-para-uma-garota-mais-trouxa-que-eu.

Ele nota isso e sua expressão muda, quase parece mais triste e vulnerável, e isso me convence por apenas um segundo.

— Ok, mas tem uma coisa que talvez eu roubaria — diz ele.

É um truque. Reconheço o papo furado dele a um quilômetro de distância. É só crescer no meu bairro e errar o suficiente com caras terríveis que você consegue reconhecer também. Não foi fácil, mas tive que aprender de algum jeito. O que os caras que me maltrataram têm em comum é que todos eram bons em mentir para mim, e eu era burra e engolia tudo. Por isso, com esse carinha, eu ponho a mão na cintura, tipo, vamo-lá-não-tenho-o-dia-inteiro. Porque desse tipo eu não engulo nada, e nunca mais vou engolir.

Ele faz uma pausa longa demais porque acha que é malandro, e então me viro para ir embora.

— Eu roubaria o seu coração — declara ele.

Minha risada sai tão alta e rápida que me surpreende um pouco. É quase como um latido. Esse garotinho não teria o meu coração nem se arrancasse do meu corpo. Ele já está mais ou menos fixo em outra pessoa, para variar, um cara bonzinho, exceto que esse cara ainda não sabe disso, ou se soubesse, talvez não se importaria, mas eu espero que se importe. Espero.

Acho que faço uma pausa aqui, só um toque, e o moleque, porque é isso que

ele é, no alto de seus dezenove anos, interpreta completamente errado. Acha que é para ele!

— Vamo lá — diz Antonio, todo confiante. — Eu te levo no Sam's e tudo o mais! Eu tô podendo. Deixo você pedir bife e camarão, porque é esse tipo de cara que eu sou. Vou te tratar *direito*.

Como se esse idiota soubesse o que significa tratar direito uma garota. Se eu tivesse nascido ontem, isso talvez soasse muito bem, mas eu não nasci, portanto não soa. Além disso, nenhuma garota com respeito próprio quer ir, em sã consciência, ao Sam's Hofbrau. O lugar se diz um cabaré para adultos, mas é só uma espelunca de strip-tease com pizza e frituras, e meninas do gueto rebolando umas bundas que em breve vão ser diabéticas. É onde os bandidos e aspirantes saem esbanjando dinheiro como se fossem alguém, é o que meu irmão diz.

— Não, obrigada — digo.

— Tá bom — responde ele —, mas é você que está perdendo!

Eu solto o quadro médico dele na ranhura no pé da cama, e ele sabe que já me perdeu, por isso começa a me fazer uma serenata com "Rock Around the Clock", só que ele não diz *clock*, diz outra coisa que minha *abuela* me educou para não repetir, uma gíria para pênis.

Quando você já conheceu tantos cafajestes quanto eu, aprecia os bonzinhos, pois eles são raros. Tipo, como às vezes tem tão poucos que você chega a pensar que só existem quatro ou cinco que você realmente vai conhecer, e talvez dois com quem tenha uma chance decente de ficar. Eu tive minha chance com o Ernesto, e ele foi bom — não só bom, mas bom *para mim* — mesmo numa idade em que todos são idiotas. Talvez o sr. Sei-Lá possa ser meu próximo bonzinho. Espero que sim, porque já se passou um longo tempo desde meu último bom homem, um tempo longo demais.

Assopro o cabelo grudado do lado do meu rosto, mas não adianta. Continua grudado. Olho para o meu relógio. Estou acordada há vinte e duas, não, vinte e três horas e estou com aquele suor de cansaço que aparece quando você está rodando por tempo demais num mesmo lugar, por isso penteio o cabelo para afastá-lo da testa com o indicador e o amarro para trás com uma faixinha preta que sempre guardo no punho caso seja necessária. Faço um rabo de cavalo e

então passo a ponta de volta por cima, deixando uma espécie de laço em cima da cabeça.

Após avançar alguns passos no corredor, decido fazer uma pequena prece. Olho de relance para trás, para conferir se não tem ninguém vindo depressa com uma maca ou cadeira de rodas, antes de parar onde estou e baixar a cabeça. Seguro a cruz de prata do meu colar entre os dedos. Parece estranho falar que isso é “meu”. Minha *abuela* me deu antes de falecer. Só tenho poucas coisas dela, alguns vestidos, porque só couberam em mim — todos eles rendados e tradicionalmente compridos e azuis, porque ela jamais usava nenhuma outra cor —, mas esta é a única joia que eu tenho. Minhas irmãs mais novas e primas ficaram com as turquesas, os anéis e os colares. Mas esta cruz era a favorita da minha avó, e é por isso que é tão especial. Não rezo com ela o tempo todo, só quando realmente preciso.

Ouço as luzes fluorescentes zumbindo acima de mim, e sapatos rangendo lá longe, quando faço minha pequena prece silenciosa para que meu irmão não termine como o Ernesto Vera no beco atrás de casa, e então rezo pela alma do Ernesto, porque ele ficou tanto tempo estendido ali, mais tempo do que qualquer pessoa deveria ficar. Aproveito para fazer outra prece para que o bombeiro Anthony Sei-Lá não se machuque e volte em segurança para poder ser gentil comigo outra vez, para que eu possa fazer ele sorrir e me mostrar sua covinha de novo. Não quero que esta seja a última vez que a gente se vê, e se eu voltar a vê-lo, quem sabe então vou ter coragem de deixar claro que, se ele quiser me convidar para um café, eu não ia achar ruim, sabe como é, qualquer dia desses.

Coloco a cruz de volta embaixo da gola do uniforme, e fico meio envergonhada, por isso confiro ambos os lados para garantir que ninguém viu.

ANTHONY SMILJANIC,

CORPO DE BOMBEIROS DE LOS ANGELES (LAFD)

1º DE MAIO DE 1992

2h41

1

Tenho um mau pressentimento quando entramos na rua sem saída e vemos nosso local de destino queimando como um show de pirotecnia do outro lado. O fogo ilumina as casas térreas adjacentes com um brilho alaranjado. Nessa hora eu penso que, se existe no mundo um lugar perfeito para uma emboscada, o lugar é este. Vejo a cabeça de um lado para o outro enquanto subimos a rua até o incêndio. Tenho feito isso desde que entrei no meu turno, e também não gosto do que estou vendo. Aqui em volta, há xeretas espalhados nos gramados em grupos de dois e três — jovens negros com capuzes e bandanas idiotas na cabeça.

Suzuki e Gutierrez estão atrás de mim nos assentos dobráveis. Meu capitão está sentado ao meu lado, o capitão Wilts. Ele é negro também, mas isso não quer dizer que ele gosta do aspecto dessa galera. Digo a ele que não gosto do que estou vendo, e ele fala pelo rádio para o Strike Team Leader, o líder da equipe de combate, que tem pessoas demais à espreita, tentando fingir que não estão prestando atenção em nós quando passamos. Já me acostumei a berrarem comigo, a levar pedradas também, mas não a esse tipo de silêncio. Tem umas trinta pessoas olhando para a gente como se fossem nos devorar, mas o Líder da Equipe de Combate (STL) diz para confiarmos na nossa escolta, e o capitão confirma com a cabeça, então eu entro com o caminhão. Sigo ordens — esse é

meu trabalho, dirigir o caminhão e bombear —, mas não tenho que gostar delas, só tenho que manter as mangueiras carregadas.

A patrulha rodoviária, California Highway Patrol (CHP), tem dois carros nos acompanhando, ambos do Condado de Ventura, que vieram aqui em esquema de apoio mútuo. Caras legais. Não estão acostumados ao que a gente faz, mas são legais. Não ficaram contentes quando ouviram que a gente é atacado por civis mesmo nas melhores épocas, que é uma coisa normal o caminhão levar tiros e ter as janelas quebradas. Numa situação de emergência corriqueira, mandamos um bombeiro para o hidrante, ele abre, e nós esguichamos. Mas nas trinta e poucas horas desde que essa revolta estourou, estamos aprendendo o seguinte por toda a Southland: você manda um para o hidrante, vem alguém importunar, então você manda dois para o hidrante, e vem alguém importunar também, por isso chegou ao ponto em que você nem se dá ao trabalho de abrir um hidrante sem dois carros de escolta, cada um bloqueando ambas as pontas do quarteirão. Então dá certo, mas tudo fica melhor quando os caras da CHP estão de arma na mão.

Mas esta é uma rua sem saída num bairro de casas térreas podres, construídas perto demais umas das outras. É um quarteirão antigo, uma coisa dos anos 1950 que provavelmente foi construída para abrigar operários de fábricas de aviões como aquelas lá em Lockheed, que vieram depois da Segunda Guerra Mundial. Agora está tudo caindo aos pedaços: pintura descascada, garagens com o teto derrubado e carros sobre blocos de cimento. Fica a norte da minha região, que é o 57º grupamento, por isso não sei se é território dos Bloods ou dos Crips, mas é de algum deles. As pessoas estão prestando atenção demais para não ser, e pior, estão avançando na direção do fogo — e de nós — como mariposas vagarosas. Porém, nada disso é problema meu neste momento.

Neste momento, meu problema é a rua sem saída. Se eu quisesse atrair bombeiros para uma situação difícil de sair, eu colocaria fogo aqui. Operacionalmente, a única coisa a se fazer com uma rua sem saída é bloquear a entrada. O único problema neste caso é que também só temos essa saída. É minha função conhecer nossas saídas, estacionar o caminhão embicado para fora, para podermos chegar e partir sem desperdício de esforço. Nada de dar

meia-volta em três manobras. Entrar e sair tranquilamente. Aqui, não podemos fazer isso, e me deixa nervoso saber que nossa única saída é voltar por onde viemos, mas o STL disse para acabar com esses incêndios, então eu acoplo e estendo duas linhas antes de ajustar a válvula de alívio de pressão. Tirei uma mangueira de abastecimento de duas polegadas e meia, e uma de uma polegada e meia. Estou sem as de três e meia porque tivemos que fugir correndo devido a uma potencial situação de tumulto perto da Slauson algumas horas atrás. Mas depois que a gente entra em ação, corre tudo depressa e direito.

Temos cinco caminhões, por isso apagamos o incêndio rápido. Começamos a nos afastar quando ainda está fumegando. Em uma situação padrão, ficamos de olho até só sobrarem cinzas, porque, se o fogo reacender, é a sua cabeça e a de todo mundo na sua companhia que está em jogo. Isso não se aplica sob lei marcial. Aqui é só estender as mangueiras, esguichar, extinguir o incêndio, recolher e partir porque sempre tem mais outros cinco ou dez para apagar. Depois que você pega o ritmo, é até divertido.

Pelo menos não tem chamadas de emergência médica para a gente esta noite, e não teve uma desde que esse negócio começou. Isso é quase como uma recompensa. Não há nenhuma busca e resgate hoje, apenas mangueira. É por isso que todos os caminhões voltaram para os postos e os operadores de aparelho, esses trogloditas, esses caras melhores que os outros, desta vez precisam trabalhar de fato para variar.

Fico de olho na multidão quando o STL dá ordem para a gente partir. Eles se fundiram numa única massa de gente perto da embocadura da rua sem saída, e isso não é bom. O mais rápido que posso, confiro se meu tanque está cheio de água do hidrante antes de desconectar a mangueira de abastecimento e buscar o Gutierrez. Nós dois carregamos a de uma polegada e meia de volta para o compartimento transversal. Normalmente nós a colocamos direitinho, bem-apertada, mas não há tempo para agir em modo de inspeção. Agora o que importa é terminar o serviço e depois fazer outro a dois quarteirões daqui, ou três, ou sei lá. A prioridade é a rapidez, não a organização. Vai contra tudo o que nos ensinaram, e é bonito. Liberdade, é isso que é. Se bem que eu me sentiria melhor se essas pessoas estivessem mais para trás. Toda vez que viro o rosto,

parece que o grupo está maior, mais próximo.

Aceno com a cabeça para o Gutierrez, e ele sabe que tem que apressar o negócio. Ele também vê as pessoas. Nós enrolamos rapidamente a mangueira de dois e meio e a levantamos juntos. Repousamos ela na guarda traseira por um instante antes de alçá-la para o compartimento de mangueiras enquanto o pessoal da CHP volta para os seus carros e abre a saída para todos os caminhões poderem passar, mas é nessa hora que eu sei que tem algo errado. Quando o segundo carro da CHP fecha as portas, uma saraivada de entulho é atirada contra a gente, e logo atrás dela, corpos se lançam na nossa direção em plena escuridão.

Quem é que sabe por quê? Algum lance de raça? Algum lance de autoridade? Desculpa se eu nunca parei para refletir sobre os motivos desses delinquentes de merda, porque estou ocupado demais guardando mangueiras e me esquivando de uma pedra voadora do tamanho de uma bola de beisebol. Essa coisa amassa a traseira do meu caminhão antes de cair no asfalto. Na hora em que eu levanto a cabeça, tem alguém em cima do Gutierrez, e uma das pernas dele está presa embaixo da mangueira, e ele luta para se soltar. Eu salto para a frente para derrubar o desgraçado, mas não sou rápido o bastante. Esse negão filho da puta com corpo de jogador de futebol americano acerta o rosto do Gutierrez com meio bloco de cimento quebrado, batendo com a ponta.

Depois eu vejo o olhar do garoto, a seriedade e o contentamento doentio, e vejo o bloco de cimento descer em câmera lenta, sentindo o barulho no meu estômago quando o bloco faz contato com o queixo e o empurra com força, o estalo terrível de um maxilar se partindo sob o peso. O Gutierrez solta um grito cuspido enquanto dou um encontrão no maldito negro que está sorrindo em cima dele, e mando o cara para a frente tropeçando na sarjeta até cair de cara na grama. Não sou o maior cara do mundo, mas joguei todo o meu peso. Não preciso saber o que teria que fazer além disso, porque os caras do CHP estão atrás de mim de arma em punho e disparam um tiro de advertência que faz o moleque fugir de quatro como um cachorro. Enquanto ele foge, vejo uma cicatriz brilhante no seu ombro, como se ele tivesse feito uma cirurgia ou algo assim.

— Atirem nele — digo. — Ele acertou o Gutes! *Atirem* nele!

Mas eles não atiram. Deixam o cara escapar por cima de uma cerca. Isso me queima por dentro, mas não posso desperdiçar energia com isso agora.

Olho para baixo e avalio o ferimento diante de mim. Está feio — muito feio. O capitão está do meu lado. Ele vê. O Suzuki também.

— Merda — diz o Suzuki. — Guenta aí, Gutes!

Através de um novo rasgo no rosto dele, vejo a língua do Gutierrez debatendo-se de um lado para o outro como se estivesse tentando levantar e fugir. O resto é pior, porque também vejo a mandíbula dele apenas pendurada, completamente fora da articulação esquerda, tão longe que consigo ver as partes brancas e planas de seus dentes molares.

Sinto um aperto no coração quando vejo isso. Tiro a jaqueta e rasgo a camisa do meu uniforme — porque nada na caixa de primeiros-socorros parece grande o suficiente para isto —, embolando o tecido o melhor que posso antes de colocá-lo entre o ombro e a mandíbula dele, e viro sua bochecha nessa direção para que o pano mantenha a mandíbula no lugar certo por enquanto.

— Continue apertando aqui se puder — digo para o Suzuki. — Só por um segundo.

O capitão corre para o rádio enquanto levantamos o Gutierrez e jogamos os braços dele por cima dos nossos ombros para arrastá-lo de volta até a cabine. Não temos tempo para pôr um colar cervical. O Suzuki fica com as mãos no pescoço dele, sustentando enquanto a gente cai fora rapidinho. É o melhor que a gente pode fazer no momento. Minha respiração está pesada e acelerada, e estou balbuciando, pedindo desculpas com todas as palavras que consigo imaginar, dizendo ao Gutes como eu lamento pra caralho, lamento que o idiota da CHP não tenha liquidado aquele moleque na hora, lamento por não ter confiado no meu instinto e deixado a mangueira de duas e meia para trás, que se a gente não tivesse abandonado a de três e meia no último incêndio, eu teria mandando ele deixar ela onde estava na grama, em vez de carregá-la para o caminhão, mas eu não queria ficar sem minha última mangueira de abastecimento para o próximo, e como isso tudo soa estúpido agora, como nada disso valeu a pena. Nada.

Suzuki e eu colocamos o Gutierrez no banco do passageiro do meu caminhão. Apoiamos ele no encosto do assento com todo o cuidado possível antes de eu

descer para o chão e contornar pela frente até a minha porta. O Suzuki faz o mesmo, correndo até seu assento dobrável atrás, e abrindo mais a divisória da janela para poder sustentar o pescoço do Gutierrez. O capitão agora também está na traseira, com o fio do rádio totalmente esticado.

— O agente Gutierrez foi ferido — diz ele no microfone.

— Fala de novo — responde o assistente do STL.

— Algum delinquente acertou o Gutierrez no rosto com um tijolo! — grito sem nem perceber que estou gritando.

O capitão me ignora e repete o que disse antes. Os caras da CHP finalmente conseguiram dispersar a multidão. Eles quatro vasculham gramados e calçadas, procurando pessoas desgarradas, mas não tenho tempo para isso. Engato a marcha no caminhão.

— É muito grave? — pergunta o STL.

Ele quer saber.

Agora sou o caminhão da frente, e deveria esperar uma viatura da CHP entrar diante de mim, mas não espero. Estou segurando o que resta da mandíbula do Gutierrez na articulação com a mão direita, porque ele conseguiu se soltar da camisa enquanto o Suzuki mantém o pescoço dele apoiado, e ligo as luzes e sirenes com a mão esquerda enquanto piso no acelerador e saio da rua sem saída em alta velocidade.

— Extremamente grave — responde o capitão.

O que ele não diz é que o Gutes tem um buraco novo no rosto, alguns dentes virados, e não consigo pensar no resto.

O Gutierrez é do 57º — um dos nossos, e o pior cozinheiro que alguém pode imaginar — e está tremendo enquanto tento segurar o rosto dele no lugar, tremendo como se treme de frio. É o choque. Está balbuciando alguma coisa, que eu preciso ligar para a mulher dele e falar que ele está bem, dizendo para ela não se preocupar, dizendo que é culpa dele por ter prendido a perna. Através do buraco no rosto, sinto o lado da língua dele tremendo convulsivamente na minha palma enquanto ele fala.

— Para de falar — digo para ele. — Agora para.

— Harbor-UCLA — informa o STL finalmente.

Por toda a cidade, comboios de bombeiros têm reportado civis que tentaram bloquear ou impedir o avanço dos caminhões para poderem atingir os veículos com garrafas, pedras, latas — qualquer coisa. Eles ficam de mãos dadas nos cruzamentos, formando uma barreira, contando que você vai desacelerar.

Quando o Gutierrez geme, sinto uma vibração no osso do meu pulso. Bem nessa hora, eu respiro o mais fundo que consigo.

— Então sabe, capitão — digo para o Wilts atrás de mim —, se entrar alguém na minha frente, eu vou atropelar e foda-se.

Não há resposta na hora, apenas os gemidos direcionados das sirenes vindo atrás de mim conforme os caminhões se enfileiram. Eles estão comigo. Todos eles.

— Faça o que tiver que fazer — responde o capitão.

2

Ninguém entra na minha frente, por sorte. Fico feliz com isso, se é possível estar feliz nestas circunstâncias, porque realmente não preciso de mais nenhum peso na consciência. O Suzuki ainda está sustentando o pescoço do Gutierrez, mas o Gutes está gemendo um pouco enquanto respira. Consegui apertar a camisa de um jeito em que a mandíbula fica ligeiramente encaixada à articulação. Isso liberou minha mão direita para dirigir, mas também deixou o volante grudento de sangue, e sentir isso me faz odiar a mim mesmo. Esse sentimento se multiplica quando ouço o capitão relatando detalhes do ferimento pelo rádio para o STL.

A Vermont é a primeira rua grande à qual chego, então viro à esquerda, mas estou indo meio rápido demais, e meu pneu traseiro direito sai do chão enquanto eu viro, pousando com uma batida estridente que sacode o caminhão inteiro. O Suzuki dá um grunhido, e o Gutierrez não reage, mas mesmo assim, decido nunca mais fazer isso.

— Vai mais devagar, estamos com pressa.

É isso que eu digo para mim mesmo. Na verdade, digo isso em voz alta. É uma coisa que minha ex-mulher costumava me dizer. Foi a única coisa boa que ela me deixou, uma coisa para me lembrar de manter a calma durante tempestades.

— Você está indo bem — diz o capitão, atrás de mim.

Nós passamos por alguns caras da Guarda Nacional construindo uma barreira de sacos de areia numa esquina, na beira do estacionamento de um supermercado, e não consigo deixar de pensar que eles ajudariam muito mais se estivessem onde estávamos agora há pouco, mas enfim, eu sei que grande parte do trabalho deles é de contenção, não de enfrentamento. Ainda assim, teria sido legal impedir que o bairro de alguém fosse destruído pelo fogo sem ser atacado pelos moradores, justamente as pessoas que estamos tentando ajudar. Mas isso

seria pedir demais, né? Bando de animais.

A viatura da CHP agora fica lado a lado comigo. Imagino que ele está pensando que esta é minha cidade, e que eu sei para aonde estou indo, o que é bom, porque eu sei. Também é o jeito de ele me avisar que está me seguindo, e a boa notícia é que as ruas estão vazias o suficiente para permitir isso, o que me surpreende porque achei que o toque de recolher não funcionaria, não do jeito como esta cidade está em chamas.

Viro à esquerda na Gage, mas desta vez vou devagar o suficiente para o meu caminhão permanecer no chão. Pego a rampa e subo até a Harbor Freeway com muita pressa. Minha saída é a Carson, e agora estou a mais de noventa por hora, mas não muito mais. Não é recomendável passar muito disso quando você está carregando um tanque d'água com quase dois mil litros e um tanque de combustível de quase duzentos. Chegaremos lá em cinco minutos. Vamos parar na entrada, e tudo vai ficar bem. Eles vão vir em bando, como vespas de uniforme branco, levá-lo embora e consertá-lo.

Vai mais devagar, eu penso, *você está com pressa.*

Isso não me faz desacelerar de fato, mas me ajuda a manter meus sentimentos sob controle. Quero machucar o moleque que fez isso. Quero encontrá-lo, aquele com a cicatriz no ombro, e pôr uma bala em cada um dos joelhos dele. Tento lembrar como era a cara do delinquente, mas estou olhando o Gutierrez a cada poucos segundos para conferir se ele continua mantendo a pressão. Não consigo imaginar o quanto deve doer colocar qualquer peso ali. Esse filha da puta é corajoso mesmo. Vou contar isso para todo mundo quando ele estiver curado. Todo mundo. *Algum dia, isso vai ser só uma história*, eu penso. *Uma história de guerra.*

E talvez não tivesse sido tão ruim se o nosso estagiário paramédico não estivesse com o 46º grupamento. Uma ajuda seria boa. Os médicos das equipes SEAL têm feito seus estágios não oficiais com a gente há anos porque a marinha acredita que é o jeito mais eficaz de aprender sobre ferimentos de combate: hematomas, tiros e perfurações, trauma de explosões — há mais disso em L.A. do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos, eu acho. É nossa zona de guerra particular, e este cara acaba de causar baixa na pessoa errada.

Agora, a perda de sangue está afetando o Gutierrez. Ele fecha os olhos intermitentemente, como limpadores de para-brisa lentos. Não sei se ele consegue me ouvir, mas falo com ele assim mesmo.

— Que jeito incrível de terminar o seu turno, herói — digo alto o bastante para ele conseguir me ouvir por cima do som da sirene. — Você com certeza vai ter histórias para contar quando voltar para o Havaí.

Minhas bochechas ardem só de dizer isso, e me sinto com uns trinta centímetros de altura na hora, porque o que há de heroico em tentar fazer o seu trabalho e ser atacado por um delinquente do tamanho de uma geladeira? O que poderia ser heroico em tentar se proteger e não conseguir? Nada, pois é.

Eu balanço a cabeça e confiro o pulso dele. Está lento, mas está lá.

Vamos chegar em três minutos, penso.

A rodovia está quase vazia. Não há nada para fazer além de olhar para novas pichações vermelhas, azuis ou pretas que dizem “Foda-se a polícia”, “Foda-se a Guarda Nacional”, e “Matem os branquelos”, e tento não levar isso para o pessoal enquanto miro o caminhão reto e sigo depressa. Passamos por duas patrulhas do LAPD com luzes acesas indo na direção oposta, mas é só isso. Nunca vi nada parecido.

Gutierrez é um dos nossos funcionários que fazem migração pendular. Durante o seu período de experiência, você tem que morar dentro do perímetro da cidade, mas depois disso, pode se mudar para onde quiser. Se você conseguir fazer trocas de turno e seu capitão topar, você pode trabalhar em qualquer horário que atenda às suas necessidades. A única coisa para se preocupar é o moral da companhia, porque o fato de as pessoas estarem longe o tempo todo pode afetar o senso de comunidade e o espírito de equipe, mas como eu disse, isso quem decide é o capitão Wilts. Ele é dos bons. Que eu saiba, nós temos bombeiros morando em San Francisco, San Diego e Las Vegas, mas o que mora mais longe é o Gutierrez. Ele mora em Maui, em uma casinha em Napili com a mulher e um filho na segunda série, e vem de avião para cumprir os turnos.

Cacete. Você sabe como às vezes no calor do momento esquece as coisas, e depois lembra delas e isso dificulta tudo? Essa é a sensação ao me lembrar da mulher e do filho do Gutierrez. Kehaulani e Junior, são os nomes deles. Bom,

Junior é só um apelido. Ele tem o nome do pai. É o primeiro na linha de sucessão. Um menino bonitinho, grandes olhos castanhos como os da mãe. Este ano encontrei eles antes de fazerem uma viagem para a Disney, a primeira do moleque. Lá no posto dos bombeiros, o Junior me perguntou se eu queria ver o que ele estava pretendendo dar para a fada dos dentes, e quando eu disse que sim, ele apontou para dentro da boca dele e me mostrou onde tinha um dentinho branco solto. Mexeu o dente para a frente e para trás como um interruptor, só para mim. Depois disso, deu uma risadinha e me perguntou se eu achava que o Mickey talvez quisesse ver também.

Confiro de novo o pulso do pai do Junior. Está igual.

— É melhor que você esteja bem — digo para ele.

Estou verdadeiramente puto com esse júri agora. Estou puto com tudo, mas também estava puto com eles especificamente. Se tivessem declarado pelo menos um culpado, isso não teria acontecido. O mínimo que eles podiam ter dado para nós era um bode expiatório — mas não. A cidade inteira está pagando por isso agora, e o Gutes está pagando mais do que deveria.

O pai do Junior faz trocas de turnos, trabalhando um mês e tirando outro de folga. Em abril ele estava trabalhando, por isso em maio está agendado para tirar folga. Se esse tumulto não tivesse acontecido, se a cidade não tivesse pegado fogo, ele não estaria em plantão de emergência e estaria dormindo no posto e depois pegando um voo amanhã cedinho. Eu sei porque já levei ele de carro para o aeroporto algumas vezes. Todo bombeiro tem um segundo emprego, faz parte do pacote, com tantos dias de folga. Em seus meses de folga, o Gutierrez trabalha com imóveis. Pelo que sei, está se saindo muito bem. A parte que mais me deixa mal é que tecnicamente ele deveria estar de folga quando levou um bloco de concreto na cara.

Cacete. Isso mexe comigo, esse pensamento. Vai se espiralando até virar culpa, e eu deixo. Sou o rei da autopunição. Ninguém é melhor do que eu. Tirando talvez minha mãe, do jeito como ela tortura a si mesma. Como católicos croatas, é praticamente nosso direito de nascença. Este sentimento específico começa como uma dor, uma punhalada no meu estômago. Sai em ondas quentes do meio do meu corpo, até os dedos das mãos e dos pés, depois volta. Está me

dizendo que tudo isso é culpa minha, que a gente não devia nem ter recolhido depressa as mangueiras, que eu devia ter confiado no meu instinto, porque se tivesse, o Gutierrez estaria bem. Teria voltado inteiro para casa e para a família dele. Mas agora não. Agora não.

3

O STL mandou uma mensagem de rádio antes, para eles nos encontrarem já na entrada do pronto-socorro, então quando eu paro o caminhão já tem quatro pessoas de avental branco empurrando uma maca. Eu passo para o banco do lado e aperto minha camisa mais forte no rosto dele enquanto eles abrem a porta do passageiro bem devagar, e três pares de mãos vêm pela abertura e o apoiam antes de abrirem tudo para baixá-lo.

— Já pegamos ele — eles me dizem.

Não quero soltar, mas eles repetem. Então eu solto.

Por um segundo, eu só fico ali sentado, assistindo a eles o acomodarem na maca e colocarem um colar cervical nele, antes de tentar pôr uma máscara de oxigênio na boca dele e perceber que não é uma tarefa tão fácil quanto eles talvez estivessem achando. Quando começam a empurrá-lo e passam pelas portas, parece que uma pequena parte de mim é arrancada conforme ele se afasta.

Pego minha jaqueta na cabine, porque não parece apropriado andar por aí com uma camisa regata cheia de suor e sangue, e quando entro começo a achar ridículo usar o casaco dentro do hospital, mas é tarde demais, já estou com ele.

Em um piscar de olhos, o capitão Wilts aparece do meu lado.

— Vão tomar conta dele direitinho — diz ele. — Não tem nada que a gente possa fazer agora. Escuta, o STL quer que a gente volte para o serviço, por isso o 79º está mandando um bombeiro para nós. Estão trazendo ele pra cá no carro de apoio.

Não podemos operar um caminhão só com três pessoas, então eles estão substituindo o Gutierrez para a gente poder continuar. Sei que é assim que funciona, mas dói mesmo assim.

— Preciso mijar — digo, e peço licença.

— Claro — responde o capitão.

Sua voz está exausta. Como a sensação que tenho agora.

No banheiro, eu esfrego as mãos duas vezes. Lavo-as com água quente demais e só uso o espelho para conferir se não tem sangue em mim. Mas tem. Tem uma gota seca grudenta como mel vermelho velho encrostada nos pelos da minha sobrancelha esquerda, mais umas manchas em cima da orelha, uma até dentro dela. Como foi parar lá, nunca vou saber. Esfrego tudo. Depois de usar umas doze toalhas de papel para secar as mãos, abotoo meu casaco até em cima para que, se eu esbarrar com ela, ela não veja o sangue na minha regata.

A UTI não é longe. Sei onde fica e como chegar lá. Imagino que tenho uns dez minutos antes de o cara novo chegar, e preciso vê-la, ver pelo menos uma coisa boa hoje. Não que isso melhore tudo, mas talvez me impeça de afundar. Não sei. Parece bobagem. Mas talvez seja verdade. Passo por um faxineiro asiático careca empurrando um esfregão ouvindo um walkman muito alto e agudo. Reconheço a música, “To Be with You”, e balanço a cabeça porque é brega demais e sinto vergonha, porque quando ouvi isso a semana passada no rádio, pensei na Gloria e tive que me impedir de me acostumar com a ideia, porque talvez ela não sinta a mesma coisa por mim.

Quando dobro o corredor e a vejo parada bem na frente do seu posto, começo a andar de um jeito estranho, e tenho que agir como se fosse natural. Tem algo diferente nessa mulher. É difícil explicar, mas o jeito que ela caminha, ela se porta, dá para perceber que ela ama o emprego que tem e é estável, alguém com quem você pode contar. Eu gosto disso. Ela é diferente das meninas com quem eu cresci, nenhuma delas interessada em faculdade, todas agora casadas há anos. As que parecem ter sobrado para sair estão ou trabalhando nas docas ou são garotas sem rumo de San Pedro dez anos mais novas que eu, que crescem não querendo mais nada da vida depois do colégio além de ser recepcionista no Grinder até conseguir fisgar um cara com um cartão da ILWU para poder largar o emprego, ficar em casa, ter filhos, assistir a novela e tirar férias duas vezes por ano em Catalina Island — o Havaí dos eslavos, como minha mãe chama.

É o pensamento no Havaí que me ataca de emboscada, e mais uma vez estou pensando no Gutierrez e no que aconteceu e em como eu poderia ter evitado. Engulo o sentimento. Penso em achar o delinquente que fez isso, pegar ele de

surpresa, fazer ele pagar.

Tento enterrar isso dentro de mim também, porque agora a enfermeira Gloria está conversando com a enfermeira loira alta — qual é o nome dela? Esqueci, mas ela é que nem um botão de *fast forward* num videocassete, essa garota. Logo da segunda vez que a encontrei, ela me chamou para sair, e não é que eu não tenha ficado lisonjeado ou que ela não fosse atraente, mas isso me deixou meio indisposto. Acho que sou um pouco mais tradicional. Eu é que tenho que convidar. É assim que fui criado.

De qualquer modo, a enfermeira loira me vê chegando e acena com a cabeça numa espécie de código secreto para a enfermeira Gloria, que vira para me olhar e — às vezes, o jeito que ela me olha, não consigo saber se ela acha que eu sou o cara certo ou que eu não sou suficiente. É esse tipo de olhar intermediário que não consigo situar. Tento forçar um sorriso ou algo assim, mas não consigo parar de pensar em como o volante estava pegajoso nas minhas mãos.

— Bom dia, enfermeira Gloria — digo, numa voz mais baixa do que pretendia.

Talvez seja estúpido usar o cargo dela desse jeito quando a cumprimento, mas não consigo evitar. Na minha profissão, todo mundo atende pelo sobrenome, e acho que aqui também, porque até hoje só vi sobrenomes nos crachás das pessoas. Por isso, no dia em que nos conhecemos por acaso, olhei para o crachá dela e a chamei de enfermeira Rubio, ela imediatamente me disse para chamá-la de Gloria, e antes que eu conseguisse pensar, deixei escapar um “enfermeira Gloria”, e ela riu e me chamou de bombeiro Anthony, e agora também foi assim.

— Bom dia, bombeiro Anthony — diz ela.

É uma boa sensação ouvir ela dizer isso; é familiar. Já que ela não sorri, eu não sorrio também. Bom, ela não parece infeliz de me ver, mas também não parece feliz. Percebo que tem algo acontecendo atrás desse olhar, no entanto, e não sei o que é, e quero descobrir. Ela tem um rosto tão impassível que eu às vezes me pergunto onde ela cresceu, e se era duro lá, porque sinto que ela é capaz de endurecer e amolecer quando quiser, como se abrisse e fechasse uma torneira.

Olho para minhas mãos, e vejo que não tirei todo o sangue em volta das

unhas, por isso as enfio nos bolsos.

— Pelos casos que estão chegando, a coisa não parece boa lá fora. O que está acontecendo? — pergunta ela.

Ela encosta as pontas dos dedos no meu braço e baixa a mão depressa. É tão leve que imagino que pode ter sido um engano, mas espero que não seja. Neste instante, quero tentar contar para ela o que aconteceu na rua sem saída e com o Gutierrez do jeito mais sucinto que posso, porém não sai nenhuma frase, nem mesmo palavras reais.

— Hum — murmuro apenas isso.

É como se eu tivesse empacado em ponto morto, e a pior parte é que estou tentando engatar a marcha, tentando mexer na embreagem, mas meu cérebro simplesmente não funciona. Que burro.

Ela provavelmente está achando exatamente a mesma coisa, porque está olhando para mim agora, não exatamente me avaliando, mas como se estivesse procurando o que há de errado comigo e não soubesse direito o que é. É quase como se estivesse me diagnosticando. Passamos um momento constrangedor assim, eu olhando para os sapatos brancos de enfermeira dela, percebendo como eles estão gastos apenas do lado de dentro, como se talvez ela esfregasse um no outro de maneira intencional, e não digo nada, e ela também não. Só está olhando para mim, e é nesse instante que sei que preciso quebrar o silêncio de algum modo, dizer qualquer coisa, agora mesmo.

— Vê se toma conta dele — digo, finalmente.

Meio que contraio o rosto assim que a frase sai da minha cabeça. Idiota! Isso não faz sentido porque eu não contei nada para ela sobre o Gutierrez, nem onde ele está, e isso me lembra que já fiquei tempo demais, mas não consigo reunir as palavras para dizer como foi bom simplesmente vê-la, por isso não digo nada. Todo mundo está me esperando.

Tenho que ir, eu penso.

— Você tem que ir — diz ela, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Isso põe fim à conversa. Não quero nunca jogar cartas contra essa mulher, mas admito que a ideia de tê-la no meu time já é outra história. Preciso inclinar a cabeça quando penso nisso, porque ela me dá um sorrisinho que acaba com

qualquer resposta que eu poderia inventar.

— Se cuida lá fora — fala ela.

O tom é tão educado, mas é quase como uma ordem — uma ordem educada —, que eu não sei o que dizer, então só meio que concordo automaticamente com a cabeça e vou embora. Estou tão frustrado e envergonhado com o jeito como aconteceu nossa interação que nem olho para trás. Só tiro as mãos dos bolsos e olho de novo para as minhas unhas, como ainda tem sangue embaixo do indicador e do anular, e penso no Gutierrez de novo, e no Junior e no telefonema que ele e a mãe dele vão receber logo, logo para contar o que está acontecendo, e ando mais depressa.

4

Eu compartimento as coisas. Admito. Coloco tudo o que aconteceu agora há pouco numa caixa dentro de mim e tento não abri-la. Desta vez saímos com as sirenes desligadas, só que desta vez não estou a frente do comboio. O veículo do STL está de volta ao lugar a que pertence, o que é bom, porque não estou exatamente cem por cento agora. Estou no meio do bando, com proteção na frente e atrás. Temos um cara novo no lugar do Gutes, o McPherson, e voltamos na direção norte, só uma pequena coluna de luzes enquanto avançamos pela rodovia. O STL já está anunciando outro endereço pelo rádio, o mais novo vencedor da nossa pequena loteria do LAFD, mas não estou bem prestando atenção. Faço um esforço enorme para não mexer na caixa cheia de pensamentos sobre o Gutierrez e sua família, ou sobre como as coisas se saíram mal com a enfermeira Gloria, ou sobre o que eu faria com um martelo à cara daquele delinquente, por isso apenas continuo em formação. Tento me distrair. Eu me pergunto quantas estruturas serão completamente destruídas pelo fogo, porque não há caminhões suficientes em circulação.

Mas você sabe o que é hilário? O que os noticiários pensam de todos esses incêndios. Os caras na televisão ficam falando sem parar que não acreditam que as pessoas estão incendiando os próprios bairros. Eles acham triste, fruto de algum tipo de fúria primitiva impensada. Não é. É especialmente algo planejado, devido a um dentre três motivos: ao rancor, ao tumulto, ou ao seguro. Aliás, essa não é uma definição oficial nem nada assim. É só o que eu penso. É rancor se um cara não gosta do outro por qualquer motivo, por isso ele aproveita o caos para fazer alguma coisa a respeito, então mesmo o lance da raça, como o que os negros estão fazendo com os coreanos, entra aqui. É pelo tumulto se você está deliberadamente ateando fogo só por diversão, ou se está tentando encobrir um crime, ou usando isso como distração para atrair a assistência emergencial para um lugar e ter assim a chance de cometer um crime em outro lugar, coisa que as

gangues com certeza fazem. Eles já fizeram isso antes das revoltas, estão fazendo isso durante, e vão fazer depois. Na verdade, posso te dizer agora mesmo que não estou nada ansioso para este verão chegar. Todas as merdas que estão acontecendo agora vão exigir retaliação, se não nos próximos dias, então mais tarde, no verão. O último, e mais provável, é pelo seguro. Se você tem um negócio numa parte podre da cidade e ele não está rendendo tanto quanto você quer, mas você tem seguro contra incêndio e vem pagando parcelas bem salgadas por essa apólice faz um tempão, então um dia os policiais racistas são absolvidos e de repente eis que surge a oportunidade de incendiar seu próprio estabelecimento e sair impune — tudo o que você tem que fazer é culpar as gangues ou os saqueadores, então, por que não?

Quando ouvi o veredito pela primeira vez, estava sentado do lado do Charlie Carrillo na arquibancada do Peck Park em San Pedro. O Carrillo é do 53º grupamento, mas nós estudamos juntos no colégio e agora jogamos num time local de beisebol. Eu jogo como *catcher*. É a posição mais importante no campo, na minha humilde opinião. Você poderia jogar um amistoso sem um *shortstop* se fosse realmente preciso — sabe, oito contra oito —, mas sem um *catcher*? Sem chance. O *catcher* é a constante. É ele quem determina cada arremesso, e mesmo quando muda o arremessador, ele continua ali. Sem ele, não tem jogo. Enfim, nós tínhamos acabado o treino e estávamos com um radinho ligado entre nós.

Então eu estava sentado do lado do Carrillo quando o locutor anunciou os detalhes sobre o júri que absolveu Briseno, Wind e Koon. Também é mencionado que não se chegou a um veredito sobre o Powell, mas outra coisa me incomoda.

— Como é que o noticiário faz todo esse estardalhaço sobre os policiais serem brancos? O Briseno não é branco, é? — pergunto para o Carrillo enquanto estou desafivelando meus protetores de perna.

— Tenho quase certeza que o nome é Briseño, que é hispânico — responde Carrillo.

O Carrillo é hispânico também, por isso deve saber.

— Não é exatamente justo dizer que ele é branco se ele não é — comento.

— Isso cai bem na história, eu acho. Brancos contra negros.

— É, mas é distorcer os fatos.

— Grande coisa — diz Carrillo —, eles fazem isso o tempo todo. Não há responsabilidade nesse ramo de trabalho, você sabe disso. O dia que alguém da TV tiver que fazer um relatório de incidente sobre uma cagada e admitir responsabilidade como nós fazemos, esse é o dia em que ninguém mais vai querer ser apresentador de jornal.

— Verdade — digo —, mas não sei bem se isso importa agora. Essa cidade vai virar um pandemônio.

Eu telefonei logo depois disso e perguntei se precisavam de mim no quartel, mas me disseram que, como eu estava agendado para o dia seguinte, era melhor aguardar.

Então eu fui só depois que a cidade realmente tinha virado um pandemônio maior do que qualquer pessoa havia imaginado. É claro, eu ainda não sabia que nosso estimado prefeito negro, o sr. Tom Bradley, iria aparecer na televisão e dizer que era hora de o povo sair às ruas ou algo nesse sentido. Os caras no quartel não paravam de falar nisso. Não conseguiam acreditar. Se sentiram traídos, como se ele tivesse passado uma rasteira na gente quando disse isso — colocando a gente num risco maior. Eu entendo, me senti traído também, mas sou realista. O negócio teria explodido de qualquer forma. Você realmente acha que as pessoas estavam sentadas em casa, esperando para ver o que o prefeito ia dizer antes de decidir se revoltar? Eu também não. Os Crips já estavam aprontando na Florence com a Normandie antes de o Bradley sequer aparecer na televisão.

Estou olhando para o resultado disso diante de mim, enquanto tento me preparar para voltar para o meio do caos. Do meu assento, parece que Los Angeles sofreu um ataque aéreo. Parece que explodiram bombas. Chamas alaranjadas dos dois lados da 110, algumas em poças de escuridão, aqui e ali, porque o fogo derrubou a eletricidade no quarteirão, e não é a primeira vez que penso que é assim que deve ser o inferno. Não tem estrelas no céu hoje, e não teve nas últimas duas noites. O toldo de fumaça preta que pende sobre a bacia é espesso demais para se enxergar através dele.

Eu faço uma checagem e informo o capitão de que estou com menos de um

quarto do tanque de combustível, e se eu estou, é o que fica implícito, todo mundo também está. O capitão repassa isso. É o momento crucial em que o Líder da Equipe de Combate vai decidir ou reabastecer totalmente nosso combustível onde conseguirmos e talvez ficar mais seis horas na rua, ou voltar para o quartel para fazer isso e pegar umas mangueiras novas nesse meio-tempo. Porém, tudo o que ele responde para o capitão no rádio é obrigado, o que não me ajuda a saber para qual opção ele está mais inclinado. Isso tem um significado implícito também — cale a boca e faça o seu trabalho.

5

Não temos que ir tão longe quanto pensávamos, porque eles cancelam uma chamada na Slauson Avenue e nos mandam pegar uma saída antes porque estamos mais perto de outra. Tem um incêndio estrutural na Manchester com a Vermont, meio quarteirão ao sul. Faço meu trabalho e levo a gente até lá. A CHP faz o serviço dela também, interditando o quarteirão em ambas as pontas, deixando a rua inteira para a gente trabalhar e, mais importante, duas saídas. Eu paro na Vermont, com o caminhão embicado na direção da Manchester porque é a rota de fuga mais viável.

Estamos no quarteirão 8600, Vermont Knolls. Isto tem todos os indícios de um incêndio por retaliação, mas também pode ser pelo seguro. Alguém botou fogo numa loja de móveis de donos coreanos e o fogo se espalhou para o prédio adjacente, que tem uma lanchonete — LANCHONETE VERMONT, COMIDA PARA VIAGEM, diz a placa, com um número de telefone enegrecido —, mas ao lado dela fica a Universal College of Beauty, uma faculdade de estética. Nenhum dos prédios parece reparável. Eles já estavam bastante destruídos quando chegamos. Não há possibilidades genuínas de recuperação, mas podemos apagar o fogo.

Nunca desligo meu motor. Um tanque de duzentos litros dura cerca de seis horas se está cheio quando você começa o serviço. O McPherson estende uma mangueira de uma polegada e meia e eu observo a pressão da bomba, mas não preciso ficar prestando atenção. As mangueiras bombeiam a quatrocentos e setenta litros por minuto, o que me daria cerca de quatro minutos para uma mangueira se estivéssemos só no tanque, mas não estamos. Eu só tenho uma saindo, e o Suzuki está manejando ela, arqueando um jato no telhado enquanto duas outras mangueiras de outro caminhão encharcam o que restou da vitrine da frente. Eu aumento a pressão para cento e cinquenta libras por polegada quadrada, e agora o fogo está reduzindo bem, com fumaça cinzenta e vapor saindo por todas as aberturas disponíveis. Eu estendo uma linha de

abastecimento do hidrante até meu caminhão para completar os tanques d’água antes de a gente partir.

Parte do meu trabalho é ter uma visão geral da coisa, reagir antes que surja uma necessidade. Eu falhei com o Gutierrez, e é por isso que estou especialmente vigilante com os espectadores civis agora. Passo os olhos em todos os rostos duas vezes, mas nenhum deles parece membro de gangue. Parecem pais e mães, famílias. Na verdade tem um grupo solto de pessoas mais velhas do outro lado da rua observando a gente. Estão tirando fotos, fazendo vídeos também, como se fôssemos um entretenimento.

Um cara de shorts, chinelos e sem camisa tem uma grande filmadora apoiada no ombro esquerdo, e olha no visor. Está suando, e sua pele é brilhante, quase negra-azulada a esta distância. Além disso, ele está segurando um sanduíche na mão livre e comendo. Ora, eu não sou da polícia, mas se estivesse tentando prender alguém por incêndio premeditado numa lanchonete que está em chamas neste exato momento, começaria fazendo algumas perguntas para o cara esperto comendo um sanduba de queijo e presunto na mesma rua à essa hora da madrugada — confiro meu relógio — às 04h02 da manhã.

Antes das 04h08, a CHP estende o perímetro por mais um quarteirão, próximo a uma unidade da Guarda Nacional, e o Líder da Equipe manda dois caminhões para apagar outro incêndio que está começando, mas nós ficamos no que restou da loja de móveis, embora dê para ver a estrutura do teto despontando através da fumaça agora. Isso diz tudo. O prédio já era.

Tem um helicóptero lá em cima — parece o Canal 7 — lançando uma luz sobre nós como se estivéssemos no fundo de um buraco negro. As pessoas que moram aqui perto sabem como é a sensação real. Sabem como a coisa pode ficar feia na vida. Todos os outros, as pessoas sentadas em casa, assistindo a tudo isso acontecer na televisão, não fazem ideia. Estas são as pessoas que ficam chocadas com as revoltas. Não as compreendem porque não entendem o outro lado. Não entendem o que acontece com pessoas sem dinheiro que moram num bairro onde o crime é de fato uma carreira viável já que não há outras oportunidades, e não estou justificando, nem sendo conivente, nem dizendo que é inevitável, mas estou dizendo que é assim que as coisas são.

E deixa eu te dizer mais uma coisa, estas pessoas não fazem a mínima ideia de como é ser um paramédico novato na minha região, uma das áreas com envolvimento mais pesado de gangues, na capital mundial das gangues. Você nunca pode explicar para eles como é chegar numa cena como primeiro prestador de assistência e ver alguém que levou diversas facadas — nove no tórax e cinco na barriga, incluindo um rasgo comprido que cortou o umbigo ao meio, como se alguém realmente tivesse tentado eviscerar este pequeno delinquente de dez anos feito um peixe —, e aqui está ele, esta criança, chorando, com as bochechas cobertas de ranho e sangrando até a morte bem na sua frente, sem conseguir fazer quase nada além de engolir em seco porque seu pulmão está perfurado. É claro, você nem pensa, só faz o seu trabalho. Com certeza, se ele sobreviver, vai ter que passar o resto da vida com uma bolsa de colostomia, mas você não pensa nisso na hora, você faz o que foi treinado para fazer. Você presta os primeiros socorros essenciais e faz com que ele seja enviado para o County Hospital, e depois quando você telefona para conferir, fica sabendo que conseguiu salvar a vida dele, e por um breve instante parece que seu trabalho é algo que vale a pena, uma coisa preciosa, até — pois é, você pode até apontar para ele com orgulho e dizer *Olha, estou fazendo uma diferença*.

Só que um mês e algumas semanas depois, você está nestas mesmas ruas tendo que dar assistência ao médico legista para recolher um corpo — porque Deus me livre se eles um dia tiverem orçamento para fazer isso sozinhos —, e conforme você chega perto da vala de escoamento no fundo da qual repousa o cadáver designado para transporte, você descobre que eles ainda não o cobriram com um lençol, e é com um horror progressivo que você reconhece os ferimentos — as cicatrizes, a posição nas costelas e na barriga, o longo corte no ventre onde não sobra mais muita coisa do umbigo, só uma cicatriz roxa que parece brilhante no escuro —, e você reconhece isso tudo antes de chegar a reconhecer o rosto. Ele ainda tem dez anos. Nunca será mais velho, pois eles não se deram ao trabalho de esfaqueá-lo desta vez. Desta vez simplesmente o executaram, com um tiro atrás da cabeça. Então você recolheu ele da rua há algum tempo e cuidou dele a troco de quê? Para alterar o curso da vida dele, para

mudar para melhor? Não. Você proporcionou para ele mais alguns dias no inferno, nada além disso. Pois é. Só o que fez foi prolongar a morte dele. Como você se sente?

Tem alguma verdade nisso, e talvez seja esta: existe um país escondido dentro dos Estados Unidos que mostramos para o mundo, e só um pequeno grupo de pessoas realmente chega a vê-lo. Alguns de nós estão trancados dentro dele por nascença, ou geografia, mas o resto de nós apenas trabalha aqui. Médicos, enfermeiros, bombeiros, policiais — nós sabemos. Nós vemos. Negociamos com a morte onde trabalhamos porque isso simplesmente faz parte do trabalho. Vemos suas camadas, sua injustiça, sua inevitabilidade. Ainda assim, travamos essa batalha perdida. Tentamos contornar a morte, de vez em quando até roubar alguém dela. E quando você acaba se deparando com alguém que parece conhecer isso como você conhece, bom, não pode deixar de parar e pensar como seria estar com uma pessoa capaz de compreender o seu lado na situação.

A enfermeira Gloria me atrai tanto porque é óbvio que ela entende esse mundo inteiro, não só metade dele. Não preciso explicar tudo para ela, porque talvez nem precise explicar para mim mesmo. Ela já viu esse lado oculto, assim como eu. Sabe como é a cara da morte, e como é a sensação de inutilidade. Ela carrega isso consigo, esse peso. Vejo isso no jeito como ela se move, como ela fala...

— Ei, Yanic — diz o Suzuki —, olha isso aqui.

Ele está do meu lado, estendendo a mão, fazendo um gesto para eu abrir a minha também, então eu abro. Levanto o rosto e noto que o McPherson está na mangueira do Suzuki enquanto o Suzuki coloca uma bala cinza cor de ferro na palma da minha mão, uma com a ponta amassada e sem o invólucro, ainda meio quente. Devo ter olhado estranho para ele — “ué, como assim?” —, porque ele faz mímica de atirar com uma arma para o céu, faz um som de estouro com a boca e então acompanha a trajetória com o dedo, com um pequeno assobio como sonoplastia, enquanto ela sobe e desce de novo até bater no capacete dele com um peteleco. Eu viro a bala na palma da mão, mas não é a primeira vez na vida que vejo munição.

Nós varremos o telhado do quartel depois de todo Ano-Novo e Dia da

Independência, achando mais munição de baixo calibre que você acreditaria, só que agora a quantidade é absurda. Parece que eu vi mais balas caídas na rua esta noite do que faixas pintadas. É o volume que me deixa assombrado. Afinal, quantas armas de fogo existem na cidade de Los Angeles, numa estimativa conservadora? Trezentas e sessenta mil? Isso é cerca de um por cento, menos de uma arma para cada cem habitantes. Acredite, de jeito nenhum o número de posses de armas, tanto legais quanto ilegais, é baixo desse jeito, mas estamos sendo conservadores. Digamos também que dez por cento delas, um número absurdamente alto, foram disparadas uma vez nas últimas quarenta e oito horas. Ora, isso é presumir que trinta e seis mil armas foram disparadas uma única vez durante a pior conflagração que L.A. já viu, pior do que Watts. É claro. Você acha que um delinquente algum dia vai disparar uma arma uma única vez? Mesmo assim, isso seriam trinta e seis mil balas. *Trinta e seis. Mil*. Você teria esse mesmo número se cinco por cento dessas armas disparassem duas vezes, ou apenas dois por cento disparassem cinco vezes. Parte de mim quer ignorar isso, dizer que é pura loucura, mas na verdade não consigo. Se há algum erro nesse total é que ele é baixo demais, porém o mais arrepiante é pensar que o pior ainda não passou.

— Devolve pra mim — diz Suzuki. — Vou dar ela pro meu filho.

— Por que você quer que o seu filho tenha uma bala? — questiono.

— Não sei. Fazer um furo nela, colocar numa corrente pra ele poder usar. Dizer pra ele que a bala atingiu o pai dele uma vez e ele a parou como o Super-Homem.

A bala ainda está quente quando eu a devolvo para ele. Não sei se é por causa da mão dele ou porque foi disparada recentemente. Se bem que eu não sei se quero saber.

6

Quando o incêndio repentino no fim do quarteirão é contido, o Líder da Equipe de Combate informa que nós devemos ir para uma garagem de ônibus da RTD em Chinatown para fazer a manutenção do equipamento e descansar a equipe, porque o Posto de Comando Avançado na Fifty-Fourth com a Arlington está sobrecarregado demais com outros veículos do pessoal de emergência, então recolhemos as coisas depressa e pegamos a Vermont até a Manchester, depois a Manchester até a Harbor Freeway e seguimos para o norte. Vamos em comboio até o centro e em vez de pegar a 101 Street, saímos na Fourth Street, seguimos nela até a Alameda e viramos à esquerda. Não parece ser a melhor rota, levando tudo em conta, mas imagino que quem quer que esteja nos guiando saiba alguma coisa que eu não sei, por isso não questiono.

— O centro não está tão ruim — diz Suzuki lá de trás.

O capitão dá um sorrisinho. Está no banco do passageiro outra vez. Para o mérito dele, não comentou nada sobre o sangue.

— É — digo —, achei que ia ser pior, mas acho que não tem muita coisa que valha a pena saquear por aqui.

O centro é um lugar detonado desde os anos 1970, quando os proprietários dos prédios desistiram, venderam barato e levaram seu dinheiro para o Westside ou o Valley. Ao mesmo tempo, os donos de cortiços puseram mãos à obra para fazer deste o lugar menos habitável de Los Angeles. Skid Row já não era ótimo no começo, mas passou de esgoto a cela de cadeia. A era do trabalhador sazonal e do fazedor de bicos morreu quando a cidade começou a derrubar as moradias baratas, as feiras de produtos frescos desaceleraram ou se mudaram para outras áreas conforme os supermercados regionais tomaram conta. Skid Row então deixou de ser um lugar para trabalhadores rurais migrantes e se tornou mais um *pit stop* para pessoas com doenças mentais, propensão às drogas, ou ambos. Quando vieram os anos 1980, o crack consolidou tudo isso. Agora não restou

muita coisa além do tribunal, de hotéis da era do cinema mudo que precisam de mais de uma mão de tinta para recuperar o glamour, cabarés abandonados na Main Street e um monte de armazéns vazios.

Conforme cruzamos a Third Street, vejo duas mulheres empurrando carrinhos de bebê sem crianças, mas com um monte de brinquedos, caixas e mais caixas, como se tivessem saído para fazer compras na Macy's ou algo assim. Uma tem uma cicatriz no rosto, da orelha até a bochecha. Criou uma queloide e parece quase uma presa de elefante. Não é igual, mas me lembra a cicatriz no ombro do delinquente, e isso causa um efeito dominó dentro de mim. Começo a odiá-lo de novo. Quero soltar um tijolo na cara *dele* e ver se ele gosta. Essa ideia me faz dar um sorriso doentio, mas então penso no Gutes. O monte de sangue depois daquilo. O aspecto da língua dele quando se mexia. E só consigo ficar olhando para os prédios enquanto passo por eles.

A cena está presa na minha cabeça em câmera lenta outra vez. O bloco de cimento descendo — o *som* dele batendo —; lembro de dois barulhos, primeiro um estalo, quando acertou a mandíbula, e depois um baque surdo quando caiu no chão, e sinto um calafrio. O rosto daquele delinquente era a pior parte. Nunca achei que fosse possível rosnar e sorrir ao mesmo tempo até ter visto aquilo, e já vi as consequências de um monte de atos desesperados feitos por um monte de gente desesperada, mas era uma coisa diferente. Prometo a mim mesmo, ele vai pagar pelo que fez. Vou encontrá-lo. Um delinquente como esse? Ele tem um histórico, garanto. Você não levanta da cama um dia e simplesmente decide dar uma tijolada num bombeiro. Há um caminho até você chegar lá.

McPherson interrompe minha linha de pensamento.

— Que será que aconteceu aqui? — pergunta ele.

Ao cruzarmos a 101 Street, eu vejo do que ele está falando, e então faz sentido não termos pego essa rua para ir aonde estamos indo. Abaixo da gente há um veículo em chamas. Não parece haver nenhum motivo para um jipe soltando muita fumaça estar ali. Porém, está sob controle. Leio o número do caminhão que está molhando o jipe com uma mangueira. É do 4º. O Suzuki comenta que não tem ninguém estacionado na Union Station, e ninguém no mercado da Olvera Street também. Quando passamos pela Ord e pelo Philippe's na esquina,

meu estômago me diz que estou com fome. O sanduíche *French dip* foi inventado em L.A. Não é muita gente que sabe disso. Foi inventado no Cole's, supostamente para um cliente com dentadura que não conseguia comer um pão duro, por isso um barman deu para ele uma tigelinha de gordura de carne para mergulhar e amolecer o pão, o que acabou sendo conhecido como *au jus*. Por aqui, você tem que escolher um lado. Pessoalmente, gosto de mergulhar o pão no *jus* sozinho, por isso sou mais fã do Cole's, mas parece que todo mundo no 57º prefere o Philippe's, onde eles preparam o *jus* na cozinha e o espalham na carne eles mesmos, quase como um molho *gravy*.

Nosso destino é uma garagem de ônibus na North Spring Street entre a Mesnagers e a Wilhardt. É um dos poucos lugares seguros para encher o tanque na cidade. Quando não estamos em protocolo de emergência, é uma garagem da RTD, mas agora funciona como quartel temporário para o LAPD, e, para a gente, como um lugar para reabastecer, usar o banheiro, ligar para casa e comer alguma coisa. Já que é uma área segura, faz sentido que seja relativamente bem protegida, mas é quase uma coisa tirada do *Mad Max*, aquele filme onde todo mundo precisa de gasolina para os carros e está disposto a matar para conseguir. Tem alguma coisa na premissa desse filme que faz sentido demais numa cidade louca por carros como Los Angeles, então menciono isso e o capitão concorda com a cabeça, mas nem o Suzuki nem o McPherson viram o filme, por isso não me dou o trabalho de explicar e, em vez disso, falo para os caras nos bancos dobráveis que eles vão ter que assistir para entender. Quando o portão corrediço com arame farpado no topo se abre, eu entro com o caminhão, contornando um grupo de homens de uniforme verde com M-16s.

7

É mais tarde, quando estamos nos despedindo de nossa escolta da CHP antes de eles voltarem para o posto de comando principal na Vermont com a 101 Street, que alguém — o nome dele é Taurino — chama os caras no portão da frente de tartarugas ninja.

Isso faz sentido porque eles estão cobertos de verde da cabeça aos pés. Têm protetores acolchoados nas coxas, capacetes militares engraçados cobertos pelo tecido esticado da mesma cor, e óculos escuros escondendo os olhos. De longe, realmente parecem tartarugas do tamanho de humanos. Taurino não sabe se eles são do FBI ou da Força Aérea, mas acha que são federais porque viu eles entrarem voando na base da Guarda Nacional em Los Alamitos quando chegaram de fora da cidade.

— Parece que estão preparando um destacamento, para sei lá onde — diz o Taurino. — Só sei que estou contente que eles não vão me fazer uma visita.

Eu olho para o outro lado do estacionamento, para onde ele está olhando, e vejo as tartarugas ninja embarcando num veículo preto que parece uma mistura entre um tanque de guerra e um jipe gigante com a frente plana. Não tem nenhuma sigla de identificação. É só preto, como uma sombra de metal. Deve haver pelo menos doze deles e eles estão equipados como as Forças Especiais. Um cara até tem uma cartucheira de balas de escopeta como um bandido mexicano num filme de faroeste. Eles são assustadores. Não há como negar.

Eu dou tchau para o Taurino e viro as costas.

— Ei, espera um instante — diz ele.

Viro de volta e ele sussurra para mim que estou com sangue seco na nuca. Ele não precisa dizer mais nada. Sei que é do Gutierrez.

Forço um sorriso para o Taurino, agradeço, e vou até o meu caminhão.

Não culpo a CHP pelo que aconteceu com o Gutierrez, mas também não deixo de culpá-los. É complicado. Daqui a alguns dias, quando eu tiver

processado e repassado tudo na minha cabeça de novo, posso tentar decidir quem leva qual porção de culpa, porque vou precisar fazer isso quando chegar a hora de escrever o relatório.

Dou uma geral no meu caminhão com um kit de limpeza reservado para quem precisar, prestando atenção especial ao painel, ao volante e ao assento do capitão, onde o Gutierrez estava. Consigo fazer isso numa boa. Guardo tudo nas caixas certas e não derramo nada.

Ainda nem amanheceu e o capitão já está fazendo trabalho burocrático, mas eu vou até o refeitório, me sirvo um pouco e tomo um café da manhã antecipado com o Suzuki, o McPherson, alguns caras do 57º e uns outros da nossa equipe, além de alguns dos caras de outras equipes que vieram descansar. A comida é passável. Dá para perceber que não foi um bombeiro que cozinhou, porque se tivesse sido, seria melhor. Tem mingau de aveia, bacon, ovos, linguiças, tortilhas, molho e algumas batatas que já estão ali faz um tempo. Escolho o mingau e encho de uvas passas e dois pacotes de açúcar.

Com tantos bombeiros num mesmo lugar, ocupando cinco mesas de piquenique no asfalto da garagem sem nada para fazer além de comer e olhar uns para os outros, é inevitável trocar histórias de guerra. E, de fato, algum cara do 58º — não conheço ele — começa.

— Vocês tiveram algum problema com barreiras humanas na rua?

A maioria está mastigando, mas confirmo com um meneio de cabeça, e outros operadores de aparelho também assentem porque é claro que nos deparamos com pessoas andando na rua na nossa frente, no melhor dos casos tentando nos impedir de fazer nosso dever, e no pior, tentando nos alvejar. Certo operador conta uma breve história sobre seu caminhão apedrejado e que os dois caras sentados nos bancos dobráveis de trás estavam basicamente expostos, mas eles só ficaram de capacete e se agacharam, e ninguém se machucou. O Suzuki olha para mim. O McPherson não olha. Mas é óbvio que ambos estão pensando no Gutierrez. Mas não estou pronto para falar sobre isso, então aceno com a cabeça para o cara que começou tudo isso porque quero que ele continue.

— Bom, ontem à noite em K-town, sabe? Nós acabamos de apagar uma porra de um incêndio numa loja de departamentos em Beverly Hills e estamos

voltando porque temos que resolver algo importante na West Adams com a Crenshaw.

Ele para e confere para ver se todo mundo está ouvindo, e estamos, então ele continua.

— Então eu corro em direção leste na Sixth, e logo depois do cruzamento da Western um moleque corre para o meio da rua mostrando uma arma.

— Apontando para você? — pergunto.

— Não, mais tipo apontando para o ar, porque ele está sacudindo as mãos freneticamente e tentando fazer eu parar para ele. Agora, pensando bem, não tenho nem certeza que ele sabia que estava segurando a arma.

Alguém pergunta para ele que tipo de moleque.

— Um moleque coreano. De óculos. Vestindo um blazer de colégio particular.

Isso gera uma pausa no pessoal, porque é inesperado. Não é a imagem que nenhum de nós tem na cabeça quando alguém menciona um adolescente portando uma arma.

— O que você fez, afinal? — pergunto.

— O que podia fazer? Mirei direto nele, acelerei e rezei para ele sair da porra do caminho.

— Não tinha outra opção — digo.

— Ele saiu? — pergunta Suzuki. — Saiu da frente?

— Com certeza — responde o cara, sorrindo.

Logo depois, outro cara do 58º diz que eles receberam relatos de um delinquente mexicano que cometeu diversos atos de incêndio proposital por toda a cidade, anunciando cada um gritando o número e depois seu nome, como se estivesse marcando pontos num placar e quisesse que todo mundo soubesse.

— Número vinte e um — diz o cara, com um sotaque hispânico exagerado — foi o Puppet! Número vinte e seis! Foi o Puppet!

O nome em seu uniforme é Rodriguez, portanto ele tem direito de fazer isso.

— Cara, toda e qualquer gangue *cholo* tem pelo menos dois Puppets! — comenta Suzuki após alguns suspiros de descrença. — Vocês não gostariam que o nome dele fosse mais fácil de rastrear? Tipo, e se fosse Spaghetti? Quantos delinquentes chamados Spaghetti podem ter no mundo?

Quase todo mundo ri porque a gente sabe que é verdade.

Depois disso, o clima fica mais sombrio porque o operador do 94º grupamento pergunta se a gente ficou sabendo do Miller. O 94º, aliás, nem conseguiu sair do posto porque eles levaram fogo pesado do bairro em volta, e talvez tivessem ficado ali a noite inteira se a SWAT não tivesse ido e disparado tiros pela rua toda.

— Ouvi dizer que o Miller foi atingido, mas não sei muito mais que isso — diz o McPherson.

Mesmo agora, os detalhes ainda são vagos, mas nos inteiramos do que se sabe até o momento. Na noite de quarta-feira, o Miller estava dirigindo um caminhão, levou um tiro no pescoço e teve um derrame. O atirador emparelhou o carro no dele e atirou sem nenhum motivo além do fato de ele estar usando um uniforme dentro de um caminhão de bombeiro, eu acho. O Miller passou por uma cirurgia e o quadro é estável, mas é só o que sabemos.

Já encontrei o Miller algumas vezes e gosto dele. Não é como um OA típico, todo fanfarrão e convencido — basicamente igual a um policial motociclista do LAPD, só que montado em uma escada em vez de em uma moto. Mas não o Miller, ele é um cara gentil. A pior parte disso é que ele acabou de sair do 58º alguns meses antes para trabalhar com alguma coisa no Westside, alguma coisa menos intensa, e aí acontece isso.

— Lamento — diz Suzuki.

É unânime. Todos nós lamentamos, mas ficamos em silêncio. Não dizemos que todos esperamos que ele sobreviva, mas é óbvio que esperamos. Fica apenas subentendido. Enquanto termino minha tigela de mingau, a conversa se volta para balas caindo do céu.

Esta é a deixa para o Suzuki passar a bala dele de mão em mão, então deixo eles pularem minha vez e me levanto. Coloco minha tigela e colher na bandeja reservada para louça suja, vou ao banheiro para lavar melhor o sangue no meu pescoço, e quando termino, sigo até o Posto de Comando de Campo do LAPD do outro lado da garagem, sentindo a parte de trás do meu colarinho molhado, grudado na minha pele.

8

No posto de comando, pergunto se alguém pode me emprestar um celular, e um jovem policial entrega um para mim. É cinza e tem uma antena telescópica preta, uma telinha de leitura, teclas brancas de números com uma luzinha verde que acende por baixo, uns poucos outros botões que só sei em parte para que servem, e um bocal quadrado que cobriria todos os botões se não estivesse aberto para baixo numa dobradiça. É uma coisa admirável, completamente sem fio. Digito o número do meu posto e aperto o botão verde que diz "SND", que imagino que significa *send*, e deve ter enviado, porque está chamando.

Rogowski atende.

— Você tem alguma notícia sobre o Gutierrez? — pergunto.

— Cirurgia — responde ele. — Acabou de sair. A coluna e o pescoço dele estão bem, mas a mandíbula está fechada com arames, e eles puseram uma placa de metal nela. Descobriram que estava deslocada e estourada em dois pontos.

— Mas ele vai ficar bem?

Eu inspiro fundo e seguro o ar.

— Vai — diz o Rogowski. — Vai se alimentar por um canudo por não sei quantos meses, mas vai ficar bem. Você fez bem, ouvi dizer. Não deixou ninguém te enrolar. A história diz que você saiu de lá tão depressa que o STL não teve escolha senão mandar todo mundo seguir *você* até o hospital.

— Isso eu não sei — digo, mas quando exalo, algo se desloca dentro de mim, porque agora a gravidade está um pouco menos pesada.

Eu me pergunto onde o Rogowski conseguiu essas informações, até que me ocorre que o capitão deve ter telefonado primeiro, provavelmente enquanto eu estava me limpando.

— Então, escuta, a família dele já foi informada, e eles estão a caminho — diz Rogowski, tentando me tranquilizar. — Não está tudo bem, mas está tão bem quanto possível nessas circunstâncias. Você fez bem.

Não sei se preciso ouvir mais alguma coisa depois disso, mas o Rogowski ri e muda de assunto para uma coisa que eu estou secretamente temendo. Minha mãe está ligando para o posto de hora em hora para perguntar se estou bem. Agradeço ao Rogowski, desligo e telefono para ela. Ela atende no primeiro toque, como se estivesse esperando do lado do telefone. Provavelmente estava.

— O que *focê* está fazendo, *dušo*? — pergunta ela.

Onde qualquer pessoa diria um *v*, minha mãe diz um *f*. Ela não consegue evitar. É o único jeito que a língua dela funciona. *Dušo* é só uma expressão de afeto, como alguém acrescentaria "querido" ao falar com uma pessoa amada. Aliás, esta é a primeira coisa que ela me pergunta, em qualquer momento, para qualquer coisa. É sempre assim. Para ela, significa muitas coisas ao mesmo tempo, tipo onde você está, como você está e você comeu?

— Estou bem, mamãe. Estou numa central de operações em Chinatown. Acabei de comer.

— O que *focê* comeu?

— Mingau de aveia.

— Isso não é uma refeição — reclama.

Para a minha mãe, só alguma coisa com dois pratos, um deles sendo uma massa, é uma refeição. No mundo dela, se eu não comi massa, não comi o suficiente. Não vale a pena brigar por isso, logo eu mudo de assunto. Pergunto como ela está.

— Eu fico na casa. Eu lavo roupa.

Minha mãe mente sobre muitas coisas — quanto *kruškovac* ela tomou, quantas facas escondidas tem na casa dela, ou o quanto ela não odeia seus amigos mais queridos —, mas ela nunca mente sobre as tarefas domésticas. Ela está fazendo as coisas que diz que está fazendo, mas está assistindo a televisão enquanto faz isso, o que significa que ela está assistindo a cobertura dos noticiários, o que significa que está preocupada comigo e, quando ela se preocupa comigo, telefona para o posto para conferir como estou.

— Qual casa? — pergunto, só para esclarecer.

Eu moro no mesmo quarteirão que minha mãe, três casas depois da dela, a casa onde eu cresci, na West Twenty-First, entre a Cabrillo e a Alma — o lado

norte da rua, de onde dá para ver o porto lá embaixo. Mesmo assim, minha mãe sente que estamos longe demais um do outro. Meu pai faleceu este inverno, ataque cardíaco. Foi de repente. Por isso, agora qualquer distância é distância demais para a minha mãe.

— A sua. É melhor — diz minha mãe.

Ela não está falando a sério. Não acha que minha casa é melhor. Eu muitas vezes me arrependo de ter dado uma chave para minha mãe. Ela sabe que eu não gosto que ela fique lá sozinha quando estou fora — ela lê minha correspondência, fuça o armarinho de remédios, abre gavetas, tudo isso —, mas não há como evitar agora. Só vou ter que brigar com ela depois. Acho que ela faz isso porque a ajuda a se sentir mais próxima de mim, e a ajuda a sair da casa que ela dividiu com o meu pai por trinta e sete anos. Mais uma vez, não vale a pena brigar por isso ainda. Há uma coisa, no entanto, que ainda precisa ser dita.

— Mamãe — digo —, não ligue mais para o posto.

— Se eu penso em *focê*, eu ligo.

— Mamãe — digo, tentando manter a calma na minha voz, embora ela me deixe completamente maluco —, durante uma situação de emergência, precisamos deixar as linhas livres para as pessoas com emergências reais poderem telefonar.

— Quando eu não sei onde *focê* está — retruca ela —, é emergência para mim.

— Tchau, mamãe — falo entres dentes cerrados.

— *Dušo*. Fai comer. Come comida de *ferdade* agora. Por mim. Por *fafor*. E também...

Eu aperto o botão vermelho *End* no telefone e entrego de volta para o policial. Ele não diz nada, mas tem um olhar no rosto tipo, *mães — não se pode viver com elas, não se pode matá-las*. Najarian é o nome dele, provavelmente armênio, e se for isso mesmo, imagino que ele talvez entenda. Ele está usando uniforme azul do jeito que os caras do LAPD usam, com um triângulo de sua camiseta branca idiota visível por baixo, entre as abas do colarinho. Ele é jovem, talvez uns vinte e poucos, todo determinado com seu cabelo preto com gel. Eu me pergunto que tipo de trabalho ele faz por ali para andar tão alinhado durante

as revoltas.

Noto um barril de escopetas ao lado do Najarian, com os cabos para cima, como um arranjo feito apenas de caules, sem flores. Deve ter uns trinta ali. Eu penso de novo nas balas, e acho que é só curiosidade mórbida, mas pergunto a ele quantas pessoas já foram mortas durante as revoltas, se ele faz alguma ideia.

— Ah — diz —, você tem que ver isso. Vem cá.

Eu o sigo para longe do prédio, até um grande baú de caminhão afastado da fileira de ambulâncias, afastado de qualquer coisa, na verdade. Está parado, isolado, sem um cavalo mecânico, o que não é nada extraordinário em uma garagem de ônibus, mas noto que este aqui é um baú refrigerado, e há algo de estranho nele. Está zumbindo.

— Pode abrir — diz Najarian.

Começo a ter a sensação de que estou descobrindo algo que eu preferia não saber.

— Deixa para lá — digo.

— Não, sério mesmo — insiste Najarian com um sorriso no rosto —, pode abrir.

Najarian aponta para a escada de metal com três degraus gradeados, indicando que é o melhor jeito de subir e abrir as portas.

Está começando a amanhecer atrás do telhado pontudo da garagem — bem, amanhecer mais ou menos. Uma luz fraca alaranjada se infiltra através da massa preta de fumaça e nuvens acima de nós, brilhando na lateral do reboque.

— Você só tem que puxar isso primeiro — diz o Najarian, apontando com o dedo para uma vara de metal que eu preciso puxar para fora da tranca para poder abrir as portas.

Eu subo no degrau e puxo a tranca. A porta direita se abre com uma baforada de névoa, e um jato de ar frio me atinge. Pulo da escada para o chão e espio lá dentro, e só então me dou conta de que estou olhando para um necrotério portátil. Tem nove — não, dez — corpos dispostos em prateleiras de aço inoxidável embutidas nas paredes do trailer como beliches, cada um deles coberto com um lençol branco.

Najarian sobe os degraus e entra. Empurra a porta esquerda para abri-la.

— Dá uma olhada nisso — diz ele, avançando até o corpo mais próximo.

Um pensamento me ocorre. *Os policiais estão simplesmente fuzilando pessoas*. E se estão, não os culpo nem um pouco, não com o que vi esta noite. Por um segundo, desejo que o delinquente que acertou o Gutes esteja lá dentro também. Mas só por um segundo.

— Este aqui — diz o Najarian enquanto puxa um pedaço do lençol que cobre o cadáver — foi uma desova de corpo ontem à tarde, bem ali na Spring. Bem do lado — afirma enquanto aponta para a cerca entre a rua e a gente. — E foi suspeito, porque não estava ali antes da troca de turno, mas estava depois, então eles devem ter feito durante ou bem perto da troca, o que significa que de algum modo eles sabiam disso ou tiveram sorte. Seja como for, foi inteligente.

Ele agora puxa o lençol inteiro, mas não vejo o que estou esperando ver. Em vez de um rosto, há uma camisa de flanela, com listras pretas e brancas.

Najarian aponta para aquilo com a cabeça.

— Sinistro, né? Porque eles iriam cobrir o rosto dele desse jeito se tivesse sido desfigurado por um tiro ou algo assim, certo? Mas eu conferi. Ainda está lá, tirando que a bochecha está um pouco afundada e uma orelha foi arrancada, mas ele não morreu disso. Foi esfaqueado.

Mas este aqui, este não me parece tão sinistro. Para mim isso só significa que a pessoa que o cobriu com a camisa de flanela não foi a mesma que o matou. Porque quem fez isso gostava dele. A pessoa fez isso quase como se não quisesse que ele passasse frio. E tem outra coisa também. O jeito como as mangas estão embrulhadas em volta — percebo isso e não sei o motivo —, as mangas da camisa estão quase congeladas embaixo da cabeça dele, mas foram dobradas desse jeito, quase como um travesseiro, quase como o que eu fiz pelo Gutierrez, só que com uma diferença, porque eu sei, e não sei como sei, que fizeram isso por ele depois que ele morreu. Para mim, parece apenas um adeus, como as pessoas colocam coisas dentro de caixões para a jornada.

Não, eu penso, *não é sinistro. Alguém gostava muitíssimo dele, seja ele quem for.*

Quando o Najarian cobre o homem novamente com o lençol, não consigo evitar, encosto na corrente no meu pescoço onde está a medalha de santo

Antônio, o santo cujo nome me deram, e faço uma pequena prece mental pelo homem da camisa de flanela, seja ele quem for, seja lá como foi parar ali, e para que seu corpo chegue em casa em segurança e sua família possa encontrar algum tipo de consolo possível.

ABEJUNDIO ORELLANA,

OU MOMO

1º DE MAIO DE 1992

16h22

1

¡Puchica! Eu nunca devia ter confiado na Cecilia. Olhando para os restos da minha casa destruída pelo fogo, sei que estou entre a cruz, a espada e outra espada. O único jeito de sair dessa é descer direto para a cova ou levantar e correr, porque com certeza não tem um meio-termo. Preciso ficar frio que nem picolé agora. Mas, para ser sincero, estou suando *feio*. Essa bosta de revolta aconteceu na pior hora possível.

A cruz: O cuzão chamado Trouble e vinte dos camaradas putos dele estão amontoados atrás de mim no meio-fio, todos carregados, todos procurando uma desculpa para fazer alguma coisa com alguém, especialmente comigo. Se eles não gostarem do que eu encontrar aqui, se isso não me fizer parecer inocente na visão deles, eles me matam.

A espada: Os polícias me enquadraram como traficante quando eu estava transportando uma parada pelos Hawaiian Gardens sete semanas atrás, só que um sargento investigador do Departamento de Polícia do Condado de Los Angeles (LASD), apareceu de repente e me ofereceu um bote salva-vidas, dizendo que estava cagando para as drogas se eu soubesse de uns assassinatos e pudesse dar nomes, então foi assim que eu virei um Informante Confidencial Fidedigno para o LASD. Se o Trouble soubesse *disso*, merda, se *qualquer* cara

envolvido soubesse disso, mesmo da minha própria galera, eu já teria um buraco novo na nuca. Só que por enquanto está tudo bem. Ainda estou respirando...

E chutando cinzas. Essa é a outra espada, o lugar onde estou agora, sujando totalmente as minhas botas boas, as de pele de cobra, enquanto tento achar o que sobrou do meu quarto no terreno em que ficava a única casa decente que eu já tive na vida, porque o que isso significa mais que qualquer outra coisa é que eu tenho que me vingar de alguém, bem na hora que estava planejando sair do ramo e aceitar a transferência de endereço que o sargento me ofereceu.

Mas não posso fazer isso agora. Agora preciso sair da primeira sinuca: provar para o Trouble que eu não tive nada a ver com a arma, o que significa encontrar o cofre. Nesse ponto tenho que adivinhar como era a planta da casa, porque tem um encanamento e eu consigo ver o que sobrou de uns azulejos onde ficava o banheiro, mas nem as paredes estão mais de pé, e quem construiu essa casa fez um serviço porco. Eu entrei mais ou menos onde ficava a porta da frente, mas agora é só a grade derretida da porta de segurança. Calculo de cabeça que são uns dez passos até o quarto, por isso eu ando até lá, e então viro à direita quando vejo a porta do meu cofre administrativo aberto no chão. Cara, nessa hora eu relaxo um pouco. Eu respiro, porque isso acaba de salvar minha pele.

Na minha cabeça, eu agradeço aos ladrões, porque esses cuzões provaram meu argumento quando não fecharam o cofre de volta. Um cofre aberto desse jeito é um cofre arrombado. Só que o meu cofre de armas está fechado bem firme, então agora acho que sei o que aconteceu.

Os caras que fizeram isso vieram na quarta-feira, a Cecilia deixou eles entrarem, eles deixaram ela zoada, ou tiraram ela do caminho ou ela estava participando do esquema, e eles foram no cofre de armas. Levaram o lance para o Fate e receberam a grana, e então quem sabe ficaram de olho na casa, e quando viram que eu não voltei logo, imaginaram que podiam se safar com essa, então voltaram, e a Cecilia deixou eles entrarem de novo, e a parte dois aconteceu. Meu cofre administrativo foi arrombado e eles queimaram a porra da casa inteira, um lance mais abrangente.

Mas agora, o detalhe importante para o Trouble é que o cofre de armas pode até estar fechado, mas o outro está aberto. Por causa disso, o Trouble está

convencido que alguém fez a rapa nas minhas paradas e pôs fogo na casa para acobertar, porque ele está se achando o próprio Sherlock Homeboy agora. Ele não sabe que esse título já pertence ao Clever, aquele cara do Fate. E o filho da puta é inteligente mesmo.

— Então eles realmente te queimaram — diz Trouble, olhando em volta, como se estivesse examinando as evidências. Mas na verdade, esse cuzão magrelo com letras tatuadas no lugar das sobrancelhas está tentando dar uma de macho para cima de mim, me dizer o que pensar. Não me entenda mal, esse maluco é durão, mas não é como o Big Fate. Manda a patroa raspar a cabeça dele todo dia e engomar a camisa e a calça. Conta isso pra todo mundo, mesmo quem não perguntou. O Trouble é esse tipo de cara. Durão, mas quase gosta mais de fazer esse papel do que de ser assim de verdade.

— Pelo jeito você falou a verdade, afinal — diz ele. — Bom pra você.

Os camaradas dele que estão ouvindo dão um sorrisinho meio malandro, mas viram a cara para tentar esconder. Eu posso até estar entre a cruz e a espada, mas ainda não é para ninguém vir foder comigo. Se essa situação fosse, tipo, normal, o Trouble chegaria para mim com todo o respeito. Ia pedir ajuda do jeito certo e receber a minha bênção. Mas não agora. O irmão dele está morto. A cidade está pegando fogo. Agora, ele está pouco se fodendo para o jeito certo de pedir qualquer coisa. Está simplesmente tomando dos outros o que quer. Ele sabe que agora é uma questão de números.

Tenho uma equipe de oito pessoas administrando de cima o meu negócio e a minha proteção, mas é o tipo de proteção que não é imediata, não fica parada na minha porta enxotando as pessoas, e agora o Trouble tem uma *clica* de quase cem pessoas por trás dele. Se eu não jogar direitinho agora, ele me elimina. É maluco o suficiente para fazer isso. Mas ele também precisa de mim. Precisa do que eu posso conseguir para ele. E está jogando com a única carta que tem: diz que o Fate estava tentando armar para cima de mim quando mandou afanarem o meu revólver e descarregarem no Joker e naquela festa inteira. Segundo a lógica dele, o Fate mandou roubarem o meu revólver de propósito, para o Trouble achar que eu estava ajudando eles e então vir todo puto me matar.

O engraçado é que, se foi assim mesmo que aconteceu, quase deu certo. Essa

mina Payasa largou meu revólver no quintal daquela festa. Um dos camaradas viciados do Trouble reconheceu que era meu por causa da fita branca em volta da coronha, por isso depois de cuidar de tudo, levar as pessoas para o hospital e reunir os caras, eles começaram a me procurar. Acontece que eu não estava respondendo o *pager*, o que eles acharam suspeito, mas meu pensamento foi: como eu ia saber que eles não estavam tentando me roubar ou me incriminar?

Eles demoraram um pouco para me encontrar no meu esconderijo, porque eu não exatamente divulgo o endereço, mas depois que me acharam, chegaram esculachando e disseram que eu tinha que dar um rolê. Não era um sequestro porque eu mesmo tive que dirigir, mas era. Precisei de muita lábia só para chegar até aqui, parado na frente da primeira casa que eu comprei na vida. A casa para onde eu um dia queria trazer minhas tias lá de El Salvador. Mas agora minha chaminé é a única coisa que continua de pé.

Bom, eu não posso mentir. Recebi um telefonema. Fiquei sabendo assim que aconteceu, mas pensei: por que ter o trabalho de me deslocar até minha casa? Se queimou, então queimou. Não adianta nada eu sentar a bunda num carro e dirigir só para ver a casa em cinzas. Além disso, como eu ia saber que alguém não estava tentando me atrair para fora do meu esconderijo para atacar ali em seguida? Eu não sabia. Por isso não arredei pé de lá. Mas minha cabeça ficou a toda.

Meu primeiro pensamento quando fiquei sabendo foi: é melhor que a Cecilia seja uma porra dum esqueleto ali dentro, senão vou passar a faca nela. Porque se ela não estiver morta, e essa porta da frente não tiver sido arrombada com um pé de cabra ou uma escopeta ou alguma merda dessas, então isso foi culpa dela. E quando é culpa sua, você paga.

— Eles te sacanearam feio, *esé* — diz o Trouble. — Isso não te deixa puto?

Eu já estava com um pé para fora dessa vida, então, para ser sincero, não me deixou realmente puto. Primeiro, porque raiva não serve para nada. Segundo, porque eu admirei a parada. Foi uma jogada esperta, um lance totalmente frio. Sabendo ou não sabendo que era o meu revólver, foi uma jogada esperta. O mais provável, imagino, é que eles tenham espalhado a notícia de que precisavam de uma arma, e um dos meus viciados mais podres sabia que eu estava em outro

lugar e chegou com tudo.

— Eu não fico puto — respondo. — Eu vou atrás de quem fez isso.

O Trouble gosta de ouvir isso.

— É disso mesmo que eu estou falando, camarada!

O que o Trouble não sabe é que a essa altura eu vou falar qualquer coisa que ele e a *clica* dele queiram ouvir. O truque é não deixar que eles saibam disso. O segredo é eles pensarem que estou na pilha deles, mas de jeito nenhum eu embarcaria nessa. Só consegui sobreviver por tanto tempo por não tomar partido de nenhuma *clica* contra a outra, a não ser quando era do meu interesse. Mas talvez esses dias estejam chegando ao fim. Do jeito que as coisas estão indo com o Trouble, talvez eu tenha que escolher logo mais.

Mas você sabe o que realmente me deixou puto? O jeito que tudo aconteceu. O Trouble perdeu a linha desde que descobriu que foi a minha arma que matou o Joker, dois outros camaradas e uma garota. Então quando outros dois dos camaradas dele saíram para perseguir, levaram tiros de escopeta. Um sobreviveu. O outro não. Então qual o preço total de o Joker ir mexer com alguém que não estava envolvido? Cinco mortes. Se você quer saber minha opinião, eles levaram o que mereciam, mas ninguém quer saber minha opinião. Além do mais, se eles continuarem insistindo, pode ser pior da próxima vez, mas isso nem passa pela cabeça deles.

O Trouble já está mandando o maior papo, falando como eles estão recuperados agora, como saquearam uma loja de penhores e arranjaram umas armas, mas precisam de mais antes de dar o troco. É para isso que eles precisam de mim, ele afirma para os camaradas dele. Contatos. Eles estão todos sorrindo e assentindo.

Mas eles estão pensando nisso de um jeito estúpido. O que eles não estão fazendo é pensar em como o Joker levou bala. Foi um ataque altamente profissa, feito por alguém que sabia fazer o serviço, alguém que sabia perfeitamente como as pessoas iam reagir nessas circunstâncias. Foi um lance quase militar. Quando fiquei sabendo, a primeira coisa que pensei foi que só poderia ter sido o Fate, e eu não estava errado a respeito disso também.

Mas veja o problema real, veja por que o Trouble está com merda na cabeça

agora: quando ainda estava vivo, o Joker era o irmãozinho do Trouble. Era sangue do sangue. E eles dois eram sangue do sangue da garota que o Lil Mosco matou no estacionamento daquela balada também. Do jeito que as coisas estão agora, o Trouble é filho único, e do jeito que ele vê, é tudo culpa da galera do Fate, e então ele vai descontar neles. Esse lance pessoal é o pior tipo. Perturba o seu juízo. Mas torna você perigoso também. O Trouble não se importa com o amanhã, só com o agora, e vai fazer o que for preciso para se vingar deles pelo que fizeram.

Não me entenda mal. O Trouble é pirado e empenhado, mas isso não te leva muito longe. Esse maluco joga jogo da velha, mas o Fate joga *War*. Já está cheio de malucos para se defender, pronto para o que está por vir, tenho certeza, e não sou eu que vou entrar numa troca de tiros com ele, mas com toda a certeza preciso que o Trouble pense que eu estou topando, e agora esse idiota ainda está dando uma de macho para cima de mim.

Ele está com uma garota dentuça de cabelo preso. Ela está agindo como uma idiota também, porque esse lance é tipo resfriado, é contagioso, e algumas pessoas estão mais sujeitas a pegar do que outras. Não sei por que ele trouxe ela junto. Isso é assunto de homem.

— Como é que ele abriu o seu cofre, hein? — pergunta ela para mim, como se até tivesse permissão para falar.

Como é que uma pessoa abre um cofre? É óbvio, porra. Ela sabe a combinação, ela descobre, ou ela arromba. É isso. Não é exatamente engenharia espacial. Mas eu não falo isso. Quero falar, mas não falo. Em vez disso, simplesmente não respondo porra nenhuma. Nem olho para ela.

— Preciso dar uns telefonemas — digo e começo a andar de volta para o meu carro. — Resolver umas coisas. Ir buscar uma parada.

O Trouble agarra o meu braço. Quando faz isso, eu me solto da mão dele e dou uma encarada nele. Ali no meio-fio, meu rapaz Jeffersón dá um passo à frente e eu sonho, só por um segundo, com a ideia de cortar fora a cabeça do Trouble com uma machadinha, tipo num golpe só, igualzinho ao que os esquadrões da morte costumavam fazer lá onde eu morava, do jeito que eles me deixaram órfão e me mandaram para cá com três anos de idade para morar com

o tio George antes de ele ficar doente e falecer. Estou ralando nessas ruas desde antes do Trouble usar fralda. Cudahy, Huntington Park, South Gate, Lynwood. Mais cedo ou mais tarde, ele precisa demonstrar respeito por um O.G. antes que eu o obrigue a respeitar.

— Tudo bem — diz o Trouble, de um jeito que eu sei que não está. — Mas eu vou com você. A gente está nessa juntos, tá ligado? Nós contra eles.

— É claro — digo, e sorrio como se estivesse esperando que ele dissesse isso, mas parece que alguém chutou meu estômago para dentro da minha garganta, porque estou de volta no mesmo lugar de antes, entre a cruz e a espada e outra espada, só que agora a outra espada é a *clica* do Fate. E é maior, mais malvada e mais esperta que o Trouble é capaz de entender com essa cabeça de trouxa dele. O negócio está apertando para o meu lado. Eu sinto isso. Mas sorrio, porque o pior sempre desperta o que tem de melhor em mim.

2

O cofre aberto me fez ganhar algum tempo. O suficiente para percorrer a rua e ver se consigo achar alguém que saiba como minha casa pegou fogo. Na verdade, só tem um cara que estou procurando, o O.G. chamado Miguel, porque ele conhece esse bairro e vai entender essa situação toda sem eu nem precisar explicar. Eu vou na direção da casa dele. O quarteirão está em silêncio.

O Trouble está sentado no banco de trás com a garota dentuça dele, como se eu estivesse *Conduzindo Miss Daisy*. Pois é. Mas tudo bem. Tranquilo. Vou lembrar dessa merda. O Jeffersón está sentado na frente comigo. Ele quer atirar no Trouble. Eu sinto isso, mas só aceno para ele com a cabeça, sabe? Tipo, tranquilo, Jeffersón. Ele vai ter o que merece na hora certa, e não é agora.

E isso é uma boa também, pois é bem nessa hora que eu percebo mais dois carros dos camaradas do Trouble me seguindo. O Trouble percebe eu percebendo e acena com a cabeça para mim no retrovisor abrindo um sorrisão também. Se espalha no encosto como se o meu carro fosse a porra do sofá dele, e põe a mão entre as pernas da garota dele. Eu sorrio, porque tudo bem, seu cuzão. Eu vou me *lembrar* dessa merda, tá ligado? Estou contando o placar dele na minha cabeça, e até agora ele só está acumulando cagadas.

Já houve um tempo em que isso me deixaria puto, essas merdas que o Trouble está fazendo. É pura marra. É tudo para se fazer de fodão. E eu? Eu tenho três filhos e duas mulheres. Elas se conhecem, então é tranquilo. Já vi o suficiente para saber que não sou o fodão e não quero ser. Mas com certeza estou pronto para sair. Sair completamente. Morar no subúrbio de San Diego ou alguma coisa assim. Aprender a surfar, afinal, por que não?

— Ei — diz o Trouble lá de trás —, tá mó calor aqui. Você tem ar-condicionado nessa carroça?

Eu tenho um Cadillac 57. Eles ainda não tinham inventado. Tenho um climatizador no porta-malas que eu tiro às vezes, mas não conto isso para ele.

Ele que se foda. Deixa ele suar.

— Não — digo.

— Bom, devia ter!

Quando o Trouble vê que eu não reajo, muda de assunto.

— Eu estava aqui pensando, como foi afinal que você arranjou essa porra de nome, Momo?

Esse cuzão, ele não sabe como eu me fiz nos motéis, mudando de um para o outro, traficando, cuidando de putas, qualquer coisa que desse grana. Quando apareciam os donos ou a polícia, largava um motel e passava para outro. Armava o esquema inteiro de novo. Essa era minha vida de motel, e as pessoas sempre sabiam onde me encontrar: instalado numa porra dum motel, um *momo*. Pergunta para qualquer pessoa e ela te diz qual deles. Não demorou muito para esse virar o meu nome. E Momo sempre foi mais fácil do que dizer Abejundio, então meio que pegou. Um nome que as pessoas soubessem. Um nome que as pessoas temessem. Mas vou dizer uma coisa, quando você vive essa vida por bastante tempo, essa vida de armar e desarmar acampamento, chega um ponto em que recomeçar não parece tão difícil. O tio George sempre dizia para nunca deixar para trás nada que você não estivesse disposto a perder. Mas é um lance que soa melhor em espanhol.

— Não sei — digo. — Um dos O.G.'s me deu esse nome.

— Mentira — retruca o Trouble.

Eu dou de ombros. Não estou a fim de jogar esse jogo. Os mais novos querem ser conhecidos. Fazem qualquer coisa para isso. É tipo um lance como aquela apresentação ao vivo, o Medieval Times. Levei minhas filhas lá uma vez, no Buena Park. Tem o cavaleiro vermelho e o azul e o verde e o amarelo, e todos eles ficam de pé e dizem de onde vêm e tipo, qual é a valentia deles, o que eles já fizeram, e minhas filhas engoliram essa merda, mas fiquei sentado pensando, tipo, como isso é diferente do que acontece nas ruas? Você tem um lugar de onde veio. E você tem um nome, e talvez um título. E você tem uns lances que fez. É quase a mesma coisa.

Antes de eu chegar na casa do Miguel, vejo um mendigo andando pelo bairro com o capuz do agasalho levantado, então colo nele. Os mendigos sabem todo

tipo de coisa, e geralmente falam numa boa quando não são loucos demais. Você ia se surpreender com o que eles têm para contar se tiver paciência para perguntar. Por isso chego perto dele, paro e começo a falar antes que o Trouble possa abrir a boca para questionar o que estou fazendo.

— Ei, amigo, você sabe dessa casa que pegou fogo nesse quarteirão? Viu alguma coisa? — pergunto.

O cara se vira, e ele é negro, mas tem olhos azuis, tipo de vidro.

— Eu vi essa cidade se elevando para o céu em pedaços.

Ah, cara, *que se foda* esse papo. Eu piso no acelerador. O maluco é doido demais para falar coisa com coisa, e todo mundo no meu carro sabe, por isso eu avanço até a casa do Miguel, que é só mais um quarteirão à frente. A lambreta europeia do Mikey, o filho dele, está na entrada da garagem quando eu paro e saio do carro. Mas nem preciso tocar a campainha, pois o Mikey está saindo e me encontra na metade do caminho, com um suspensório vermelho e uma bota preta grande e um tipo de camisa polo abotoada até em cima. Não faço ideia de onde ele tirou que se vestir assim é tranquilo, ainda mais com um pai como o Miguel. Normalmente, eu questionaria o moleque, mas não tenho tempo para isso.

— Seu pai tá por aí? — pergunto.

O pai dele antigamente injetava pra caralho, um lance sinistro, mas agora está limpo. Diz a lenda que ele trabalhou um monte lá em East Los. Não tenho nada além de respeito pelo Miguel, porque ele cumpriu a pena dele e saiu. Ele arrancou uma tatuagem na mão depois disso, uma entre o polegar e o indicador, só para as pessoas não saberem que um dia ele esteve envolvido. Mas eu perguntei sobre essa cicatriz uma vez, e ele disse que usou uma faca quente para cortar fora a tatuagem. Agora é uma cicatriz meio encaroçada que nem uma lagarta, quase três centímetros de comprimento, sem zoeira. Como eu disse, sinistro.

— Não — responde o Mikey. — Meu pai saiu.

Isso me deixa frustrado, mas não muito, porque eu sei que o Mikey fica de olho em tudo no quarteirão dele, andando de lá para cá nessa lambreta. Ele é esperto também.

— Você viu o que aconteceu com a minha casa? — indago.

— Vi — responde ele.

Eu sorrio e olho para ele de um jeito, tipo, *Ok, então desembucha.*

— Vi um cara magrelo jogar um coquetel Molotov pela porta da frente.

— Magrelo tipo o quê? Como ele estava vestido?

O Mikey então descreve o Lil Creeper nos mínimos detalhes: como ele se veste, como ele anda, a cara que ele sempre faz quando está falando sozinho. Faço uma promessa simples de matar esse cuzão ou mandar alguém fazer isso assim que possível.

Mas estou tentando reconstruir a cena na minha mente, então volto um pouco nas perguntas.

— A porta da frente estava *aberta*?

Porque isso significa que a Cecilia provavelmente estava participando do esquema, ou foi burra pra caralho, o que também é uma possibilidade que eu ainda teria que levar em conta.

— Tava — diz ele.

— Ele estava com uma garota?

— Não. Ela estava lá dentro quando ele jogou.

Esse lance me deixa meio perturbado.

— Como você sabe disso?

— Depois que ele foi embora, eu enfiei a cabeça e vi a garota deitada no tapete.

— Morta — digo — ou desmaiada ou alguma coisa assim?

— Eu não sabia, por isso fui pegar ela. Queimei os pelos do meu braço fazendo isso.

Ele levanta os braços e, realmente, o direito está liso e o esquerdo é todo peludo.

Só quero saber mais uma coisa, por isso pergunto:

— Onde ela está agora?

— Não sei — diz ele —, ela foi embora ontem à noite. Também me levou trinta e um dólares.

É a cara da Cecilia fazer isso. Impossível deixar uma carteira perto dessa

garota sem ela revistar tudo.

— Manda lembranças minhas pro seu velho — digo para o Mikey enquanto viro de costas.

Volto para dentro do carro e engato para partir.

3

Passamos pelo Ham Park a caminho da Imperial e vejo que tem uma grande mancha preta onde costumava ficar o muro de jogar paredão, e eu me pergunto, tipo, *Por que alguém ia botar fogo nessa bosta?* Mas o Trouble responde a minha pergunta mesmo antes de eu fazê-la em voz alta.

— Cara, *que bom*! As farpas dessa porra eram terríveis, camarada. Quem sabe eles realmente vão construir uma parede boa agora — diz ele.

Vejo um grupo de idiotas na beira do parque, por isso encosto o carro. A maioria são camaradinhas e aspirantes. Um dos camaradinhas com uma cicatriz em cima do olho esquerdo me reconhece e vem até mim com a cabeça meio curvada, como deve ser. Mando a real bem depressa: só para eles saberem, digo que quem saquear está com a cabeça a prêmio, e se eles não acreditam em mim, tranquilo, porque vão descobrir de verdade quando forem encurralados. Também falo que não é para encostar nos bombeiros. Falo que a gente não faz como as gangues de negros fazem, e com certeza a gente não põe fogo nas coisas para criar armadilhas, porque temos nossos negócios e não queremos atrapalhar. Se eu descobrir que alguém está causando incêndios e trazendo a polícia e os bombeiros para cá, vou achar essa pessoa e cuidar dela em estilo jamaicano, como eles fazem lá em Harbor City: derramar soda cáustica na garganta dela bem devagarinho com um funil e deixar ela morrer no trilho do trem, queimando de dentro para fora.

— Isso até que foi firmeza — diz o Trouble enquanto eu volto a dirigir. — Preciso me lembrar disso.

Eu não respondo isso também, mas dou um sorriso para ele saber que ouvi, porque ele é o tipo de cara que não aguenta ser ignorado.

Nós paramos no Cork’n Bottle porque eu preciso usar o orelhão que tem na frente. Tecnicamente fica na parede da loja de pneus, mas é perto o suficiente.

É claro que o Trouble quer saber por quê, por isso eu digo que para arranjar

os esquemas preciso fazer umas ligações. O tipo de gente que nós precisamos contatar não acha legal as pessoas simplesmente aparecerem. Isso é mentira. Mas o Trouble acredita. O negócio deles é profissional. Já apareci várias vezes do nada precisando de alguma coisa, e eles sempre fazem acontecer.

Eu estaciono nos fundos e faço sinal para o Jeffersón com a cabeça para ele saber que precisa ficar no carro de olho nos pombinhos, para eles não treparem no meu estofamento.

— Ei, me traz um chá gelado daqueles com limão — diz a garota dentuça quando estou saindo.

O Trouble e a menina racham o bico com isso, enquanto os dois carros cheios de camaradas param atrás e bloqueiam o beco. Calculo que tenho dois minutos até eles começarem a se coçar para ir embora.

Disco um número que sei de memória, mas chama, chama e ninguém atende. Faz dois dias que é assim. Está me deixando maluco.

Então desligo e disco o número da Gloria.

Estou planejando na cabeça como deixar uma mensagem, estou planejando isso faz tipo três meses. Mas esse lance é complicado. Tipo, como você fala para uma garota que ela é a única que você já amou na vida, a única que manteve você na linha, e ela tem se dado tão bem desde que largou você, entrando para a enfermagem e tudo o mais, e falar que você só precisa ouvir a voz dela mais uma vez, e que precisa dizer para ela que está pronto para rever o seu filho, porque ele é seu também e...

— Alô?

É a Gloria. Ela parece exausta.

Minha cabeça ainda está girando por ela ter atendido.

— Hã, alô, é a Gloria? — é só o que consigo dizer.

Bem sutil. Já percebo que estraguei tudo quando ela prende a respiração e sabe que sou eu, e ela me mandou não ligar nunca mais, jamais.

— Trinta segundos, Abejundio. Estou marcando o seu tempo. Vai.

Ela é a única pessoa que já me chamou assim além da minha família.

— Estou ligando... — digo, e paro para olhar atrás de mim e para o lado, onde fica o estacionamento, para garantir que não tem ninguém ouvindo. — Estou

ligando porque vou sair dessa vida.

Ela dá um bufo de desprezo. Não culpo ela.

— Vinte — diz ela.

Eu fico todo em pânico e zonzo quando ela diz isso, por isso me forço a continuar.

— Fui enquadrado pelos polícias. Não posso falar disso agora. Mas eu tenho ajudado eles, e eles vão me ajudar a sair. Vão ajudar *a gente* a sair.

— Dez — é só o que ela fala.

— Pois é, hã, a gente pode ir junto. Eu e você e o nosso pequeno. Algum lugar longe daqui. Eu sei que faz muito tempo que eu não vejo meu garotinho, mas eu falei com os polícias e eles dizem que podem levar nós três. Eles chamam, hã, chamam de transfe...

Ouço um clique quando a linha cai. Olho para o telefone por um segundo. Sei que ela desligou, mas meu coração ainda não sabe, ainda está acelerado, ainda está batendo feliz por causa da voz dela, ainda tentando explicar, mas meu cérebro me manda calar essa boca porque esse filme eu já queimei, e meu coração dá de cara com uma parede de tijolos quando ponho o fone no gancho e coloco outra moeda de vinte e cinco centavos.

Preciso fazer mais um telefonema.

4

Antes de discar, eu confiro a esquina outra vez, e confiro do outro lado para garantir que ninguém contornou o Cork’n Bottle também, mas está tudo certo. Tento novamente o primeiro número que disquei, mas tenho um pressentimento de que não tem ninguém na mesa do detetive sargento Erickson na seção de Homicídios. Ele tem um escritório na Commerce, perto da Eastern, onde eu só fui uma vez para preencher uma papelada, mas tive que trocar de carro duas vezes no dia, para ter certeza de que não estava sendo seguido. Uma vez que eu entrei no sistema, estava dentro.

Eu não faço essas caguetagens com muita frequência, pelo menos não por telefone. Geralmente eles me entrevistam em um carro enquanto dirigem. Tipo, eu saio a pé do meu bairro, confiro se não estou sendo seguido, e entro numa viatura pintada, sem marcas da polícia, depois eles põem a fita para gravar, fazem perguntas e eu desembucho. Não vou depor até eles terem todos os casos preparados para o processo, mas isso leva um tempo infinito.

A secretária eletrônica atende e me diz o que eu já sei: esta é a mesa do Erickson e é para eu deixar uma mensagem.

Assim que eu digo “É o ICF”, preciso dizer o número da minha identidade para eles saberem que eu estou no banco de dados. Depois disso, começo a sussurrar o mais depressa que consigo.

— Faz dois dias que eu estou ligando, e você sabe que eu não deixo recado. Se fosse um lance normal, eu não faria isso, mas tem um lance sério prestes a acontecer aqui e preciso que você me busque e me tire logo daqui porque quando isso estourar, vai ter um monte de corpos. Acho que vai ser na Duncan. Duncan Avenue. Alguma hora hoje à tarde ou à noite. Quando souber, eu ligo, mas vou voltar para casa daqui a duas horas. Você *tem que* vir me buscar.

Eu confiro atrás de mim outra vez, e dos lados também. Não tem ninguém olhando, então respiro.

No começo, o Erickson me pressionou muito pedindo casos de gangues, por isso contei coisas pequenas para eles ficarem atiçados. Dei para eles pequenas informações, sabe, mas eram verdadeiras. Disse que corria a lenda que o Lil Mosco saiu atirando naquela casa noturna e meteu bala na irmã do Joker, e que mais cedo ou mais tarde ia rolar uma retaliação, mas eles não se importaram tanto com a retaliação, e mais em desvendar o assassinato. Por isso ouvi dizer que eles estão tentando pegar o Lil Mosco desde então, mas ele evaporou porque o Fate é esperto demais para mandar ele ficar andando por aí.

É claro que eu nunca contei para o Erickson que estava lá, recebendo um boquete da Cecilia no estacionamento, quando o Lil Mosco chegou neles dois e atirou. Ouvi o começo da briga também, quando o namorado da irmã do Joker gritou com o Lil Mosco enquanto ele ia embora, disse que ia estuprar a irmã do Mosco, a Payasa, com uma faca e tal. Bom, eu gosto de faca tanto quanto qualquer pessoa, nada é melhor para fazer alguém abrir o bico, mas tinha um limite bem ali, e esse cara passou com os dois pés e achou legal. Ele realmente ficou tão chocado que o Lil Mosco tenha dado o troco nele?

Depois que eles sabem que as minhas informações são boas e estou listado como confiável, o Erickson me diz que eles estão em coligação, foi isso mesmo que ele disse, *coligação*, com o FBI para tentar pegar alguns dos camaradas grandes. Eu quase ri na cara dele quando ele me disse isso. É claro que eu não conheço nenhum dos patrões, eu disse para ele, mas sei quem está com a chave. Então eu disse que, se ele queria os peixes grandes, era melhor me colocar na porra do programa de proteção a testemunhas, porque eu nunca ia falar merda nenhuma sem mudar meu nome para Theodore Hernandez e ir morar na Argentina. O que eu faço depois disso para provar que estou falando sério, porém, é entregar uns jamaicanos em Harbor City. Isso eles escutaram com muita atenção.

Pelo que ouvi falar, esses casos já estão praticamente prontos para detenção e indiciação, e é por isso que é quase hora de eu dar o fora. Semana passada eles me mandaram empacotar minhas coisas, e eu fiz isso. Estou com uma bolsa no porta-malas. Estou pronto para zarpar, mas agora não consigo falar com ninguém. E isso é como a sensação de um naufrágio, se você quer saber a

verdade.

— Ei — diz o Trouble saindo pela frente da loja, segurando o que deve ser o último chá gelado numa loja saqueada —, já terminou ou o quê? Vamos.

Ele vira as costas, mas então vira de volta e põe a mão no bolso.

— Que falta de educação a minha. Quer um chiclete de blueberry?

Pela primeira vez no dia, o Trouble fica bem quieto.

— Meu irmão adorava essa parada — diz. — Tipo, adorava *mesmo*.

5

No caminho até Harbor City, eu penso em como é uma pena que a loja de armas tenha pegado fogo, porque teria sido um alvo de primeira para a gente fazer a rapa, e eu não teria que pagar preços de emergência por umas porras dumas armas para equipar o Trouble e os camaradas dele. Vou tomar um prejuízo de uns oito mil para sair dessa.

A gente vai ver um cara que eu conheço chamado Rohan em Harbor City. Ele é o cara que me ensinou o lance da soda cáustica. Num conjunto de escritórios de tijolinho vermelho, ao norte da Pacific Coast Highway, onde a Frampton se junta com a 240 Street, ele tem um pequeno depósito que fica bem recuado da rua e tem até umas árvores em volta, o que é bom. Tem uma porta de garagem embutida na lateral — para abrir e receber entregas —, e é lá que ele está esperando a gente.

Ele é alto, alguns centímetros mais alto do que eu, e é um jamaicano mestiço, parte branco, parte negro e parte asiático, eu acho. Essa última parte dá para perceber pelo formato dos olhos. Ele administra uma distribuidora de peças de encanamento, um negócio totalmente limpo. Lá dentro está cheio de todo tipo de canos e acessórios diferentes. Ele tem praticado espanhol também.

— *¿Qué onda, vos?* — pergunta o Rohan para mim.

Ouço o Trouble sussurrando para um dos camaradas dele atrás de mim.

— Olha só que viagem, camarada! Esse maluco da ilha fala *salvi*! — diz o Trouble.

Caso tenha ouvido isso, o Rohan não responde. Em vez disso, pergunta se eu tenho dinheiro.

— *¿Tienes pisto?*

Eu faço que sim com a cabeça e ele conduz a gente até o escritório, onde tem música tocando.

Você aprende demais sobre reggae andando com os jamaicanos. Tipo, agora

eu sei que dessa vez não é Shabba Ranks que está tocando. Em vez disso, é o Toots and the Maytals em um dos álbuns ao vivo no fundo, e é a música sobre um número de prisão, “54-46”, e é estranho como isso encaixa direitinho agora. Essa faixa foi gravada em um show em Londres nos anos 1980, Hammersmith Palais. Eu sei desses detalhes porque é importante para o Rohan que eu saiba, que eu respeite a cultura dele, como ele diz. Bom, nunca estive na Inglaterra, mas a coisa que eu acho mais louca nisso é como a plateia canta alto na gravação enquanto eu, o Jeffersón e o Trouble sentamos no escritório do Rohan.

O Rohan conhece o Jeffersón, então eu apresento o Trouble para ele, e de algum jeito o Trouble consegue não fazer mais nenhuma idiotice, o que ajuda. Corre tudo de forma rápida e indolor, mas só é indolor se eu não me importar de pagar dois mil a mais, porque o Rohan aumenta o preço de seis escopetas e quinze pistolas semiautomáticas de várias marcas, todas sem registro, arredondando para dez mil porque, bom, eu não estava vendo que a cidade inteira estava ali dando sopa para quem quisesse levar?

— E se a gente tiver o pau do tamanho certo — diz o Trouble, todo ansioso para pôr a mão nessas armas —, a gente pode foder com qualquer coisa.

Mas não adianta discutir. Tenho nove mil em dinheiro, que o Jeffersón vai buscar no compartimento da porta do passageiro, e quando o Rohan passa na máquina de contar dinheiro, diz que sabe que eu vou pagar o resto e é um prazer fazer negócios comigo, e pergunta se eu sei o que estava tocando na caixa de som? Quando eu digo que é o Toots, ele dá risada e sorri, orgulhoso de mim. Nessa hora eu me pergunto se ele algum dia vai saber que fui eu que joguei ele na mão da polícia quando eles chegarem com tudo, um dia desses, logo mais. Ele bem que vai merecer por aumentar o preço desse jeito, sanguessuga maldito. Sorrio de volta para ele do outro lado da mesa. Fico todo simpático e agradeço antes de sair.

Estou parado no estacionamento só com os nossos carros em volta, assistindo as armas serem carregadas numas caixas bem básicas de encanamento dentro dos porta-malas dos carros dos camaradas do Trouble, e penso *Graças a Deus que eu posso me livrar desse merda.* Fui muito além do meu dever para a galera do Trouble, apoiando eles com tanta firmeza, mas para mim foi só uma jogada

para me livrar deles, porque tenho uma sensação gelada de que os patrões não vão ficar contentes quando ouvirem que a *clica* do Fate e a do Trouble estão tretando, muito menos quando souberem que eu colaborei, mas agora tem que ser assim. É inevitável, e eu não faço ideia de como isso vai se desenrolar. Quase não quero saber, mas pelo clima de agora, a sensação é um lance tipo aquele faroeste *Sem lei e sem alma*, um lance do último sobrevivente, porque esses putos vão chegar *detonando*.

Assisto a eles terminarem de carregar as armas e fechar os porta-malas dos carros. Estou pronto para dar tchau e boa sorte, mas o Trouble olha para mim de lado.

— Não existe mais arquibancada, amigo. Você vai vir com a gente e vai trabalhar. Você deu apoio, então está com a gente agora — diz ele.

Eu sorrio, porque parece que o fundo do meu pulmão se aperta todo quando ele diz isso. Tento respirar normal e não consigo, mas que se foda, eu sei como agir quando preciso agir.

Abro um sorriso quando mostro para ele a nove milímetros que tenho na cintura, também com esparadrapo enrolada no cabo porque odeio o suor na minha mão quando estou segurando uma.

— *Símon*, rapaz, eu estava torcendo para você dizer isso. A gente vai bolar um plano e...

— Um plano? — fala Trouble em meio a uma risada. — A gente vai agora. Ataque surpresa. Um lance tipo guerrilha, *vato*.

Eu estava colaborando até agora, mas esse lance é puro suicídio, e é nessa hora que eu me dou conta. Um ataque suicida é exatamente o que o Trouble tem na cabeça. Meu estômago dá um nó só de pensar, e de jeito nenhum eu posso participar dessa parada.

— Acho que não — digo. — É o Fate quem tem as chaves de Lynwood.

Se eles fizerem alguma idiotice tipo atirar numa casa ou algo assim enquanto me arrastam com eles, acabou para todos nós. Mesmo se a gente sobreviver, acabou. Cabeça a prêmio e tal. O nó no meu estômago já se desfez. Virou um buraco negro, tentando comer o meu corpo inteiro de dentro para fora.

— Porra, Momo — retruca o Trouble —, achei que você lesse livros e tal.

Chaves são coisas, e estão lá para serem *tomadas*, amigo. Qualquer pessoa pode ficar com elas. Quando o rei está morto, tem que ter um novo rei, certo? *El rey ha muerto. ¡Viva el rey!*

Os camaradas dele mexem a cabeça, concordando com essa merda.

— E além disso — continua ele —, não lembro de ter te dado algum tipo de escolha.

Sinto meu sorriso endurecendo no rosto enquanto concordo com um aceno de cabeça, e começo a suar, porque realmente não consigo acreditar como ele é burro, e sei que não existe maneira de eu sair dessa, por isso faço sinal para o Jeffersón entrar no carro, e eu entro no carro, e rezo para o Erickson ter recebido a minha mensagem enquanto voltamos por onde viemos, mas agora os carros atrás de nós estão mais pesados nos eixos, porque estão carregando armas suficientes para exterminar um bairro inteiro.

QUARTO DIA
SÁBADO

ERA UM FAROESTE EM RUAS ASFALTADAS.

— RONALD ROEMER,
EX-CHEFE DE GRUPAMENTO DO CORPO DE BOMBEIROS DE LOS ANGELES SOBRE SUA ATUAÇÃO EM SOUTH CENTRAL

BENNETT GALVEZ,

OU TROUBLE,
OU TROUBLE G.

2 DE MAIO DE 1992

1h09

1

Quando estou prestes a fazer alguma coisa ruim, eu não tremo, mas suo. Sinto um calor enorme na nuca, parece uma queimadura de sol ou algo assim, e ela fica toda escorregadia. Não consigo evitar. Não consigo impedir. É assim que meu corpo funciona. É assim que as coisas são. E agora estou enfiando a mão no colarinho para conter o suor, enxugar ele com o algodão, porque três carros nossos estão indo nessa missão, e a única coisa que importa agora é deixar essa cachorra da Payasa caída numa poça do próprio sangue pelo que ela fez, porque de onde eu venho, você não pode atingir minha família desse jeito e não pagar por isso. Quero que ela sinta o que eu estou sentindo nesses últimos dias. *Preciso* disso. Porque você não pode me tirar os únicos irmãos que eu já tive e esperar outra coisa.

Nunca contei isso para ninguém, mas estou queimando por dentro desde que vi o Ramiro morrer bem na minha frente. Parece que tem algo errado com o meu corpo. Às vezes é tipo um calor leve nos meus pés, nas solas, e também atrás dos joelhos, outras vezes é no meu corpo inteiro, e parece que vou pegar fogo, não consigo impedir. O calor muda com os meus pensamentos, tipo conforme o que eu estou pensando. Fica mais quente com essa cena que fico repassando na minha cabeça. Não consigo evitar.

Eu estava na sala, esperando a cerveja que minha mina ia trazer da cozinha, e só lembro como foi boa a sensação de finalmente termos pegado um cara deles, esse Ernesto. Foi tipo, finalmente! Foi aquela sensação gostosa, tá ligado? A gente teve que esperar mais de um mês para dar o troco pela minha irmãzinha. Meus pais tiveram que aparecer no jornal e tudo o mais. Tivemos que fazer um velório dentro de casa com o caixão ao lado da TV desligada, e a funerária não gostou muito disso, mas fizeram porque eu paguei, e paguei porque minha mãe teria se matado se a filhinha dela não tivesse voltado para casa pelo menos uma última vez. Depois, tivemos que sair em caravana para enterrar ela no cemitério. Tive que assistir minha irmãzinha descer para dentro da terra através dessa borda grossa de grama sintética instalada em volta do buraco no chão. Tive que ficar perto e ouvir as engrenagens da máquina rangendo, carregando minha irmã para baixo. Parecia um cachorro mastigando uma corrente de metal. Acho que nunca vou conseguir esquecer esse som, mesmo que eu queira. Tive que jogar a primeira pá de terra porque meu pai não podia fazer isso. Não é que ele não quis, ele não *podia*. Estava sentado na cadeira de rodas, segurando o chapéu na mão, por isso eu e o Joker tivemos que nos oferecer para jogar a terra no caixão. Na nossa Yesenia. E quando a terra bateu na madeira, minha mãe começou a gemer. Um gemido muito agudo. Esse é um som que você não esquece. Ele fica nos seus ouvidos. Às vezes, te acorda durante a noite.

Então, pois é, quando eu fiquei sabendo que o cara que trampava na van do Tacos El Unico era *parente* do Lil Mosco, que matou nossa Yesenia, na verdade era irmão mais velho dele, de sangue, um cara que eu nunca conheci porque ele não estava envolvido nem nada, bom, nessa hora eu fui *pra cima*. Ele não tinha nome antes disso. Depois que eu descobri, para mim ele já era o cadáver do irmão do Lil Mosco. Chamei ele assim na frente de todos os meus camaradas, e no começo eles riram porque talvez não soubessem que eu estava falando muito sério.

Com toda a sinceridade, eu estava pouco me fodendo se ele estava envolvido ou não. No meu entender, foi o Lil Mosco que trouxe ele para a conversa. Se o Lil Mosco mata a minha irmã e desaparece, então é assim que as coisas são. O Lil Mosco basicamente matou o próprio irmão quando fez essa merda covarde,

em vez de aguentar como um homem o que ele merecia. Então quando essa cidade decidiu entrar em guerra por causa do lance do Rodney King, eu saquei que era hora de mandar o Joker seguir esse maluco e ver se a gente não conseguia pegar de volta só um pouquinho do que eles nos tiraram quando a nossa Yesenia foi assassinada. Não pegamos quem a gente queria, não foi o Lil Mosco, mas pegamos um deles e estávamos quites. Minha irmã mais nova, o seu irmão mais velho. É justo, eu pensei. Acabou, eu pensei.

Eu estava de pé na mesma sala na mesma noite, olhando para o alto da TV coberta com a toalhinha de canários que minha mãe dobrou três vezes para não ficar muito para baixo e, em cima, todas as velas votivas altas e brilhantes com imagens de santos, e Jesus com um coração vermelho bem grande, flutuando fora do peito. Na frente delas, uma foto da minha irmãzinha sorrindo de aparelho, três anos atrás, apesar de que essa coisa cortava feio a boca dela, e o Ramiro e eu também precisávamos, mas meu pai estava vivendo da pensão por invalidez naquela época e só tinha dinheiro suficiente para o aparelho dela, e à esquerda disso tudo estava o espaço vazio onde ficou o caixão da minha irmã durante o velório, e eu lembro que olhei para esse ponto do tapete na noite em que o Ernesto morreu e pensei que o espaço onde o caixão dela ficou não estava mais tão vazio, tá ligado? Não estava preenchido, mas já era alguma coisa. Estava vingado. Estava pago.

O que aconteceu em seguida me deixa zoado até hoje. Eu vejo tipo uns replays instantâneos da cena na minha cabeça, isso não para nunca. Continua se repetindo mais uma vez, e mais outra. Começa com a minha mina chegando com a cerveja num desses copos de plástico vermelhos brilhantes, toda sorridente como se tivesse orgulho de mim, prendendo o cabelo atrás da orelha com a outra mão, e então, simplesmente, *bang*. Lá fora. Um tiro. Minha mina dá um pulo nessa hora porque leva um susto, e a cerveja salta para fora do copo e voa pelo ar até mim, e quando me acerta, deixa encharcada a parte de baixo da minha camisa e a de cima da bermuda.

Sei que esse *bang* foi uma arma. Mesmo quando ainda estou virando para a porta de vidro do quintal, eu sei. E por cima da cabeça das pessoas, vejo o Joker caindo e o sangue saindo da orelha dele ou do pescoço, ou não sei de onde, e

vendo isso, a última coisa boa dentro de mim, a única coisa que me restava, quebra em um milhão de pedaços, mas não sei disso nessa hora porque estou muito ocupado olhando para a garota de luva rendada com a Glock erguida, como ela mira no Fox então e estoura o peito dele até sair pelas costas, e isso faz tanto sangue espirrar que parece que alguém jogou um frasco de ketchup na parede de cimento atrás, e explodiu, e...

— Você tá bem ou o quê? — pergunta o Momo do banco de trás.

Mas não é tipo uma pergunta de verdade. É tipo, *superior* do jeito como ele diz, como se ele fosse melhor do que eu. Mas se ele não falasse nada, eu não ia descobrir que estou segurando o colarinho da minha camisa, puxando ele para cima e para baixo na minha nuca suada, como se fosse uma toalha ou algo assim. Eu devia estar fazendo isso sem perceber.

— Não se preocupe comigo — digo. — Se preocupe com *você*.

Mas eu solto o colarinho. Coloco as mãos no colo. Estamos quase lá. Quase na tal Boardwalk que aqueles cuzões tanto adoram. É quase a hora de acabar com isso.

Eu tenho ficado assim ultimamente, meio perdido por dentro, perdendo a noção de tudo, perdendo a noção do tempo. É assim que as coisas são. Fiquei desse jeito quando minha irmã levou bala, mas não tão mal, porque não aconteceu bem na minha frente. Não vi o sangue dela. Mas o do Joker? Pois é. Vi *demais*.

Lembro que corri para as portas enquanto outras pessoas corriam na direção contrária, mais tiros, e não enxergo direito porque tem gente demais na minha frente, e estou gritando para eles saírem da frente quando a porta do quintal se abre, e então que eu ouço um *boom* enorme, tipo um calibre .357 ou um .44, um grandão. Mas não me importa de onde veio, porque eu luto para chegar na porta chutando os malucos para fora do caminho, dando socos, estou pouco me fodendo, porque estou tentando chegar no Ramiro, e quando eu saio pela porta, esqueço que tem dois degrauzinhos de concreto e não piso neles, caio bem de frente e dou uma puta raspada no joelho direito e nas duas palmas das mãos, mas não sinto nada, me levanto e estou do lado dele, e ele ainda está respirando, ele olha para mim como se, tipo, estivesse todo tremendo, tentando fazer... o quê?

Falar? E a única palavra que eu sei nessa hora é *não,* e repito isso sem parar, tantas vezes e tão rápido que perde o sentido. São só uns sons saindo de mim quando o Ramiro para de respirar, esse moleque que ensinei a andar de bicicleta porque o meu pai não podia, por causa da cadeira dele. Agora estou com esse moleque apoiado nos meus braços, esse pirralho que sempre queria ser igualzinho a mim, e estou pensando, tipo, ele está me zoando. Vai respirar de novo. Só está brincando comigo. E então eu dou risada, tipo, talvez fosse isso que ele estivesse esperando, eu dar risada para ele respirar de novo... mas ele não respira. O pulmão dele não sobe, só afunda. E sai esse barulho do pescoço dele, esse murmúrio, por isso tento cobrir com as mãos. Não consigo evitar. Tento tapar o buraco da bala ali, é do tamanho de uma moeda de dez centavos. Tapo com as duas mãos. Forte. Aperto várias vezes, mas sinto que o coração dele não está mais batendo. E continuo dizendo não. Em voz baixa. Não tipo gritando todo dramático, simplesmente não. Não. Não. Não. E é nessa hora que vem o maior *boom* de todos. A escopeta.

Provavelmente é por isso que eu não durmo desde que isso aconteceu, não tipo *dormir* de verdade. Eu bebo para parar de ver o rosto do meu irmão desse jeito. Me encho de drogas para não ver mais o pescoço dele todo aberto. É só isso que eu consigo fazer. A única coisa que funciona para dormir é desmaiar, mas depois, quando eu abro os olhos e vejo que se passaram horas, não faz diferença. Tudo continua lá dentro da minha cabeça, e meu corpo está todo doído e ainda pegando fogo. É assim que as coisas são.

Estou bizarramente sério quando cheiro uma linha grossa de coca no meu dedão depois que a gente se encontra e estaciona na Virginia, todos os três carros. Isso também arde. Depois, eu meio que empacoto dentro de mim as lembranças que tenho do Joker, pois é hora de agir. Como se eu pudesse abrir minhas costelas, guardar o pacote, fechar as costelas e apertar o cinto. É assim que eu mantenho ele comigo. Deixo ele perto. Não demora muito até eu sentir que tenho relâmpagos dentro de mim, me energizando. E isso é bom, porque agora eu não posso mais ser eu. Não posso ser o Bennett com o monte de problemas dele. Tenho que ser o Trouble. Tenho que ser aquele que todo mundo sabe que não vacila.

Não tem ninguém na rua além de nós e um maluco negro com cara de mendigo revirando lixeiras abertas no fim do quarteirão. Faz dias que não tem coleta de lixo, mas as pessoas ainda põem ele para fora. Que imbecis. Nem preciso olhar direito para saber que é o mesmo doidão que o Momo perguntou se sabia alguma coisa sobre o incêndio na casa dele e ouviu de volta um papo maluco, sobre um lance que ia para o céu em pedaços ou alguma coisa assim.

Tirando esse louco se arrastando devagar, é uma cidade fantasma. Luzes apagadas no quarteirão inteiro, cortinas bem fechadas, só os postes da rua acesos. A coisa boa é que tem cheiro de flores aqui, não sei de que tipo, e só um pouco de fumaça. Estamos mesmo do lado de lá da fronteira, bem perto do que eles chamam de Boardwalk. Meu irmãozinho me falou sobre isso. Eu sei que o Fate e a *clica* dele usam esse lugar como rota de fuga, dos polícias, do que for, mas agora é um caminho que dá bem no coração do território deles.

2

A cocaína bate, e agora eu me sinto melhor. Forte. Sinto que é hora de tomar de volta o que é nosso, tirar umas cartas da manga. Nós temos nove camaradas, só veteranos, porque nesse serviço a gente não pode correr o risco de algum camaradinha tentando ganhar nome na praça fazer uma cagada. Eles sabem que é um corre suicida, e todos topam porque eu estou topando. Tenho feito isso faz um tempão, e sou intocável. Ninguém espera que você simplesmente cole numa casa e detone os malucos no sofá deles, puro estilo *vato loco*. Mas eu tenho feito isso e continuo vivo. Agora minha carta na manga é não me importar. Não me importo com nada. Antes, nos serviços desse tipo, eu estava sozinho. Nunca tive que agir numa operação tão grande. Só para conseguir fazer todo mundo atravessar a Atlantic já foi um perrengue. Tem mais caras da Guarda Nacional lá fora fazendo patrulha ou parados nos cruzamentos, por isso a gente não pode montar um comboio com os carros. Temos que ser espertos, então evitamos eles nos dividindo em dois carros diferentes, quatro em um e cinco no outro, antes de seguir caminhos diferentes para nos encontrar e estacionar.

Porque a gente não ia querer incomodar os Guardas. Nós temos três caras lá, recrutados e preparados em Inglewood. O quê, você acha que a Guarda Nacional não tem uns manos infiltrados? Porra. Acorda, amigo. Nós temos três. Mas não vou dizer os nomes. Tenho certeza que outras gangues têm camaradas lá também. No fim, é um jeito muito bom de aprender sobre armas e táticas e essas porras. Trazer o lance para nós, sabe?

Falei para o Momo que a gente ia pegar o Fate e os outros de tarde, tipo logo depois daquele passeio para ver o china-jamaicano onde pegamos todo aquele carregamento pesado, mas a gente não fez isso e nunca faria. Eu menti. Foda-se o Momo. A gente nunca ia colar lá em plena luz do dia. Além disso, a gente tinha um lance pra fazer primeiro. Tinha que invadir uma vara criminal e fazer uma bela fogueira com certos registros, para algumas pessoas que estão em

condicional poderem continuar livres.

Essa parada foi tão divertida que a gente teve que se chapar para comemorar. Deixa eu falar isso de novo, mas dessa vez presta bem atenção. O Momo deixou a gente chapado por cortesia da bondade do coração dele, porque ele é muito generoso e obviamente não está tentando salvar a própria pele que nem uma víbora. Aquele ali é o tipo de cobra que te pica se você deixar.

O Momo está estranho já faz semanas. Não sou só eu que percebo. Ele não tem respondido chamadas no *pager*, nem perguntas quando você está na frente dele. Ele tem sumido, sabe? Se eu não fosse ligado, diria que ele está querendo caguetar a gente, porque quando o conheci, tipo da primeira vez, ele não era assim. Não falava muito, mas ele era real, e como eu sei que ele não tem sido reto comigo me evitando no *pager* quando a gente *sabia* que foi a arma dele que matou o Ramiro, então eu tenho motivo para me preocupar, e não preciso ser reto com ele também.

Minha mina disse uma coisa esperta também, falou para não deixar o Momo chegar perto de mais nenhum telefone pela chance de ele tentar ligar para alguém e contar como a gente está tratando ele no puro desrespeito, então eu fiz isso, e fiz um lance ainda melhor, mandei aquele Jeffersón voltar para casa, na ponta da minha escopeta nova. Bom, ele não gostou de olhar para o cano, mas o que ele ia fazer, além de largar essa cara de macho e vazar dali, todo andando de costas porque queria ficar de olho em mim? Nada, pois é.

Enquanto ele estava indo embora, falei que a única pessoa que o Momo precisa que tome conta da retaguarda dele sou eu. E é exatamente por isso que esse bosta está na minha cola agora, com essa puta cara de medo, segurando esse revólver zoado com essa fita porque a mão dele sua, porque ele nunca dispara, é por isso.

— Agora você não tem nenhuma perguntinha esperta para mim, né? — digo, olhando para ele.

— Existe a hora de falar — responde ele —, e a hora de agir.

Ele parece durão, mas dá para perceber que ele nem quer fazer isso, mas está fazendo porque sabe que eu vou explodir a cabeça dele como uma melancia se ele não fizer. Essa é a beleza de ter uma escopetinha só para mim. Eu já podia ter

apagado ele antes, mas assim é muito mais divertido, fazendo ele marchar.

Eu mando os dois motoristas ficarem nos carros e deixarem o motor aquecido, porque a gente vai sair rapidinho, e quando estamos prontos para a abordagem, faço o Momo ir primeiro, bem na minha frente. Um escudo se eu precisar, saca? Nós seis e o Momo chegando junto estilo exército, só na furtividade, atravessando essa Boardwalk onde os únicos sons são os nossos passos e as folhas e os galhos que a gente empurra. Eu sorrio quando penso que eles nem vão ver a gente chegando. Um lance meio vietcongue. Pelo Ramiro, pelo Fox, pelo Lil Blanco que levou um tiro do lado da cerca e por todos os outros na festa que foram pegos de surpresa.

A gente atravessa um beco com garagens dos dois lados, então volta para a Boardwalk e sai na Pope, andando depressa numa fila única comprida como formigas, olhando para lá e para cá, mas não tem ninguém ali também, e então a gente atravessa mais um beco até a Duncan Avenue. O Momo vai primeiro, e eu depois. Já de cara eu identifico a casa do Fate e daquela *manflora* da Payasa, e vou pelo quarteirão num passo apertado.

Até que o Momo serviu para alguma coisa, afinal, arranjando essas informações sobre o lugar onde eles ficam. Perguntei como ele tinha certeza, e ele disse que os viciados dele falam todo tipo de merda quando estão chapados, e quando esse maluco Lil Creeper fica chapado, ele não fecha a matraca, e então o Momo às vezes fazia perguntas sobre a *clica* do Fate para ficar inteirado do que estava acontecendo, tá ligado? Quando ele disse isso eu só assenti com a cabeça, porque era um lance esperto, mas mesmo assim era coisa de víbora.

Agora a casa está logo depois de uma cerca de arame na altura do quadril, que me faz olhar para três caixas de correio na frente de uma entrada coletiva para carros que vai até lá atrás. À direita dessa faixa de concreto fica a casa. É quadrada, um lance tipo estuque, cor de areia, com um telhado inclinado na direção da rua parecendo um boné com a aba para baixo, e apoiado por seis pilastras espaçadas. A porta da frente fica entre as duas do meio e janelas dos dois lados que dão para o gramado mais triste que eu já vi.

As persianas estão bem fechadas, mas na da esquerda tem uma fresta de luz vindo lá de dentro, um abajur ou uma coisa assim. Tem uma TV brilhando em

cores também. *Bom*.

Eu levanto a mão e vou primeiro pela entrada, contornando as caixas de correio e pisando no gramado, indo direto para a porta. Sem vacilar. Pelo Ramiro. Pela nossa Yesenia. Quando estou num lugar bom, finco os dois pés no chão e todo mundo faz isso. Quando abro fogo, todo mundo abre. A gente faz um lance Al Capone, uma fila de gângsters mandando chumbo.

As grades das janelas não impedem a gente, mas devem estar fazendo alguma coisa, porque eu não paro de ouvir um *ping, ping, ping*, e acho estranho, mas não penso muito nisso porque a gente detona o vidro inteirinho. Os cacos voam para tudo quanto é lado, espalhados no caminho de cimento, pela grama.

Dou risada quando detono a porta de segurança, tipo *boo-yaa*, porque me sinto invencível, e essa porra não é de ferro, pelo jeito que dobra e entorta depois que eu atiro nela com a escopeta, e recarrego, mando de novo, e quando ela está meio dependurada, eu já caio para cima dela porque corri até lá, e estou chutando ela até se desprender das dobradiças, então puxo a maçaneta toda amassada por causa do chumbo e ela sai na minha mão.

— Isso aê, porra!

Eu me inclino para trás o máximo que posso e chuto a porta, colocando todo o meu peso nela, e essa porra é de madeira sem maçaneta nem tranca, então devia simplesmente abrir com a força da minha bota.

Não abre. Eu quase caio para trás!

E meu calcanhar *dói*. Meu joelho também.

Então eu chuto de novo. Mas é a mesma coisa. Nada se mexe.

— Que porra é essa? — pergunta alguém atrás de mim.

Eu dou uma olhada bem depressa no buraco onde ficava a maçaneta, mas não tem um buraco de verdade. Quero dizer, é um buraco, mas tem alguma coisa atrás dele. Ferro.

Eu enfio a pontinha da escopeta ali, mas ela não entra. Deve ser tão grosso quanto uma tampa de bueiro. Tem umas marcas de chumbo dos tiros, e eu passo os dedos nela, ainda está tão quente que me queima, enquanto tiro a mão eu penso tipo *Que porra é essa?*

Então eu entendo tudo de uma vez, tipo um jorro de água quente nas costas. O

meu corpo inteiro esquenta de novo. E fico com vergonha e triste e puto ao mesmo tempo. Não. Não, não.

Essa porra é uma *armação*. A armação mais escrota que alguém já fez. Não.

Eu trouxe a gente bem para o meio dessa merda. Eu. *Porra!*

Fico com a boca seca quando estou prestes a gritar para os meus camaradas se salvarem, mas então luzes acendem. Não, não...

Luzes fortes, brancas, amareladas, atrás de mim e do lado, me fazem piscar quando me viro, fazendo eu fechar os olhos e erguer a escopeta até a sobrancelha para tapar a luz e agachar, e então eu ouço o primeiro tiro de longe e ouço uns malucos correrem.

E estou pensando *O quê?* enquanto abaixo o máximo que consigo, fico de costas para a casa e deslizo pelo estuque até ele espetar as minhas costas, me cortando enquanto eu ando rápido de lado, na direção do canto da casa para poder fugir por trás.

— Todo mundo vaza! — grito, mas minha voz sai engasgada.

Ouço mais uns *blams*, desta vez mais depressa, mais perto. Tipo, *blam-blam-blam...*

Não.

Balas passam zunindo, uma atinge a casa por cima de mim e o estuque explode em cima da minha cabeça com um *crack-plaft*, jogando pó e pedrinhas no meu rosto, e então é o pior barulho que eu já ouvi na vida, um *brrrat, brrrat...*

Isso aí só pode ser a famosa gorda cantando, pois esse é o som que faz uma AK quando cospe. Não sei a que distância está nem onde está mirando, mas sinto esse barulho no meu peito, mexendo o coração de um lado para o outro, e sei que chegou a nossa hora, bem aqui, bem agora. Não, não.

Ouço grito de tudo quanto é lado, em toda a minha volta. Meu coração bate forte e depressa no ouvido, fazendo minha cabeça esquentar e doer.

Não. Tudo é alto demais agora. Rápido demais.

— Não — digo, e isso é tudo que consigo pensar em dizer.

Essa porra é culpa minha. Mas não é hora de sentir culpa. A gente tem que fazer a única coisa pode, sair atirando para fugir.

Vou repassando na minha cabeça quase uma lista de chamada, de todos os

camaradas que eu deixei na mão. O melhor que eu posso fazer pelo Ramiro agora, e pela nossa Yesenia, e o Lil Blanco, e, e...

Pelo Fox, e o Looney, e...

— Atirem na direção da luz — grito, e dou uma bombeada na minha escopeta e levanto atirando nos vultos se mexendo na frente da claridade.

Eu engatilho e disparo e apago uma das luzes soltando faíscas e um *ksssssss*, por isso engatilho e disparo de novo, e aí a munição acaba, e eu sei que acabou, mas dou outra bombeada e aperto o gatilho assim mesmo. Não acontece nada.

É assim que as coisas são.

— Seus cuzões, é melhor vocês me matarem! Melhor vocês... — digo, mas não sei mais o que dizer, as palavras não vêm.

Estou deitado de lado e nem me lembro de ter caído.

Meus ouvidos estão zunindo, como se tivesse sirenes dentro deles. E estou tossindo. Então ouço quatro *pops* bem depressa, tipo *pop-pop-pop-pop.*

Depois alguém cai em cima de mim, bem no meu ombro. Com força.

Eu quero ver o que está acontecendo, mas não consigo ficar de olhos abertos agora, eles estão pesados demais.

ROBERT ALÀN RIVERA,

OU CLEVER,
OU SHERLOCK HOMEBOY

2 DE MAIO DE 1992

12h58

1

Depois de apagar o Joker e os outros caras na festa daquele jeito, a gente sabia que os camaradas dele iam partir para cima, só não sabia quando, por isso o Fate mandou fazer tudo o que fosse possível para a gente se blindar. A Lu não ficou feliz com o plano no começo, porque era a casa dela que tinha que ser a isca, mas acabou se convencendo. Continuar viva era a melhor opção pra ela.

Então duas noites atrás a gente foi de porta em porta para esvaziar o quarteirão num raio de três casas em cada direção. A maior parte do trabalho foi minha, do Fate e do Apache, a não ser quando algum camarada morava na casa, daí o próprio cara ia lá falar com a sua família. A gente explicou para as pessoas que seria uma ótima hora pra visitar parentes ou amigos. Até ajudamos algumas com os preparativos, colocando a bagagem nos carros. O Apache chegou a carregar para o carro um *abuelo* que não conseguia andar sozinho. O povo talvez não tenha gostado no começo, mas fez o que a gente pediu e caiu fora, o que foi bom, porque o Fate não ia querer a consciência pesada na hora que, segundo sua previsão, as balas começassem a voar.

A Lu não foi com a gente. Estava brigando com a garota dela, a Lorraine, bem na hora em que a gente se preparava para sair. O lance começou no quarto dela e foi ficando mais e mais barulhento, até que a porta abriu de repente e as

duas foram parar na sala. Rolaram uns gritos e uma choradeira da Lorraine, e pela porta aberta eu vi a Lu arrumando uma mala com todas as roupas e outras coisas da garota, e a Lu mandou ela parar de ser tão burra e dramática. Logo depois disso, a Lorraine jogou um vidro de esmalte nela, e com força. A Lu tentou desviar, mas o vidro acertou o olho esquerdo dela, que ficou roxo quase imediatamente. Fiquei surpreso de a Lorraine não ter levado uma puta surra depois disso, mas a Lu se segurou, e foi nessa hora que eu soube que ela estava fazendo a coisa certa, tirando a garota dela da casa, porque simplesmente não era seguro ficar ali. Obrigar ela a ir para longe significava que a Lu se importava, mas você nunca vai conseguir fazer certas pessoas entenderem isso, e a Lorraine não entendeu. Foi embora chorando no carro.

De certo modo o arranjo ajudou a Lu a se dar bem, porque não muito depois disso a Elena Sanchez apareceu para agradecer por ela ter matado o Joker, e elas entraram no quarto da Lu e fecharam a porta. No começo achei que era só para contar como tudo rolou, embora eu soubesse que a Lu não é do tipo que fala sobre essas coisas. Não sei se a Lu estava tentando chamá-la para jogar no outro time, mas eu não ficaria chocado. Ela é malandra. Se tivesse uma chance, chamaria. Acho que depende da Elena, se ela curte a parada, mas não posso dizer com certeza se rolou ou não. Só sei que elas ficaram ali um bom tempo.

Fui embora antes da Elena porque o Fate precisava de mim do outro lado da rua. Uns O.G.’s tiveram a manha de roubar um caminhão oficial da prefeitura naquela primeira noite de tumulto, daquele tipo alto e branco, com um brasão da cidade nas portas e uma carroceria grande, de mais de um metro de altura. Desde que botaram as mãos nele, eles têm conseguido ir aonde bem entendem vestidos com coletes cor de laranja, e a polícia e a Guarda Nacional só fazem sinal para eles passarem, seja lá qual for o lugar por onde querem ir, por isso eles só têm rodado por aí saqueando, principalmente canteiros de obras. Pegaram um monte de ferramentas e materiais que foram abandonados quando o lance estourou e venderam para pessoas na vizinhança.

Além disso eles pegaram um montão de chapas de aço. Recrutaram uma galera para catar todas nas ruas e colocar na traseira do caminhão. Era do tipo que a prefeitura usa como base para asfalto ou para cobrir buracos que não

seriam consertados tão cedo, ou talvez nunca. O aço tinha mais de um centímetro de espessura, e algumas das chapas podem pesar mais de cento e trinta quilos dependendo das dimensões. A gente recebeu isso direto das mãos deles e usou para proteger a casa.

Nós mandamos uns parceiros carregarem as chapas porta adentro e alinhar tudo na parede da frente. Cada chapa precisou de seis dos mais fortes entre a gente para sair do chão. O metal era tão pesado que o reboco estalou quando recebeu o peso à esquerda e à direita da janela da frente. Para proteger o interior da casa, a gente bloqueou essa janela de um jeito que, se alguém quisesse atirar lá dentro, ia ter que mirar nos cinco centímetros do alto para fazer alguma bala passar. No começo, a janela estava completamente tapada, mas dei uma olhada e vi que não ia dar certo assim, então mandei eles mexerem a placa para deixar passar uma fresta de luz, depois coloquei a cortina de um jeito que não dava para ver o ferro pelo lado de fora. Para mim, esse era o segredo de todo esse esquema. Não ia funcionar, a não ser que eles achassem que tinha gente lá dentro, por isso eu também liguei a TV e garanti que desse para ver do gramado e da rua.

— Se você não acende o fogo — disse quando o Apache me perguntou por que eu fiz isso —, não pode atrair as mariposas.

2

A gente está se revezando do outro lado da rua desde que terminou, esperando na casa do nosso compadre Wizard. A casa é um pequeno cassino que ele administra, mas ele não está aqui. Está com a esposa num apartamento em Lil TJ, na Louise, que eles mantém desde a época em que moravam lá, porque o cara é meio *paisa*, só que do melhor tipo, confiável, mesmo sendo meio caipira.

Tirando a gente, esse lugar está todo vazio agora. Não tem exatamente uma sala de estar, não do tipo com sofás e cadeiras em frente a uma TV. Em vez disso, tem máquinas de jogo encostadas em todas as paredes, e em frente a cada máquina tem umas cadeirinhas marrons, dessas bem baratas que você encontra em bares, do tipo que não dá prejuízo se quebrar.

O jogo é uma das coisas boas. Você ficaria surpreso se soubesse quanta grana a gente ganha com o cassino em um mês. O quarteirão todo joga sem parar. Vêm até pessoas de outros bairros para conferir, só de ouvir falar. Tem doze máquinas no total. Dez são de caça-níqueis e duas de jogos de cartas. Nós chamamos de Mini Vegas. Tem uma máquina de trocar dinheiro no fundo, bem do lado de um ferro e uma tábua de passar com uma caixa de papel-manteiga em cima, porque a máquina de troco é exigente. Às vezes as pessoas precisam alisar as notas passando elas com ferro, fazendo um sanduíche entre duas folhas de papel-manteiga. Foi ideia da Lu, e funciona. Depois que o dinheiro está liso o suficiente, você coloca na máquina, e ela cospe moedas de vinte e cinco centavos para você jogar Gold Rush com os pequenos garimpeiros levantando bacias cheias, ou Star-Spangled Winner, ou qualquer um dos outros.

Ninguém está jogando nos caça-níqueis porque a gente desocupou o lugar faz mais de um dia, mas as máquinas ainda estão piscando lá. Estamos só sentados nessa sala, eu, a Lu, o Fate, o Apache, o Oso e mais uns soldados aqui e ali. Todo mundo está bem armado. Os *sherms* estão proibidos hoje à noite porque o Fate mandou. Ele quer que a gente fique alerta, por isso nada de drogas. Uma

fita cassete do Cypress Hill está tocando tão baixo ao fundo que eu só ouço uns ruídos da guitarra e um pouco da bateria vindo da caixa de som.

Então é assim que a gente espera, que a gente fica esperando. A Lu está em silêncio, olhando pela janela, com uma pequena escopeta de cano serrado no colo. Ela está com um belo olho roxo. No outro canto da sala, o Fate está lendo um livro chamado *The Concrete River* de Luis J. Rodriguez, só parando para virar a página ou tomar um gole da cerveja que ele coloca entre a cadeira e uma AK-47 apoiada na parede. O Oso está andando de um lado para o outro, mas com o cuidado de evitar o Apache, que está deitado de barriga para cima no meio da sala, puxando um ronco. Ele é calmo assim mesmo. Os outros dois só estão postados nas cadeiras, olhando para suas armas. Todos nós temos óculos de sol pendurados na gola da camisa, até o dorminhoco do Apache, porque eles vão ser importantes depois.

Normalmente a gente não fica tão quieto, mas o clima está muito pesado nessa sala. Não só porque a gente está tentando adivinhar quando é que o Trouble vai resolver fazer uma idiotice, mas também porque a essa altura todo mundo já tem quase certeza que o Lil Mosco nunca mais vai voltar, e isso é uma coisa que ninguém vai comentar. O que acontece depois de um sumiço desses é sempre um silêncio. Não é como se a gente abrisse o coração um com o outro e descobrisse exatamente o que rolou, depois a pessoa certa diz que sente muito e todo mundo chora e entende, como na TV. Por aqui, se você quer continuar vivo, às vezes as coisas têm que ficar sem serem ditas.

Ninguém me perguntou, mas eu acho tranquilo terem apagado o Lil Mosco. Não estou dizendo que acho bom, mas acho tranquilo. Ele estava muito descontrolado, já não dava mais para confiar, mas mesmo que isso seja verdade, sei que o único motivo que levaria a essa situação seria algo do tipo ou-nós-ou-ele, quase uma troca, como no beisebol. Você manda um cara e recebe outro no lugar. O Fate dá o Lil Mosco para os patrões, e a gente pode continuar com o Fate, ou a outra hipótese é a gente entregar o Lil Mosco para a *clica* inteira continuar viva. Tenho quase certeza que é uma dessas duas opções, por isso me convenço que foi assim que rolou, porque agora temos coisas mais importantes para lidar.

— O Trouble não vai vir — diz o Oso. — Eles também não vieram ontem à noite, e isso é porque ninguém é tão burro de vir aqui e tentar atirar na gente. Quero dizer...

Ele cala a boca rapidinho quando o Fate olha para ele e faz um gesto na direção do Apache, um lembrete para o Oso ter um pouco mais de consideração. Mas é tarde demais, o Apache já está acordado, piscando e bocejando.

— Foi mal, Patch — fala o Oso.

A única pessoa na face da terra que pode chamar o Apache desse jeito e ficar impune é o Oso. Coisa de família, eu acho.

O Apache dá de ombros. Não leva para o pessoal. Oso, o ursão bobo, é primo dele e na verdade só está aqui para ajudar a carregar peso se tudo correr como o planejado. Todos nós sabemos que ele está inquieto. Todos estamos, do nosso próprio modo. Ele nunca esteve numa emboscada dessas, e ficar esperando para matar ou morrer pode ser um desgaste. É exaustivo ficar de olho no quarteirão durante horas. O que me lembra uma coisa: você já notou que os ruídos mais altos acontecem quando as pessoas estão tentando não fazer barulho? Acho que é porque você está alerta. Está prestando atenção. Está ligado. É assim que está o clima em Mini Vegas agora. E acho que é isso que está deixando o Oso tão nervoso, porque ele começa a falar só por falar, só para ouvir alguma coisa que não seja o silêncio.

— Ei, Patch — pede o Oso —, conta de novo como você escalpelou aquele maluco.

O Apache balança a cabeça em negativa. De jeito nenhum que ele vai contar isso agora. Não culpo ele.

— Beleza então — o Oso continua tentando evitar o silêncio com o falatório dele —, então vocês já ouviram falar do O.G. que arrancou a cruz Pachuco da mão dele com uma faca? Foi tipo — o Oso estica dois dedos da mão direita e crava na pele ao lado do dedão esquerdo — ahhh.

Eu juro, o Oso gosta demais de histórias. Olho para o Fate e ele olha para mim. A gente sabe que essa história está rodando desde sempre. Ela me persegue, e até que faz sentido, porque é sobre o meu pai. Mas na verdade ninguém sabe disso além do Fate. A maioria só pensa que é sobre algum

camarada desconhecido, mas minha mãe me contou que, quando ele abandonou a *clica* e a gente em East L.A., ele arrancou a cruz que tinha na mão para ninguém saber que ele já esteve envolvido. Ele saiu da *clica* em bons termos porque tinha trabalhado muito e ficado de boca fechada. Todas essas bobagens que a gente ouve sobre pessoas que precisam morrer para sair são realmente bobagens. Só que, de algum modo, o jeito como meu pai cortou a tatuagem acabou virando a história de um cara que queria tanto sair da gangue que arrancou ela na frente de todo mundo numa festa, só para provar que estava falando sério. Mas isso não aconteceu. Minha mãe diz que ele fez isso na garagem, com uma faca de cozinha que ele aqueceu primeiro no fogão.

O Fate sabe disso tudo. Também sabe só de olhar para mim que eu não quero mais ouvir essa história, nem a versão do Oso.

— Ei, Oso — interrompe o Fate —, por que você não conta pra gente sobre aquela vez que você atirou sozinho naquele monte de Crips quando o seu carro morreu?

O Oso sorri e começa a contar sobre a vez em que estava dirigindo e, num sinal vermelho na Imperial, um carro encostou ao lado dele com cinco negros dentro, e os caras olharam para ele, e ele olhou para os caras, e o grandão no volante começou a lamber os beiços como um lobo de desenho animado, e o Oso tentou dar partida rapidinho, o carro dele morreu, e bem nesse grande ponto da história dele, bem quando ele está falando todo baixinho para dar efeito dramático, eu dou uma fungada. Não de propósito. Porque não consigo evitar. A fumaça tem mesmo incomodado as minhas narinas ultimamente.

O Oso dá um pulo nessa hora.

— Você ainda tá fungando? Não vai passar doença pra mim.

— Ele não tá doente e não vai te passar doença — diz a Lu, partindo em minha defesa sem se virar na cadeira. — Ele tem alergia, e a fumaça está fodendo com o nariz dele desde que a cidade começou a pegar fogo.

— Ah — é só o que o Oso diz antes de concluir a história com um finzinho triste —, então, tipo, eu só dei um jeito na situação.

A Lu já está balançando a cabeça quando ouve isso. Ela nunca gostou do Oso.

— Novato de merda — diz ela por entre os dentes.

Eu conheço os irmãos Vera, e principalmente a Lu, desde antes de eles se envolverem, o que agora faz quase doze anos, desde que a gente era vizinho de porta na Louise Avenue, em frente ao Lugo Park. Bom, vai fazer doze anos em agosto, porque minha mãe tirou a gente de East L.A. em 1980. De todos, a Lu é a pessoa que me conhece há mais tempo no mundo. A gente se deu bem logo de cara e continuou firme todos esses anos. Quando eu entrei para essa vida, ela entrou também.

Tenho quase certeza que eu não sou como a maioria das pessoas. Quando os camaradas partem dessa para uma melhor, eu não sinto falta deles, mesmo se a gente passou muito tempo juntos. Para mim, quando eles não estão lá, só não estão mais lá. Eu nem penso nisso. Não sei se isso significa que tem algo de errado comigo, mas provavelmente sim. Mesmo assim, eu sei que a Lu está passando por um momento difícil e não consigo nem imaginar a sensação. O Ernesto era meio que um irmão mais velho para mim também, mas não de verdade, não a nível de sangue. Eu sempre fui filho único, já ela passou de filha caçula a filha única em questão de poucos dias. Isso deve ser dureza.

Tenho pensado nisso, e minha conclusão é que a Lu sabe que o Lil Mosco se foi de vez. Chegou a essa conclusão na rua, alguns dias atrás, quando atirou naquele carro. Ela estava sentada bem do meu lado no banco de trás, e eu estava observando enquanto ela inspirava, prendia o fôlego e mordia o lábio inferior. Já vi ela fazer essa expressão algumas vezes antes: quando o pai dela faleceu, quando o Fate disse que a casa dela estava muito visada e ela teve que transferir a mãe para outro lugar, e depois que ela foi assaltada indo a pé para casa uma vez na Wright Street. Ela só faz essa cara se está aceitando alguma coisa de que não gosta, alguma coisa que ela não consegue mudar, e quando está prendendo o fôlego desse jeito, mordendo o lábio, e antes que precise soltar o ar, é nessa hora que deve ter caído a fichinha sobre o Lil Mosco, porque ela disse “merda”. Foi só um sussurro, na verdade, como se ela tivesse finalmente aceitado. Acho que mais ninguém ouviu ela dizer isso.

Mas agora, a Lu se endireita na janela como se tivesse visto alguma coisa. Ela se inclina para a frente, quase espremendo o nariz no vidro, e a espinha dela paralisa como a de um predador quando a caça entra na zona dele.

— Eles chegaram — diz ela, como aquela garotinha loira medonha do *Poltergeist*, che-*gaaaa*-ram, e meu coração dá um salto no peito. Eu agarro minha Beretta .32, pronta para qualquer parada, porque sei que estamos preparados para todas as possibilidades, mas também já estou nessa vida há tempo suficiente para saber que qualquer coisa pode acontecer.

As coisas que você planeja nem sempre funcionam como você pensa.

3

O Fate levanta, joga o livro no carpete como se fosse um *frisbee*, veste as luvas, prende as mangas dentro delas e pega a AK. O Apache está logo atrás dele, desligando toda a eletricidade do lugar. A música do aparelho de som, “Hand on the Pump”, para logo no começo. As máquinas de jogo desligam ao mesmo tempo, e nós ficamos no escuro. Ouço o Oso engatilhar a Glock que pegou emprestada como se estivesse num filme ou algo assim, puxando o ferrolho inteiro para trás, mas uma das câmaras já está cheia, e uma bala voa para fora, acerta o carpete e rola até o rodapé com um estalo.

— Porra — diz ele e se agacha no chão, procurando a bala.

— Boa, imbecil — reclama Lu.

Estou parado na janela, ombro a ombro com a Lu. Meu coração está batendo num ritmo até regular quando vemos uma fileira de sete malucos avançar no escuro com um equipamento pesado. A melhor parte é que eles estão na outra calçada, e estão tão concentrados que não notam as extensões que nós puxamos desta casa até o meio-fio, e do meio-fio para o alto, até a caçamba do caminhão da prefeitura, que está estacionado logo em frente à casa da Lu, do outro lado da rua. Na caçamba, tem uma parada que a gente roubou: dois tripés para holofotes, do tipo usado em canteiros de obras, daqueles com lugar para várias lâmpadas fortes, os dois montados. Até agora, as coisas estão dando certo, e ainda bem, porque eu conto quatro escopetas. A Lu também.

Ela se inclina para trás e coloca o dedo no vidro mais ou menos na hora em que o Oso desiste de procurar sua bala perdida.

— Peraí — diz ela —, aquele ali não é o Momo? O que ele está fazendo com eles numa missão?

Eu não gosto de ouvir isso. Matar ele talvez não pegue bem com os patrões, porque você sabe que um cara como o Momo paga seus impostos, só que ele não dá muita opção para a gente se está aqui. Mas se as coisas rolaram com o alto

escalão como eu acho que rolaram na questão do Lil Mosco, tenho certeza que o Fate vai ter algum poder de negociação depois que fizermos o que temos que fazer.

— Só tem um jeito de saber — diz o Fate enquanto puxa o pino da tranca e abre a porta bem devagarinho, sai da casa e olha para cima.

Ele dá um pequeno aceno para o nosso camarada no telhado, que está com um rifle de precisão. A gente chama ele de Ranger porque ele serviu no exército, mas foi dispensado com desonra por sair na porrada com os outros membros de gangue na unidade dele. Eles eram de Detroit. Ele deixou um dos caras em coma e cumpriu um ano numa prisão militar no Colorado, mas agora saiu. É o nosso melhor atirador, e sabe que não deve abrir fogo enquanto as luzes não acenderem.

Nunca vi o Trouble de perto antes — nunca tive motivo para isso —, mas já ouvi falar dele. Todo mundo já ouviu. O nome dele ecoa de todas as missões suicidas que ele fez quando estava subindo na carreira. Ele ficou conhecido por aparecer de repente nas casas e atirar em dedos-duros no sofá, na cozinha, onde fosse. Uma vez ele até atirou num camarada que estava ocupado no banheiro, sentado na privada e tudo. Diz a lenda que ele recebeu esse nome antes de as pessoas realmente saberem quem estava fazendo essas missões. As pessoas diziam, *Você ouviu falar de tal lance?* E a resposta era, *Pois é, o maluco que fez isso é mó encrenca.* Em pouco tempo, "encrenca" virou o nome dele, "*Trouble*" com T maiúsculo.

Eles agora estão no pátio, os sete, levantando as armas como se achassem que tem alguém ali dentro, e é nessa hora que sinto uma onda de orgulho porque sei que a armadilha funcionou. O Fate também sabe, pois me dá um tapinha no ombro. É nosso último momento de calma antes de a noite explodir.

Parece a festa da Independência quando eles começam a atirar na casa, só que o barulho é muito maior. Esse não é o som de fogos de artifício explodindo no ar. Em vez disso, faz *boom* e depois termina em baques rápidos e duros conforme balas e estilhaços se cravam nas paredes e nos caixilhos das janelas. Termina em *pings* e *pops* quando elas acertam a porta de segurança ou o ferro atrás das janelas, que quebram na hora e soltam vidro para todos os lados.

Nós nos agachamos em fila e seguimos juntos até o caminhão. Um camaradinha ali dentro levanta a cabeça quando nos vê. O brilho dos tiros ilumina seus olhos, e estou vendo que ele está assustado pra burro, mas tudo bem, só o que ele tem que fazer é acender as luzes quando o Fate fizer o sinal. Ele não faz, ainda não.

O camaradinha fica de olho no Fate enquanto um atirador com uma escopeta para de atirar e corre até a porta. Esse só pode ser o Trouble, por causa do jeito como todos seguem ele.

— Isso aê, porra! — diz o Trouble assim que chega na porta da frente.

Ele chuta a porta com força e cambaleia para trás, e só o que consigo pensar é como isso deve doer, tentar chutar uma porta com noventa quilos atrás dela. Deve ser pior que chutar uma pedra. Mesmo assim, ele chuta de novo, porque obviamente não entendeu da primeira vez. E é aí que o Fate tira os óculos escuros da gola da camisa e coloca no rosto, então todos fazemos isto.

— Que porra é essa? — pergunta alguém no gramado.

E deve ser nessa hora que o Trouble vê o ferro, porque enfia o cano da escopeta na porta, e então coloca os dedos nela e tira depressa como se estivesse quente. Depois ele endireita o corpo.

Então, o Fate dá o sinal para o camaradinha dentro da caçamba do caminhão, e as luzes de construção de dois metros de altura se acendem com um estalo atrás de nós. Quase imediatamente, as luzes de ambas as casas vizinhas se acendem também. Depois disso, o Ranger é o mais rápido. Mete uma bala perfeita na sobrancelha esquerda do cara que que está mais perto de nós, e vejo o sangue ser cuspido por trás da cabeça do sujeito, borrifando o ar como como um spray de limpar vidro. Ele desaba como uma marionete sem os barbantes.

O Trouble se agacha logo depois, tentando proteger os olhos. Tenta gritar para sua galera vazar, mas sua voz não sai muito alta e, além disso, já é tarde demais. Eu e a Lu estamos com um joelho no chão em frente à cerca e enfiando nossas armas através dela, apoiando os canos na base dos buracos da grade, onde os arames se encontram.

Miramos na altura do quadril dos caras correndo. A Lu detona uns joelhos e bombeia a escopeta, e depois faz isso de novo. Eu miro no Trouble e erro, mas o

Fate está atrás de mim, chegando perto, abrindo fogo com a AK. Mesmo a metros de distância, meu corpo inteiro sacode quando ele solta uma rajada e varre toda a fachada da casa, descendo chumbo em geral. É nessa hora que gritam aqueles que ainda conseguem gritar, e isso desperta alguma coisa no Trouble, porque ele levantou e está vindo bem na nossa direção.

— Atirem na direção da luz! — berra ele enquanto bombeia a escopeta, e levanta ela atirando.

4

O chumbo grosso se amontoa no caminhão atrás de mim, e eu sinto alguma coisa quente morder minha nuca, mas passo a mão nela e não tem sangue, então percebo na hora que não é nada. Estou mais preocupado com o Trouble bombeando a escopeta de novo, mirando alto e detonando uma das luzes de construção no caminhão. Ele engatilha de novo, mas nada acontece. O Trouble está sem munição e sabe disso.

— Seus cuzões — grita o Trouble —, é melhor vocês me matarem! Melhor vocês...

Bem nessa hora, o cara atrás dele dá um passo à frente e coloca uma arma embaixo da orelha do Trouble, na mancha preta de uma das tatuagens que ele tem no pescoço, e dispara. A bala sai pelo outro lado do pescoço do Trouble e por um longo segundo há uma pausa, porque ninguém estava esperando isso, nem mesmo o Fate, enquanto o Trouble cai no chão.

— O Momo detonou o cara! — diz a Lu.

Um dos camaradas do Trouble que eu acertei vê a cena e mete quatro balas no peito do Momo logo em seguida. O último gesto do Momo é fazer uma cara de ódio para o corpo caído do Trouble, como se quisesse fazer isso desde sempre, e o Momo sorri enquanto suas pernas cedem e ele desaba com tudo em cima do Trouble. É nessa hora que o Ranger mete uma bala no pescoço do cara que atirou no Momo.

Ferimentos no pescoço são o jeito mais feio de morrer. Com eles, não há nada a fazer além de tossir e cuspir e sangrar até a morte. Ele tropeça e cai no chão enquanto a bala seguinte acerta a casa, no lugar onde antes estava a cabeça dele.

— Jesus — diz o Apache, avançando e batendo a arma no crânio do cara e metendo uma bala no cérebro com um estalo.

O crânio dele dá um tranco para cima, e ele para de respirar, mas por um instante o silêncio é tão grande que dá para ouvir o sangue ainda saindo do

pescoço dele em jorros enquanto o Oso e os outros dois soldados vão com muito cuidado de corpo em corpo, recolhendo armas. Alguns corpos caídos ainda estão respirando, o suficiente para os novatos avançarem e ganharem uns créditos terminando o serviço com uma bala na cabeça, mas eu já estou me mexendo porque não temos muito tempo.

Os polícias vão chegar logo, logo. Provavelmente os Vikings. Talvez a Guarda Nacional também. Mesmo com três casas vazias em cada direção, alguém vai telefonar para avisar. Já pensando nisso, antes do lance começar, nós mandamos uns camaradas correrem até Montgomery Wards para enfiar um velho Chrysler num dos portões de segurança lá. Também fizemos seis ligações falsas para 911 em seis lugares diferentes a quilômetros daqui.

É seguro presumir que temos dez minutos no máximo para limpar tudo, três minutos no mínimo.

5

Um dos O.G.’s que roubaram o caminhão da prefeitura pula dentro do veículo e estaciona com a traseira no meio-fio em frente à casa detonada da Lu, e, quando o caminhão para de apitar, eu jogo minha arma na caçamba, meio triste de ver ela ir embora, mas não tão triste a ponto de arriscar ser pego com ela um dia. Todos os outros que atiraram fazem o mesmo. Essas são as minhas regras. A da Lu vai em seguida, depois a do Oso, a do Apache, as dos soldados, e até o rifle do Ranger e a AK. Depois de mais alguns pipocos, quando os sobreviventes recebem o que merecem, essas pistolas vão também, junto com todo o equipamento da galera do Trouble.

Deixamos as luzes no caminhão, junto com o corpo do camaradinha que as acendeu. O Trouble arrancou metade do rosto dele com o tiro que apagou algumas luzes. Eu nem sabia o nome dele. A Lu não gostou de ver ele ali onde estava, meio sentado, apoiado na mureta de trás da caçamba do caminhão como se estivesse brincando de esconde-esconde e ainda esperando para ser encontrado.

— Esse pirralho tonto queria assistir — fala ela depois de cuspir. — Devia ter abaixado a porra da cabeça, né? Podia ter ficado assim.

Mas tem alguma outra coisa no caminhão incomodando ela, e está me incomodando também. A arma que o Momo usou, aquela coberta com fita, parece idêntica àquela que o Fate comprou do Lil Creeper para ela usar.

— Você acha — pergunta a Lu — que aquela que eu usei no Joker veio do mesmo lugar? Que era do Momo também?

— Não acho que o Lil Creeper seja incapaz de roubar o Momo — digo e dou uma fungada. — Mas isso não significa que o Trouble sabia disso. Talvez explique por que o Momo estava com eles afinal, e talvez até por que ele apagou o Trouble quando teve a chance. Talvez eles achassem que o Momo ajudou a gente antes, por isso obrigaram ele a vir.

— Mas agora não importa muito — diz ela. — Ele *já era*.

Ela tem razão, por isso eu dou de ombros, e nós damos um passo para o lado para abrir caminho para os outros corpos, para o Momo, e o Trouble, e a galera do Trouble serem jogados na caçamba do caminhão. O Oso, o Fate e os soldados carregam os sete, jogando os corpos na traseira como se fossem uns grandes sacos de arroz banhados em sangue. Agora a casa da Lu é só uma cena de tiroteio. Não tem corpos nem armas.

O Apache, a Lu e eu arrastamos para a rua umas latas de lixo que estavam atrás do caminhão da prefeitura e as abrimos. O cheiro deixa a gente enjoado no começo, mas nós três juntos tiramos três lençóis que deixamos de molho em gasolina durante dias e levamos até a caçamba para um camaradinha estender por cima dos corpos. Ele prende a respiração o tempo inteiro. Não adianta. Quando ele pula para fora todo cambaleando, o Oso e o Fate e os soldados estão lá para jogar lenha em cima, tirada de uma picape que estacionamos bem do lado do caminhão ontem à noite, e então, por cima disso tudo, a Lu joga mais um lençol.

Todo mundo tira a roupa depois disso, jogando as roupas e sapatos num grande saco preto de lixo que o Apache segura aberto. As únicas coisas com que eles podem ficar são as cuecas e *chonies*, se não tiver sangue. Se tiver, vão para o saco também. Depois de ficar pelados, eles recebem um cobertor do chão da picape de lenha e desparecem em todas as direções antes que os polícias cheguem. Se forem pegos, eles têm que mentir e dizer que alguém roubou tudo o que eles tinham. Se perguntarem por que eles têm cobertores, eles têm que dizer que uma vizinha sentiu pena deles. Não seria a primeira vez que uma coisa dessas acontece por aqui. Porém, ninguém vai muito longe, três quarteirões no máximo.

Mas tem roupas novas para o Fate, eu, a Lu e o Apache. A Lu é a primeira, depois o Apache. Quando ele termina, leva com ele o saco preto de roupas usadas e pula dentro do caminhão da prefeitura. Ele parte na direção da Martin Luther King Boulevard, e o Cutlass vai atrás. A Lu é quem vai dirigindo esse. Ainda não ouço sirenes. Talvez ainda nos restem dois minutos.

Quando eu visto um novo par de calças de brim, fico feliz de ver quatro

camaradas que treinei mais cedo fazendo o arremate no gramado, com tampas de caixas de sapato amarradas nos pés e luvas plásticas de hospital nas mãos. Sem deixar impressões digitais, eles recolhem todas as cápsulas de bala que conseguem num minuto antes de espalhar cápsulas velhas de todos os tipos de armas diferentes, armas que não correspondem às balas que os polícias vão tirar da casa.

Andando pela cena do crime, os camaradinhas deixam marcas retangulares, mas nada identificável, nenhuma pegada de sapato. É briga de gangue, mas desse jeito não tem nada para os polícias. As pegadas sumiram, e também os sapatos que deixaram elas. Depois disso, os camaradinhas com tampa de caixa ligam a mangueira na lateral da casa e dão uma boa encharcada no gramado para destruir marcas de sangue, e eu quase sinto pena do cara encarregado de examinar esta cena.

Eu tinha um professor, o Sturm, que tinha sido militar e dizia a palavra *FUBAR* o tempo inteiro. Tive que perguntar o que ele queria dizer com isso, e ele respondeu *Fucked Up Beyond All Recognition*, "fodido de maneira totalmente irreconhecível". Quando ouvi isso pela primeira vez, achei que seria um bom nome para um camarada, mas o Sturm usa isso para descrever como fenômenos naturais podem estragar as evidências em cenas de crime, como chuva ou vento de algum jeito imprevisto. Acho que ele nunca se tocou que eu prestava muita atenção nessas aulas para que um dia eu mesmo pudesse ser um desses fenômenos.

6

Foi ideia do Fate ficar esperando os polícias no meio-fio, então é minha função garantir que nada de comprometedor seja encontrado no corpo dele quando os caras aparecerem. Ele está fazendo isso porque não quer que eles saiam batendo de porta em porta. Sabe que vão tentar encontrar ele, sabe que vão querer falar com ele, porque provavelmente vão descobrir pelo endereço quem era o alvo, e ele não está a fim de ficar fugindo quando pode simplesmente resolver de uma vez. Não vai ser a primeira vez na vida que ele é interrogado.

A verdade é que estamos torcendo para a Guarda Nacional aparecer primeiro. A gente ia se sentir mais seguro com eles do que com os Vikings. Com os Vikings, nunca se sabe o que eles vão tentar fazer. Eles são sorrateiros. E a pior parte é que você nunca sabe quem é Viking. Claro, eles têm tatuagens, mas eu nunca vi. Não dá para ver através das meias, através de um uniforme. Basicamente, você só os reconhece pelo que fazem, e quando reconhece, é tarde demais.

E é por isso que queremos o Fate esperando num lugar aberto, com bastante gente assistindo. Ainda assim não há garantia de que não vão machucar ele, mas é preciso admirar a coragem disso. Só que antes de eu liberá-lo, preciso ter muita certeza de que ele não tem resíduo de disparo nas mãos.

Somos só eu e o Fate no cassino agora. Não tem mais ninguém aqui porque, depois de testar as mãos dele, não posso correr o risco de que outras pessoas o contaminem. É improvável que tenha alguma coisa presente, mas se tiver, eu vou achar.

Quando uma arma cospe uma bala, ela espirra dois potássios em suas partículas de pólvora: nitratos e nitritos. Mas esse é o jeito simplista de dizer. Os elementos químicos potencialmente presentes no resíduo de disparo dependem do tipo de munição. Os principais iniciadores são chumbo (Pb), bário (Ba) e antimônio (Sb), que existem mais ou menos em tudo, a maior parte do tempo.

Para decorar isso, inventei a frase *Padres bobos Babam Sobre bolos*. Faz sentido, vários homens da Igreja babando numa confeitaria? Não, mas isso me ajuda a lembrar, portanto deve ter alguma importância.

As combinações de elementos menos comuns dependem do tamanho da bala (calibre) e do fabricante (e às vezes da *região* do fabricante, porque certas coisas são mais disponíveis ou mais baratas em partes diferentes do mundo), e podem ser qualquer uma destas: alumínio (Al), cálcio (Ca), cloro (Cl), cobre (Cu), potássio (K) — *Al Capone Clareou o Cu da Kate* — e enxofre (S), silício (Si), estanho (Sn), e estrôncio (Sr), titânio (Ti), zinco (Zn) — *Soldados Silenciam Snipers*, e *Sr. Tito é da Zona norte*.

Na cozinha vazia, eu aqueço um pouco de cera em cima de uma das bocas do fogão e aplico nas mãos dele. O Fate geme, mas não diz nada. Ele conhece o esquema. Quando a cera está fria o suficiente, eu arranco, levando junto com ela qualquer resíduo que ainda reste. Isto se chama dispositivo adesivo de coleta, mas na verdade é só parafina. Se sobrou alguma coisa nas mãos dele, alguma coisa que passou pelas luvas, estou capturando todas as substâncias que eles adorariam usar como evidência para provar que ele estava na cena e no tiroteio.

Antigamente, os policiais coletavam a evidência desse jeito, e então espirravam um pouco de difenilamina e ácido sulfúrico na cera. Eu faço isso agora. Se ficar azul, significa que tem nitratos nela e o Fate seria incriminado. Hoje em dia, a maioria dos órgãos de polícia usa um cotonete com uma solução de cinco por cento de ácido nítrico e envia as amostras para o laboratório criminal, mas até o Sturm diz que eles trabalham no limite da capacidade ou estão sobrecarregados. Nem consigo imaginar a situação deles agora, com todo esse caos acontecendo.

— Ei — digo, virando para mostrar minhas costas para o Fate —, eu tenho um corte ou alguma coisa no pescoço? Senti que alguma coisinha me acertou lá fora.

— Você tem uma marca vermelha, uma queimadura pequena. A pele não se rompeu — responde ele.

Confirmo com um gesto de cabeça, seguro a cera embaixo da luz da cozinha acima da pia e procuro o tipo de azul que indicaria nitratos numa quantidade que

sugira que uma arma de fogo foi disparada recentemente, mas é um resíduo extremamente leve. Na minha constatação, não é consistente, e se não é consistente para mim, será o mesmo para qualquer outra pessoa.

— Está limpo — declaro.

O Fate confirma com a cabeça antes de sair para o meio-fio, para esperar seja lá o que for.

7

Terminamos no momento perfeito. Em menos de um minuto nossa rua está lotada de caras da Guarda Nacional, dois Humvees cheios deles, agora tipo uns seis. Não temos treta nenhuma com eles. Observo enquanto eles bloqueiam a rua. Estou sentado na janela do minicassino ainda com as luzes apagadas, mas abri um pouquinho para ouvir o que está acontecendo.

— Puta merda — exclama um dos soldados quando vê como a casa da Lu está detonada. — Que tiroteio sinistro.

Quando eles avistam o Fate e fecham o cerco nele, mandam ele vir para a frente com as mãos estendidas para os lados, para poder ser revistado. Quando constatam que ele não tem uma arma, perguntam o que ele está fazendo ali, sentado na rua diante da cena de um crime.

— Esperando — responde o Fate.

— Esperando o quê? — pergunta um dos caras da Guarda, um negro baixinho de bigode.

— Os polícias — retruca o Fate.

— Ah, você é durão, é? Conhece o esquema?

O guarda encara o Fate.

— Faz quanto tempo que você está numa gangue? — pergunta o guarda.

— Não sei do que o senhor está falando. Eu só moro aqui.

— *Claro*.

O guarda parece que vai fazer alguma coisa, mas recua.

— Bom, simplesmente fique sentado aqui até a lei chegar. Tenho certeza que eles vão querer falar contigo até sua orelha cair.

Já que o Fate não está agressivo e não tem uma arma, eles não conseguem achar nenhum motivo para detê-lo, mas continuam meio que cercando ele enquanto vizinhos do outro lado do quarteirão aparecem na rua e agradecem aos homens da Guarda Nacional por terem vindo tão rápido. A gente mandou eles

fazerem isso, mas eles parecem bastante sinceros, o que convence bem.

Em cerca de um minuto, os polícias chegam. Eles vêm com luzes acesas e sirenes gritando, abrem as portas depressa e se amontoam na rua. Quando tem três ou quatro viaturas dos caras ali, os caras da Guarda Nacional recebem outro chamado e partem em caravana noite adentro. Nesse momento tem pelo menos vinte pessoas na rua. Os caras estão demarcando um perímetro em volta da casa e mantendo as pessoas afastadas, depois um carro preto sem identificação encosta ali, e um cara loiro sai de dentro.

Eu reconheço o cara porque já o vi por aí. O nome dele é Erickson, e ele é um detetive da divisão de homicídios. O Fate já foi levado umas tantas vezes para responder perguntas antes. Ele é conhecido dos caras. Uma vez, até prenderam ele. O mais longe que conseguiram chegar foi convencer o promotor público a concordar em mover uma acusação dizendo que o Fate era cúmplice de assassinato, mas depois o juiz retirou a acusação por falta de evidência. Eles querem muito o Fate. Faz anos que querem. O Erickson vai até a cerca da casa para olhar o que o Trouble fez, e eu reparo que o Fate fica de pé quando o vê.

É realmente estranho o Erickson estar aqui agora, porque é contra o protocolo. Normalmente, ele só apareceria se houvesse uma morte confirmada e um corpo. Eles receberam informações sobre um tiroteio, mas sem uma morte confirmada e constatada por agentes na cena, então não existe motivo para mandar detetives da homicídios. Eles já têm bastante coisa para resolver, principalmente em South Central. Mas ver o Erickson aqui, agora, me faz pensar que ele sabe de alguma coisa. Ele chegou aqui rápido demais, e percebo pela inclinação da cabeça do Fate que ele está pensando o mesmo.

Não temos certeza se o Erickson é um Viking, mas o nome dele sem dúvida soa como o de um. Só que ele parece destruído, como se estivesse emendando turnos desde que a confusão estourou e não tivesse conseguido dormir nem um minuto. Está com cara de cansaço, olhos meio fechados e lambendo muito os lábios, como se estivesse desidratado de beber café vinte e quatro horas por dia. Está com o cabelo zoado e um blazer zoado e uma calça jeans zoada como se estivesse vestindo a mesma coisa por um ou dois dias sem tomar banho.

Os Vikings são capazes de mentir para você sobre as provas que eles têm,

sejam testemunhas, evidências ou o que for. Isso não é incomum. Os órgãos de polícia têm permissão de enganar pessoas para obter confissões ou outras evidências, mas esses neonazistas do caralho vão muito além. Vários deles ainda lembram de quando Lynwood era um bairro principalmente branco, e eles matariam todos nós se pudessem sair impunes. Alguns deles já mataram. Já perdemos seis camaradas para os Vikings até agora. Estamos reunindo algumas famílias para uma ação jurídica coletiva por hostilidade com motivação racial, entre outras coisas. Um dia eles vão receber o que merecem. Não sei quando, mas algum dia.

Só que uma coisa eu posso te dizer agora: ninguém vai fazer isso com o Fate com tantas testemunhas aqui, e melhor ainda, ninguém vai tentar incriminar ele também. Eu treinei ele direitinho. Ele sabe que tem que mandar o advogado pedir uma contagem de partículas se quiserem testar para ver se ele disparou uma arma. Se eles tentarem mentir para ele e disserem que o teste deu positivo, o que eu já posso te dizer que não vai dar, ele sabe que tem que falar para o advogado que estava consertando o carro, a lona do freio, porque algumas das partículas de resíduo de disparo podem vir daí também. Ele sabem que, se não protegerem a mão dele com sacos plásticos, temos motivo para alegar contaminação cruzada. Nesse caso, as partículas podem vir dos policiais na cena, ou mesmo do ambiente ao redor.

O Erickson avista o Fate pelo canto do olho, vira de repente e caminha depressa até ele. Do jeito que vai marchando em direção ao Fate, o cara deve estar espumando pela boca, e o Fate é alguns centímetros mais alto, só que o Erickson ajeita o cinto no quadril e aponta o dedo bem na cara do Fate, todo desrespeitoso.

— Você vai me contar qual foi a barbaridade dos infernos que aconteceu aqui, José, e vai fazer isso agora mesmo, porra.

Não é muito inteligente fazer isso no bairro em que o cara mora, expondo ele desse jeito. Mesmo assim, o Fate nem pisca.

— Advogado — diz o Fate, e apenas isso.

Uma única palavra que com certeza emputece qualquer agente da lei em qualquer lugar, principalmente em South Central.

Porque aqui a maioria dos malucos fala com a polícia. Eles talvez até abram mão dos seus direitos. Mas nós não. Nós sabemos que existe um sistema para nos proteger.

— Ah, escuta só esse cara — diz um polícia caipira no perímetro. — Ele já quer um advogado! É culpado até o pescoço.

O olhar que o Erickson lança faz o sujeito calar a boca e virar a cara.

— Escuta, eu sei quem estava aqui e por que eles estavam aqui — fala o Erickson para o Fate. — Provavelmente deve ter sido em legítima defesa para você e sua gangue, mas você vai me obrigar a te deter por estar perto da cena do crime? Por suspeita de envolvimento? Olha, eu só quero saber o que aconteceu.

— Advogado — repete o Fate, apenas uma palavra, e é a última vez que ele vai dizer.

O Erickson vira a cara, enojado.

— Alguém algema esse gênio do mal — diz ele.

E eles realmente algemam, mas é nessa hora que eles fazem cagada, porque não colocam sacos nas mãos dele. Se eles quisessem que um teste de resíduo de disparo valesse no tribunal, teriam que garantir que não ocorreria contaminação. O único jeito de fazer isso é proteger as mãos dele com sacos, mas eles não fazem isso, esses amadores. Só o colocam no banco de trás do carro sem identificação do Erickson e partem depressa.

Leva vinte e três minutos até outro agente chegar e examinar a casa. Eu marquei o tempo. Depois que ele chega, observo ele estudar o gramado, depois a casa, e então balançar a cabeça. Dá para perceber que ele não quer nem se dar ao trabalho, e isso faz eu me sentir bem. Ele sabe que tudo o que pode fazer é coletar balas da casa, o que quer que tenha ficado preso ali, mas sabe que não tem merda nenhuma.

Eles não sabem quantas pessoas estiveram aqui, quantas armas foram disparadas, quantas pessoas foram atingidas, muito menos quem foi atingido, ou onde as pessoas estavam, ou se foi fatal. Esta cena está corrompida, e sem os corpos, isso se houver mesmo algum corpo, eles não têm nada. Aqui não tem nada que valha num tribunal, e é uma perda de tempo para ele, mas mesmo assim ele anda pelo gramado cheio de lama, anotando números para cartuchos

que provavelmente nem vão combinar com a munição na casa, fotografando buracos de bala no estuque, tudo isso. Com essa falta de evidências, eles não vão nem conseguir segurar o Fate. Só conseguiriam se tivessem o depoimento de uma testemunha, coisa que eles não têm, e nunca vão ter.

Ele vai ser liberado em questão de horas.

8

Eu espero mais de uma hora até os polícias irem embora antes de tirar a pistolinha .22 do Wizard da prateleira dentro do armário e sair de mansinho para o beco dos fundos. Preciso dela só por via das dúvidas. Com certeza tem pelo menos uns dois motoristas de fuga do Trouble aqui em algum lugar. Se a gente deu sorte, eles zarparam quando ouviram a AK e nenhum dos caras dele voltou. Mas nunca se sabe, portanto não vou correr nenhum risco.

O beco atrás da Mini Vegas está vazio, a não ser por um cachorro vira-lata fuçando na base de um poste de telefone no fim do quarteirão. Silhuetas de palmeiras balançam lentamente em cima das garagens. Não está ventando muito, mas está um pouco. Pretendo ir para a casa da minha namorada, a Irene, ficar esperando até o Fate ir me buscar. Dou uma fungada e cuspo no asfalto enquanto ando. Por um segundo antes de chegar na Boardwalk, sinto cheiro de magnólias, doces e limpas, com um toque cítrico, mas então meu nariz fica entupido de novo e o cheiro some. Essa coisa boa, que só ficou comigo por um segundo, foi embora.

Decido fazer um desvio. Preciso passar no beco onde o Ernesto foi apagado, só para ter certeza de que recolheram ele. Estive ocupado demais desde que a gente começou a se planejar para o Trouble e nem consegui pedir para um camaradinha correr até lá para conferir, e desde que eu menti na cara da Lu dizendo que o corpo não estava mais na rua, esse lance está me incomodando. Quando a gente arrancou um gerente de posto de gasolina da cama da namorada e o obrigou a destrancar um posto na Martin Luther King Boulevard para podermos roubar a gasolina em que encharcamos os lençóis, pensei no Ernesto estirado no asfalto. Isso aconteceu umas tantas vezes durante as nossas preparações. Por exemplo, quando eu estava vasculhando o caminhão da prefeitura à procura de um adaptador de tomada para garantir que a gente pudesse plugar as luzes de construção dentro da casa porque elas funcionam num

tipo de tomada diferente, e eu lembrava daquilo, sentia uma fisgada no estômago e queria saber se ele ainda estava no chão, mas então tinha seis outras coisas para preparar e eu esquecia. Tudo isso é estranho para mim. Como eu disse, não estou acostumado a sentir falta de pessoas nem a pensar nelas depois que elas morrem, mas isso é diferente. Preciso saber o que aconteceu. Quando viro no beco, meu pulmão fica apertado e já estou achando que ele vai estar ali, estirado no chão, com a camisa de flanela preta e branca da Lu como um capuz na cabeça.

Mas ele não está ali.

Eu dou uma fungada quando vejo isso. Mexo a cabeça aliviado, e meu pulmão solta o ar. Ando até o ponto onde o Joker e os camaradas dele devem ter alcançado o Ernesto, no lugar onde deram as primeiras facadas, e fico perto desse lugar. Algum dia, quando estiver pronta, a Lu vai querer saber de tudo. Vai querer saber quantas facadas ele levou. Quinze ou dezessete, pela minha contagem. A forma irregular de dois dos ferimentos dificultava saber, naquela luz, se a faca tinha entrado e só saído num ângulo diferente, ou se ele tinha levado duas facadas nos mesmos dois lugares. Ela vai querer saber de que outros jeitos eles machucaram o Ernesto, e vou ter que falar para ela sobre o objeto sem ponta, provavelmente um taco de beisebol.

A vinte metros dali, à direita, dentro de uma garagem aberta três casas adiante, com a luz do teto desligada, um ponto de luz laranja brilha mais forte e depois mais fraco. Eu paraliso. Tem alguém apoiado no porta-malas de um carro fumando um cigarro. Eu coloco a mão no bolso e na arma do Wizard e avanço alguns passos até conseguir ver que não tenho nada com que me preocupar, por isso tiro a mão do bolso.

Ela não me nota no começo, mas eu reconheço a enfermeira que tentou ajudar o Ernesto, aquela que falou com a Lu sobre o que viu. O nome dela é Gloria. Eu sei disso porque o sonho da minha namorada é ser enfermeira como ela. A Irene é camarada da Lydia, a irmã mais nova da Gloria, e as duas estão fazendo faculdade disso agora, à noite. A Irene ainda tem mais ou menos um ano para cursar.

Pelo que percebo da postura da Gloria, o jeito como ela está empoleirada no carro, ela ainda está vendo ele, até agora, porque os olhos dela estão no chão do

beco também. Ela está pensando na noite de quarta-feira, eu sei. Continua olhando para o lugar onde o Ernesto finalmente descansou, o lugar onde a gente achou ele, depois que ele tinha sido arrastado e o arame retirado dos tornozelos dele. Esta enfermeira, ela está olhando para o que eu estava olhando. Um lugar onde havia uma pessoa. Um lugar onde não há mais uma pessoa. Mas ela ainda vê o Ernesto também, na memória.

Eu faço um barulhinho, chuto umas pedrinhas, enquanto vou chegando mais perto pelo lado do beco oposto ao dela, mas não perto demais. Não quero assustá-la, mas mesmo assim ela leva um sustozinho quando me vê, e o carro embaixo dela balança nos eixos antes de se assentar de volta com o peso dela. Se a Gloria me reconhece como alguém que já esteve aqui antes, não demonstra isso. Porém, compartilhamos um olhar, um olhar que não sei se é recíproco, mas talvez sim. É um olhar de compreensão, um olhar de *Eu sei, eu vi também,* e não tenho certeza o que é isso, ou o que significa, se é que significa alguma coisa, mas talvez já tenha algum valor para uma pessoa saber que ela não está sozinha sentindo algo ruim.

Eu a cumprimento com a cabeça. Ela não retribui o gesto. Em vez disso, o cigarro aceso volta para a sua boca, e o ponto laranja fica mais brilhante enquanto ela traga. Para mostrar que não sou uma ameaça, eu rompo o contato visual e desvio o olhar. Olho para cima.

Hoje o céu está mais para roxo-escuro, não tão preto de fumaça quanto tem estado nas últimas noites, o que significa que cada vez menos incêndios estão acontecendo. *Está quase acabando,* eu penso, *o tumulto, esses dias de liberdade*. Acima de nós, vejo as luzes vermelhas piscantes de um avião. Está descendo, indo para o LAX, o aeroporto. Fico pensando que é o primeiro avião que vejo já faz um tempo, e começo a andar de novo. Não olho para a enfermeira enquanto vou embora. Já compartilhamos o que precisávamos.

9

Preciso chegar na casa da Irene, por isso aperto o passo. Não posso ficar muito mais tempo aqui fora. Dou uma fungada e olho outra vez para o avião, logo antes de ele sair de vista. Me pergunto quem está lá dentro afinal, e porque essas pessoas viajariam para L.A. num momento desses. Talvez pessoas que já estavam de férias marcadas e não podiam perder. Eu nem sabia que pessoas assim realmente existiam antes de frequentar a L.A. Southwest College para esse curso de perícia criminal. Antes disso eu só tinha visto estas pessoas na TV. De fato, a escola é um outro mundo.

E ver isso, me orientar nesse mundo o bastante para adquirir umas novas habilidades sociais que eu nem sabia que precisava, me faz sentir como se eu fosse duas pessoas diferentes agora. Tem o camarada, o Clever, pronto para o que vier, e tem o estudante, Robert Rivera. O sr. Rivera, como o Sturm me chama. Existe um muro entre esses dois lados de mim agora. É como se eu levasse uma vida dupla.

De certo modo, eu me adaptei. Crescendo como um camaradinha, ansioso para provar meu valor e ser alguém, ser qualquer pessoa. Saí da escola aos treze anos porque a Lu saiu. A escola para mim era entediante e lenta. Eu aprendia as coisas depressa e então tinha que ficar sentado esperando todos os outros entenderem. Minha mãe nunca parava em casa, mas isso não é realmente uma desculpa, só um fato. Eu andava com a Lu em vez de ficar sozinho, e a gente aprontava todo tipo de bobagem.

Talvez eu continuasse na mesma se o Fate não tivesse visto alguma coisa em nós dois, se ele não tivesse me dito que eu era inteligente demais para ficar ralando do jeito como os outros camaradas estavam ralando. Tinha que usar minha cabeça em vez disso, porque era uma arma mais perigosa. Ele armou para eu conseguir meu diploma de supletivo do ensino médio, e eu nem sabia que uma coisa dessas existia antes de ele dizer isso.

Ele até me arranjou uma professora particular para me ajudar a recuperar a defasagem. Essa professora era a Irene. Quatro dias por semana, ela trabalhava comigo até eu conseguir ler melhor, escrever redações, descobrir que havia uma diferença entre o inglês falado e o escrito, que eu não podia simplesmente sair escrevendo do jeito que quisesse, que não era só fazer sentido, que existiam regras. Ela até me ensinou álgebra rapidinho. Se não fosse por ela e pelo Fate, eu ainda estaria fazendo corres nas ruas, e nada mais. Eles mudaram minha vida. Devo a eles dois por isso. Devo tudo a eles.

Comecei a estudar na Southwest no ano passado, porque era isso que o Fate queria, e foi ele quem bancou. No começo, fiquei com medo, porque nunca tinha saído do nosso bairro, mas descobri que gosto muito. Descobri que sou bom nisso. Só que talvez isso seja perigoso, porque de vez em quando eu me pergunto como seria a vida fora do bairro, ou o que eu chegaria a fazer para conseguir sair dessa vida, mas nunca contei isso para o Fate, nem para a Lu.

No outro dia eu me peguei pensando em talvez arranjar um lugar para morar com a Irene, quem sabe até formar uma família. Com dezoito anos, talvez eu seja jovem demais para estar pensando nisso, mas conheço malucos que tiveram filhos com quinze, alguns até mais novos. Só que eu não sei se a Irene ia topar. Ela não é o tipo de garota que recebe assistência do governo. Além disso, tenho quase certeza de que a gente ia ter que se casar. A família dela é bem tradicional. Eles vieram aqui para Lynwood em 1973 da Tailândia quando ela tinha dois anos. Ela não fala muito tailandês porque os pais queriam que ela fosse americana, e só isso. Não queriam que ela fosse atrasada por nenhuma barreira da língua. Ela é três anos mais velha do que eu e é a garota mais inteligente que eu já conheci. Ela se formou no Lynwood High pulando um ano e entrou na Cal State L.A., mas não conseguiu pagar a mensalidade porque não ganhou uma bolsa de estudos.

Quando estou chegando bem perto da casa dela, vou pelo caminho dos fundos, atravessando a garagem, pulando uma cerca e subindo na base de tijolos em frente ao quarto da Irene. Dou uma batidinha leve no vidro até ela acordar e piscar os olhões para mim da cama. Ela tem quase um metro e setenta, com olhos castanho-claros e cabelo preto comprido que ela às vezes gosta de armar

num coque com um lápis enfiado. Ela faz exercícios de jazz todo dia no quarto com uma fita de vídeo, por isso tem o corpo todo magro e musculoso, que ela mostra quando abre a janela o bastante para me deixar entrar.

— Você está bem? Eu ouvi tiros — pergunta ela.

Eu nunca admito isso, mas ela é bonita como uma obra de arte. Toda vez que eu olho para ela, me sinto atraído, mas um pouco assustado também, com medo de que nunca vá conseguir entender ela inteira.

— Eu ouvi tiros também — respondo.

Nesse momento, decido não contar para ela que vi a Gloria esta noite. Seriam explicações demais.

A Irene suspira porque sabe que eu estive aprontando, e dá um passo atrás para me deixar entrar no quarto. Eu passo a perna por cima do parapeito e agacho para não bater na janela. Tiro os sapatos na hora. Lá dentro tem cheiro de jasmim, pelo menos o que eu consigo sentir. Ela ainda tem pôsteres da Janet Jackson e do Boyz II Men nas paredes, e tem um do disco do Ice Cube, *AmeriKKKa's Most Wanted*, embora eu já tenha falado cem vezes para ela que é estranho ela gostar de *black music*, mas então ela me lembra que eu adoro Motown e pergunta por que o critério é diferente para ela. Não tenho resposta para isso, então ela não tira os pôsteres, mas não acho que ela tiraria mesmo se eu tivesse resposta. Essa é a Irene. Ela é leal.

Ela dividia uma casinha com a Lydia até o ano passado, mas quando o pai dela foi deportado por trabalhar numa oficina que ele não sabia que estava funcionando como desmanche, ela voltou a morar com a mãe e a irmã mais velha. Agora as duas filhas trabalham como caixa na Ralphs de dia, e à noite fazem massagem tailandesa num lugar em Carson quando conseguem pegar uns horários. A Irene não curte muito isso, mas nunca reclama. A mãe dela tem câncer no pulmão e não pode trabalhar, por isso as filhas a sustentam e tentam guardar dinheiro para a faculdade e dar um jeito de trazer o pai de volta.

— Como está sua mãe? Melhorou? — pergunto.

A Irene nega com um gesto de cabeça, mas sorri.

— Ela agora está tomando um negócio chamado Taxol. É novo, vem da casca da árvore. Ela diz que faz as juntas dela doerem.

— Ela sabe que eu viria aqui hoje?

A sra. Nantakarn antigamente odiava que eu viesse aqui de noite, e odiava mais ainda quando ficava para dormir, mas depois que o câncer surgiu e que eu comecei minha graduação, ela não se incomoda mais. Alguns meses atrás, até ouvi ela perguntar para a Irene quando seria o nosso casamento. Ela disse que queria ver uma das filhas se casar antes de morrer, mas a Irene simplesmente mandou ela parar com essa história, que ela ia se casar quando estivesse pronta.

— Eu falei para ela que você talvez viesse hoje à noite, então ela me mandou fazer *curry* verde só para garantir — diz a Irene. — Falando em mães, a sua ligou te procurando. Acho que ela está preocupada.

A Irene ainda pensa que minha mãe é boazinha. Não conhece aquela mulher como eu conheço. A verdade é que minha mãe se preocupa mais em arranjar alguma droga do que comigo, e se ela telefonou, precisava ou de dinheiro ou de um contato, mesmo sabendo que eu não daria nenhum dos dois.

Minha mãe é uma O.G. Ela cresceu em East L.A. Esteve numa gangue muito tempo atrás, e o meu pai também. Eles se casaram jovens e se divorciaram jovens. Então eu estar numa gangue, mesmo que não seja a mesma, é meio como um legado. Minha mãe não queria que eu me envolvesse. *Você brinca, você paga*. Ela diz isso desde que eu era criancinha. Sabe por experiência. *Talvez não seja como você acha que vai ser*, ela dizia, *mas você paga de um jeito ou de outro.*

— Você está com fome? Se não quiser o meu *curry* verde, posso cozinhar outra coisa.

Então a Irene boceja e depois olha para mim com um destes olhares carinhosos dos quais eu nunca vou enjoar.

— Você precisa de alguma coisa?

Faz dois dias que eu estou dormindo no chão na Mini Vegas, e estou todo dolorido.

— Posso te pedir uma massagem?

10

A Irene não diz nada. Apenas vem até mim, tão perto que o topo da cabeça dela chega a ficar embaixo do meu nariz. Este é o tipo de mulher que ela é. Cansada, acabou de acordar, mas ainda assim tomando conta de mim. Eu me pergunto como dei tanta sorte. Dou uma fungada enquanto ela me ajuda a tirar o moletom e coloco ele ao lado da janela, sobre a cadeirinha com um cachorrinho de pelúcia. Ela me entrega um lenço de papel, e eu assoo o nariz antes de falar para ela não chegar nem perto do bolso esquerdo, e não digo mais nada, porque a pistola do Wizard está ali, e eu sei que ela não gosta quando estou armado. Eu jogo o lenço no lixo. Ela tem cheiro de canela e lençóis limpos enquanto me ajuda a tirar a camisa, e me deita sobre uma toalha que acabou de estender no tapete.

— *Mi corazón* — diz ela, sabendo que eu fico até fraco quando ela fala espanhol comigo —, não é hora de você sair dessa vida, tipo sair mesmo?

A voz dela ainda está um pouco rouca de sono. Por um instante, me sinto culpado por acordá-la e pedir para ela cuidar de mim, mas quando ela começa, esse sentimento se dissolve.

Desde meus quinze anos, não consigo levantar o braço esquerdo mais de noventa graus porque arranjamos uma treta com um monte de Bloods em Ham Park depois que eles chegaram com sprays de tinta para riscar nossos *plaqueasos* bem na nossa frente, como se fossem fodões. Foi imbecil. Na porradaria que aconteceu depois, um cara de penteado afro e um rosto parecendo um abacaxi me derrubou e me espetou seis vezes com uma garrafa quebrada. Fez uns cortes feios no meu ombro esquerdo e no latíssimo dorsal. Foi a Lu que tirou ele de cima de mim. Ela também tinha uma garrafa quebrada e cravou várias vezes no couro cabeludo dele. Toda vez que ela cortava a cabeça dele e sangrava, o cabelo dele absorvia o sangue. Sem brincadeira. Fazia até um barulhinho, toda vez, tipo um *fwoop*.

Nunca vou esquecer isso. Não tem como. Ele sobreviveu, pelo que ouvi falar, mas a única coisa que eu digo é que não ia querer ver a cabeça desse cara se ele algum dia tiver que raspar o cabelo. Depois que me consertaram, meu latíssimo esquerdo estava dois centímetros e meio mais curto que o direito, e eu sou mais fraco desse lado. É por isso que o Fate nunca me pede para levantar nada que seja muito pesado, tipo corpos. Você tem que ver minhas cicatrizes. Parecem umas pequenas constelações marrons em relevo na minha pele. *Galáxias*, é isso que o Pint disse quando fez essa tatuagem preta e cinza de coruja no meu peito um tempo atrás. Eu sempre gostei dessa descrição. Faz as minhas cicatrizes não parecerem tanto uns ferimentos curados, mas sim alguma coisa maior, alguma coisa melhor.

A Irene manda eu me deitar de bruços e começa a trabalhar nos meus pés. Dobra meu joelho esquerdo e apoia o peso dela em mim, alongando minha perna inteira, minha panturrilha, minha coxa, meu tendão. A massagem tailandesa é diferente de uma massagem normal. Demorei um tempo para me acostumar, mas agora que me acostumei, não quero nenhum outro tipo. É mais uma coisa de esticar e empurrar, o que é uma das máximas do nosso relacionamento, eu acho. Ela sempre está me esticando e me empurrando em vários sentidos. Está até fazendo isso agora.

— A gente podia ir para qualquer lugar — diz ela. — Você sabe, eu não tenho que estudar enfermagem aqui. Talvez possa pedir uma transferência.

— Para isso é preciso dinheiro — respondo —, e o que ia acontecer com a sua mãe e a sua irmã?

— Elas podem vir com a gente, e a gente sempre dá um jeito de arranjar dinheiro.

— A gente podia ir em estilo Bonnie e Clyde — comento em meio a uma risada. — Eu vou ser o Clyde.

— Eu seria uma boa Bonnie, mas não faço questão das armas — retruca ela. — Vira de barriga para cima.

Estou de costas, olhando para o teto, e ela está com a sola do pé direito no meu sovaco esquerdo. Está lentamente puxando meu ombro zoado na direção dela. Sinto o alongamento descer até minha espinha e chegar no meu quadril

direito. Arde um pouquinho.

— Não posso abandonar o Fate — falo. — Nunca. Ele precisa de mim.

— Mas e se alguma coisa der errado? Nem todo mundo é tão esperto como você, gatinho. E se alguém fizer alguma coisa que acaba levando até você, ou mesmo te dedurar? E se você for preso?

Eu penso no Apache. Ele talvez não seja o cara mais esperto, mas faz o que mandam ele fazer e sempre consegue. Penso que a única tarefa dele é dirigir o caminhão até embaixo de um viaduto e incendiá-lo. Mas por um segundo as palavras da Irene me afetam, e sinto medo de que ele não vá conseguir, e se ele não conseguir, o que vai acontecer com a gente?

— Só estou falando que você já cumpriu seu tempo de serviço — diz a Irene. — Você sabe que não pode ficar fazendo essas coisas para sempre, né? Você em breve vai ter um diploma. Podia arranjar um emprego. *Talvez* até possa ter uma família algum dia.

— Eu nunca poderia trabalhar como agente da lei. Nem fodendo.

— Não precisa ser isso. Só *pense* no caso — pede ela. — É como a aula particular, ok? Não estou te dizendo o que fazer, só pedindo para você pensar e descobrir sozinho.

— Você está falando para eu sair dessa vida que nem o meu pai saiu?

Só depois de ter dito é que eu percebo como minha voz soa irritada.

— Deixar a mulher e o filho e mudar para longe? — pergunto. — Criar uma outra família em algum outro lugar?

A Irene fica em silêncio por um segundo, mas as mãos dela não param. Percebo que ela está pensando nas conversas que tivemos, nos detalhes dessas conversas. Que eu não gosto de falar sobre como minha mãe pirou nas drogas depois que meu pai foi embora quando eu não tinha nem dois anos. Que eu não lembro como era o rosto dele porque minha mãe queimou todas aquelas fotos malditas num acesso de raiva, mas assim que descobriu que ele estava morando em algum lugar em Lynwood ou em Compton, ela pegou dinheiro emprestado dos pais e se mudou comigo para lá, fazendo eu ser uma criança nova num lugar onde isso não era nada fácil, e que isso fez com que eu apanhasse pra caralho quase todo dia, até que o Ernesto sentiu pena de mim, como se fosse meu irmão

mais velho, e começou a garantir que eu fosse para a escola junto com os irmãos Vera, e a essa altura minha mãe estava tão afundada no poço que cavou com as drogas que nunca nem se deu ao trabalho de procurar o meu pai, apenas tentava aliviar a dor todo dia. *Tudo* isso. E mesmo assim, as mãos da Irene nunca param.

— Você não é o seu pai — diz ela, como se agora a conversa tivesse terminado.

Terminado de uma vez por todas. As palavras dela saem duras, como se ela fosse brigar comigo se eu discordasse.

Então eu dou um gemido, mas não é por causa do que ela está dizendo. Estou gemendo porque a Irene nunca puxou com tanta força antes, e parece que o alongamento vai arrancar o meu cóccix. Ela sabe que faz um tempão que eu estou envolvido, mas não sabe nenhum detalhe específico e eu nunca vou contar para ela. Nem adianta ela perguntar quando a gente está na cama. Na verdade, o único momento em que ela vê o Fate e qualquer outra pessoa é na hora de comer, se estivermos fazendo um churrasco ou algo assim, e nessa hora ninguém fala de negócios, a gente só come.

Continua assim. Ela empurra. Ela puxa. Aplica os cinquenta e cinco quilos de peso dela para me alongar. Isso dói, se você quer saber a verdade. Ela diz que eu estou no comando da minha vida. É escolha minha. O pai dela nunca teve escolha, e meu pai foi longe demais, mas posso fazer o que *eu* quiser. Às vezes é difícil quando ela fala desse jeito. Ela não sabe de tudo o que eu já fiz. Não faz ideia do contexto. Ela vem de uma boa família. Eu não venho.

Eu era só um garotinho zangado de mãe ausente, entrando em brigas para provar como eu era durão, como eu não me importava de estar sozinho. O único motivo de eu ser mais que isso é o Fate, e o que a Irene não entende é que esse jogo começou faz muito tempo para mim. Agora não tem como eu levantar, não tem como eu sair da mesa. Recebi minha mão de cartas quando recebi meu nome, Clever. E é claro, outros caras já saíram antes. Mudaram para longe do bairro e tiveram filhos, mas isso foi antes do Joker, o Trouble e o Momo serem apagados. Não tem nenhum outro jogo em Lynwood agora, só nós e uns Crips, mas estamos de boa com eles. Temos um acordo. E eu não saco muito de cartas, mas sei que você tem que jogar com as que recebeu.

Só que às vezes é como se as mãos da Irene não aceitassem um não como resposta. Ela tem a pegada mais forte de qualquer pessoa que eu já conheci. Quanto mais as mãos dela trabalham, mais ela me diz que eu ainda sou o Robert, também, que sou ele e o Clever, ambos. E talvez esse seja o problema agora, porque estou começando a me abrir para a ideia de que a vida talvez possa ser diferente para mim. Culpo o estudo por isso. Culpo ela também. Mesmo assim, ela puxa e estica, me faz ver o bem, e em algum lugar do caminho, eu cresço. Sempre foi desse jeito para nós. Foi assim que completei o supletivo. Foi assim que entrei na Southwest. Talvez seja assim que eu mude de caminho algum dia. Se eu mudasse, acho que esse seria o único jeito. E depois de todas as coisas ruins que eu fiz, não tenho tanta certeza de que a minha vida merece um final feliz, mas a Irene sempre quis me dar um final feliz, mesmo precisando de um puxão ou um empurrãozinho.

GABRIEL MORENO,

OU APACHE

2 DE MAIO DE 1992

1h22

1

Esse lance de reputação é bom porque, desde que tenha alguém olhando, você só precisa fazer uma única coisa uma única vez para a notícia se espalhar. Eu realmente escalpelei um cara, mas não foi tão sério quanto as pessoas pensam. Quero dizer, o maluco já estava morto, porque eu só fiz isso depois de enfiar uma .22 no nariz dele e puxar o gatilho.

Foi bom, tirando que queimou todos os pelos da narina esquerda dele, com a explosão. O resto, tipo para onde a bala foi a partir dali e como isso deu um jeito nele, foi quase instantâneo, na verdade, porque o calibre era baixo o suficiente para a munição ficar dentro do crânio dele e não sair pelo outro lado. A bala só bagunçou o cérebro dele como ovos mexidos, então ele não sofreu nem nada. Foi rápido.

Essa foi a terceira coisa que eu fiz para o Fate na vida, tipo, talvez quatro anos atrás, no verão. Esse *blaxican*, ou seja, alguém meio negro, meio mexicano, um cara da vizinhança, conhecido como Millionaire, vinha roubando da *clica*, sacaneando com o dinheiro da Mini Vegas e achando que ninguém estava percebendo. Pois é, nem sempre foi o Wizard que tomou conta do cassino. Antes era o Millionaire. A ideia original foi dele. Mas depois a gente descobriu que ele estava fazendo isso porque tinha duas garotas para quem ele gostava muito de

comprar presentes. Gostava de levar elas para fazer compras no shopping em Baldwin Hills. Então se você ainda não sacou pelo nome, ele queria que todo mundo achasse que ele era fodão, mas ele não era ninguém. A gente chamava ele de Hundredaire — como se ele tivesse só uma centena (hundred) de dólares e não um milhão (million) — na cara dele. Lembro que ele também estava sempre preocupado com a própria aparência. Quando uma das ex-namoradas dele espalhou o boato de que o Millionaire fazia parte daquele Hair Club for Men, porque mesmo sendo jovem ele estava perdendo o cabelo e tentando lutar contra isso, eu soube o que tinha que fazer. Então um dia ele volta para o apartamento dele e eu já estou lá dentro com o meu primo, o Cricket (descanse em paz), e com o Clever, porque a gente arrombou a fechadura, e eles estão lá assistindo quando eu puxo a cortina do chuveiro e peço com toda a educação para o Millionaire entrar na banheira para eu poder fazer o que tenho que fazer, e ele entra, e eu faço, o que é uma coisa boa. Mas não contei para ninguém que eu ia escalpelar ele. Só falei para o Cricket e o Clever que eu estava com a minha faca e foi um desses impulsos que a gente tem na hora, mas isso não era realmente verdade. Eu tinha premeditado. Mas acabou funcionando porque isso me deixou conhecido. Isso me deixou temido, também, porque ninguém além do Cricket e do Clever sabia que eu tinha escalpelado ele depois, não antes. Só que ninguém mais sabe disso. As pessoas têm inventado todo tipo de história sobre esse dia. Mas foi o Clever que bolou o nome Apache para mim. Sou conhecido assim desde essa época.

Eu conto essa história só para você saber que eu não sou um cara iludido. Sei que eu sou o corajoso, não o chefe. Faço o que me mandam fazer. Tenho uma função e faço. Tipo agora.

O O.G. que está dirigindo o caminhão da prefeitura, virando a esquina da Martin Luther King Boulevard com a Wright Road, se chama Sinatra. Não sei por que ele usa esse nome. Ele é velho pra caralho, talvez quarenta, quarenta e cinco, e está fumando um charuto ainda com a etiqueta grudada, como um anelzinho amarelo. É um daqueles finos, um *cigarillo*, que é legal porque combina com ele, tá ligado?

Ele é todo magrelo, mas não tipo o Clever que parece um palito de dente, ele

é diferente. Esse Sinatra é magro de um jeito doentio. Pois é. Tem uns olhos grandes. Um é verde e o outro é castanho, e eles são desproporcionais ao nariz. Ele também tem uma barbinha muito curta de linhas afiadas, quase como caligrafia. É fina no rosto dele, faltando uns pedaços, e logo antes de chegar no alto da orelha, ela acaba completamente. Nem conecta com o cabelo dele.

Na minha cabeça, estou memorizando ele para desenhar depois. Um lápis número dois para o rascunho e então talvez uma camada de esferográfica preta por cima antes de eu apagar o lápis com a borracha e só sobrar tinta, a não ser pelas marquinhas onde eu apertei o lápis. Às vezes eu gosto de como ainda dá para ver essas marcas se você olhar de perto.

O saco de roupa que o Clever quer que eu queime junto com todo o resto está bem quietinho aqui entre o Sinatra e eu. Estou apoiando o braço nele, achatando a parte de cima para poder ficar de olho no meu motorista.

— Tem alguma coisa no meu rosto? — pergunta o Sinatra, sem se virar para olhar para mim.

Continua olhando bem em frente.

— Não — respondo —, só fico feliz por não estar dirigindo. Nunca dirigi uma parada tão grande. Tipo, como é que você consegue ver tudo com esses espelhos tão estranhos?

Os espelhos laterais são tipo de dois andares, um em cima do outro. O de cima é arredondado e saindo para o lado, e eu consigo enxergar mais nele, só que fica tudo distorcido. O de baixo é plano e só me deixa ver diretamente atrás, mas não consigo ver muita coisa. Em ambos, a Payasa está dirigindo meu carro atrás de nós, a uma distância decente.

— Você se acostuma — diz o Sinatra.

Ele e um cara chamado Bluebird roubaram esse caminhão na quarta-feira de um funcionário da prefeitura na Florence, cerca de meia hora depois que o tumulto começou. Acho que o funcionário tinha saído para fazer um serviço e estava ouvindo uma fita do Hall & Oates em vez do rádio, por isso não sabia do que estava acontecendo nas ruas. Ele ainda estava lá tentando fazer o trabalho dele quando o Sinatra e o Bluebird apontaram uma arma para a cabeça dele, puxando ele para fora do caminhão. Arrancaram o colete dele, deram um chute

na boca e foram embora. O Sinatra fez carreira antes da minha época, antes da do Fate também, eu acho. Ele na verdade não faz muito mais essas paradas, só que com as coisas malucas do jeito que estão, a oportunidade faz as pessoas se juntarem.

Não tem quase nenhum veículo na Wright Road além do nosso, só um indo no sentido contrário e então nada além de um mendigo andando na contramão do outro lado da rua. Não tem nada na Wright que valha a pena proteger, nenhum shopping nem nada assim, por isso o Clever imaginou que não ia ter nenhum Viking, nem ninguém da Guarda, nem nenhuma outra pessoa por aqui.

Quando a gente sai na Cortland, eu enfio a mão no bolso e tiro os fósforos que o Clever me deu. Seis caixinhas, só para garantir. Esta área sempre me faz pensar no Millionaire. Deixei o couro cabeludo dele na pia, para uma das mulheres dele encontrar, mas desovei o corpo não longe daqui, num lugar que todo mundo chama de Lil Texas, que é bem perto da Cortland, nos armazéns abandonados. Mas agora, para isto, nem o Lil Texas é grande o suficiente. O Clever diz que a gente precisa queimar tudo, e que o único jeito de garantir que o fogo vai ter tempo de fazer o que precisa é estacionar embaixo de um viaduto para ninguém enxergar a fumaça até que seja tarde demais. E de onde a gente está, já consigo ver a 105 Freeway.

Penso no Lil Creeper por um segundo, porque a gente costumava fumar e falar de dirigir em cima do viaduto antes de ele estar terminado, só para sermos os primeiros, tá ligado? Só para tirar a virgindade do viaduto e ver como seria quando estivesse só a gente lá em cima, uma visão só para nós. Pois é. Não me entenda mal, esse cara é doido, mas ele é engraçado às vezes, bem o tipo de pessoa com quem você devia subir num viaduto que ainda estão construindo.

Estamos quase no lugar onde o Clever quer que a gente vá, e o Sinatra está embicando devagar o caminhão embaixo da ponte e dessa faixinha de acostamento que sobrou embaixo dos andaimes que parecem o esqueleto de um bicho feito de madeira, como se a gente estivesse entrando na boca dele.

Uma vez eu tive uma gata. Chamava ela de Teeny porque era muito nova quando eu peguei ela. Também desenhei muito ela ao longo dos anos, conforme ela foi crescendo. Tenho um caderno inteiro só com desenhos dela. Era laranja,

listrada, músculos bons. Conseguia pular bem alto. Olho verde como pedra molhada também. Uma vozinha rachada. A gata mais doce que você já viu. Eu chamava dela de gata-cachorra às vezes porque ela até brincava de apanhar coisas que eu jogava. Ela gostava de correr atrás de bolas amassadas de papel-alumínio por causa do barulho que faziam, e quando eu jogava, ela trazia de volta para mim. Ela gostava de morder as bolinhas também. Bom, um dia, na metade de uma dessas sessões de apanhar a bola, ela começou a tossir sangue e miar sem parar como se estivesse morrendo. Levei mais de uma hora para conseguir levar ela no veterinário para dar uma olhada, só para ele me dizer que não podia fazer nada porque ela tinha engolido um pedaço de papel-alumínio e isso tinha cortado ela por dentro, e o caminho inteiro até o hospital veterinário ela tinha chorado e se contorcido e cuspido sangue antes de o veterinário dar uma injeção nela. Foi legal da parte do veterinário, tá ligado? A Teeny não precisou sofrer. Ninguém merece isso. Morreu quietinha nos meus braços, de olho fechado, como se estivesse dormindo. Como tinha que ser.

Odeio ver sofrimento. Não de qualquer tipo. Se uma coisa precisa ser feita, ok, trabalho é trabalho, mas não precisa demorar e ficar prolongando nem nada. Tipo esse cara na frente da casa da Payasa. O Ranger mete uma bala no pescoço dele, ok, isso precisa ser feito e ele foi atingido de longe, por isso não fico zangado, mas agora o cara está no chão e sofrendo. Ninguém precisa ver ele morrer como um peixe fora d’água na nossa frente, todo se debatendo com as guelras abertas. Isso precisava terminar logo, por isso eu agi. A misericórdia é veloz. Não sei de quem ouvi isso, talvez do Clever, mas eu gosto. Para mim, isso combina. As coisas ruins acontecem, isso é fato, mas quando acontecem, podem ser rápidas e assim é melhor para todo mundo.

Então é por isso que quando o Sinatra vira a chave e o caminhão dá uma tremida e desliga, e ele se debruça para tirar uma fita do toca-fitas, no meio de alguma música falando que o crime compensa, eu coloco o cano da minha arma na cabeça dele e puxo o gatilho.

Tem um estouro tão alto na cabine que faz meu ouvido zumbir, e atrás da cabeça dele a porta fica vermelha e tem um buraco nela. O Sinatra se debate um pouco depois disso, mas são só reações dos nervos. Ele já era.

Abro a porta, saio do caminhão e troco com a Payasa duas caixas de fósforos por uma garrafa grande da vodca mais barata da face da terra. Tiro a tampa e derramo a vodca em toda a parte de dentro do caminhão, jogando ela para todo lado, principalmente em cima do painel e do volante e do carpete onde o *cigarillo* rolou e o fogo começa, mas certamente jogo no Sinatra também, na barba fina dele e agora sei com certeza como vou desenhar isso. Uma hidrográfica preta, sem rascunho por baixo. Traços curtos, rápidos.

Precisava ser feito, disse o Fate. Tem gente que viu o rosto do Sinatra na cidade inteira. Esses caminhões têm números. São registrados, e em algum momento este vai ser dado como roubado, se é que já não foi, e em algum momento vão procurar ele quando tudo tiver acalmado o suficiente para realmente pensarem em coisas como caminhões em vez dos tumultos, e o cara de quem o Sinatra roubou vai reconhecer ele porque ele estava sem máscara e isso não é bom para nós porque o Sinatra conhece a gente e sabe o que a gente fez hoje. Mas também tem outra coisa, é que rolou um boato sobre o Sinatra, como ele se descuidou num arranca-rabo com a ex-mulher dele na quinta à noite. Ele atirou nas costas dela, mas ela sobreviveu. Ela agora está no hospital, no St. Francis. Ele talvez não soubesse que a gente sabia, mas a gente sabia. A gente ouve tudo e age quando precisa. A lei teria vindo atrás dele alguma hora, e a gente só precisava garantir que ele não ia ter nada para negociar quando pegassem ele. O Sinatra precisava rodar, então rodou.

Como o piso já está queimando bem, eu acendo um fósforo e jogo depressa no banco. O plástico preto do saco de roupa pega fogo e se encolhe no calor. Eu abro a janela uns centímetros para as chamas pegarem bastante ar, fecho a porta e me ergo para conseguir ver por cima da caçamba do caminhão, onde a Payasa também acendeu um fogo. Jogo minha arma lá dentro, minhas luvas, e outro fósforo aceso só para garantir, antes de pular para baixo com as mãos fechadas em punho, tomando cuidado para não encostar os dedos em nada. Então a gente entra no meu Cutlass, agora eu estou atrás do volante, e dou meia-volta com o carro apontando para a Martin Luther King Boulevard, estaciono encostado na rua, e a gente assiste ao caminhão queimar pelo retrovisor.

Quando eu estava em treinamento, uma das minhas funções era ficar de vigia

para os veteranos enquanto eles queimavam carros roubados. Eles geralmente me faziam ficar até o bloco do motor cair, mas quando a gente conseguia se safar, quando não tinha ninguém vindo, a gente ficava até o carro explodir. Os carros nunca explodem como acontece nos filmes. Quero dizer, talvez isso acontecesse se você jogasse alguma coisa dentro do tanque de gasolina, mas se você só está pondo fogo no interior do carro, vai ter que esperar um pouco. Acho que demora mais ou menos uns quinze minutos toda vez para o fogo encostar no combustível e estourar, e o tamanho da explosão sempre depende de quanta gasolina ainda tem lá dentro. Não vi quanta ainda tinha no caminhão da prefeitura.

Mesmo com as coisas do jeito como estão, não é esperto eu e a Payasa ficarmos aqui tanto tempo. Quero dizer, o Clever tem pessoas aprontando na Wards, e fez um monte de chamadas de emergência, mas ele só mandou a gente esperar até as explosões começarem.

Até lá, fico estudando os formatos das chamas. Trêmulas, acho que é assim que chama. Pois é. Vejo o fogo laranja subir pelo metal das luzes de construção como se fossem trepadeiras ou algo assim. As janelas da cabine estouram primeiro, espirrando vidro para tudo quanto é lado. Logo em seguida, a buzina começa a tocar sem parar, e depois, quando fica quente o suficiente, os vidros e lâmpadas das luzes de construção estouram. A essa altura, o fogo está cuspindo fumaça preta sob a ponte, e o concreto fica preto, quase como se estivesse sendo pintado com fuligem.

— Então quando é que a gente...? — pergunta a Payasa.

Bang! Ouvimos outro logo depois desse, bem alto também, e é nessa hora que eu engato a marcha e piso no acelerador bem tranquilo, e, enquanto a gente vai embora dali, vem mais sons de explosões no caminhão atrás de nós, mais duas e dois estalos leves na caçamba, porque agora o fogo está tão quente que está disparando as balas que estavam nas armas, as que sobraram de antes.

2

Meu carro ainda está com o cheiro de carne crua, e nós ainda nem cozinhamos tudo. Os camaradinhas que o Fate mandou para limpar o porta-malas não fizeram um serviço tão bom. Ficaram três horas trabalhando nele, não tem manchas no estepe nem nada assim, mas o tapete está todo desbotado lá atrás e estou começando a achar que nunca vai ficar limpo, que talvez eu sempre sinta o cheiro de carne de hambúrguer podre. É então que decido que preciso de um carro novo. É hora de vender esse para algum maluco sem noção. Mas isso não resolve nada agora, então eu baixo metade do vidro para entrar um pouco do ar da noite.

A Payasa se vira para mim.

— Você tem um *sherm*? — pergunta ela.

O *sherm* é justamente a parada que o Fate disse para a gente deixar quieto por hoje. Mas ainda tenho um pouco. Só não usei.

— O Fate falou para não usar mais — digo.

— É, mas ele disse antes, não *depois*.

— Depois não é bom — argumento —, só antes.

Ela fica com o olhar fixo no horizonte por um minuto. Nunca me meti com aquarela antes, mas vendo como o céu noturno parece meio molhado mesmo não estando, eu quero tentar, porque o jeito como esse tom de preto é todo leve em volta do rosto da Payasa e como os amarelos dos postes de luz batem no nariz dela de perfil, isso é bem legal. Ela é bonita, tá ligado? E eu não falo isso tipo num sentido de sexo, mas no sentido de como se ela fosse minha irmã mais nova, e levando em conta que não sobrou nenhum dos irmãos mais velhos dela, a gente vai ter que ser isso para ela agora. Eu, o Fate, o Clever e todo mundo.

Ela quebra o silêncio no carro.

— O Fate está me mandando voltar a morar com a minha mãe só para eu me acalmar um pouco — diz ela. — Não entendo por que ele tem que me punir

desse jeito. Tipo, eu não fui bem com o Joker?

No começo eu não digo nada, só meio que deixo isso assentar enquanto dirijo. A Payasa faz a mesma coisa. Estamos indo para a casa do meu primo Oso, para esperar até receber um contato do Fate ou do Clever.

— Talvez não seja uma jogada tão ruim — é o que acabo falando.

— Como assim? — retruca ela, depressa.

E então ela me lança um olhar duro depois disso.

— Você foi mais do que bem — digo. — Foram tipo os melhores tiros que eu já vi na vida. Você sabe que a maioria das pessoas não consegue atirar em merda nenhuma quando está com a adrenalina lá em cima. Tipo, você viu quantos tiros eles erraram lá na sua casa, certo? Um montão. Mas você não é seu irmão, tá ligado?

— *Qual*? — pergunta ela num tom pesado, como se estivesse com pena dela mesma.

Merda. Não que ela não tenha direito, mas mesmo assim.

— Você sabe qual — digo. — O Lil Mosco. Você é mais o Ernesto do que ele.

Para ser sincero, eu não fico muito à vontade de saber que ela faz o que eu faço. Não é coisa de mulher, tá ligado? Pode me chamar de machista, pode chamar do que for, mas acho que a maioria das pessoas concordaria comigo.

— Você deu um grande passo — digo. — Fez o que tinha que fazer. Você fez justiça.

— Você acha?

— É, eu acho. Mas, olha, eu também acho que você não é como eu sou.

Ela parece zangada, como se eu estivesse desrespeitando ela ou algo assim.

— O que você quer dizer com isso? — pergunta.

— Exatamente o que eu disse. Você não é como eu. Quero dizer que, tipo, você não precisa continuar fazendo isso. Você não precisa fazer o que eu faço, Payasita.

Ela meio que estufa o peito para argumentar.

— Você está me mandando não fazer mais isso? — pergunta ela.

Eu olho para o céu pelo para-brisa por um instante, todo esse escuro tipo

carvão. Balanço a cabeça, segurando com mais força o volante, como se fosse um rebatedor no beisebol estrangulando o taco, precisando acertar.

— Deixa eu te dizer uma coisa, Palhacinha — falo.

Eu chamo ela às vezes de Palhacinha porque é isso que significa Payasita literalmente, *en español*. Só uso isso quando a conversa é entre nós. É como um apelido carinhoso. Pois é. Ninguém mais chama ela assim, e se chamasse, eu não deixaria. É um lance nosso. Mas agora eu preciso que essa idiota de dezesseis anos me *ouça*, por isso eu uso.

— Teve essa vez que eu estava na casa da Josephine, sabe? — digo. — Do lado do parque. Eu era no máximo um ano mais novo que você é agora. Mas já fazia um tempo que eu vinha aprontando. Eu tinha feito uns serviços, e achava que era durão porque os camaradas mais velhos estavam me dizendo que eu era durão e estava crescendo direitinho. Então eles me davam uns servicinhos aqui e ali, coisas para ficar de olho aberto, tá ligado? Teve uma vez que um dedo-duro chamado Booger saiu da casa onde estava ficando, uma do outro lado da rua em frente ao parque, e eu na verdade estava esperando porque tinha que dar cabo dele. Então quando eu vi ele, fiquei tão pilhado que simplesmente corri, saca? Corri até o meio-fio, depressa, parei porque não queria correr no meio da rua e gritei “Booger, ei, Booger!”, e ele olhou para mim, e eu vi os olhos dele me vendo, e eu mirei. Eu tinha essa peça que o Fate me deu, eu adorava ela, acho que era uma nove milímetros, uma Smith and Wesson meia-cinco-nove, que na verdade era uma arma até grande para um camaradinha, mas eu não me importava na época. Tirei a parada do meu agasalho com uma puta pressa quando vi o Booger e soltei uns tiros, *pá*, *pá, pá* na direção dele, mas acontece que, bem enquanto eu estava atirando, entrou um carro entre eu e ele.

Ouço a Payasa soltar um gemido, tipo *ah, não*, mas continuo contando.

— Eu estava tão pilhado que nem prestei atenção, nem vi o carro vindo, e aconteceu mó depressa. Só o que eu lembro é das janelas de trás dessa van estourando ao mesmo tempo, tipo *ksssh, ksssh*, porque minha bala entrou por um lado e saiu pelo outro. Tinha atravessado tudo.

Eu meio que pauso depois de dizer isso, não para fazer efeito nem nada, mas porque preciso.

Devo ter demorado demais, pois a Payasa logo faz a pergunta.

— O que aconteceu?

— Tinha essa cadeirinha presa no banco de trás — respondo —, sabe, dessas cadeirinhas de bebê?

— Merda — diz a Payasa. — O que *aconteceu*?

— O que aconteceu é que eu não acertei o Booger. O maluco escapou correndo.

— Foda-se o Booger! O que aconteceu com o bebê?

— Não sei — respondo.

— Como assim não sabe?

— Quero dizer, só o que eu ouvi foi um choro, tipo um choro alto e uns gritos no banco de trás e o carro dando guinada para lá e para cá e fugindo depressa, e só o que consigo pensar é em todo aquele vidro no banco de trás, sabe? — digo e balanço a cabeça, lembrando daquilo. — Todo aquele monte de vidro.

A Payasa agora está meio zangada.

— Você chegou a descobrir? Tipo, estava tudo bem?

— Não — respondo —, nunca descobri. Eu tentei, mas ninguém ouviu falar nada sobre um bebê machucado, e eu nunca vi aquele carro de novo, nem perto do parque nem em nenhum outro lugar.

— Fala sério — diz ela —, não mesmo? *Nunca*?

— Aparecem bebês nos meus sonhos às vezes — digo —, todos cheios de cortes.

— Isso é foda — diz ela.

— Pois é, é mesmo — respondo —, mas o que eu fiz foi foda também. E só te contei essa história pra falar que fazer essa porra é um negócio que fica em você. Porque eu nunca quero que você olhe para mim e pense que tudo simplesmente evapora. É só isso que eu estou dizendo, Palhacinha. Mais nada.

Então ela fica quieta, e eu não sei o que dizer, nem mesmo sei se passei meu recado, por isso espero um pouco antes de voltar a falar.

— Se o Fate está falando sério que vai mandar você se mudar, talvez não seja uma coisa tão ruim, saca? Ficar fora da vizinhança por um tempo? Quero dizer, se você saísse, o que ia fazer? Você ao menos pensou nisso?

Ela encosta a cabeça de volta no banco e fica olhando para o teto. Depois de um tempo, dá um sorriso, um sorrisinho, mas um sorriso, por isso eu pergunto.

— Que foi?

— Nada — diz ela. — É bobagem.

Não é bobagem, eu quero dizer, *porque esse é o primeiro sorriso que eu vejo você dar desde que o Ernesto estava caído naquele beco.* Mas eu só espero. Dou tempo para ela. Tento memorizar como é o sorriso no rosto dela. Maior que o da Mona Lisa. Deixa o nariz dela meio franzido em cima quando ela faz isso, entre as sobrancelhas.

— Estou meio a fim da ideia de ver a Elena — conta ela.

— Peraí — digo eu, só para entender direito na minha cabeça —, aquela que queria que a gente apagasse o Joker e falasse que foi ela que mandou? *Aquela*?

— Exatamente aquela — confirma e lambe um pouco os lábios, como se estivesse pensando em fazer uma outra coisa com eles, uma coisa boa.

— Olha só — digo —, amor louco.

Ela solta um estalo com os lábios, fazendo um *tsk*, um som alto e agudo.

— Calma — corrige ela —, eu *não disse* que era amor.

— Como você quiser. Ela é *loca*, mas é boa pra caralho. Aquela bunda dela.

Eu estou dizendo, mas vou meio baixando a voz porque penso em como a Elena estava bonita de jeans e como ia ser gostoso pegar ela de jeito com as duas mãos, e eu me perco nessa fantasia por um segundo e não consigo terminar direito o que estava falando.

— *Cara* — é tudo que consigo dizer.

Digo isso só pelo efeito, tá ligado? Mas a Payasa sabe exatamente do que estou falando e ri de mim. Seja lá por que ela está fazendo isso, não importa. É bom ouvir ela rir. Uma das melhores coisas na Payasa é que você nunca tem que se preocupar em falar com ela como se ela fosse uma garota. Geralmente você pode falar qualquer merda que quiser, e tudo bem. Ela é camarada, desse jeito.

— Pois é — diz a Payasa. — *Cara* é justamente a ideia. Vou investir nela.

Isso me dá uma imagem mental bem depressa, e eu fico viajando nela por alguns quarteirões.

— Porra — digo, e é só o que eu consigo pensar em dizer, mas acho que

talvez devo fazer a Payasa continuar falando da Elena porque parece que isso está tirando da cabeça dela todas as outras coisas pesadas. — Você acha que ela vai mudar de time e largar os caras? Por quê?

— Sempre tem uma chance — responde ela —, principalmente se eu conseguir fazer com que ela me veja como protetora dela agora.

— Tipo, uma cavaleira de armadura brilhante?

Eu olho para a Payasa e ela acena um pouco com a cabeça e dá o sorriso secreto de novo, só que desta vez parece dizer que ela sabe coisas sobre mulheres que eu nunca nem sabia que existiam, e ela faz isso com tanta confiança que eu nem duvido de que seja verdade.

— Assim, defendendo a honra dela e tal?

— As mulheres se importam com essas paradas — diz ela. — Precisam se sentir seguras.

— Você fala como se não fosse mulher — digo.

Eu encosto o carro no meio-fio na Louise, bem na frente da casa do Oso. Tem uma luz acesa lá dentro, e eu vejo minha tia andando de um lado para o outro na frente da janela da cozinha, parada na frente da pia como se estivesse lavando legumes ou algo assim. Só de ver ela desse jeito, com o cabelo todo preso para trás como se estivesse dormindo, eu sei que o Oso acordou ela. Ela mima ele ainda mais desde que o Cricket morreu, deixa ele comer a qualquer hora do dia ou da noite quando está com fome. Não importa quando ele pede, ela levanta e prepara alguma coisa para ele.

— Eu não sou mulher como a Elena é mulher — diz a Payasa quando eu desligo o carro. — Uma garota daquele tipo, ela precisa de alguém para tomar conta dela. Uma pessoa como eu, eu preciso tomar conta de alguém. É assim que funciona. Essa é a natureza. Os papéis não mudam muito só porque nós duas somos *chicas*. É uma parada enraizada. Uma parada humana.

Eu dou de ombros porque vou ter que acreditar na palavra dela, e abro a minha porta, mas quando a luz da cabine acende em cima da nossa cabeça, a Payasa agarra o meu braço e eu percebo que ela não terminou de falar, por isso puxo a porta para fechar de volta e a luz apaga.

— Agora terminou, tipo terminou de verdade? — pergunta ela. — Esse lance

vai acalmar com o Joker e o Trouble e o Momo fora da jogada?

— Não sei — respondo, e realmente não sei.

Ela meio que abaixa o queixo e franze a testa quando ouve isso, e é assim que eu sei que falei certo antes. Ela realmente quer que isso termine. O Lil Mosco nunca teria sido assim. Ele ia querer guerra por um tempão, toda e qualquer oportunidade de sair pirando. Teria adorado isso. Mas a Payasa? Ela não quer. Ela só foi lá e fez o que tinha que fazer, quando tinha que fazer.

— Alguém é sempre parente de alguém, né? — diz com um tom de cansaço, como se fosse uma avó. — Ou camarada de alguém?

— Você não está errada — digo —, mas se você não gosta do preço da brincadeira, então não brinca.

Isso talvez pareça frio de se dizer para alguém que acabou de perder os dois únicos irmãos que tinha e toda a parede da frente da casa, mas ela sabe que é verdade, e alguém precisa dizer isso para ela. Que seja eu então. Assisto ela balançar um pouco no assento, e abro a porta só para ver de novo a luz branca da cabine no rosto dela, e acho que posso tentar um retrato dela estilo preto e cinza. Sabe, usar um pincelzinho de modelismo e tinta de modelismo, o tipo que continua brilhando mesmo depois de secar.

— Tá com fome? — pergunto para a minha palhacinha. — Parece que a minha tia está cozinhando lá dentro e, acredite em mim, se ela estiver fazendo *enchiladas*, você não vai querer perder.

— Acho que aceito, sim — diz ela. — Mas depois, você pode talvez me levar para *mi mamá*?

Eu não sou o chefe, sou o cara corajoso, mas acho que podia abrir uma exceção, só para ela. Só desta vez.

QUINTO DIA
DOMINGO

A POLÍCIA TAMBÉM ESTAVA DIZENDO AOS MEMBROS DE GANGUES QUE A GUARDA NACIONAL ERA, NA VERDADE, UMA GANGUE MUITO, MUITO MAIOR QUE A DELES. ELES ACREDITAVAM QUE ESSES ERAM TERMOS QUE OS MEMBROS DE GANGUES CONSEGUIRIAM ENTENDER.

— MAJOR-GENERAL JAMES D. DELK,
COMANDANTE DA GUARDA NACIONAL

ANÔNIMO

3 DE MAIO DE 1992

15h22

1

Deixe eu esclarecer uma coisa: eu sou o Lobo Mau, e aos olhos de qualquer pessoa que precise levar uma mordida, eu não existo. Esta noite tenho a tarefa de atacar uma série de residências relacionadas a gangues, e posso dizer que, pessoalmente, terei prazer em fazer isso. Devido à natureza extrajudicial desta operação, no entanto, não posso lhe dizer quem eu sou nem onde trabalho. Tecnicamente, também não posso dizer o que faço, não como ocupação principal, mas tratando-se de circunstâncias extraordinárias, por isso posso conduzir você pelo que eu faço enquanto o faço, e você pode preencher o resto na sua cabeça. Primeiro, no entanto, é necessária uma contextualização.

Atualmente, estou no comando de dois veículos de transporte carregando dezesseis homens rumo ao sul no leito de concreto totalmente seco do rio Los Angeles. Entramos no corredor por uma entrada de túnel embaixo da ponte da Sixth Street. Canalizada com concreto pelo Corpo de Engenheiros do Exército ao longo de um período de anos a partir de 1935, a bacia é mais uma rua do que um rio, e hoje nos servirá tanto como ponte quanto como entrada dos fundos para South Central. Estamos a caminho de uma residência onde diversos membros de uma gangue moram e realizam negócios ilícitos. Antes desta missão, minha equipe ficou presa numa situação de prontidão porque, na minha opinião, ninguém no alto escalão estava muito a fim de sancionar nossa partida

até uma hora atrás. Até esse ponto ficamos em espera, sentados num Posto de Comando Avançado que serve ao LAPD e todos os serviços de emergência.

Isso foi especialmente frustrante para mim e para a minha equipe, porque a polícia e as forças da Guarda Nacional em toda Los Angeles têm estado envolvidas em impasses e conflitos com inimigos domésticos mais treinados em combate de guerrilha urbana do que a maioria dos combatentes que vêm de fora. Você provavelmente não ouvirá essa concepção ser proferida publicamente, mas é a concepção correta. Tais situações ocorrem porque, para efeitos práticos, esta cidade está balcanizada. O que se tem em Los Angeles é uma mistura especialmente tóxica de cidadãos com origens culturais e sistemas de crenças díspares, mas o que se tem acima de tudo é uma população de gangues altamente fragmentada, num número aproximado de 102 mil membros. (Quando me informaram esse número pela primeira vez, eu disse “Isso não é uma estatística, senhor; isso é um exército.”) Só no ano de 1991, esse grupo foi responsável por 771 assassinatos na cidade — mais de dois por dia.

A coisa fica pior: o LAPD tinha uma diretiva para proteger lojas de armas em toda a cidade quando o tumulto começou. Eles fracassaram. Mais de três mil armas de fogo (quase todas semiautomáticas, além de alguns rifles totalmente automáticos) foram saqueadas nos primeiros dois dias. Embora verificado, este número não foi divulgado publicamente, assim como o seguinte fato: quase todas essas armas continuam desaparecidas. Sendo assim, é operacionalmente necessário saber que as gangues de negros e latinos nesta área estão pesadamente armadas.

Para você saber de minhas origens: quando uso o termo *negro*, isso tem um significado. Como muitas vezes me dizia meu pai criado no sul, “Tu nasceu negro, e vai morrer negro.” Eu cresci em Watts, antes e depois das revoltas de 1965, e Los Angeles hoje é muito diferente da Los Angeles de então. Nasci em Lynwood, no St. Francis, em abril de 1956, porque não havia hospital em Watts nessa época. Quando eu tinha nove anos, minha própria vizinhança revoltou-se em resposta à prisão e espancamento “desse garoto dos Frye”, pois era assim que minha mãe se referia a ele, já que conhecia a mãe dele, Rena, da igreja. Lynwood ainda era considerado um bom lugar para brancos naquele tempo, e

mesmo minha mãe ia de ônibus até lá para fazer faxinas. Acho desnecessário fornecer mais detalhes sobre minha vida anterior, por isso simplesmente direi que fui enviado ao Vietnã em 1974 e fiz duas expedições. Depois disso, segui carreira no exército até pedir reforma antecipada para aceitar um certo emprego, junto a uma certa agência governamental dos EUA que não posso citar no momento. Isso é tudo o que posso dizer sobre mim, mas julguei essencial deixar claro que tenho um interesse pessoal nesta missão. É o meu território, digamos.

Porém, não é como se esta situação tivesse sido criada da noite para o dia. Posso lhe dizer por experiência pessoal que nada foi resolvido depois de Watts, economicamente ou em qualquer outro aspecto, e, no entanto, não é exagero dizer que o barril de pólvora é significativamente maior do que já foi um dia. Apenas 7.900 agentes e oficiais policiam esta cidade de quase 3,6 milhões de habitantes, num condado de 9,15 milhões. (Considere os quase 102 mil membros ativos de gangues em relação a este número de agentes.) No caso, este é o pior quociente de todas as grandes áreas urbanas do país e, mesmo assim, é ainda pior quando se leva em conta o tamanho da área a ser policiada. O Condado de Los Angeles é como uma canga de praia. É plana e estendida de norte a sul desde o porto que inclui San Pedro e Long Beach até os sopés das colinas de Pasadena e o vale de San Fernando, e de oeste a leste desde as praias de Santa Monica até o deserto do vale de San Gabriel.

Para efeito de comparação: as revoltas de Watts aconteceram em seis quarteirões da minha antiga vizinhança. Elas foram contidas com uma força correspondente. No entanto, na primeira noite de nossa agitação civil de agora, os incêndios se estenderam por 270 *quilômetros* quadrados da área da cidade e do condado em South Central. Como resultado, fazer cumprir o toque de recolher foi mais ou menos como fazer cumprir a Lei Seca, pois policiar uma área tão extensa, com uma população de gangues tão grande, mesmo durante as melhores épocas, é uma tarefa extremamente árdua. E como seria durante um distúrbio civil sem precedente algum na história desta nação? Bom, é simplesmente impossível. Essa é a má notícia até agora, mas eis a boa: isso muda hoje à noite.

No Posto de Comando de Campo, falei com uma série de colegas veteranos

do Vietnã, principalmente homens da Guarda Nacional, mas também alguns da CHP e alguns da polícia. Quase todos eles falaram de como suas emoções de agora são semelhantes às de quando estavam “em operação no país” mais de duas décadas atrás. Eles mencionaram o desconhecido. Confessaram ter dificuldade de reconhecer o inimigo. Eu entendo ambos, mas a minha equipe não tem a tarefa de defender shoppings. Temos um alvo, guiados pela ligação de um agente da seção de homicídios do LASD, com informantes confiáveis com um conhecimento excepcional dentro do mundo das gangues de South Central. Ele seleciona nossos alvos, e nós fazemos nosso trabalho. Resumindo, nós somos a retaliação.

— Não se preocupem — disse aos velhos de guerra no refeitório comunitário organizado pela boa gente do U.S. Forestry Service, o serviço florestal. — Eu sei quem é o inimigo, e não só vou quebrar as costelas dele para vocês, como também vou olhar na porra dos olhos dele enquanto fizer isso.

O sentimento, devo dizer, foi muito apreciado. Todo dia e toda noite desde que isso começou, brutamontes envolvidos com gangues vêm ameaçando homens da Guarda Nacional e da polícia em toda a cidade. Ainda não encontrei um único homem da Guarda que não tenha uma variante da seguinte história: delinquentes passam devagar de carro, ostentando suas armas enquanto apontam dedos para os homens de uniforme e dizem: “Vamos voltar para te matar depois que escurecer.”

Na minha linha de atuação, isso é considerado uma ameaça terrorista e merece uma pronta reação. Esse é o ângulo pelo qual devemos abordar essa situação, pois circunstâncias desesperadas exigem medidas desesperadas. Dentro do Centro de Operações de Emergência, já há rumores de que a situação em nível municipal agora está contida num grau que permitiria suspender amanhã o toque de recolher, então nossa missão é para esta noite, e apenas esta noite. Temos menos de vinte e quatro horas para transmitir uma mensagem muito clara.

O lado positivo do caos dos últimos cinco dias é este: não existe possibilidade de que isto que estamos prestes a fazer acabe estourando de volta na nossa cara. Vamos sair, ensinar uma lição a esses valentões para eles saberem quem é maior e mais malvado, e depois partir. É coisa de troglodita, mas é a única língua que

todas as gangues entendem.

Nossos parâmetros de atuação são dois: um, não devemos passar mais de seis minutos em nenhuma residência privada, e dois, podemos agir de qualquer modo que considerarmos apropriado, contanto que não atiremos, a não ser que atirem em nós. Concordei com ambos no EOC, mas continuo sendo realista. A única coisa de que você pode ter certeza quando está em campo é que as circunstâncias vão mudar. Mesmo assim não consegui me segurar, na nossa reunião de instruções da missão, quando um comandante dos fuzileiros navais burocrata, recém-chegado de helicóptero e com mais listras na manga do que juízo na cabeça, me disse que não atirar a não ser que atirem em nós era a única coisa que nos separava das gangues.

— Nos separa, senhor? — perguntei, bem na cara muito séria dele. — Nós *somos* uma gangue.

Você devia ter visto o queixo dele cair. Ele não é meu comandante, e eu não me reporto a ele. Ele só foi informado sobre a missão por questões de cortesia profissional. O paralelo com as gangues sempre me pareceu perfeitamente óbvio, mas pelo jeito não é.

Neste veículo, tenho uma tripulação de homens altamente treinados, escolhidos a dedo. Estamos todos vestindo uniformes táticos idênticos, com roupas e capacetes verdes. Temos uma meta comum de “chegar chegando” (como se diz por aí) em outra gangue e lembrar-lhes do jeito mais convincente possível onde fica a linha divisória. É uma coisa que as gangues também precisam fazer de tempos em tempos. Tanto em questões de território quanto de conduta, existem limites, mesmo entre criminosos, e numa situação de distúrbio civil, repito, sem precedentes na história deste país, os humanos tendem a esquecer onde ficam esses limites.

Quero dizer, só até agora. Agora a linha vai ser retraçada. Agora somos mais perigosos do que jamais fomos porque não há supervisão e, melhor de tudo, não temos que preencher a papelada na manhã seguinte. Nenhum formulário. Nenhum relato. Nenhum relatório em três vias. É a forma mais perfeita de operação governamental porque é extremamente simples, e tecnicamente nunca será registrada como ocorrência.

Não temos nomes costurados nos nossos uniformes agora. Somos tão anônimos quanto o vento. O que nós fizermos só existirá em histórias contadas aos sussurros. Só os vilões vão saber que fizemos isso, e eles não importam.

Eu dei uma única diretiva, não mais que uma: procure mutilar o alvo, e ao fazer isso, deixe-o mutilado para sempre. Digo isto aos meus homens, e também retifico o primeiro parâmetro da nossa missão.

— Não esperem, repito, não esperem até atirarem em vocês — digo enquanto nosso veículo passa por um quebra-molas e continua em frente. — Se alguém sequer apontar uma arma para vocês, vocês cancelam a festa do Cinco de Mayo desse porra.

2

Então, tendo sempre em mente o que revelei até agora, eu pediria que você fizesse uma coisa. Preciso que você se fortaleça. Tome fôlego se necessário. Quando fizermos o que devemos fazer, eu aconselharia você a não ter uma postura branda. Isto significa, antes de tudo, ver nossos futuros alvos não como vítimas nem como pessoas, mas como criminosos impunes recebendo uma aula da única lição que entendem. Eu recomendaria enfaticamente que você não tenha compaixão por eles. Os criminosos que estamos alvejando merecem, e merecem há muito tempo. Mais importante, eles saberão que foram eles que causaram isso a si mesmos.

Depois do rio Hondo, uma confluência do rio Los Angeles, há uma saída que leva para a Imperial Highway. Neste ponto deixamos o leito do rio, utilizamos a entrada de acesso, abrimos a cerca de isolamento e entramos na rua. Eu confirmo novamente com nossos motoristas táticos o endereço na Duncan Avenue, obtido de nosso oficial de ligação do setor de homicídios do LASD. Embora eu tenha pedido especificamente que nosso oficial de ligação fosse destacado para minha unidade, fui rechaçado. Ele disse que adoraria participar, principalmente para ver a cara que esses “bostinhas mexicanos” iam fazer quando levassem uma dose de justiça, mas ele não pode correr o risco de alguém reconhecê-lo. Esteve nesse mesmo endereço ontem à noite, e interrogou um desses delinquentes também. Ele ainda policia essa área, enquanto nós estamos “só de visita”. Eu disse que compreendia.

Já que temos o elemento surpresa, o procedimento padrão é atacar frontalmente a residência. No entanto, temos observadores neste caso, e fomos informados de que há uma reunião de pessoas acontecendo neste momento na área do pátio dos fundos. Além disso, sabemos que uma via de acesso faz fronteira com o norte da propriedade. Sendo assim, dei ordens para que um esquadrão de quatro homens desembarque do veículo de escolta na metade do

quarteirão e flanqueie a residência com armas em punho para cercar o aglomerado, afunilando assim quaisquer pessoas que queiram correr de volta para o pátio enquanto o outro esquadrão do nosso veículo de escolta ataca frontalmente, e os outros dois esquadrões a bordo do meu veículo bloqueiam uma rota de fuga lateral.

Quando o esquadrão de flanqueamento parte, eles passam por um possível delinquente atravessando a calçada, vindo da residência alvo. É razoável presumir que ele talvez esteja saindo da reunião, motivo pelo qual nós o confrontamos. Ele imediatamente põe as mãos para o alto e não tenta advertir ninguém da nossa presença. Quando o mandamos deitar na grama e abrir os braços e pernas, ele obedece e é revistado em busca de armas. Está limpo. Mandamos ele ficar onde está, ele confirma com a cabeça que entendeu, e meu esquadrão prossegue até o flanco.

Tenho um modelo de capacete recentemente adotado, em estilo alemão, ao qual ainda estou me acostumando, e estou usando joelheiras, proteções nas coxas e um colete Kevlar — basicamente, tanta proteção quanto um jogador de futebol americano. Na mão direita, carrego um cassetete tático retrátil feito de aço sólido, também de desenho e produção alemães. Totalmente estendido, tem sessenta e seis centímetros de comprimento. Pesa seiscentos e cinquenta gramas e é um equipamento assustadoramente eficaz quando empunhado pela pessoa certa. Por um instante, antes de o veículo parar por completo e nós pularmos, me sinto invencível.

Quando dou o sinal, nós saímos do veículo e nos espalhamos em formação enquanto um dos nossos alvos grita: “O esquadrão da truculência está aqui. Todo mundo vazando!”

Eu sorrio com essa descrição. “Esquadrão da truculência” até que não está errado.

Quando adentramos o pátio, porções iguais de comida e bebida são derramadas no concreto. Pratos e copos são jogados de lado conforme diversos delinquentes tentam escapar. Este pátio possui uma churrasqueira de propano e duas pequenas mesas de piquenique com bancos embutidos. A área é um quadrado de concreto, com cerca de seis metros de cada lado. A borda de trás

termina numa cerca de metal com um metro de altura. Atrás dela fica o pátio dianteiro da casa ao lado, pontilhado de árvores próximas entre si. Os alvos tentando pular a cerca de trás congelam bem em cima dela quando veem os canos de diversas M-16 despontando no meio da folhagem. Ao vê-las, voltam imediatamente pela cerca até o quintal, e agora eles são meus.

Há dezenove delinquentes presentes. A maioria deles está com cara de coelho assustado, prontos para fugir em disparada a qualquer oportunidade, mas há uns poucos mantendo a calma no grupo, e isso é bom. Isso significa que eles provavelmente estão agindo sob a premissa de que estamos aqui para prendê-los e de que isso vai acontecer nos moldes regulares. Não estamos, e não vai.

Dos meus dezesseis homens, todos têm armas na cintura, mas oito carregam o mesmo cassetete de metal que eu tenho, e o resto está equipado com rifles M-16. Muito se discutiu nos noticiários sobre as travas instaladas nas armas da Guarda Nacional, tornando-as incapazes de atirar em modo automático. Garanto que minha unidade não tem esse problema. Caso seja necessário, podemos e iremos agir em modo totalmente automático. Como previamente instruído, um dos meus homens retira uma caixa vazia do veículo na entrada da casa e a abre.

— Vamos facilitar — digo. — Aqueles de vocês que estão armados, coloquem as armas nessa caixa *agora*. Com a trava de segurança fechada, caso não esteja.

Eles fazem o que eu mando. Demora menos de um minuto para dois dos meus homens fecharem a caixa e a guardarem em segurança dentro de um dos veículos. É aqui que a diversão começa. Temos cinco minutos para estragar de verdade esta festa.

Eu avanço até o chefe, o que está parado ao lado da churrasqueira. Nosso agente de ligação o identifica como líder.

Quando fico cara a cara com ele e mostro que sou maior por alguns centímetros e dez quilos, dois delinquentes levantam-se da mesa mais próxima. Um é magro feito um varapau, mas o outro tem um aspecto indígena e seu pescoço é grosso como o de um lutador. O meu segundo-comandante coloca-se entre eles e mim enquanto trava e carrega sua arma. O barulho de uma bala na câmara de uma arma automática é um som extremamente eficaz. Exige

obediência.

Então eles recuam, os dois caras durões, mas certamente não querem recuar. Uma asiática bonitinha se esconde atrás do magrelo. Não faço ideia do que ela está fazendo num lugar desses. No entanto, as informações internas realmente indicam que esta gangue não era avessa a usar membros femininos, portanto noto a presença dela de acordo com isso.

Volto minha atenção novamente para o chefe, e ele me encara com um olhar que não revela absolutamente nada. Ele tem uma espátula de metal na mão direita, mas está paralisado junto à churrasqueira, cuja superfície está marrom com resíduos de carne. Quando pequenos veios de gordura transparente caem da espátula, estalam e chiam no carvão quente logo embaixo.

— Você — digo —, sr. Big Fate, tem que parar com essa porra de ficar matando pessoas.

Ele não reage, mas nem precisa. Aceno com a cabeça para o meu segundo-comandante, que dá um passo à frente e segura sua arma em posição de prontidão. Com um metro e noventa e três de altura e cento e quatro quilos de músculos, ele é uma máquina construída para um único propósito: machucar. Quando o Big Fate (sinceramente, nunca vou conseguir entender esses nomes) se vira para olhar para o meu segundo-comandante, o meu segundo-comandante dá uma coronhada no crânio dele. Nesse ponto, é seguro dizer que o sr. Big Fate atinge o concreto mais depressa que um paraquedista sem paraquedas.

Eu me curvo até seu rosto ensanguentado.

— Você precisa parar de matar pessoas! — digo.

Repetição é a única coisa que esses animais assimilam. Sei disso porque eu mesmo também sou um animal. As únicas coisas que aprendi ao longo dos anos, aprendi porque as fiz dez mil vezes. Pergunte à minha atual esposa, e aproveite para perguntar às minhas duas ex-esposas.

Agora que o sr. Big Fate está caído, o meu segundo-comandante age em seu braço direito. Ao redor dele há uma tatuagem em estilo mexicano. Depois de um golpe especialmente impactante, a espátula cai da mão dele e faz um estrondo quando bate no concreto. Quando a espátula assenta, o meu segundo-comandante golpeia exatamente o mesmo ponto no braço, acertando com a

coronha de sua arma na mesma espiral de tinta. Este é seu novo alvo, e ele continua atingindo o mesmo ponto toda vez que falo uma palavra.

— Você — digo para o sr. Big Fate.

Uma coronhada é um bom jeito de dizer algo terrível.

— Precisa.

É quando você incapacita um agressor com a coronha do seu rifle.

— Parar.

Totalmente carregado, um M-16 pronto para o uso pesa quase quatro quilos. Quando empunhado corretamente, é capaz de gerar uma força mais que suficiente para quebrar ossos.

— De.

O meu segundo-comandante martela o maior osso da parte superior do corpo, o úmero, exatamente no mesmo lugar, repetidas vezes.

— Matar.

Sob circunstâncias normais, é preciso uma força tremenda para quebrar o úmero, e isso geralmente só acontece em acidentes de carro ou quedas de grande altura.

— Pessoas.

Neste caso, no entanto, o meu segundo-comandante martelou o mesmo ponto até fraturar, e então golpeou essa fratura até o osso inteiro romper-se com um estalo tão alto que parece que alguém acertou um *home run* com um taco de madeira, de tão limpo que esse estalo é, e nesse momento o braço do sr. Big Fate dobra para o lado errado, e ele urra, mas ainda não acabou, pois o meu segundo-comandante decide pisar na parte do braço que agora pende solta. Ele esmaga esta parte com a sola de sua bota de combate. Aplica todo o seu peso sobre ela, o meu segundo-comandante, todos os seus cento e quatro quilos. Tanto faz o quanto você pensa ser durão. Ninguém é capaz de aguentar esse tipo de dor. O sr. Big Fate não é diferente. Desmaia bem embaixo do meu segundo-comandante e cai para trás, batendo a cabeça com força no concreto.

Quando isso acontece, começa o pandemônio.

3

O gordinho ataca o meu segundo-comandante enquanto o magrelo pula em cima de mim, cheio de fúria. É quase cômico o jeito como os dois caem. O gordinho entra numa chave de braço de judô que o meu segundo-comandante completa, arrancando o ombro dele da articulação com um estalo muito forte. O magrelo eu acerto nas costelas com meu cassetete e termino com um golpe no topo do crânio. Ele perde todo o fôlego depressa antes de cair de joelhos no concreto e se debruçar para a frente. Atrás dele, um dos meus homens derrubou a menina asiática, e golpeia o pulso dela com um cassetete de metal do modelo padrão. Ouço os ossos dela quebrarem de onde estou parado. Ela berra de dor, e o magrelo, com sangue escorrendo no rosto, grita o seu nome:

— Irene!

Pelo menos creio que é isso o que ele diz. É difícil acompanhar precisamente, porque quem não estava correndo antes de isso acontecer está correndo agora. Eles disparam como antílopes até a cerca e pulam por cima dela, ou correm na direção da casa. É o caos, mas para a gente é um caos eficaz, porque a essa altura, é simplesmente hora de agir.

Eu derrubo três no chão antes que eles consigam passar por mim e chegar à porta dos fundos da casa. Acerto gargantas. Acerto orelhas. Acerto o que quer que se apresente como o alvo mole mais vantajoso.

O meu segundo-comandante está parado acima de seus dois exemplos, berrando tão alto que não precisa de um megafone para ser ouvido por todo mundo no quarteirão.

— Nós sabemos que vocês estavam saqueando — diz ele. — Sabemos onde esconderam a parada!

Nosso plano de jogo é simples. Miramos em articulações e ossos pequenos, principalmente. Quebramos mãos. Quebramos tornozelos. Quebramos joelhos e cotovelos também. Não somos muito seletivos. É principalmente uma questão de

oportunidade estratégica, do que se apresenta como alguém com pouco ou nenhum treinamento em artes marciais tentando se defender. Numa situação dessas, há diversas opções: ele ou ela talvez vire de costas e corra — neste caso, faça a pessoa tropeçar com o cassetete e mire num tornozelo; ele ou ela talvez tente chutar você — neste caso, esquive-se e acerte o joelho ou tornozelo da perna que está parada; ele ou ela talvez encare você, e você pode fingir que vai golpear a cabeça, o que talvez faça com que seu alvo levante as mãos por reflexo — neste caso, bata em dedos, pulsos ou cotovelos.

Eu disse aos meus homens que é notavelmente parecido com fast-food. É só pegar e sair andando. Dobre alguma coisa contra si mesma e espere o grito, então puxe até estalar. Então faça isso de novo. Depois que você já fez uma vez, é mais fácil executar de novo. Duas a cada dez pessoas chegam a lutar contra um reflexo de dor tão forte. O resto desiste. Uma vez que ele ou ela sucumbe à horizontalidade, é então que você bate nas costelas para ter certeza absoluta de que ele ou ela não vai respirar fundo de novo sem pensar em você e na força com que você bateu. Eles vão pensar em vocês pelo resto de suas vidas. Mudem vidas hoje à noite, eu disse aos meus homens antes da abordagem. Às vezes as melhores experiências de aprendizagem na terra são as ruins, e hoje nós temos que proporcioná-las.

Agora sinto cheiro de carne queimando enquanto procuro mais alguém para fazer de exemplo. O gordinho está aos meus pés, rastejando na direção do sr. Big Fate enquanto a menina apoiando seu pulso mole com a outra mão se encolhe em volta do magrelo.

É o gordinho que agarro pelo tornozelo antes de arrancar seu sapato sem cadarço. Ele rola no chão para olhar para mim, arregalando os olhos enquanto desço o cassetete nos dedos dos pés dele, transformando cada dedo do pé esquerdo num pedacinho de carne mole ensanguentada na ponta da meia. Você nunca ouviu ninguém gritar como ele grita. Quando termino, o que restou dos seus dedos dos pés parece apenas um punhado de cerejas amassadas, vazando pela meia branca. Lágrimas de choque escorrem pelo rosto enquanto quebro suas costelas. Paro na sexta. Se Deus quiser, este monstrinho nunca mais vai correr nem respirar direito outra vez. Que bom. Criminosos mais lentos são bons para

todo mundo.

Porém ele geme enquanto ofega, esse cara.

— Cala a boca, porra — digo com a respiração pesada para o bebê chorão. — Você brincou, agora tem que pagar. Ninguém precisa te dizer isso. Considere sorte sua que eu não arranquei seu pé inteiro com um tiro. Imagine isso! Imagine ter que ser um criminoso com um cotoco. Pois é, você nem ia conseguir fugir correndo de mim da próxima vez.

Ele morde o lábio depois disso. Sofre no silêncio mais alto que já ouvi. Neste ponto, confiro meu relógio. Já são cinco minutos. Nosso tempo está acabando.

A área do pátio está mais vazia. Pela minha contagem, dois escaparam, e isso já é demais. A carne na churrasqueira ficou preta e solta suas próprias pequenas torres de fumaça. Que microcosmo apropriado é esse, eu penso, Los Angeles como uma churrasqueira sem ninguém tomando conta, queimando a carne que deu azar de ficar presa em cima dela.

Eu conto dezessete delinquentes caídos no pátio de concreto. Cada um a seu próprio modo está gemendo, contorcendo-se e/ou ofegando. Não é nem de longe suficiente, mas nossas ordens são para entrar e sair, por isso dou ordem de retirada.

— Nós vamos voltar quando quisermos — diz o meu segundo-comandante para o gordinho, que está fazendo muito esforço para não olhar o que restou de seu pé esquerdo. — Vamos confiscar todas as paradas que vocês roubaram, mas não vamos prender vocês, não vamos levar vocês a julgamento, ah, não! Da próxima vez, vamos simplesmente *atirar* em vocês.

Ele se despede com o aceno mais sinistro possível. Leva a mão até perto do rosto e apenas dobra as pontas dos dedos, parecido com o jeito como meu filho aprendeu a acenar para mim no começo.

Deixo registrado que gostaria que tudo o que o meu segundo-comandante acabou de dizer fosse verdade. Não é.

Essa é a maior mentira da nossa pequena operação desta noite: não vamos voltar, por mais que ameacemos. Já estamos mais uma vez nos veículos e seguindo para um novo local, para lidar com a próxima leva de tumores. Todos eles vão receber um tratamento hoje, antes que a ordem seja oficialmente

restaurada e o toque de recolher seja suspenso. Só o que devemos fazer nesta conjuntura é mantê-los na linha. Sabemos que eles estavam matando gente, porém as cenas de crime da cidade inteira são frias, inexistentes ou deturpadas. Detenção e julgamento simplesmente não vão acontecer nesse estágio. É por isso que o melhor cenário possível para a lei e ordem é um golpe pesado no pulso — do tipo que leva um bom tempo para sarar, ou talvez não sare nunca, se fizermos do jeito certo.

Esta noite, vamos atacar todo ponto de encontro ou residência notória de gangue que mesmo remotamente valha a pena atacar, pois a verdade brutal é que já há criminosos demais abarrotando as prisões desta cidade. O Departamento Penitenciário já estava atolado desde antes das revoltas, mas quando mais de oito mil pessoas são detidas em quatro dias, o termo *sobrecarga* nem sequer começa a definir a situação. Todo sistema tem sua capacidade máxima, e a do nosso foi atingida no terceiro dia.

No meu entendimento, agora estamos guardando espaço só para o tipo especial de escória, sobretudo os homicidas que são burros o bastante para serem pegos no ato. Os incendiários, caso consigamos pegá-los. Aqueles que realmente podemos condenar com base num processo judicial. Todas as outras pessoas que estão em nossos registros como infratores conhecidos e sobre as quais talvez tenhamos ou não informações, seja de denúncias anônimas ou de informantes, nós visitaremos esta noite. Vamos dar umas festas surpresa de arromba. Não será suficiente, não será o que eles merecem, mas já será alguma coisa e, com sorte, eles vão se lembrar disso pelo resto de suas vidas na terra.

JEREMY RUBIO,

OU TERMITE,
OU FREER

3 DE MAIO DE 1992

16h09

1

Um, aranhas cravando as presas nos meus olhos. Dois, ser jogado para fora do viaduto 710 e cair de barriga no leito do rio Los Angeles com tanta força que todos os meus ossos quebram ao mesmo tempo. Três, encontrar estacionado num acostamento um ônibus municipal virgem que ninguém nunca pichou nem rabiscou antes, sem que eu tenha tinta para escrever meu nome nem o meu pincel atômico, nem meu riscador nem nada. Minha prima Gloria diz que eu tenho uma... como é que ela chama? Uma imaginação hiperativa. Ela tem razão. Eu tenho mesmo.

Mas isso que eu acabei de dizer? *Essas* são as três coisas que me apavoram *menos* do que ir até a casa onde mora o Big Fate, para prestar minhas condolências ao Ray e à Lupe pelo Ernie, e eu tenho pesadelos com essas três ideias o tempo todo.

Talvez eu ainda esteja meio chapado de hoje de manhã. Mas agora já esperei dias demais. Eu não queria ir nunca, para ser realmente sincero contigo. Só que, se eu não fosse, isso seria percebido. Além disso, preciso descobrir quando vai ser a cerimônia, porque ninguém ouviu falar de nada, e minha tia já perguntou duas vezes se vai ser uma missa católica.

Então estou aqui, parado no gramado da frente de onde o Ernie morava, um

gramado que meio que cheira à cola queimada por algum motivo, olhando para uma casa com tantos buracos de bala do que nem consigo contar. Me sinto enjoado olhando para isso, meio tonto. Nem sei como ele morava nesta casa.

Sei que não foi aqui que o Ernie foi ferido, mas ainda assim minhas pernas parecem de borracha, porque essa porra é de verdade e certamente não ajuda quando o meu walkman dá um rangido fazendo tipo *tec-tec*, e parece um trem nos trilhos quando muda de direção do lado B para o lado A da minha "Bombing Mix Tape, Vol. 6."

O lado B é inteiro de rap. O lado A são músicas de trilha sonora. Eu baixei bastante o volume porque este *não* é um bom bairro para você ser pego entrando numa casa. Apresento como evidência esta espetacular coleção de buracos de bala na minha frente. Na verdade, estou tentando contar quantos buracos tem aqui, quando a primeira música do lado A surge nos meus ouvidos e meio que me esmaga, porque eu sabia qual era mas esqueci.

É a música do *Star Wars* sobre a casa queimada do Luke. O tio Owen morreu. A tia Beru morreu. E agora eu tenho *essa* cena associada com o Ernie também porque a música tem tipo um — como é que chama? — um som choroso de trompete antes de as cordas entrarem e pularem para cima e para baixo na trilha como se fossem donas dela. Ainda está só na introdução, e já digo que o John Williams é *foda*. Fato.

Por um segundo, e é mesmo só por um segundo, meu cérebro troca de marcha, e eu penso em como seria difícil escrever meu nome em balas de revólver ou algo assim. Provavelmente impossível.

Desligo minha música com o botão de stop e ouço pessoas nos fundos, por isso sigo pela entrada de carros até ver pessoas no pátio. *Preciso tomar cuidado*, digo para mim mesmo. *Preciso ficar atento, ser respeitoso, e seja lá o que acontecer, preciso conseguir sair ileso.*

— Olha só quem é, o pichador — diz o Clever ao me ver.

Nós estudamos juntos no supletivo em Vista, eu e o Clever. Bom, pelo menos até eu largar a escola.

— Ei — cumprimento ele e todos os outros.

Tiro meu fone de ouvido mesmo não estando mais ligado porque é falta de

educação, e não posso parecer mal-educado aqui. Nunca.

Quando o Clever me chama de pichador, diz isso como se fosse superior a mim, como se os pichadores não valessem porra nenhuma, como se eu fosse um garotinho brincando de adulto.

Mas eu agora escrevo FREER, “mais livre”. Eu antes escrevia DOPE, ou seja, “droga”. Mas daí ouvi falar que alguém perto de Hollywood estava escrevendo isso também, por isso eu disse *foda-se* e parei de escrever. Depois disso passei a escrever ZOOM, que usei por tipo duas semanas e desisti, mas não porque outra pessoa estava escrevendo, e sim porque eu odiava como ficavam os meus Zs e não tinha graça escrever esses dois Os. Eles sempre pareciam só uns olhos gigantes de desenho animado. Olhos do *Garfield*.

Além disso, eu gosto mais de FREER do que dos outros dois, porque tem um monte de entradas e voltas possíveis com dois Rs e dois Es, mas também porque *significa* uma coisa. Na primeira vez que eu pensei nisso, fiquei obcecado, porque significava, tipo, *olha para mim, maluco, eu posso fazer essas loucuras porque sou muito mais livre do que você um dia achou que podia ser.* É como uma declaração. Se eu não fosse mais livre do que você, então como ia sair escrevendo meu nome onde quisesse?

Nas ruas as pessoas conhecem o FREER porque é ele quem está ligando o foda-se para tudo, mais do que qualquer um. Tirando talvez o CHAKA ou o SLEEZ. O trabalho desses caras é de outro nível. Mas para ser sincero, não é bem verdade que eu estou pouco me fodendo, principalmente neste bairro.

— Eu só queria dar os meus pêsames pelo Ernie — digo, e só para o caso de as pessoas conhecerem ele por um nome diferente, também digo: — Pelo Ernesto.

— Ah, você só queria dar os pêsames, é? — diz um grandalhão, acho que chamam ele de Apache.

O FREER dentro de mim quer dizer para ele que foi isso que eu acabei de dizer, mas apenas confirmo com a cabeça.

O Big Fate está na churrasqueira, enfiando termômetros em pedaços de carne, mudando salsichas de lugar, botando hambúrgueres dentro de pães em pratos e procurando pessoas para entregar. Tem umas pessoas meio que em fila pairando

em volta dele, esperando para conseguir comida...

Por um segundo eu paro e penso: *Elas são tipo o sistema solar dele, essas pessoas. Ele é o sol que elas giram em volta*. Eu provavelmente devia pegar meu caderno e anotar isso, porque eu gosto, mas minhas mãos ainda estão tremendo um pouco, e parece que tem um texugo revirando o meu estômago como se fosse um armário, como se ele estivesse com fome e procurando coisas para comer e ficando decepcionado.

O FREER nunca tem texugos no estômago. O FREER anota seus pensamentos sempre que tem vontade, cacete. E sabe, o FREER é até o tipo de cara que manda as pessoas esperarem para ele poder anotar coisas. Esse é o FREER. Mas eu, eu fico com as mãos nos bolsos durante a conversa.

— A Lupe está aqui? — pergunto.

O Fate me examina por um segundo.

— Nem — responde ele.

— Hum — digo —, você se importa se eu perguntar onde ela está? Quem sabe eu podia esperar, se ela for voltar.

— Ela está na casa da mãe dela — fala o Apache.

— Onde fica?

Não estou tentando me intrometer, só tentando dar os pêsames, sabe?

— Não posso dizer — responde o Apache.

— Ok — respondo meneando a cabeça em concordância. — Hum, então o Ray está aqui? Eu só queria, hum, prestar minhas condolências para a família, pelo Ernesto.

Eu talvez ainda esteja meio chapado. Mas, cara, umas *vibes* estranhas passam entre os olhares das pessoas quando eu falo o nome do Ray. Um lance pesado. O Apache olha para o Clever, e o Clever olha para o hambúrguer dele como se fosse algo que precisasse ser estudado, e o Big Fate aperta uma massa de carne na churrasqueira, onde ela cospe e chia.

— Então você sabe que essa fusão vai mesmo rolar, né? — diz o Fate.

É claro que ele vai mudar de assunto e mencionar a única coisa que eu venho temendo mais que tudo. Mais do que agulhas embaixo das unhas. Mais do que comer gafanhotos com molho de intestino de rato. Não estou tentando me tornar

um envolvido só porque a minha galera de pichadores está sendo absorvida pela *clica* do Big Fate. Eu *realmente* não estou tentando fazer isso.

— É — digo —, ouvi falar.

— Então você já fez sua escolha ou o quê?

Quando ele diz escolha, está falando de eu parar de pichar e desaparecer, ou continuar pichando e me juntar a eles. Mas o jeito como ele diz isso, para ele não é uma escolha. O que ele quer é que eu me junte. Eu tento não entrar em pânico, tento não suar mais do que já estou suando, por isso acho que preciso tocar no assunto da escola outra vez. Isso já me fez ganhar tempo com o Big Fate antes.

— Sabe, eu voltei a ir nas aulas do supletivo...

— Não, não voltou — diz o Clever, atropelando minha fala.

Cara. Ele me queimou direitinho. Eu olho para ele, e ele olha para mim e encolhe os ombros. Essa mina chinesa bonita que está atrás dele meio que me olha frio também, como se achasse que foi burrice minha dizer isso, e por um segundo eu nem me importo, porque eu totalmente comeria essa garota.

O Big Fate não desgruda o olho da churrasqueira.

— Você não voltou? — pergunta ele.

— Estou matriculado para o próximo semestre — digo —, estou só começando a voltar. Precisei resolver um probleminha antes. Mas estou tentando fazer a coisa certa. Tirar o meu diploma do segundo grau.

O Big Fate não está nem aí.

— Todo mundo sabe que a parada está mudando, e eu te dei um desconto até agora por causa do seu pai, mas esse prazo vence da próxima vez que eu te encontrar.

Meu pai está preso em San Quentin desde que eu tinha tipo onze anos, uns seis anos atrás. Minha mãe diz que ele era fodão, tinha a *juice card* por aqui e tudo o mais. Ele colocou o Big Fate no esquema, meio que treinou ele no que está fazendo. As pessoas diziam que ele era muito esperto. Mas acho que o Big Fate é mais esperto ainda, né? Porque *ele* não está passando a vida na cadeia.

Mas eu não sou meu pai e não estou tentando ser ele, nem o Big Fate, nem nada que tenha a ver com esta *clica*. Não importa se o meu nome veio de quando meu pai disse que eu conseguia comer qualquer coisa quando era criança, que eu

era que nem um térmite, um cupim. Esse nome agora não sou eu de verdade. Eu passei dessa fase. Agora sou o FREER.

E qualquer cara que realmente tem alguma arte, que se importa com as letras e em inventar novos estilos — que não é só um vândalo pela pura atitude foda-se, estilo *punk rock* —, eles são todos nerds e rejeitados. Todos eles. Eu também, cara. Adoro os *Cheech Wizards*, esses quadrinhos do Bodé. Adoro *Star Wars* e ainda tenho uns lençóis desbotados das naves de guerra *x-wing*. Sou viciado em fuçar nessas lojas de saldão de LP, quatro por um dólar. Não importa se o vinil está arranhado, fodido, o que for. Por esse preço, eles valem só pela capa. Eu prego elas com tachinhas na parede do meu quarto. Herb Alpert & the Tijuana Brass, cara. Martin Denny. Henry Mancini. Todas as trilhas sonoras que tenho vieram dali. Eu gravo em fita cassete no velho toca-discos do meu pai, porque ele com certeza não está usando. E só estou falando de mim. Todos os outros escritores são estranhos, cada um do seu jeito especial. Todos nós somos só umas criancinhas inteligentes e fodidas que nasceram no lugar errado.

Bom, isso não é totalmente verdade. Quero dizer, nem todos nós somos inteligentes. Alguns são só fodidos ou drogados, mas nós realmente temos fixação pelas coisas. Isso é uma má notícia também, quando não tem outros jeitos de a gente dar vazão além de escrever no mundo. Nenhuma via de escape além das vias públicas para mostrar o seu nome numa cidade onde a única coisa que importa é se você é famoso, onde a única coisa que importa é se você é branco e está num outdoor de seis metros de altura, ou no cinema, ou na TV. Mas esses caminhos não existem para mim. Eu sou mexicano, *raza*, a raça escondida.

Bom, escondida a não ser que você seja o Cheech Marin, ou o maldito do Jimmy Smits do *L.A. Law*. E eu não sou. Ninguém se importa comigo desse jeito. Nunca vou ter um rosto conhecido. Mas eu tenho letras. Tenho elas. Cinco letrinhas que, quando as pessoas veem, elas de algum modo veem a minha alma, e sabem que o cara que fez isso não está de brincadeira. Esse cara se esforça. Minhas letras dizem outra coisa também. Dizem que eu estou aqui, saca? Dizem que eu fiz isso. Elas dizem que eu existo.

Alguém abre uma porta de tela vindo da cozinha e grita para o Big Fate que tem um telefonema para ele, e ele manda a pessoa que atendeu o telefone pegar

recado, mas então a pessoa diz que é de alguém da rua, e ele para o que está fazendo.

— Traz a extensão até aqui então — diz ele para o cara, e daí se volta para mim. — Pode ir embora. Mas dá próxima vez que eu te encontrar, é hora de fazer uma escolha. Não importa quem é o seu pai. Se bem que seria bom ter você participando. Manter os negócios em família.

— Obrigado — respondo.

Não sei direito o que estou agradecendo, mas ele está com o telefone na mão agora, então eu vou recuando, acenando com a cabeça para o Clever, evitando o olhar do Apache e contornando a casa até a frente e depois até a calçada o mais rápido que eu consigo.

Porque se eu já não sabia disso antes de entrar de cara na Bandidolândia hoje, eu preciso sair dessa vida, tipo, sair totalmente. Sair de L.A., inclusive. Ir para o Arizona ou algum lugar assim. A irmã da minha mãe mora lá e é dona de parte de uma lavanderia a seco em Phoenix. Ela sempre escreve dizendo que é para eu sair, deixar esta vida para trás, e isso agora parece uma ideia excelente.

Só que para isso preciso de dinheiro.

Faço uma listinha rápida na cabeça de quem está me devendo. A lista começa e termina com o Listo. Posso vender umas coisas para o Fat John e para o Tortuga também, e talvez possa pedir para a Gloria. Isso já deve dar alguma coisa.

Só que primeiro o dinheiro legítimo. Eu trabalhei três dias na van do Tacos El Unico na semana passada, antes dessa coisa toda começar e eles fecharem a van. Mas o quiosque ficou aberto no meio de todo esse tumulto, 24 horas, e meu chefe não me colocou no turno. Mas eu sei de uma coisa sobre ele, e ele está prestes a saber que eu sei.

É isso que o FREER faria.

2

Eu aperto play e volto para a minha fita, e o John Williams começa a tocar de novo, só o final da música. Estou justamente começando a me acalmar enquanto eu ando, respirando fundo e tal, quando percebo como este lugar agora é uma cidade fantasma. Não tem ninguém fora de casa. Ninguém. Janelas fechadas. Ninguém regando ou cortando a grama. E acho que não é meu papel questionar isso, mas por que o Fate e eles estão fazendo um churrasco afinal?

Não pode ser porque eles estão bolando uma estratégia de como absorver grupos de pichadores. Isso seria assustador demais. Eu ando em silêncio por um instante, me sentindo pesado. Fico viajando em como o grafite evoluiu em L.A. Começou no leito do rio, na época em que estava sendo construído nos anos 1930, coisas riscadas pelos vagabundos, pichadas realmente com piche e essas paradas. Tem marcas dos caras de *zoot suit* daquela época. E com todo respeito à Costa Leste, mas eles não inventaram porra nenhuma. O CHAZ já estava fazendo o *Señor Suerte* numa época em que os malucos de Nova York estavam aprendendo a escrever o nome na parede como bebezinhos. Em L.A., nós sempre fomos mais avançados. Mas então as coisas ficaram loucas. Quando minha geração veio, o lance foi além da mera pichação. Era uma guerra de gangues.

Antigamente você só punha o seu nome e pronto. Rolava treta se alguém riscasse o seu nome ou escrevesse por cima dele, mas acabou virando outra parada, virou um novo monstro. Agora essa cena do grafite é basicamente o Velho Oeste porque minha geração está dominando as ruas. Não são só mais os pioneiros e esses caras que querem fazer grandes peças com letras preenchidas que não incomodam ninguém. Os caras da minha idade, a maioria de nós vem de lugares ruins, e nós não gostamos de ser desrespeitados. É assim que o grafite ficou violento. E quando ficou perigoso pichar sozinho, as pessoas começaram a sair juntas para pintar em grupos, e no fim esses grupos ficaram maiores e mais unidos e formaram galeras, e se a galera ficava grande o suficiente, virava uma

clica com diversas galeras espalhadas por aí.

É assim que as gangues de pichação viraram tipo um novo dente no garfo do grafite em L.A. O lance sofreu uma mutação e virou uma coisa completamente nova, essa mistura estranha entre a pichação e a vida de gângster, onde a linha divisória entre as duas só fica cada vez mais bagunçada. Pichadores carregando armas para se proteger ou atirar em alguém que está desrespeitando, pichando por cima das coisas deles? Porra, isso é totalmente real. Eu tenho uma arma, uma .22 pequenininha que é fácil de esconder e eu posso jogar fora se precisar. Só não trouxe comigo porque a última coisa que eu precisava era o Big Fate decidir que eu tinha que ser revistado, e daí como ia ser? Ter que explicar isso? Não, valeu.

Tenho uma sensação no fundo do estômago, é como se minha vida nunca mais fosse ser a mesma. Parece que engoli um monte de pregos, e eles estão só rolando de um lado para o outro dentro de mim. Tipo, você sabe que é ruim, você sabe que a situação saiu do controle quando um nerd como eu está armado. E eu não sou o único. O lance está tão descontrolado que todo mundo percebeu. Agora os pichadores estão com a cabeça a prêmio. Pressão dos patrões acima do Big Fate para colocar na linha essas galeras de pichadores renegados, porque alguns deles estão basicamente fazendo coisa de gângster de qualquer modo, atirando em pessoas por causa de território para pichar e sei lá mais o quê.

Na verdade não é tanta loucura pensar em legislar eles, porque algumas galeras de pichadores são tão grandes que chegam a ser gangues de verdade. Por grandes quero dizer tipo quatrocentas pessoas. Simplesmente não dá para deixar tantas pessoas correndo descontroladas por aí. Isso fode com os negócios. Tenho certeza que essa é a opinião do Big Fate. De qualquer modo, provavelmente é mais seguro para todo mundo que esse lance seja um pouco mais regulado no sistema das gangues, e se você acha isso tranquilo, e alguns acham, então tudo bem, mas eu não acho. Nem fodendo. Não vou perder minha liberdade desse jeito. Não vou ser forçado a fazer essas paradas de gangue só porque eu quero pintar.

Tem uma pausa no meu fone de ouvido quando eu ouço a bobina girando, fazendo um barulhinho leve de tecido raspando, antes de entrar o tema de *Por*

um punhado de dólares. Essa é justamente minha música para passear, cara. Não posso mentir. Está na fita porque é mais trompete. Tenho curtido trompetes ultimamente. Não sei por quê. Eles simplesmente me convencem, acendem alguma coisa em mim. Como cachorrinhos cutucando as minhas costelas com o focinho. Um lance bom, quente. É essa a sensação quando um trompete bem limpo chega ao meu ouvido.

Mas essa sensação escorre pelo meu corpo e vaza pelos dedos dos pés quando eu levanto a cabeça e vejo um lance que é tipo um caminhão-tanque vindo pela rua. Caminhões grandes, encouraçados, é isso que eles parecem. São dois. E, cara, estão vindo rápido pra cacete! Eu meio que congelo na hora, afinal que mais eu posso fazer? Rezo para que eles passem reto por mim, passem reto sem nem olhar para mim. Mas não é isso que acontece.

Eles param na rua bem do meu lado!

Eu arranco o fone de ouvido quando escuto o barulho dos freios, e algum tipo de porta traseira deve ter aberto porque ouço um estrondo de metal e então quatro caras saíram e...

Puta merda! Uns caras usando capacete e um equipamento sinistro apontam as armas para mim. Nunca senti tanto medo na vida. Eu só meio que caio para a frente de joelho e coloco as mãos para cima, tá ligado? Bem para cima, porque não dá para querer sair correndo e escapar dessa. O texugo voltou e está tocando o terror com as suas garras dentro do meu estômago, tão forte que meu coração se desespera e corre para dentro da garganta para fugir dele, e fica parado ali, bem no meu pomo de adão, latejando.

— Deita no chão — diz um deles.

Ele está segurando um lance, como é que chama? Uma arma gigante que eu sei o nome, mas esqueço quando está a uns poucos centímetros do meu rosto. Uma arma militar. Uma arma comprida com uma alça em cima.

E ele diz isso com uma voz tão baixa e tranquila que eu fico ainda mais apavorado. Eu deito, estirado no gramado de alguém. Tem um punhado de dentes-de-leão perto do meu rosto com esses fiapinhos brancos em cima, e bem do lado tem um cocô velho de cachorro, por isso eu viro a cabeça para o outro lado para não ter que ver nem cheirá-lo.

— Abre os braços e as pernas — ordena a mesma voz.

Eu não devo ter feito isso rápido o suficiente, porque bem depressa tem um metal duro e frio forçando minhas pernas a abrirem mais e meus braços a esticarem, e é então que eu me toco que eles estão usando os canos das armas para isso, para empurrar meus braços e pernas, e eu quero vomitar na grama nessa hora, porque e se um deles escorrega o dedo e eu levo um tiro?

Minha garganta está seca.

— Por favor, não atira em mim — peço, e é tudo que consigo dizer.

— Você tá com alguma arma? — indaga a voz.

Eu balanço a cabeça para dizer que não. Eles me revistam assim mesmo.

Eu digo *eles* porque parece que são quatro mãos.

— Vou precisar que você fique deitado e conte até duzentos. Pode começar — diz a mesma voz, depois que eles não encontram nada.

Eu faço que sim com a cabeça

— Um, dois, três, quatro...

No pescoço eu ouço o começo da música “Everybody Wants to Rule the World” da trilha sonora de *Academia de Gênios*. Percebo pela guitarra e os sintetizadores. E é só isso que eu consigo ouvir. Esse ritmo bem baixinho na grama. Por um segundo eu fico bolado com a bizarrice dessa porra tocar logo agora, mas então já estou concentrado em outra coisa.

Eu nem olho para cima, mas ouço botas correndo para longe, e então ouço os dois lances tipo caminhão andando de novo na rua. Eles passam por mim enquanto eu vejo eles seguirem em frente. O primeiro, puta merda, o primeiro vira e vai para a entrada da casa de onde eu acabei de sair. Eles vão pegar o Big Fate! Ai, Jesus, caralho. Isso é ruim. Isso é muito, muito ruim.

— Dezenove, vinte, vinte e um...

A outra coisa tipo caminhão para na rua, e mais quatro caras com metralhadoras pulam para fora e correm até a casa. Dois deles dão uma ombrada na porta da frente, e ela cede com um rangido horrível e um estrondo alto pra caralho antes de eles entrarem com as armas em riste.

— Trinta, trinta e um, trinta e dois...

Eu paro de contar nesse momento. Olho em volta e não vejo ninguém perto

de mim. Nenhum cara do exército, nada. Mas a manga da minha camisa está bem na bosta de cachorro. *Eca*. Eu levanto bem devagarinho, e ninguém diz nada, então eu corro, já que não tem ninguém para me impedir.

Porra, cara. Meu fone de ouvido está balançando em volta do pescoço quando eu agarro ele e enfio no ouvido e acelero o passo, porque agora estou na merda. Estou *literalmente* na merda.

Estou tomando de tudo quanto é lado, cara! Todo mundo está fodendo comigo. Tem minha tia me dizendo a cada dois minutos que eu vou acabar morto como o Ernie se não parar de pichar, e ela não presta atenção quando eu digo que o Ernie não estava pichando, que ele nunca pichou nem nada disso. Mas isso não é uma coisa que ela entende ou vá entender um dia.

Por outro lado tem o Big Fate me pressionando a me juntar a eles, e o tempo para isso está correndo. E agora, por mais um outro lado, tem isso? Soldados pulando em cima de mim, me jogando no chão? Soldados chegando com tudo no Big Fate e fazendo uma propaganda perfeita de por que você não deve fazer parte de uma gangue, porque sempre tem alguém maior e pior que você na outra esquina, alguém que pode ferrar contigo mais rápido do que você já conseguiu imaginar?

Merda. Eu sinto mais do que *nunca* que devia ir embora de L.A.

3

Você só percebe como o dia está bonito no momento em que acha que vai morrer. Mas agora eu olho para cima depois de vários dias de fumaça e descubro que consigo ver o céu de novo através de algumas nuvens, e ele é azul. Bom, é tipo um azul acinzentado. Mas está quente. Mais de vinte graus, provavelmente. E embaixo desse céu na Atlantic com a Rosencrans, no telhado do prédio onde fica o quiosque do Tacos El Unico num shopping pequeno, está um cara de óculos escuro, com um rifle automático e um colete à prova de balas.

Esse é o Rudy. Ele é guatemalteco. Mas ele é legal. Faz a segurança para nós. Só que nunca o vi com esse tipo de equipamento, e não sei onde ele arranjou. É meio perturbador, se você quer saber a verdade. Eu aceno para ele, e ele não acena de volta. Ele me cumprimenta com a cabeça. Eu me pergunto quanto tempo faz que ele está ali em cima. Quero dizer, o El Unico está sempre aberto, mesmo com esse tal toque de recolher. Ele deve estar se revezando com alguém, eu acho.

Antes de chegar até a porta, cumprimento o James-Sem-Teto, o cara que está parado no estacionamento, apoiado na bengala. O James é doido, mas é tranquilo. Ele vem bastante aqui. O Ernesto costumava dar comida para ele, sem fazer perguntas. Sabe, essa porra era descontada do contracheque dele, e eu sempre falava para o Ernie, dizia, você sabe que assim fica difícil economizar quando você está tentando juntar um dinheiro, né? Ele sempre falava para eu não me preocupar. Um ou outro taco não ia prejudicar o sonho dele, e isso ajudava as pessoas, portanto sempre valia a pena. Só de lembrar de ele dizendo isso, eu balanço a cabeça.

— Ei — fala o James para mim —, você sabe onde está o Ernesto?

Ele para de me dar atenção quando eu digo que não sei. Eu me sinto mal de não contar para ele o que aconteceu com o Ernesto e tal, mas não quero fazer esse cara sem-teto se sentir mal. Ele gostava bastante do Ernesto, e dá para ver

que a vida dele tem sido foda, e eu não quero piorar a situação nem assumir a responsabilidade de alimentá-lo como o Ernesto fazia quando já estou planejando ir embora. Dou tchau para o James, e ele me dá tchau enquanto eu vou na direção da porta da frente.

Lá dentro tem uns caras da Guarda Nacional sentados, comendo. Eles me dizem “e aí”, e de início eu penso “que foi que eu fiz?”, mas eles estão dando oi para todo mundo que entra. Só que eu continuo falando com eles. Nem todo mundo fala. Eles dizem que descolaram uma comida grátis e está *muito gostosa*. Os melhores tacos e burritos que eles já comeram, eles dizem, e faz sentido, porque eles são na maioria brancos e negros e sei-lá-o-quê, mas dá para ver que não tem ninguém fazendo comida mexicana para eles em casa.

Eles dizem que são da Companhia C, estacionados em Inglewood. Terceiro Batalhão, 160ª Infantaria, eles dizem. Estiveram aqui quase o tempo todo e apontam com um gesto para o outro lado da rua. Eu olho para uma loja de conveniência da 7-Eleven perto dali, e vejo uns sacos de areia e umas coisas na esquina onde tem mais quatro deles, e dessa distância não dá para saber, mas, mesmo de uniforme, eles ainda me parecem *cholos*. É só pelo jeito que eles estão parados. Nesse ponto, os guardas no restaurante não conseguem mais deixar de comentar e dizem que eu estou fedendo pra burro, e no começo não sei o que eles querem dizer com isso, mas então eu lembro da bosta de cachorro e peço desculpa e me agacho atrás do balcão.

Eu aceno com a cabeça para o cozinheiro que está trabalhando e começo a lavar a manga da minha camisa de flanela com sabão e água tão quente que me queima um pouco. Lavo bem as mãos também, porque estar aqui me lembra muito do Ernie, de como ele costumava chamar minha atenção e tudo mais.

Nós não trabalhávamos muito aqui, trabalhávamos principalmente na van, mas às vezes calhava de ficarmos juntos no quiosque, e ele me azucrinava infinitamente porque eu não lavava as mãos. Acontece que a tinta em spray gruda mesmo na mão. Eu sempre lavava depois, e a cor saía da pele, só que ficava nas unhas. Eu fazia o maior esforço para tirar, mas no fim acabava desistindo e ia cortar coisas para ele. Tomates. Carne. Alface. Enfim. Mas a primeira coisa que ele fazia era sempre olhar minhas mãos e me dar uma bronca.

— O que você está fazendo, cacete? Por que não lavou as mãos? — perguntava o Ernie.

— Eu *lavei* as mãos — respondia eu. — Elas estão limpas.

— Então como é que as suas unhas ainda estão azuis? Como você explica isso?

— Elas estão *limpas*.

— Escuta, se alguém te entrega um prato e tem tinta na mão da pessoa, você vai querer comer? É nojento, cara. Não faça isso. Não é profissional.

— O que você sabe sobre ser profissional? — perguntava eu.

— Escuta — dizia ele, e agora o tom de voz era diferente, mais calmo —, eu não sou seu pai. Não estou dizendo o que você deve fazer com a sua vida. Se você quer pintar quando está de folga, tudo bem. Pira à vontade. Divirta-se. Mas quando você fizer dezoito ou dezenove, talvez precise pensar em largar esse lance do grafite, porque é o tipo de coisa que faz você cumprir pena, e eles não gostam desse lance por aí.

O Ernie sempre foi minha voz da razão, sempre me falando a real o tempo todo. Eu não queria muito prestar atenção nisso, tá ligado? Agora que ele morreu, acho que preciso ser minha própria voz da razão, o que é difícil, porque eu meio que não quero. É foda.

Eu começo a secar as mãos com as toalhas de papel antes de enrolar uma delas dentro da minha manga para parecer que é branca na ponta. Fico olhando para a pia durante alguns segundos antes de ir até os fundos e pedir para sentar para conversar com o meu chefe.

Ele tem uma mesinha dentro de um depósito de material. Ele é um tanto *paisa*, por isso adora ficar sentado atrás da mesa e conceder audiências. Não sei de onde vem essa palavra. Talvez a gente tenha roubado do italiano *paisano* e transformado numa palavra espanhola ou algo assim. Para nós, no entanto, significa alguma coisa parecida com *recém-saído do barco* para os orientais, eu acho. Alguém do país antigo que ainda age desse jeito, alguém que ainda não é americano, ou talvez nunca se torne.

Meu chefe é um cara do bem. Às vezes você só precisa lembrar isso a ele. Pelas costas a gente chama ele de Listo-Listo, porque antes do expediente ele

sempre pergunta se a gente está pronto, de um jeito superirritante todo dia, tipo, *"¿Listo, listo?"*

Ele se repete desse jeito o tempo todo. Tanto que você começa a sentir que ele não acha realmente que você está pronto, portanto está sempre lembrando você de se aprontar. Sei lá. Sentado na frente dele, eu sorrio. Ele gosta quando você chama ele de *jefe*, por isso eu começo assim.

— *Jefe* — digo —, eu trabalhei na semana retrasada e depois na segunda e na terça passada, e na quarta você mandou eu e o Ernesto irmos embora depois da van, então...

Em espanhol, ele me diz que lamentou muito quando ficou sabendo do Ernesto, mas isso na verdade não é da conta dele, e falando nisso, a situação agora está apertada porque os bancos não estão abertos. Talvez amanhã ele possa me pagar, ele diz.

Só que eu vejo que ele está mentindo para mim. Trabalho aqui há tempo suficiente para saber que a gente faz a maioria das vendas em dinheiro, e é assim que rola quando você serve muita comida para pessoas que talvez nem tenham documentos, portanto fluxo de caixa com certeza não é nosso problema. Se calhar, tem até dinheiro demais parado no cofre, porque os bancos estão fechados, e ele está nervoso por isso. Isso ajudaria a explicar o Rudy com a arma no telhado, afinal.

O mais tranquilo que consigo, pergunto sobre a mulher dele, e ele diz que ela vai bem, então quando ele diz isso, faço questão de perguntar sobre a namorada dele, e ele congela na hora, porque sabe de quem estou falando. Uma noite, dois meses atrás, enquanto eu estava jogando o lixo na lixeira, vi alguma coisa acontecendo no carro dele e achei que alguém estava tentando roubá-lo, então fui de mansinho até lá e acabei vendo uma coisa que eu não precisava ter visto, mas ainda bem que eu vi. Tipo, como é que eu ia saber que ele ia estar comendo uma menina por trás no banco do carro?

Melhor ainda, eu sabia quem ela era. Uma tal Cecilia. Não sei o sobrenome, mas eu já tinha visto ela por aí, principalmente com aquele cara de cabelo encaracolado e rosto cheio de marcas, um tal de Momo. Esse aí é encrenca da brava, cara. Sempre pede tacos de *lengua*. Adora uma língua de vaca coberta de

salsa verde, tipo, tanto recheio que o taco basicamente desmorona na mão dele, e quando isso acontece, ele pega o recheio com a batata frita. Não me pergunte por quê.

Eu comento com o Listo que talvez o Momo tenha sido responsável pelo que aconteceu com o Ernesto, e o que ele faria se soubesse que meu chefe estava com a namorada dele? Eu meio que deixo a pergunta ficar pairando no ar, e ele engole em seco quando pensa no assunto.

Não me sinto bem fazendo isso, mas acho que o Ernesto não ficaria bravo comigo, porque o Listo tentava sacanear ele com o dinheiro também.

— Não sei do que você está falando — diz o Listo, e o olhar dele parece meio de pânico.

— Você é que sabe, *jefe* — respondo. — Eu acredito em você, cara.

O Listo não gosta nem um pouco de fazer isso, mas sai da sala e volta com duzentos e noventa e um dólares em dinheiro, e diz que teve que descontar os impostos e não sei o quê. Eu não brigo com ele. Agradeço e vou embora. Ele não fala para eu não voltar mais. Mas essa é a ideia.

Estou tranquilo. Essa porta está fechada para sempre, mas já é um começo. Eu tenho um ovo no meu ninho. Agora só preciso fazer ele crescer e chocar.

4

O Tortuga, o Fat John e eu estamos de pé na garagem da minha prima Gloria, onde às vezes a gente se encontra antes das missões. Eu abro para a gente com a chave que eu sei que a Gloria deixa na lateral da casa, num buraquinho no estuque que ela tampa com uma pedra. Falo para ela não fazer isso, que não é seguro e que algum dia alguém vai roubar o carro dela, mas ela continua fazendo. Achei que ela fosse aprender, mas às vezes as pessoas não aprendem a não ser que aconteça alguma coisa ruim.

— Por que a gente está aqui outra vez? — pergunta o Fat John. — Eu sei que não é pra dar um oi pra sua prima e pro peitinho gostoso dela.

— Peraí — digo, concentrado demais para ficar puto com o comentário sobre o peito da minha prima.

Mas antes de conseguir dizer o que quero dizer, o Tortuga me dá um tapinha no ombro e acena para mim com a cabeça.

— Bom, pensei que a gente estivesse aqui porque a bruxa tá solta lá fora — diz ele. — Ouvi falar que o Puppet, aquele camarada do seu primo, botou fogo num mendigo! Simplesmente, tipo, tacou gasolina nele, acendeu um fósforo e *whoosh*!

Merda. O Sleepy realmente tem um camarada doidão viciado que se chama Puppet, e eu já encontrei com ele. Ele é encrenca, cara. Eu olho para o Tortuga por um segundo, e a única imagem mental que eu tenho é do James sendo devorado pelo fogo. Esse lance é nojento, cara. Deixa o meu estômago embrulhado. Esta cidade inteira atingiu oficialmente o estado de insanidade. Mais uma vez, sei que preciso sair dessa porra. Agora mesmo. Hoje.

— Isso é mentira — falo. — Além disso, a gente não está aqui para ficar contando história e fazendo fofoca como um bando de mulher. Estamos aqui para fazer negócios.

Eu não esperava que a Gloria já tivesse voltado do trabalho, mas o Geo Metro

pequeno dela está bem ali no meio da garagem, mais vermelho impossível. Ele meio que bloqueia a passagem, por isso eu subo no porta-malas, ele amassa um pouquinho com o meu peso, mas volta ao normal quando eu saio, e aí entro embaixo da bancada de ferramentas embutida da qual ela nunca nem chega perto e tiro a velha sacola do exército do meu avô, que é verde-oliva e mais alta que eu. Ela faz uns barulhos metálicos enquanto eu a arrasto pelo concreto.

— Isso é o que eu estou achando? — pergunta o Tortuga.

Quando termino de arrastar a sacola de volta por cima do carro, eu solto ela no chão da garagem manchado de óleo.

— Olha só essa parada! — digo ao abrir o zíper.

— Puta que o... — exclama o Fat John, com cara de que não acredita no que está vendo. — Que porra é essa, cara?!

— Você é uma lenda por isso, amigo — afirma o Tortuga.

— É mesmo — diz o Fat John —, *é mesmo*.

A gente fica parado lá por um minuto, contando as latas. Tem quarenta e sete latas de tinta em spray nessa sacola, e a única vez que a maioria das pessoas já viu tantas latas juntas foi na loja. Eu tenho principalmente Krylons, prata e preto, para manter no estilo dos Raiders. Tenho trinta dessas. O resto são latas pequenas Testor, vermelho, azul e branco.

Eu estava estocando para sair dessa vida com um final explosivo. É óbvio.

— Bom, porra — diz o Tortuga —, agora eu sei o que você estava fazendo enquanto todos os outros estavam ficando na miúda. Só passando a mão numas latas.

Roubar latas é exatamente o que eu estava fazendo. Colei na Ace Hardware, enfiei dentro de uma mochila tudo o que consegui pegar, e saí correndo. Até agora o Fat John e o Tortuga nem sabiam que eu tinha alguma tinta.

Não sou burro a ponto de mostrar tanta tinta ao mesmo tempo para esses pichadores dementes. A gente é amigo, claro, mas eles iam me sacanear. Iam ficar bêbados e quebrar uma janela se um deles fosse magro o suficiente para entrar espremido pela abertura e agarrar a sacola inteira. É também por isso que não vou contar para eles que preciso vazar urgentemente dessa cidade, porque quanto menos gente souber, melhor.

— Eu tenho bicos também — digo, tirando um saquinho cheio de bicos de limpador de vidro, amarelos e azuis e roxos, que você pode colocar nas latas de spray para fazer a tinta espirrar com diferentes técnicas e estilos.

Um é um bico de Windex onde eu enfiei um monte de agulhas, e quando você usa, a tinta se espalha muito bem. Eu escolho esse e coloco no bolso. Esse eles não podem usar. É especial. Demorei um tempão só para descobrir como modificá-lo do jeito certo.

O Fat John às vezes vende erva. Eu sei que ele tem dinheiro vivo.

— Um dólar por lata — digo. — Vou até dar alguns bicos de brinde.

Os dois olham para mim como se eu estivesse doido, mas então o Tortuga pergunta se eu tenho pincéis atômicos, e eu digo que não, só tinta em spray. Ele concorda com a cabeça, tipo, beleza, e então começa a fazer contas em silêncio, então eu deixo.

Eu escolho primeiro as latas que quero. Dez latas nas cores favoritas do Ernesto: preto e prata. Depois disso, a gente divide o resto rapidinho. O Fat John fica com vinte e o Tortuga pega o resto. O Fat John tem que pagar a parte do Tortuga, mas só quando o Tortuga promete dar a grana para ele na semana que vem, junto com uns bolos e umas coisas da *panadería* da mãe dele quando ela abrir de novo, o que parece um negócio justo.

Eu embolso os trinta e sete dólares e somo isso com o dinheiro do El Unico, ficando em trezentos e vinte e oito no total. Agora que acertamos os negócios, o Fat John pergunta o que vai acontecer com a nossa galera quando rolar a fusão com a *clica* do Fate. Ele também está preocupado.

Nós três somos parte de uma *clica* que é parte de uma galera maior. Uma galera que começou bem longe daqui e agora parece ainda mais longe. Unidos ou não, eles são só pichadores e não podem nos proteger de sermos absorvidos por uma gangue. Para ser sincero, não sei como o fato dos soldados terem colado no Big Fate muda esta situação. Talvez mude, só que talvez não mude, e acho que não quero ficar esperando para descobrir.

— Topar ou não topar — digo. — Na verdade essa é a única escolha que existe agora.

— Tipo — fala o Tortuga —, mas a gente não pode ligar para os patrões?

— Eles não estão respondendo mensagens no *pager* porque estão agindo no Northeast, mas nem acho que isso importa agora — respondo. — Nós moramos em Lynwood. Eles não moram.

— Verdade — diz o Fat John —, isso é verdade.

— Então o lance está suspenso até a gente largar a galera e entrar para a vizinhança deles? — pergunta Tortuga.

— Basicamente — digo.

— E você tem certeza — pergunta o Fat John — de que não quer se juntar? Mesmo sendo a antiga vizinhança do seu pai e tudo mais?

— Ei — respondo —, eu não vou fazer isso para sempre, mas agora o meu lance é esse. E por que você acha que eu faço grafite, afinal? Não gosto que os outros me digam o que fazer. Como assim, eu vou entrar para a *clica* do Big Fate e ter um monte de cuzões novos me dizendo o que fazer e como viver?

— Qual é o problema? — indaga o Tortuga. — Você não quer terminar como o seu velho, trancado vinte e três horas por dia, trepando com uma meia enfiada num rolo de papel higiênico?

Eu não ataco de volta verbalmente. Mando um olhar muito feio para o Tortuga, tipo, *tá certo, seu cuzão, dessa vez vou deixar passar*. Como funciona esse lance do rolo de papel, acho que você não quer saber. Quando eu descobri, queria não ter sabido.

Então eu mudo de assunto. Falo para eles que todo mundo me conhece como um *bomber*. Mas eu quero fazer peças mais sérias também, só que tipo ilegal.

Eles concordam com a cabeça como se eu estivesse pregando um sermão.

— Como você vai fazer isso com a nossa cabeça a prêmio? — pergunta o Tortuga.

— Tenho um plano — retruco.

— Que plano?

— Depois eu conto. Agora preciso ir falar com a minha prima.

— Com certeza — diz o Fat John agarrando o próprio pau.

Eu dou um soco no estômago dele, de brincadeira só que forte, tá ligado? Para ele saber que não pode mais ficar insinuando essas merdas para mim sem levar o troco. O Tortuga ri, e a gente se despede. Quando eles vão embora,

espero uns bons cinco minutos e confiro as janelas da porta da garagem para garantir que eles não estão parados lá fora nem nada, espiando para ver se eu tenho mais tinta e só estou escondendo.

Eu não tenho, aliás. Mas eles achariam que sim.

Depois disso, eu jogo as dez latas para o Ernesto na minha mochila e tiro outra coisa da sacola, uma coisa que eles não viram.

É a arma que eu posso jogar fora se precisar, uma pistola .22 preta, porque cuidado nunca é demais. Depois de enfiar ela bem firme atrás do elástico da calça, eu a cubro com a camisa, aperto o cinto, e entro para fazer uma surpresa para a Gloria.

5

Quando eu entro, a Gloria está no telefone, enrolando o fio no dedo como se fosse uma fita ou algo assim. Ela leva um susto quando eu fecho a porta dos fundos e me olha como se eu tivesse pisado na barra do vestido dela.

O telefone está preso na parede da sala de estar, e ela dá um passo para a frente e tenta me enxotar da cozinha, mas o fio é curto demais, e então ela leva um puxão para trás e levanta com uma cara zangada, principalmente quando eu dou um sorriso para ela e abro a porta da geladeira para pegar o que tiver lá dentro.

Vejo pizza de queijo embrulhada em plástico, porque a prima Gloria é sem graça e não gosta de cobertura na pizza, e vejo comida chinesa em caixinhas brancas, e depois vejo uma coisa que vale a pena ver. Tem uns *tamales* que sobraram dos que a mãe dela fez para o Natal.

A Gloria deve ter descongelado eles do freezer uma noite dessas, mas não conseguiu terminar de comer, porque eles estão onde geralmente ficam os ovos. Eu escolho um e rezo para que seja de milho verde, *queso* e *jalapeño*, mas quando cravo os dentes nele, descubro que é de porco, sem graça.

A minha prima faz um gesto meio frenético com a mão para eu ir embora e parece decepcionada quando vê que eu não vou. Em vez disso, eu devoro o *tamale* inteiro em duas mordidas sem usar um prato. Então ela me olha feio, e depois disso a voz dela fica bem baixinha no telefone, e ela sussurra para a pessoa do outro lado pedindo mil desculpas, mas ela tem que ir, e até logo, e então ela desliga e vem até mim com a mão erguida.

Ela tenta bater e erra, e eu cometo o erro de dar risada, porque é nessa hora que ela me acerta em cheio na bochecha. A Gloria me acerta com força. Tipo, *bam*. Eu até vejo umas estrelinhas.

— Ei, isso não é legal — digo enquanto esfrego a parte do maxilar que está ardendo. — Não é atitude de uma dama, tá ligado?

Ela pega uma caneca e dá um gole.

— Tanto faz. Você não foi convidado — diz ela.

— Eu sou da família — digo, e dou de ombros. — Tipo, o que sua mãe ia dizer se eu contasse para ela que você me bateu?

— Ela ia dizer que você provavelmente mereceu.

— Minha tia nunca ia dizer isso.

— Ia — fala a Gloria —, ia *sim*.

Nós olhamos feio um para o outro por um instante antes de eu perguntar se ela tem algum dinheiro que possa me dar.

— Não tenho dinheiro — diz ela.

— Claro que tem — respondo —, você estava guardando para comprar uma TV e tudo o mais.

Ela baixa a cabeça.

— Esse dinheiro não existe mais, Jermy — diz ela.

A Gloria me chama de Jermy quando está falando sério, por isso eu recuo um pouco. Ela molha um pano e passa no chão onde eu estava comendo o *tamale*, pois devo ter sujado. Depois de jogar o pano dentro da pia, ela me diz que precisou gastar todo esse dinheiro numa coisa, mas não quer me dizer o que foi. Ela diz que um dia vou entender.

Depois disso ela me dá dez dólares, mas diz que é só o que ela tem, porque ela e os colegas ganharam um bolão de raspadinhas no trabalho. Eu a vi mexer na bolsa e tal, então sei que ela não está mentindo. Dez dólares é realmente tudo o que ela tinha. Estou com trezentos e trinta e oito então, o que deve ser mais ou menos suficiente para eu chegar até Phoenix e começar uma vida, eu acho. Pelo menos espero que sim.

— Certo, você viu o Aurelio por acaso? — pergunta depois que me entrega a nota.

O irmão menor dela é dois anos mais velho que eu, mas eu não chamo ele de Aurelio desde que a gente era criança. Sleepy, com certeza. Sleeps. Sleep Machine. Sleepertón, eu chamo ele às vezes. Mas não Aurelio. Isso nunca.

— Não vi o Sleepy e nem tenho notícia dele. Por quê? Você acha que ele está aprontando por aí ou tipo isso?

Ela dá de ombros, o que significa que sim, não só ela acha isso, como também está preocupada. *Constantemente*.

Decido mudar de assunto para não ter que ouvir ela falar sobre isso por vinte minutos.

— Cadê a Lydia? Cadê o rapazinho?

— Estão juntos — responde a Gloria. — Ela levou o Mateo no Chuck-&-Cheese para me dar um sossego.

— Ei — digo, mudando de assunto outra vez —, posso pegar seu carro emprestado?

Ela me dá uma bela e longa olhada por cima da caneca branca de chá que ela deve ter ficado bebendo enquanto falava no telefone. A caneca diz: GILROY: CAPITAL MUNDIAL DO ALHO. Tem um desenhinho de uma cabeça de alho também. Tudo enfeitado com um contorno verde.

— Para quê?

— Uma parada — digo.

— Então é para fazer essas suas bobagens de grafite.

— Não — respondo, e acho que falo de um jeito bem tranquilo, bem genuíno, mas sim, é para grafitar.

Obviamente, é.

— Desculpa, primo — diz ela. — Não posso. Tenho um encontro.

Até onde vai minha memória, não lembro da Gloria tendo um encontro.

— Com quem? — pergunto. — É aquele cara, o Cookie Monster?

Estou zoando, obviamente, porque o Cookie Monster é da vizinhança e pesa uns cento e cinquenta quilos, arredondando uns hambúrgueres para cima ou para baixo, mas ela me atira uma banana da fruteira no balcão, e quando eu abaixo para desviar, a banana bate na porta da garagem e cai no chão.

Enquanto eu recolho a banana e coloco de volta na fruteira, fico azucrinando ela para me dizer com quem ela tem um encontro, e continuo fazendo isso durante três minutos, mas ela de repente fica muito séria e não quer me dizer. Só meio que dá um sorrisinho e enrola o cabelo como estava enrolando o fio do telefone.

No fim ela me dá uma cortada.

— Preciso tomar banho — diz. — Ai de você se ainda estiver aqui quando eu sair.

Eu concordo com a cabeça, porque posso fazer isso, e quando ela sai da cozinha, eu fuço na bolsa dela e pesco as chaves do carro, aquelas com um amuletinho da Madre Teresa no chaveiro. Eu me sinto mal de deixar ela a pé, mas não tão mal. Ela vai entender quando eu estiver são e salvo em Phoenix e contar para ela que fiz tudo isso porque não queria entrar para uma gangue. Ela vai achar bom. Talvez não hoje. Mas algum dia. Eu sei que vai. Ela me ama. Ela quer que eu fique em segurança.

6

Eu não sou um completo idiota. Sou um pouquinho, mas não completamente. Primeiro eu tiro a cadeirinha do Mateo do banco de trás e coloco no chão, mas não em cima de uma mancha de óleo nem nada. Depois disso, subo a porta da garagem o mais silenciosamente que consigo, coloco o carro em ponto morto, empurro ele para fora, fecho a porta da garagem, tranco, coloco a chave de volta no buraco com a pedra, então dou partida no motor e saio dirigindo. Preciso chegar na casa da minha tia e fazer as malas depressa antes que a Gloria descubra que eu peguei o carro e ligue para a mãe dela e as duas comecem a pirar comigo. É meio complicado.

Eu moro com a mãe, o pai e o irmão da Gloria, o Sleepy, mas o pai dela só passa uns oito dias por mês em casa porque ele é motorista de caminhão, e o Sleepy nunca está por lá, então geralmente sou só eu e minha tia Izel. Ela e a Gloria na verdade não se dão muito bem porque a Gloria não é casada e teve um filho em pecado com um traficante, e agora ela e o meu priminho de segundo grau estão morando com a Lydia na casa que a avó deixou para elas. Estou com a tia Izel agora porque minha mãe voltou para o México. Ela me deixou na Califórnia porque achou que eu tinha mais chances de ser alguém aqui do que lá. Minha tia em Phoenix, aquela que eu falei para você? Essa é irmã da minha mãe. Então, enfim, como eu disse, é *complicado*.

Assim que viro a chave na ignição, pula um musical do alto-falante, e ainda pior, eu sei o que é porque a Gloria já me obrigou a ouvir isso antes, essa música "America" do *Amor, Sublime Amor*. Ela diz que é inteligente e bem escrito e eu devia aprender a apreciar, principalmente vindo de onde eu venho, mas eu acho que é muito gay.

Eu tiro a fita e jogo essa merda no banco de trás onde ficava a cadeirinha do Mateo. Tento evitar que a fita se perca em algum lugar na pilha de roupas que ela tem lá trás. Este carro é um guarda-roupa sobre rodas. Ela tem tipo três casacos

diferentes empilhados um em cima do outro, alguns pares de sapato, todos eles brancos e com salto plataforma, com sola ortopédica.

Eu enfio minha coletânea no toca-fitas. “High Noon”, do Tex Ritter, daquele filme com o Gary Cooper, chega perto do fim e para de repente porque eu fiz cagada e cortei a gravação antes de rolar o *fade out*, mas tinha que ser assim.

Eu só tenho trinta minutos de cada lado nesses cassetes que comprei na feira de usados, e além disso, queria ter “Hurry Sundown” aqui, uma música que faz muito mais sentido para mim justamente hoje. É sobre ter um dia ruim e querer que ele termine rápido, então você quer que a noite se apresse e chegue logo. Essa música é do Hugo Montenegro, um cara totalmente subestimado. Começa meio sinistra com um violão e um zumbido e depois vira um dueto, e isso vai crescendo como uma onda e quebra no final com um coral completo. É quase tipo um lance espiritual. Bom, pelo menos é isso que eu acho.

Eu decido pegar a Wright Road até a 105 para poder sondar se tem algum jeito de eu pintar o viaduto, pois a esta altura é capaz de ele já ter sido reformado.

Eu me apaixonei pela pichação em grupo num dia parado na Rosencrans, olhando para a 710 Freeway, enquanto tudo no meu campo de visão era bombardeado com spray preto. Estou falando inclusive do meio-fio na minha frente, da calçada, praticamente cada centímetro do muro de dez metros, a porra da palmeira do lado do muro. Cara, parecia trabalho de um exército ninja. Esse dia mudou o jeito como eu vejo o mundo. Fez com que eu não veja mais tanto o concreto. Não vejo muros de verdade, nem mesmo prédios. Eu vejo oportunidades, tá ligado? Um lugar para deixar minha marca. Vejo grandes telas permanentes, só esperando para serem atacadas...

Peraí, tem uns polícias, e uns caminhões de bombeiro mais adiante, e parece que eles estão mandando as pessoas desviarem pela Fernwood. No começo eu não vejo o motivo, porque tem um jipe grandão marrom cor de vômito na minha frente com um pneu murcho de estepe ainda preso na porta traseira, mas quando ele vira na Fernwood, eu vejo por que nós não podemos passar.

Embaixo da via expressa tem uma coisa que parece um grande caminhão da prefeitura e está completamente queimado, e o concreto lá embaixo também

está. Bem quando estou prestes a virar, dois bombeiros soltam a porta traseira e ela cai. Voa cinza para tudo quanto é lado numa grande nuvem preta enquanto a cantoria em “Hurry Sundown” vai diminuindo e começa uma coisa nova, uma das músicas realmente estranhas nesta coletânea.

É uma faixa antiga da *Vila Sésamo*, “Be Kind to Your Neighborhood Monster”, de um álbum genial e totalmente ignorado chamado *We Are All Earthlings*, e eu sempre fico meio dividido entre um calafrio e uma risada, porque acho que esse lance de monstro da vizinhança significa uma coisa muito diferente para mim, morando onde eu moro. Tipo, eu não imagino monstros roxos peludos quando ouço isso, digamos. Imagino *cholos* com tatuagens, cabeça raspada, meias puxadas até em cima e um longo vinco perfeito na bermuda de brim.

É minha vez de virar à direita e eu quase consigo ver dentro do caminhão enquanto um polícia de uniforme e chapéu marrom está tentando fazer sinal para eu passar, e ele olha para o que eu estou olhando e congela por um segundo como se também não conseguisse acreditar, e então quando ele vira de volta para mim, faz sinal para eu ir mais rápido. Eu pisco, porque não consigo acreditar no que estou vendo.

Atrás de mim, alguém buzina.

— Puta que o pariu — digo para ninguém, tentando distinguir os vultos pretos um em cima do outro. — São *corpos* queimados ali dentro?

O *tamale* no meu estômago me diz que está correndo perigo de apertar o botão eject, por isso eu engulo em seco, olho para o outro lado e sento o pé no acelerador.

Talvez eu esteja completamente enganado, mas se foi a *clica* do Fate que fez isso, faz muitíssimo mais sentido agora o Esquadrão da Truculência ter chegado lá chutando a porta. Muitíssimo mais.

Estou desnorteado, mais concentrado no que eu vi do que no que estou vendo agora. Tipo, acho que eu vi uma AK-47 no meio daquilo. E tantas cinzas...

A Fernwood vira a Atlantic, vira a Olanda, e eu passo pela Wright outra vez na Olanda quando meio que me dou conta e paro na frente da casa da minha tia Izel.

Eu entro pela porta dos fundos, pensando que ainda bem que hoje não é dia de restaurante. Às vezes minha tia organiza um pequeno restaurante aqui, e eu ajudo. Ela é de Tlaxiaco em Oaxaca, onde eles fazem uns pratos tradicionais astecas. Alguns dias por semana, nós colocamos mesas no quintal e ela cozinha para as pessoas que aparecem. Faz coxas de frango assadas em *molé* amarelo que ela deixa fervendo numa panela de barro por tipo dois dias. Faz tortilhas caseiras. Mas por aqui, ela é famosa pelas *lentejas oaxaqueñas*. São dois dólares por uma tigela de lentilhas com abacaxi, banana-da-terra, tomates e especiarias.

De qualquer modo, hoje é o dia normal de preparação dela, e alguns mercados da vizinhança finalmente voltaram a abrir hoje de manhã, por isso ela está na rua comprando ingredientes, o que é bom para mim porque eu entro e saio feito um ladrão.

Pego minha escova e pasta de dente, meu desodorante Right Guard aerossol e minha colônia Santa Fe antes de pegar meu kit de vandalismo, um estojinho do *Comandos em Ação* que eu tenho desde sempre. Fico ali por talvez dois minutos depois disso, jogando minhas camisetas e calças jeans e agasalhos e meias e cuecas e meus Reeboks favoritos numa sacolinha de fundo redondo. Pego os dois cadernos pretos com os meus desenhos, e só. Neles tem as cartas da minha outra tia e o endereço dela em Phoenix como marcador de página. Da cozinha, pego manteiga de amendoim e tudo o que sobrou de um pão, talvez cinco pedaços. Volto ao carro e parto antes que alguém sequer perceba que estou ali.

Meu único pensamento é passar por alguns *layup spots* e torcer para dar sorte.

7

Você sabia que San Francisco só tem 121 quilômetros quadrados? Eu não sabia. Quando o Fat John me contou no mês passado, isso meio que mexeu com a minha cabeça. Porque L.A. é infinita. Tem praias, morros, poços de alcatrão, montanhas, o centro, o deserto e um riozão de concreto. A gente não termina nunca. A gente é nosso próprio país. Eu sinto isso agora mais do que nunca.

Estou passeando por Lynwood, procurando *layup spots*. Procuro num que eu conheço na Atlantic do outro lado da 105. Mas não tem nada.

Fico de olho procurando busões estacionados. Quase sempre tem uma ruazinha saindo de uma principal, tipo, um pouco recuada de uma boulevard, talvez numa área industrial, ou uma rua sem saída, com um acostamento grande o bastante para estacionar um ônibus, porque às vezes a RTD simplesmente deixa uns busões reservados por um motivo qualquer, tipo, talvez eles estejam tendo problemas mecânicos, ou algum cara ficou doente ou chegou atrasado no turno e não conseguiu vir para assumir o ônibus, então eles estacionam até alguém poder recolher e dirigir de volta para a garagem, ou talvez rolou uma porra dum tumulto gigante que durou vários dias e o serviço foi interrompido e umas coisas simplesmente desapareceram. Os ônibus são tipo o santo graal da pichação agora, porque é um jeito perfeito de mandar o seu nome para a cidade toda e mostrar para todo mundo qual é a sua.

A vida inteira, as pessoas me disseram que o grafite é uma ameaça. Disseram que é completamente inútil. Eu entendo a parte da ameaça, porque é. Mas não é inútil. Para mim, é como um video game. Me ensinou a usar mapas, a me orientar. Me ensinou sobre política. Onde cada gangue fica, quem é dono do quê. Lugares aonde você pode ir. Lugares aonde é melhor não. Me ensinou a ter um olho na nuca. Me ensinou a ser ousado. Quando comecei, eu era só um prego que não sabia bosta nenhuma, tinha medo de armas, mas com o tempo você fica bom se continua fazendo isso, e você aprende, e se adapta depressa. Isso me

tornou mais livre, FREER. Bom, isso e o Ernesto.

Penso de novo naquela casa toda cheia de tiros. Meio que não consigo acreditar que ele morava com essas pessoas, com o Big Fate, na mesma casa, embaixo do mesmo teto, sem estar envolvido. Agora é que eu me toco do quanto ele devia querer sair dali, e esse lance me deixa triste. Desde que a gente foi naquele lugar de sushi com os trilhos de trem na frente, ele não parava de falar nisso. Ele tinha planos, aquele cara. Um *monte* de planos. Era inspirador, tá ligado? Me fez sonhar. Me fez querer ser mais do que eu era. Me fez querer ser o FREER. Por isso eu trabalhei. E agora sou mais livre.

Todo vândalo insano precisa de um kit. No meu banco do passageiro, está a minha mochila com meu estojo que tem seis pincéis atômicos, alguns quadrados de lixa, dois riscadores e também as tintas em spray que eu peguei, Krylons e Testors. A lixa é só para os riscos grandes, e o spray é autoexplicativo, mas esses pincéis atômicos são a *melhor* caneta de L.A. Você pode escrever em qualquer coisa com eles, carros, vidro, metal, qualquer coisa. É tinta sólida. Você torce o fundo quando termina em cima. Na verdade, você pode até tirar ele inteiro, cortar na vertical e misturar as cores. Ultimamente eu tenho ficado psicodélico, por isso corto os meus pincéis atômicos em três para combinar amarelo, branco e azul. Os riscadores são umas brocas pequenas que parecem pontas de flechas com os lados lixados, perfeitas para arranhar qualquer coisa, principalmente vidro.

Eu confiro outro *layup*, e mais uma vez não tem nada, e eu começo a perder o pique, achando que não vou ter nada para homenagear o Ernesto, e faço uma lista mental de muros para o caso de eu não encontrar mais nada.

Mas porra, eu queria tanto pichar um busão. Isso é status. Eles agora são coisa de quem não tem medo do perigo, porque tem um milhão de jeitos de ser pego. É uma corrida de gato e rato o tempo todo, pura adrenalina. Os motoristas estão sempre de olho em você. Os policiais à paisana sempre estão usando tênis de corrida e aquelas pochetes com os distintivos e apetrechos de polícia.

Às vezes galeras inteiras invadem um ônibus e tentam pichar tudo lá dentro, até o teto, e ouvi falar uma vez de como um policial à paisana tentou trancar um ônibus e, tipo, os cem caras lá dentro tiveram que fugir pelas saídas de

emergência e correr para não serem pegos. Como eu disse, é um faroeste. Estou te falando.

Eu colo no terceiro *layup spot*, bem atrás do Tom's Burgers na Norton, perto da Imperial com a Martin Luther King, e passo de carro pensando, *porra, outro sem nada,* quando o sol bate num para-brisa e quase me deixa cego. Eu viro bem rápido o carro da Gloria, totalmente por instinto, e paro bem na frente de um ônibus perfeito, e eu tô falando tipo *perfeito*.

Talvez ele tenha sido deixado ali alguns minutos atrás, talvez ontem. Não sei e não me importo. Está na minha frente e é puro. Inacreditavelmente, nenhum único maluco pichou. Eu sou o primeiro. Sou *eu* que vou tirar a virgindade dele.

É difícil explicar, mas eu me sinto tão sortudo que na verdade fico paranoico, tipo, isso é uma armação ou o quê? Tem uns policiais de tocaia nessa merda? Tentando pegar os escritores? Acho que eles têm coisas maiores para se preocupar.

Mas então eu penso que, se for uma armação, que se foda. Preciso pelo menos tentar. Este busão pode ser o meu legado. Se eu fizer isso direito, cabeças vão falar sobre isso durante anos. *Anos*.

Eu na verdade nem lembro de ter parado o carro no estacionamento do banco fechado do outro lado da rua, mas estacionei porque estou aqui e o carro está desligado. Abro a minha mochila e vou fuçando no meu estojo enquanto saio do carro. Agora estou tão pilhado que minha boca está secando e estou quase balbuciando enquanto puxo e coloco o fone de ouvido.

8

Sentindo como se estivesse vibrando da cabeça aos pés, vou direto para a frente do ônibus. Aperto play no meu walkman. É nessa hora que o Wagner e as Valquírias vêm cavalgando direto para dentro do meu ouvido. Só de ouvir essas cordas já começo a ficar ligadão. Totalmente pilhado.

Estou tão empolgado que tremo, por isso respiro fundo e tento me acalmar o suficiente para a minha mão não oscilar. Quando solto o ar, estou bem.

Só que, mesmo assim, um busão virgem só para mim? Um busão virgem da GMC com as janelas laterais de vidro fumê que eu estou prestes a atacar com um pincel atômico que acabei de cortar ontem à noite?

Meu Deus, cara.

Eu me sinto como se tivesse morrido, ido para o céu, passado pelos tais portões de pérola e a Marilyn Monroe estivesse me implorando para transar com ela.

Meu coração ainda está batendo a mil por hora no peito, batendo nas minhas costelas, enquanto eu picho um destino no para-brisa da frente. Um pincel atômico novinho em folha, cara. Eu tiro a tampa e tem cheiro de Windex, exatamente que nem Windex, aquele limpa-vidro.

Pichar o para-brisa é chamado de destino porque é lá que fica o nome do destino do ônibus, lá no alto, em cima da cabeça do motorista. Mas ele agora está apagado porque o ônibus não está ligado. Então eu decido primeiro fazer uns riscos.

Tiro o riscador e faço um grandão bem onde ficaria o rosto do motorista, escrevo F.R.E.E.R! cheio de pontuação e tudo o mais enquanto vou cavoucando o vidro, mas o lance mais louco é este: eu faço *de trás para a frente*. Desse jeito, todo mundo dentro do ônibus vai ver enquanto ele está andando, e pessoas na frente do ônibus olhando pelo retrovisor vão ver também!

Eu espero um segundo quando termino de escrever. Se vão rolar sirenes, se os

policiais vão surgir de todos os lados, vai ser bem agora. Eu espero dez segundos, e espero mais dez, e então é hora de fazer a festa. Hora de pirar totalmente.

Eu tiro o pincel atômico que fiz com branco, amarelo e azul, depois subo em cima do para-choque da frente e faço o maior lance que consigo. Vou de cima para baixo, ocupando o vidro inteiro, escrevendo F-R-E do lado esquerdo, e depois pulando a barrinha preta que divide o para-brisa em dois, e então escrevo E-R.

Passo uns segundos a mais conferindo se todos os meus ângulos estão bem fechados. Conserto o último *R* e faço ele tão agudo que as pernas podiam cortar alguém. Depois disso, coloco uns *x* nas pernas direitas dos *R*s, que nem aquele símbolo de farmácia, porque meu estilo é tipo medicina.

Embaixo disso tudo, eu picho o nome da minha galera.

Nunca tive tanto tempo assim. *Nunca*.

Todas as vezes que eu consegui pichar um ônibus antes, fiz só um pequenininho do lado esquerdo de fora, e eu pichava enquanto o Fat John criava uma distração, discutindo com o motorista sobre as baldeações, então eu me debruçava e rabiscava o lance todo imperfeito. Mas isto? Isto é uma obra-prima, cara! Isso é justamente o que ser FREER significa.

Eu mando dois grandes na lateral esquerda do ônibus, uma letra em cada janela de vidro fumê. Faço umas letras jogadas com contornos fortes, ângulos retos, como essas de jaquetas de colegial, e nas duas portas eu faço uns estilos de escrita vertical onde dou umas voltas tão doidas que é como se estivesse enrolando espaguete com o pincel atômico. Estou tão concentrado que é só quando termino a porta da frente que eu percebo que o motorista deixou ali a porra da jaqueta da RTD dele, o que, acredite em mim, é um puta dum troféu na comunidade do grafite. Ele deve ter saído tão rápido que esqueceu.

Não sei quanto tempo eu demoro para chutar a parte de baixo do vidro da porta, mas quando ele está todo quebrado, eu me enfio lá dentro e pego a jaqueta. Meu ombro fica apertado nela, é um tamanho menor, mas eu não me importo. Fico a usando porque é como vestir a pele de um urso que eu matei. Vale tudo isso de reputação. Enquanto viajo nisso, percebo que riscar o vidro

pelo lado de dentro seria insano, por isso eu faço *mais um* no para-brisa bem do lado de onde fica a maquininha de bilhetes, para todo mundo ter que ver isso toda vez que andar de ônibus, e depois eu me encolho para sair.

Eu cubro depressa o lado direito do ônibus com um grandão de uma linha só, o que quer dizer que eu só aperto o botão da lata de spray e faço uma linha comprida, sem interromper o traço enquanto passo de uma letra para a outra com o meu Krylon prateado. Eu dou uma trapaceada porque nunca fiz isso antes, e o lance inteiro termina um pouco antes da última roda, por isso eu volto e coloco umas voltas e setas para parecer que está voando e tal.

Se eu tivesse mais tempo, ia fazer uma peça inteira, mas não é seguro ficar parado aqui fora. Cada segundo que passa está prestes a me dar um ataque cardíaco. Sinto que a polícia podia colar a qualquer momento, porque esse lance ainda cheira a armação. Mas não consigo evitar. Deixei o melhor por último.

Na traseira do ônibus, a parte que está virada para a rua, eu subo no para-choque, faço um esboço das minhas letras com tinta prateada e preencho com vontade. Deixo elas bem quadradas, como se fosse um grande espelho de prata na traseira preta do ônibus que parece umas persianas, e você tem que reforçar embaixo delas para fazer parecer sólido em volta.

Além de preencher com tinta prateada, eu faço contornos pretos grossos nas letras, escrevendo E-R-N-I-E. O lance salta de um jeito que provavelmente dá para ver essas letras com contorno preto e recheio de prata brilhante a dois campos de futebol de distância, se você estiver no ângulo certo. Até faço umas rachaduras e entradinhas na parte de cima das letras para meio parecer que são pedras. Na perna de baixo do último *E* do nome do Ernie, eu faço um R.I.P. em tinta preta. Depois disso, enfio tudo de volta na sacola e tiro minha câmera descartável.

Começo a tirar fotos de todos os ângulos. Frente. Lado. Trás. Outro lado. De baixo. De longe. Bem de perto. E é quando eu estou bem pertinho que sinto olhos me encarando, e viro de costas.

A uns quase dez metros, tem um moleque me observando do estacionamento do banco.

Eu tiro o fone de ouvido e viro na direção dele.

9

Ele tem uns doze anos, talvez treze. Mas tem sobrancelha escura, e um olhão meio sem brilho. O cabelo com gel está todo penteado para trás, e ele está vestido como um membro de gangue em miniatura, mas está respirando com a boca aberta. Ele é daqueles que respiram pela boca.

Eu olho para ele de um jeito que ele não reage.

— Você quer pichar? — pergunto.

Eu me refiro ao ônibus. Mas ele não se mexe. Continua só me olhando fixo, por isso eu mando ele chegar junto e ele chega. O menino está bem do meu lado quando olha a peça que eu fiz para o ERNIE.

— O que é isso? — pergunta ele.

— É uma homenagem — digo.

— Para quem?

Eu olho para as letras, e então olho para o moleque, e penso, *Ele é imbecil?* Mas ele está com os olhos meio fechados, então, foda-se, posso muito bem falar o óbvio.

— Para um cara que eu conhecia chamado Ernie — digo. — Ele faleceu alguns dias atrás.

O menino confirma com a cabeça e não comenta nada.

— Você não se interessa nem um pouco por grafite? — pergunto.

— Nem, na verdade não — responde o menino. — Mas eu vi a arma no seu cinto enquanto você estava fazendo isso. Estou interessado nela. Quanto você quer?

— Não sei — digo enquanto dou uma estudada no moleque e solto um número que eu acho que ele não tem como pagar —, cem dólares?

— Eu tenho cinquenta — diz ele, e eu vejo ele tirar uma nota de cinquenta de um bolo que tem mais umas outras notas.

— Deixa quieto — falo de um jeito tipo *não, valeu*. — Como é, você está

fazendo aviãozinho para alguém ou o quê? Onde você arranjou esse bolo de dinheiro, pra começo de conversa?

Ele não diz que sim e nem que não. Só estende a mão, desta vez com uma nota de cem.

— Pega, antes que eu mude de ideia — responde ele.

Eu olho para a cara dele, tipo, *Você está tentando mexer com quem, moleque?*

Mas eu penso, sabe de uma coisa? Foda-se. Eu troco a arma pelo dinheiro e enfio no bolso. O menino olha para a pistola. Vira ela nas mãos antes de empunhar com a esquerda, apontando para mim, e puxando o cão da pistola para trás.

Meu sorriso despenca do rosto, não por medo, mas principalmente porque não consigo crer que esse pirralho tentou mandar essa para cima de mim.

— Me dá os cem de volta e todo o resto que você tiver — diz ele. — Agora.

Tenho quatrocentos e trinta e oito. Se esse carinha acha que vai ter os cem dele de volta, ele é mais imbecil do que parece, e olha que ele já parece bem imbecil.

— Você sabe que essa porra não está carregada, né? — pergunto.

Ele me olha como se achasse que eu estou tentando enganar ele.

— Pode conferir — continuo. — Eu espero.

Dou um passo para trás para ele se sentir seguro para conferir sem eu arrancar a pistola da mão dele. Ele tira o cilindro, e eu vejo ele trazer o lance até perto do rosto. Por um dos buracos vazios eu vejo o olho marrom dele em toda a sua falta de brilho. Ele pisca.

— Não esquece de comprar balas calibre vinte e dois para ela — digo. — É só esse tamanho que ela aceita. Eu ia dizer que você tem que colar na loja de armas e procurar as menores no cesto de vinte e cinco centavos, mas ouvi falar que esse lugar pegou fogo.

— É, pegou mesmo — confirma o menino. — Calibre vinte e dois, então?

— Ahã.

— Ok — diz ele.

Lá longe, eu ouço o zumbido de um helicóptero.

— Você já tem um nome ou o quê? — pergunto para o moleque.

Ele olha em volta.

— Talvez.

Imagino que isso signifique não, e estou prestes a dar um nome para ele pensar, quando uma mulher dobra a esquina e chega pisando duro, vindo desse centro médico do outro lado da rua. Usando uma sainha curta e uns sapatos de salto que estão gastos por andar demais, ela tem cabelo preto e é mais velha que eu, parecendo ter uns vinte e poucos anos, e toda machucada. Mesmo de longe eu consigo ver as feridas nos lábios dela e um olho roxo.

— Ei — grita ela para a nuca do moleque, e ele nem se vira —, a gente vai embora ou não?

Estou tentando não ser mal-educado, mas falo a primeira coisa que me vem na cabeça.

— Essa é sua mãe? — pergunto.

— Maluco, melhor você calar essa sua boca, caralho — rosna o garoto. — Essa é minha *fresa*, amigo. Essa piranha chupa o meu pau.

Jesus, eu espero mesmo que não, não com esse monte de ferida. Mas não tenho nada a perder.

— Cara, cala essa boca você. Você é tão novo que não consegue nem ficar de pau duro — provoco o garoto.

— Foda-se, amigo — diz, agarrando o cinto.

A *fresa* dele diz uma coisa também.

— Ele consegue sim. E é *bom*, inclusive.

Fresa significa morango, uma gíria para o tipo de mulher que troca sexo por drogas, geralmente crack ou cocaína. Cara, eu fico tão enojado com tudo isso que não consigo fazer nada além de dar meio sorriso para esse moleque, principalmente só pelo tamanho da valentia dele. Esse pirralho é traficante, e talvez seja cafetão também. É daí que veio o dinheiro, o dinheiro que agora está no meu bolso direito. Ela faturou esse dinheiro dando duro.

— Vou te chamar de Watcher — digo para ele —, porque você estava assistindo. Fica com esse nome se quiser. Joga fora se não quiser.

Ele parece que está prestes a falar merda, mas em vez disso só lambe os lábios, inclina a cabeça para trás e aponta o queixo para mim.

— Watcher — repete, como se estivesse experimentando se o nome cabe.

— É — digo —, é um nome bom. Se cuida.

Eu viro e vou embora.

Enquanto estou andando, ouço a *fresa* dele pedindo permissão para ir pegar um milk-shake de manteiga de amendoim no Tom's Burgers. Ele está começando uma frase com "Piranha, cala essa sua boca..." quando eu entro no carro e vazo depressa dali.

O menino me olha ir embora como se estivesse tentando memorizar meu rosto, como se achasse que eu estava sacaneando ele na venda da arma e com o que eu disse, e ele nunca vai esquecer. Eu meio que dou risada nessa hora, porque, cara, eu realmente não preciso dessa merda.

L.A. pirou completamente. Pirou de vez.

Quando estou de volta na rua dirigindo, longe o suficiente para nenhum policial poder me associar com o ônibus, eu respiro e penso sobre o meu dia, como o meu plano não correu realmente como eu planejei, como eu devia provavelmente pegar esse dinheiro e fugir. Isso faz sentido.

Acho que todo cara que já fez alguma coisa na rua, mesmo se ele fez muita coisa, sempre tem um vazio entre o quanto ele queria fazer e o quanto ele realmente *fez*, e estou sentindo isso bem agora, sentindo tipo um fracasso, mesmo tendo acabado de transformar um ônibus num playground de pichação particular. Essa porra vai ser uma lenda quando as pessoas virem. E as pessoas vão perguntar sobre o Ernie. Vão querer saber quem era. E por um instante, ele vai estar vivo na mente delas. Mas eu vou ter sumido.

As pessoas vão falar de mim por um tempo depois disso. Tenho certeza que o Fat John e o Tortuga vão ver, mas mesmo assim decido fazer cópias das fotos e mandar para eles pelo correio. Nessa hora eu penso um pouco no ônibus, como foi uma puta sorte.

Talvez seja uma boa despedida, mas talvez esse final não seja grande o suficiente, não seja bombástico o suficiente. As pessoas provavelmente vão dizer que eu amarelei, mas que se foda. Eu nunca disse que topava esse outro lance, esse lance de gangue. Eu só quis ser livre, sempre. Só queria rodar a cidade inteira, pichando em Hollywood, o Centro e Venice, e escrevendo ©s embaixo

do meu nome onde quer que eu fosse, como o OILER e o DCLINE, porque agora que acabei de fazer dezessete, estou no meu auge.

Pensei que eu tinha um ano para pichar pesado, e, se eu fosse pego, quanto tempo podia cumprir por grafitagem? Tipo, provavelmente eu ia pegar umas centenas de horas de serviço comunitário e uns fins de semana no JAWS, o serviço de trabalho alternativo para a juventude, e no pior dos casos ia passar um tempinho na instituição para menores, mas não na prisão, nada sério, nada na minha ficha permanente. Esta era a minha hora de levar o lance até o fim e ser famoso, e agora essa chance se foi, como o Ernesto.

Uma coisa que as pessoas não entendem sobre o grafite é que é um jeito de ser alguém, é um jeito de irritar os outros, e é um jeito de conquistar seu território, mas *também* é um jeito de lembrar. E eu fiz essa última pelo Ernesto e pela cidade que matou ele. ERNIE R.I.P. diz a traseira daquele ônibus. São letras, claro, mas significa algo mais.

É um dedo do meio e uma lápide misturados numa coisa só.

10

Depois de comprar a minha passagem só de ida para Phoenix por quarenta e nove dólares em promoção na rodoviária da Greyhound de Long Beach, ligo para a Gloria e digo onde ela pode pegar o carro dela de volta. Olha que surpresa, ela não fica *nem um pouco* contente. Fala que vai me matar, e eu acho isso tranquilo porque com certeza não é o tipo de matar que os monstros da minha vizinhança fariam se me vissem de novo e eu dissesse que não queria me juntar a eles.

— Você me fez ligar para a minha *mãe* te procurando, Jermy. Eu juro...

Tenho que interromper ela.

— Eu precisei, Gloria — digo. — Desculpa. Desculpa mesmo. Eu não queria estragar o seu encontro, mas algum dia vou te contar o motivo e você vai entender totalmente.

Ela está puta pra caralho. Consigo ouvir isso na voz dela.

— É melhor você me contar o motivo agorinha mesmo — diz ela.

— Eu vou te ligar quando estiver seguro no lugar para onde estou indo.

— Que lugar é esse? — pergunta ela.

— Melhor você não saber — respondo —, porque em algum momento, alguém vai te perguntar se você sabe, e eu não quero mentir para você, e não quero que você tenha que mentir para os outros.

Ouço uma longa respiração no telefone do outro lado, um som que parece *krrrgh*.

— Ok — ela concorda, finalmente.

Ouço umas batidas ao fundo, e então a Gloria fica em silêncio. Ouço ela andar de chinelo até a porta, e daí o silêncio fica ainda maior, provavelmente porque ela deve estar olhando pelo olho mágico. Nessa hora a respiração dela prende na garganta, e eu sei que tem alguma coisa errada.

— Que foi? — pergunto.

— É, eu tenho que ir.

— O que é?

— Não é o quê, é *quem* — responde ela. — A irmã mais nova do Ernesto está na minha porta.

Ouço as batidas outra vez, agora muito mais perto. No começo me pergunto se ela está lá me procurando, mas isso não faz o mínimo sentido.

— Fica na linha, Jermy — pede Gloria, e eu ouço um tecido sendo apertado no fone como se ela tivesse posto ele na barriga ou algo assim.

Bem fraquinho, ouço as trancas sendo abertas e então a porta abrindo com um rangido.

— Ei — diz a Lupe —, você disse que era enfermeira, certo?

Minha prima deve ter confirmado com um gesto de cabeça, porque um segundo depois a Lupe começa a falar.

— Você sabe fazer talas para osso quebrado? — pergunta a Lupe.

Outra vez, minha prima deve ter confirmado.

— Do que você precisa para fazer elas? — pergunta a irmã do Ernesto.

Minha mente está meio a mil, e estou me perguntando o que aconteceu, mas meu primeiro pensamento claro é *O Esquadrão da Truculência deve ter aprontado alguma merda.*

Só que eu nem tenho a chance de dizer mais nada, porque a Gloria diz “Eu preciso ir” depressa e então eu só ouço o tom de discagem no telefone.

Eu digo “Tchau”, de qualquer modo.

Fico meio triste quando coloco o fone de volta no gancho. Tenho que sair da frente porque um cara negro atrás de mim precisa do orelhão. Ele tem a cara que o Martin Luther King Junior teria se tivesse ficado velho e gordo.

Fico deprimido de pensar que não tem nada em Phoenix. Não tem diversão, não tem gente, não tem nada. Só minha tia e outro trabalho em restaurante provavelmente, mas é nessa hora que me dá um estalo.

Tem liberdade no Arizona, mais do que eu já sonhei na vida.

Lá, aposto que ninguém é controlado só por estar andando na rua, tipo, *Ei, esse cara parece pichador e eu não vejo nenhuma tatuagem, então vamos colar nele.* Lá não tenho que me preocupar com gangues nem com territórios, ou que

as pessoas achem que eu estou amarelando, que não estou dando tudo de mim. E sinto o texugo dentro do meu estômago se acalmar um pouco.

Pelo alto-falante, eles chamam meu ônibus, eu saio no estacionamento, dou para o motorista minha bolsa e ele põe lá em baixo, no compartimento que se dobra que nem a porta do DeLorean naqueles filmes *De volta para o futuro*. Até faz aquele barulhinho quando abre. Tipo, *chupt*. Levo a mochila comigo quando subo no ônibus e sento no meio. Aqui tem cheiro de pão velho e pelo de cachorro. Eu começo a folhear meu caderno preto mais recente.

Nunca fui lá, mas em matéria de pichação, Phoenix deve ser brincadeirinha de criança...

Mas peraí.

Talvez isso não seja ruim. *Talvez* isso signifique que eu tenho possibilidades agora, e ser FREER não seja tanto morrer, mas sim evoluir para alguma coisa nova e forte.

Quero dizer, eu podia levar todo um novo estilo avançado para lá. Podia ser o *primeiro*. Estou começando a gostar disso. Quero dizer, a gostar bastante. Eu podia abrir toda uma franquia com o estilo de Los Angeles ali. Podia ser aquela coisa da aula de ciência, como chama? Um catalisador. Sim. Eu podia ser isso para a cena de Phoenix, dar uma bombada nela. E além disso, o que é mais FREER do que ir embora quando me dá na telha?

Nada, pois é.

No ônibus, parece que eu não sou o único que está fugindo. Tem um monte de mexicanos e centro-americanos aqui. Estão levando até as crianças. Eu não os culpo. Porra, se eu tivesse filhos, ia estar no busão levando eles embora também. É bem fácil não querer estar em L.A. nessa hora, com todos esses saques e tiroteios.

Porra, eu sei que não vou sentir falta dos traficas cafetões de doze anos comprando minha arma e então tentando me roubar de volta para recuperar o dinheiro.

Não vou sentir falta do Big Fate me dando ultimatos.

Não vou sentir falta de ser abordado na rua pela porra do Esquadrão da Truculência, apontando metralhadoras na minha cara.

L.A. é uma puta loucura, cara. Mas eu vou sentir falta.

Mas quem sabe? Talvez esteja saindo na hora certa. Tipo, antes que tudo faça *boom* e deslize para dentro do oceano.

Eu aperto play no meu walkman, mas ele não quer tocar. Às vezes ele tem umas frescuras. O botão é preto e grande como a ponta do meu dedão. Eu aperto e seguro um pouco até os cabeçotes acabarem girando e a música começar.

Algumas cordas entram enquanto o motorista parte, o sol está se pondo pelo para-brisa, e é mágico o jeito como a gente entra na Pacific Coast Highway vindo da Long Beach Boulevard, enquanto a voz da Nancy Sinatra entra com a luz alaranjada do pôr do sol e canta para mim, me dizendo que eu só vivo duas vezes. Isso me acalma bastante, por isso eu só fico sentado e assisto aos prédios passarem pela janela enquanto cortamos a cidade, passando por cima do que resta do rio L.A. e descendo para a 710 North.

Depois de um tempinho, nós passamos por Lynwood, e eu vejo o bairro ir embora e não me sinto mal. Sinto como se fosse uma caixa com tudo que me incomoda, tudo pesado, e tudo continua ali, fica para trás, e me deixa leve como uma pena, livre para flutuar para algum lugar novo.

Livre para ir a qualquer lugar.

Livre para ser o que eu quiser.

JOSESITO SERRATO,

OU WATCHER

3 DE MAIO DE 1992

20h17

1

Eu tenho essa arma, e agora a coisa fica séria para mim. Me faz estar pronto para trabalhar. Eu me sinto bem. Todo mundo sabe que o Momo está morto. Todo mundo ouviu dizer que ele estava jogado naquele caminhão que os porcos acharam na Wright Road. O que sobrou dele, pelo menos. Eu digo que esse cuzão mereceu por ter mexido com o Big Fate. Seja grande ou morra. Eu quero ir para o Big Fate e fazer serviço para ele e para a *clica* dele. Por isso vou até essa tal Mini Vegas que ninguém para de falar, bato na porta e espero deixarem eu entrar. Eles me deixam entrar e me revistam e acham a arma e ficam com ela. A moça enfermeira está lá. Ela me olha estranho porque me reconhece daquela noite quando o irmão da sra. Payasa morreu no beco. A sra. Payasa está aqui também. Do lado da moça enfermeira. A sra. Payasa diz que é melhor ela ir embora, e agradece por tudo. A sra. Payasa põe um dinheiro na mão da moça enfermeira. Umas notas de cem dobradas. Olhando, parece ter mil dólares. Essa moça enfermeira me olha de um jeito como se quisesse me levar junto com ela. Como se talvez estivesse pretendendo me salvar ou algo assim. Mas a sra. Payasa empurra ela para fora, e a porta fecha na cara da moça enfermeira enquanto ela está dizendo que todo mundo que ela ajudou precisa ir logo para o hospital. O Big Fate está do outro lado da sala, com o braço pendurado numa

faixa enorme de pano. É a mesma situação com um monte de outros malucos. Aquele Sherlock Homeboy está com um galo na cabeça do tamanho de uma bola de beisebol, com um saco de gelo em cima. Do lado dele tem uma piranha chinesa gostosa com o pulso todo enfaixado que nem uma múmia. Só de olhar eu percebi na hora que ela era o tipo que alguns chapados iam pagar uma boa grana para foder. Mas eu não falo nada. Principalmente porque vejo que o maluco do Apache que escalpela pessoas parece fodido também. Usa a mão que não está machucada para jogar numa máquina, e ela gira e faz barulho enquanto ele fica sentado no canto bebendo alguma coisa dourada numa garrafona de vidro. O Big Fate me vê olhando para esse montão de machucados e gessos e essas porras. Ele me chama, diz que esse esquema de dar porrada e liberar ainda está rolando forte na cidade de Los Angeles e dá de ombros. Ele me chama de camaradinha e diz que eles podem nos derrubar, mas a gente sempre volta, e volta mais forte. Ele diz *la neta*. Então eu digo *la neta*. Porque é verdade. Nada além da verdade. Eles ainda estão aqui. Todos eles. Levaram porrada e continuam seguindo em frente. Não que nem o Momo. Não que nem o Trouble. Não que nem um desses dois malucos. Essa *clica* só tem matadores de primeira. Sobreviventes. Durões pra caralho. Nem os merdas dos polícias conseguem ganhar deles. Do nada, o Big Fate me pergunta qual é meu nome de guerra, porque ele quer saber. Eu antigamente tinha um nome que eu odiava, mas que todo mundo me chamava. Baby. Só que agora tenho um nome novo. Eu estufo o peito e falo para ele que me deram o nome Watcher, mas não falo de onde. Ele faz que sim com a cabeça, como se eu tivesse feito uma coisa legal. Ele diz que gosta desse nome. Então nessa hora eu digo o nome da *clica*. Digo todo orgulhoso. Também digo que Lynwood *controla*. Porque obviamente são eles que controlam Lynwood, e mais ninguém. Ele me olha estranho depois disso e diz que andou perguntando por aí sobre mim desde que eu ajudei. Ele ficou sabendo que eu estava fazendo aviãozinho para o Momo. E eu respondo isso de cara. Tipo sim. Eu *tava*. E ele ri disso. Pergunta se talvez eu estou pronto para uma coisa nova. Eu digo que estou prontaço porque só tenho o mais puro respeito pelo jeito como ele fez o que tinha que fazer. *Então você está pronto para participar*?, o Big Fate está me perguntando. Pronto pra caralho. Eu digo

isso duas vezes e faço que sim com a cabeça o tempo todo. *¡La clica es mi vida!* Até eu morrer. Eu digo isso também. Ele espera um pouquinho. A sala fica em silêncio. Então eu lembro para ele que vim direto contar para ele sobre o irmão da sra. Payasa. Ele diz que eu mandei bem de fazer isso. E logo em seguida ele diz para então iniciar esse de menor. Aê, porra. Isso me deixa tão feliz que eu só fecho os olhos antes de vir o primeiro soco. Ou o primeiro chute. Tanto faz. Eu estou pouco me fodendo para qual é a porrada ou de onde vem. Vai doer. Vai doer feio. Mas vai valer a pena. Tudo isso vale a pena para participar.

SEXTO DIA
SEGUNDA-FEIRA

HOUVE CINQUENTA E DUAS MORTES.

ESTÁVAMOS NOS APROXIMANDO PERIGOSAMENTE DE SESSENTA, E AINDA FALTAVA *UM MONTE* DE INFORMAÇÕES.

SÓ PORQUE ALGUÉM MORREU DURANTE ESSE PERÍODO NÃO SIGNIFICA QUE FOI DIRETAMENTE *RELACIONADO* ÀS REVOLTAS...

O QUE LEVANTAVA UMA QUESTÃO INTERESSANTE.

TODOS OS TIROTEIOS ENTRE GANGUES NESTE PERÍODO FORAM RELACIONADOS ÀS REVOLTAS?

NÓS TEMOS TIROTEIOS ENTRE GANGUES TODOS OS DIAS DO ANO.

O QUE DIFERENCIARIA ESSES DOS RELACIONADOS ÀS REVOLTAS?...

O QUE ERA INTERESSANTE ERA QUE UM DOS CASOS QUE EU ESTAVA INVESTIGANDO ERA NA

DIVISÃO DE HOLLINGBACK [*SIC*]. HOLLINGBACK FICA EM EAST L.A.

ELES NÃO TIVERAM *NENHUMA* MORTE RELACIONADA ÀS REVOLTAS NO LESTE DE LOS ANGELES.

ENTÃO, HÃ, UM CARA FOI ACHADO, HÃ, NÃO LEMBRO SE LEVOU FACADA OU TIRO

DENTRO DE UM CANO DO ESGOTO, E ELES DISSERAM QUE NÃO, COM CERTEZA NÃO FOI RELACIONADO ÀS REVOLTAS.

NÃO SEI SE FOI BRIGA DE NAMORADOS OU...

UM PROBLEMA COM TRAFICANTE OU O QUÊ, MAS ELES DISSERAM QUE COM CERTEZA NÃO TINHA NADA

A VER COM AS REVOLTAS, ERA SÓ MAIS UM HOMICÍDIO.

— TENENTE DEAN GILMOUR, MÉDICO-LEGISTA DO CONDADO DE L.A.

JAMES

4 DE MAIO DE 1992

9h

1

Tudo está queimando na cidade de Nossa Senhora, a Rainha dos Anjos. Inclusive gente. Alguém botou fogo neste campista enquanto ele estava dormindo, e você não sobrevive a isso. Filho da puta, não sobrevive mesmo. Você manda sua alma para o céu, pois é. Vai para o descanso eterno.

Eu vi a fumaça subindo ontem. Uma ponte mais para o norte de onde eu moro, na mesma margem do rio. Só não sabia ainda que a fumaça vinha *dele*. Subiu depois que dois caminhões pretos passaram rodando no leito do rio como se fossem donos dele. Passaram bem do lado do meu cano. Grandes e rápidos, mas silenciosos demais para o tamanho deles. Quando vi isso, fiz meu sinal de proteção celestial e me virei duas vezes.

Normalmente, quando estou acomodado dentro do meu cano, eu puxo a cortina. Tenho até uma vara para ela. Tenho uma cadeira também. Enfim, eu puxo essa cortina e o mundo não pode me ver, nem mesmo os trens que passam na outra margem. Ela me faz desaparecer. Mas nesse dia eu não puxei a cortina porque vi fumaça. No começo eu não sabia o que era.

Nossa Senhora me diz nessa hora: *Você sabia o que era*.

Eu grito de volta para ela. Falo para ela que eu não sabia o que era até ir até lá e ver aquele esqueletinho preto no saco de dormir dele. Também senti cheiro de terra molhada com gasolina, e o que doeu foi assistir aos campistas repartirem as

coisas dele. O nome dele era Terry. Não sei o sobrenome. Só Terry. Fiquei olhando seus ossos enquanto os outros campistas pegavam as últimas coisas boas que ele tinha. Nem prestaram homenagem para o espírito antes. Filhos da puta. Fizeram a rapa nele. Levaram o cachorro que ele cuidava. Levaram a calça boa dele que ficava pendurada na cerca. Toda e qualquer pessoa na terra está tentando te roubar ou querendo te dar porrada e pegar coisas e mais coisas.

Eu fui perguntando por aí como o Terry morreu, e me contaram sem enrolação. Foi o Puppet. Perguntei como a gente sabia, e me disseram que a gente sabia porque sabia. Os campistas conhecem rostos. Os campistas falam. Nós descobrimos coisas que queremos descobrir. E os campistas sabem que alguém chamado Puppet entrou no acampamento com uma lata de gasolina e esvaziou ela em cima do Terry enquanto ele dormia e então tacou fogo nele. Ninguém sabe por quê.

Quando me falaram isso, eu dei uma bronca na Nossa Senhora. Disse para ela: *Você é uma cidade preta desgramada! Você é uma cidade preta de coração preto e cinzas pretas soprando nas suas ruas pretas de asfalto. É isso que você tem sido. É o que você é hoje. O que você sempre vai ser. E seu rio é a única coisa boa em você.*

E ela respondeu: *Isso não é verdade*.

Eu gritei mais com ela depois disso. Falei que ela não podia me dizer como eu tinha que me sentir quando estava do lado das cinzas de um morto que alguém queimou sem nenhum motivo enquanto os campistas faziam a rapa nas coisas dele e iam embora sem dizer uma palavra de respeito pelo homem.

Os campistas supostamente são melhores que os mendigos. Eu não gosto da palavra *mendigo*, nem *sem-teto*. Elas não descrevem direito essa vida. Nenhuma delas diz o que a gente faz, a não ser *campista*, porque nós acampamos. Gostamos tanto do céu que precisamos ver ele toda noite. A gente não fica trancado num lugar. A gente é livre. E essa é a Terra da Liberdade! E precisamos nos sentir aonde nós estamos, a cidade mais elementar da terra.

É verdade, sim. Nossa Senhora tem incêndios em florestas. Tem os ventos de Santa Ana. Tem o oceano também, e a terra dela sempre está a um passo de distância de um terremoto. Com uma combinação dessas, às vezes você precisa

sacudir para soltar o que é ruim. Você precisa, porque a coisa se acumula.

Então ela me interrompe como sempre e diz: *Preciso?*

E eu respondo para ela: *Precisa sim. É a natureza*.

Ela fica quieta depois disso, mas só porque não está falando nada, não quer dizer que ela não está comigo. Ela me segue aonde vou, sempre entrando na minha cabeça com as perguntas. Como agora, quando estou com fome, quando estou andando pela rua chamada Imperial que não tem nadinha de majestoso.

Mas não existe melhor jeito de conhecer ela do que com os seus próprios dois pés. Você precisa da Nossa Senhora na altura do seu olho. Precisa dela embaixo das suas solas, sentindo o calor dela. Você precisa respirar ela, sentir o cheiro dela. Pegar os átomos desgramados dela e fazer eles serem parte de você. Não tem nenhum lugar melhor para isso do que no rio. Você pode andar por quilômetros no leito e achar tudo que precisa. E eu sei muito bem.

Passei a vida inteira perto de rios. O Mississippi. O Colorado. O Mekong. Os rios me protegem. Eles me deixam seguro. Eu não me sinto bem se não estou perto de um rio. Eu perco o foco. Perco o meu centro e faço coisas ruins como a bebida. Mas não no rio dela. O rio dela é ancestral. Na época que a Nossa Senhora era um *pueblo* minúsculo num morrinho de terra, os índios mexicanos sabiam que o Arroyo Seco era uma fonte sagrada de poder com um suco espiritual tão poderoso que um dia uma desgrama duma cidade grande com gente demais ia brotar dele. Tão poderoso é o rio dela. Ele deu à luz.

E esta coisa agora é adolescente e está viva e irritada e está se dilacerando. Vi incêndios em todo lugar e caminhões de bombeiro piscando luz vermelha enquanto ia e vinha pelas ruas pretas dela. Não vi só o Terry. Vi um corpo quase sem rosto caído na rua, não tinha nem orelha. Vi caminhões pegando fogo, prédios e uma casa também, um fogo que talvez tivesse tomado a vizinhança inteira se os vizinhos não tivessem usado as mangueiras para molhar os próprios telhados. Mas isso mostra com certeza o que eles pensavam daquela casa.

Eu digo para a gente da cidade quando vejo o que vejo, eu digo: *Eu vi essa cidade se elevando para o céu em pedaços.*

Porque é isso que o fogo faz. Ele toma. É a divisão matemática mais bonita e mais feia que já existiu. Só que o fogo na cidade é o pior tipo, porque ele toma

mais do que devia. O fogo na cidade não aprendeu a ter cuidado. Ele pune todo mundo. Ele pega os inocentes, como o Terry. O fogo na cidade é guloso assim. Mas ele só está sendo o fogo. Tem que voltar tudo tão perto do zero quanto puder, por isso queima as coisas até deixar só pedacinhos. Pedacinho que os ventos possam carregar. Esses são os restos. Mas não dá para ver eles direito a não ser que estejam todos juntos numa pilha de fumaça. É assim que os menores pedacinhos se somam, sabe? É um grande fato preto.

MIGUEL “MIGUELITO” RIVERA JR.,

OU MIKEY RIVERA

4 DE MAIO DE 1992

9h

1

Quando toca o meu despertador, eu acordo com a batida de uma música dos Specials na cabeça, por isso arranco os lençóis, vou encontrar a fita deles e coloco no toca-fitas. Estou dando play em “A Message to You Rudy” quando meu pai bate no espaço onde estaria a porta caso eu tivesse porta. Estamos reformando a casa. Na verdade, *ele* está reformando a casa — de novo.

Onde ficava minha parede agora tem um esqueleto de vigas de madeira que eu enchi de livros porque parecia uma estante vazia ali parada sozinha, mas também porque deixa a coisa mais pessoal, pelo menos um pouco. Mesmo assim, ainda consigo ver ele me olhando por trás das lombadas dos meus romances pulp do Richard Allen.

Meu pai é empreiteiro. Tirou um diploma de desenho técnico na Santa Monica City College, mas não faz muita coisa com ele. O que ele faz de principal é vender azulejos e fazer instalações — banheiros, cozinhas, esse tipo de coisa. Sua grande façanha é que ele fez os dois banheiros da casa de hóspedes da Raquel Welch com mármore italiano. Tem uma foto dela autografada e emoldurada na parede da loja, a Tile Planet. Fica na Western, nesse trechinho de Palos Verdes que entra em San Pedro. Dá para ver L.A. inteira dali de cima. Ela

fica embaixo de você. Acho que esse é um dos motivos por que meu pai gosta. Ele gosta de olhar as coisas de cima para baixo, principalmente as pessoas.

— Não precisa bater — digo para o meu pai, mas não dou stop na minha música. — A parede está aberta.

Ele não entende o sarcasmo. Entra um pouquinho no meu quarto.

— Você quer café da manhã ou não quer? — pergunta ele.

Olho para ele por um instante enquanto o *ska* continua tocando entre nós. Meu pai odeia essa música. Essa música dá nos nervos dele, o que obviamente me faz amar ela ainda mais.

— Não? — pergunta novamente e me encara com os braços cruzados. — Eu fiz comida e você não quer nada?

— Estou pensando — respondo.

— Bom — diz ele com irritação na voz —, pensa *mais rápido*.

Quando meu pai descruza os braços, isso significa que eu estou demorando demais para responder. Seis anos atrás, isso significaria que algo de ruim estava prestes a acontecer porque ele não conseguiu o que queria, mas ele apenas aperta os punhos. A cicatriz na mão esquerda se estica e fica roxa quando ele faz isso. Só de ver já me revira o estômago. Por um tempão, significava que o pior estava por vir. Roxo significava que eu logo estaria com hematomas. Ele me vê olhando para seus punhos.

— Eu te fiz uma pergunta simples — diz, abrindo as duas mãos.

— Tá bom — digo para ele parar de me incomodar. — Vou comer um pouco.

Observo ele ir embora através dos vãos entre as vigas, por cima dos livros e em volta deles. Só vejo a onda preta do cabelo dele passar por *O sol é para todos* da Harper Lee e *Hard Times* do Studs Terkel, da minha aula de Grandes Livros Americanos. Quando meu pai entra na cozinha pelo outro lado da casa, eu o perco de vista, mas o ouço fazendo barulho, andando de lá para cá, mexendo em louças e talheres.

Faz muito tempo que as coisas estão ruins entre a gente. Mas ele tem agido diferente nesses últimos dias. Realmente tem prestado atenção. Mesmo assim, por que ele está fazendo café da manhã para mim? Estou achando que ele quer alguma coisa.

Meu pai sempre levou a sério isso de ser da quebrada. Quando eu era mais novo, tinha certeza que eu era da quebrada também, porque ele me quebrava o tempo todo. Digamos que era assim, nos dias em que eu dava sorte, ele me batia com o cinto. Nos dias em que eu dava azar, era com a fivela. Tenho um monte de cicatrizes nas costas agora. Uma ex-namorada branca uma vez me perguntou se eu tinha sido atingido por uma granada. Ela não estava totalmente brincando. Meu pai sempre teve o pavio curto, e eu sou filho único, portanto era assim que as coisas eram até eu fazer treze anos e ameaçá-lo ele com uma faca quando ele tentou me bater. Foi nesse dia que isso parou. Só que a coisa mais estranha foi que, em vez de gritar comigo, ele sorriu e disse que tinha orgulho de ver eu me defender sozinho desse jeito, e então foi embora como se eu tivesse finalmente parado de decepcioná-lo.

Isso me deixou bolado por um tempão, porque me fez pensar em todas as vezes que ele tinha me batido na vida, e fiquei me perguntando o quanto daquilo era de propósito, e não por raiva. Era pior pensar na coisa por esse lado, então agora eu tento não pensar assim. Mas nem por isso ele deixou de ficar decepcionado comigo. Desde essa época, ele só achou outras coisas em mim para não sentir orgulho, tipo quando, na primeira noite das revoltas, o Kerwin e eu tomamos ácido e saímos rodando nas nossas *choppers*.

Ele não ficou contente de saber que a gente estava procurando incêndios para assistir. Não teve jeito de eu explicar para ele que valeu a pena, que eu vi pássaros e dragões se erguendo das chamas e voando para o ar, milhares e milhares, ficando pretos e se transformando no céu noturno. Ele quase tirou a minha moto depois que eu contei, e não o culpo por isso. Você não pode trazer para casa uma menina inconsciente sem explicar nos mínimos detalhes como ela foi parar ali, não para o meu pai.

2

Eu tenho uma Vespa, modelo P-125. Chamamos elas de *choppers* porque “cortamos” partes delas. Se um dia eu bater e destruir, é mais fácil arrancar as partes do que comprar uma nova. Eu turbinei o motor da minha. Arranquei a carenagem, aumentei as forquilhas. Isso aumentou a velocidade máxima de setenta para cento e quarenta quilômetros por hora. Dá para ouvir o gemido do motor a quilômetros de distância. É praticamente uma moto do *Road Warrior*.

Era nela que eu estava andando quando voltei da casa do Kerwin na manhã seguinte e bem quando estava subindo a nossa rua, vi um cara perturbado jogar um coquetel Molotov aceso pela porta da frente da casa do Momo. Não consegui acreditar. Era um moleque, provavelmente mais novo que eu, todo vestido de preto, mas tinha um quadrado branco de guardanapo na testa, grudado com sangue seco. Do lado dele, tinha uma van estacionada no gramado. Eu parei o motor e encostei quando vi o cara, porque não sabia o que ele ia fazer. Por um tempão ele ficou ali parado, com a garrafa queimando na mão.

Eu estava certo que ia explodir na cara dele. Parecia que ele estava falando sozinho, sussurrando, sem perceber em momento algum como a situação era séria, e deve ter chegado ao ponto de queimar a própria mão porque ele deu um grito e a jogou pela porta da frente com toda a força que tinha. Logo em seguida ele se virou para a van e olhou para mim como se quisesse fazer alguma coisa a respeito de eu estar ali parado na minha *chopper*, mas em vez disso ele foi embora.

Eu fui até a porta depois disso porque queria ver se tinha alguma coisa do Momo que eu pudesse salvar depressa, mas no instante em que olhei, vi uma garota caída de rosto no chão da sala, e qualquer pensamento que eu tivesse antes disso simplesmente evaporou.

Do lado dela, um triângulo gigante de fogo laranja subia ondulando pela parede, como nos filmes, só que com um barulho mais alto, e muito quente.

Ficar a alguns metros dele já fez todos os pelos do meu braço direito encolherem até virarem uns toquinhos pretos, e só o que eu consegui pensar em fazer foi pegar os tornozelos da garota e arrastá-la pela porta. Fazendo isso, raspei o queixo e a bochecha dela bem feio no concreto da entrada antes de passá-la para o gramado e virá-la de costas. Ela estava sangrando e inconsciente enquanto eu procurava em pânico seu batimento cardíaco.

No meu quarto, eu dou stop na fita dos Specials. Ainda bem que eu acho chuveiros supervalorizados, porque estamos sem água de novo — alguma coisa a ver com a obra no encanamento. Eu nem questiono mais. Passo um desodorante, pego uma camisa Fred Perry azul, arrumo o colarinho e coloco umas braçadeiras vermelhas. Depois disso, só um jeans manchado de água sanitária, com a barra enrolada para cima o bastante para mostrar cada centímetro dos meus Docs pretos. Meu pai me vê deste jeito toda manhã e revira os olhos. Ele já ouviu a explicação um monte de vezes, mas ainda não sabe o que é um *mod*, ou porque seu filho mexicano-americano ia querer ser um.

Ele não entende que a cultura é diferente para a minha geração, que a gente pode escolher. Quando ele tinha a minha idade, não era o mesmo contexto. Agora são coisas de *cholo*. Coisas de gangue. É egoísta. Ele não entende que a música me salvou. O *ska*, esses lances de Two-Tone, da gravadora Trojan, essa coisa me mantém fora desse mundo. Só que às vezes eu acho que o meu velho ia ficar mais feliz se eu estivesse por aí aprontando, porque talvez isso seja mais próximo de como ele cresceu, mesmo que ele nunca fale sobre isso — mesmo com algumas cicatrizes que com certeza não são consequência de aprender a trabalhar em construção, embora ele diga que são.

Mas minha mãe me entende. Ela fica feliz por eu não estar envolvido. Na verdade, ela é o motivo para eu ainda estar morando em casa, mesmo após ter me formado no colégio há um ano. Ela já está no trabalho a essa hora. Ligaram para ela ontem à noite dizendo que o escritório de contabilidade onde ela trabalha ia reabrir hoje depois de ter ficado fechado na semana passada por causa das revoltas, por isso ela saiu mais cedo, antes de eu acordar, porque estava com medo das notícias sobre *snipers* no noticiário. Quando ela não está em casa, é mais difícil meu pai e eu falarmos um com o outro sem parecer que estamos

brigando.

3

Meu pai está sentado na mesa da cozinha quando eu chego, enchendo a omelete de ketchup porque é o único mexicano na terra que não come omelete com *salsa*. Ele diz que pode comer do jeito que quiser porque é ele que paga.

— Do que você precisa, pai? — pergunto assim que eu sento na frente dele.

— Como assim, “do que eu preciso?” — diz, apontando o garfo para mim. — Preciso comer.

— É, mas por que você fez comida para mim também? Qual é a sua motivação?

Ele dá um bufo de desprezo e enfia uma garfada na boca.

— “Motivação”? Você assiste televisão demais, *mi hijo*, usando esse tipo de palavra.

Ele só está na defensiva porque sabe que eu peguei ele no pulo. Realmente precisa de mim para alguma coisa. Só o que eu tenho que fazer é esperar ele soltar. Olho pela janela da cozinha para a fonte no quintal que meu pai ainda não terminou, coberta de azulejos só até a metade.

Ela tem o formato de um bolo de casamento redondo, de três camadas, com um fosso em volta da base, e parece um lugar onde arco-íris quebrados vão morrer, porque os azulejos nela são verdes e vermelhos, azuis e amarelos, roxos e brancos, todos misturados. Meu pai faz os serviços contratados com o material bom, mas em casa ele é mesquinho, por isso usa os azulejos quebrados que sobram da loja. Órfãos, como meu pai chama, e então ele diz que tem que achar um lar para eles, é a penitência dele. Apesar de eu ter perguntado, ele nunca explicou isso.

Meu pai me olha fixo como se eu fosse um cuzão por uns bons trinta segundos.

— Preciso que você venha comigo até Compton para ver como está a casa vitoriana — diz ele, finalmente. — Traz um dos seus amigos. Não tem como

saber se está seguro andar por ali.

Acho que posso ligar para o Kerwin, que já deve estar acordado, mas também acho que, se eu fizer isso, meu pai pode fazer uma coisa para mim em troca.

— Ok — digo —, mas quero passar no hospital para ver como está a Cecilia também.

Meu pai suspira.

— Ela é encrenca, essa garota. Você precisa ficar longe dela.

— Eu só quero conferir se ela está bem — digo.

Nunca planejei mentir para o Momo sobre a Cecilia. Simplesmente aconteceu.

Num instante eu estava em casa assistindo na televisão a tudo isso que está rolando, e no instante seguinte o Momo estava no meu gramado com um carro cheio de *cholos* atrás dele. Eu não estava esperando uma coisa dessas, por isso entrei em pânico e fui falar com ele. De repente, eu acabo mentindo quando ele pergunta sobre ela. Eu menti porque parecia que ele pretendia matar a Cecilia se eu dissesse onde ela estava.

A verdade é que ela nunca fugiu. Ela tinha inalado fumaça, mas também tinha alguma outra coisa. Estava com os olhos seriamente vidrados. Não era bonito como os acessos de tosse quebravam os momentos de repouso quase fúnebre dela. Coloquei ela na traseira da Honda da minha mãe e a levei para o St. Francis Medical Center na Martin Luther King com a Imperial. Preenchi os formulários com informações sobre ela do melhor jeito que pude, mas na verdade só o que eu sabia era o primeiro nome, que descobri quando a conheci meses atrás, e o endereço do Momo. Quando ela passou pelas portas do pronto-socorro, falei que voltaria para ver como está, e pretendia mesmo.

Mas agora meu pai está olhando para mim como se eu fosse burro a ponto de dar em cima da garota de um traficante. Uma garota em quem eu não daria em cima mesmo se tivesse atração por ela — e não tenho — porque falei para o Momo que ela estava bem e tinha ido embora, não que ela estava ainda aqui em Lynwood presa a um aparelho de respiração. Já estou encrencado o suficiente do jeito como as coisas estão.

— Tá bom — diz meu pai, finalmente.

Sem dúvida eu sou parente dele. Ele diz isso exatamente do mesmo jeito como eu concordei em tomar café da manhã com ele, como se não estivesse bom, mas ele vai fazer isso. Vai me levar de carro até o hospital.

Estamos combinados.

4

Ao meio-dia nós partimos para o hospital, mas quando estamos na Martin Luther King, meu pai pergunta se eu quero almoçar, e quando falo para ele que não estou com tanta fome, ele me ignora e entra no Tom’s Burgers e estaciona assim mesmo. Isso é mais a cara do meu pai, eu acho, não escutar muito os outros, sempre fazer o que ele quer. O Tom’s fica bem em frente ao hospital. Acho que ele está fazendo isso para provar alguma coisa. Ele não queria realmente vir, portanto vai demorar de propósito.

Está cheio de gente lá dentro. Passamos pelos jogos eletrônicos e vamos até o balcão para fazer o pedido. Um garotinho negro está jogando numa velha máquina de Centipede enquanto dois amigos torcem por ele. Os outros dois video games estão ali sem ninguém jogando. O Tom’s é um lugar da vizinhança, conhecido como um lugar de comida barata, satisfatória e ocasionalmente gostosa — e ver este lugar cheio de famílias sentadas para comer, ou casais dividindo porções de fritas, faz parecer que a vida está voltando ao normal, pelo menos um pouco. Não há muita troca de sorrisos entre desconhecidos, mas tenho a sensação de que os outros sentem o mesmo. Não tem olhares assustados. As pessoas não estão debruçadas em cima da comida. Todos só estão tentando tocar a vida.

Esperamos numa fila de oito pessoas, o lugar está totalmente cheio da fumaça dos cigarros de toda essa gente. O tempo todo em que estamos ali parados, eu fico só desejando que a gente tivesse ido no Tam’s em Long Beach. Eles têm as melhores fritas com queijo e *chili*. Eu sei, Tam’s e Tom’s, pode ser meio confuso, mas não se você é de Lynwood. Todo mundo que eu já conheci prefere o Tam’s, mas não fica perto do hospital, e este fica.

— Já escolhe direito o que você quer — diz meu pai. — Quando chegar nossa vez, eu faço o pedido.

— Tá bom — respondo, e este é mais um *tá bom* da família Rivera.

Meu pai sempre sabe o que quer, e quando eu não sei, em relação a qualquer coisa, isso deixa ele maluco. Às vezes eu uso isso em meu benefício, mas num dia como hoje, quando não estou com a mínima fome e realmente não queria estar aqui, estou disposto a satisfazer a vontade dele enquanto passo os olhos no cardápio na parede atrás dos caixas. Acho que só um cheeseburger. Assim não tem risco. Sem molho thousand islands, sem cebola. Mas com *jalapeños*. Eu mesmo posso pôr o ketchup. Eles sempre deixam separado com os outros condimentos.

Quando é nossa vez de pedir, falo para a menina do balcão o que eu quero e ela anota.

— Para você é só isso? — pergunta ela.

— Só isso.

— Isso não é suficiente para você — diz meu pai —, e eu não estou nem um pouco a fim de ouvir você me dizer que está com fome mais tarde. Pede uma batata frita para ele também.

É constrangedor. É claro, seria menos constrangedor se a menina do caixa não fosse tão gata, e ela é muito. O crachá dela diz “Jeanette”, e estou prestes a pedir desculpas pelo meu pai, quando um cara atrás de mim dá um tapinha no ombro dele. Meu pai encolhe o ombro e ignora o homem, mas ele já começou a contar uma história.

— Senhor, eu nunca incomodaria de propósito, mas estou com fome. Sou diabético. Não como direito desde que essa coisa toda começou — diz o homem, como se estivesse lendo uma lista. — Tocaram fogo num cara chamado Terry que mora mais para cima no rio...

Ele continua contando. Talvez seja verdade ou talvez seja uma ladainha que ele solta o tempo todo, mas por algum motivo eu duvido. Observo meu pai avaliar o cara e decidir que é só um negro que teve uns dias ruins. Ele parece um mendigo. Parece exausto, e tem a pele em tom negro claro. Não pode ter mais que um metro e sessenta com essa camiseta preta comprida e bermuda suja para cobrir suas perninhas de palito. Ele se apoia numa bengala com penas amarradas. O cabelo dele está puxado para trás num pequeno rabo de cavalo trançado que está desfiado e solto na ponta, mas ele tem uma grande cicatriz no nariz em

forma da letra *C*, como se alguém tivesse tentado cortar fora uma narina e errado. As bochechas são salpicadas de pintas claras, e ele parece bizarramente chapado — pupilas tão dilatadas que só mostram pequenos círculos de íris azuis de cada lado.

Meu pai manda o cara pedir o que quiser para a garota do balcão, o que é estranho, porque meu pai *nunca* faz isso. O cara pede um cheeseburger com bacon e fritas com uma dose extra de sal temperado. Este cara então me diz que meu pai é um homem muito bom e pergunta qual é o meu nome, então digo Mikey. Ele pergunta o nome do meu pai e fica sabendo que é Miguel. Diz que o nome dele é James. Diz que é um prazer nos conhecer, e é claro que é um prazer, porque meu pai acaba de comprar comida para ele. Na verdade, já consigo ver meu pai parando de prestar atenção enquanto o James agradece de novo pela gentileza. Para o meu pai, ele fez sua boa ação então quer que o deixem em paz.

Enquanto isso está acontecendo, observo a Jeanette anotar o pedido e escrever à mão na nota fiscal que as coisas do James são “para viagem”, o que é bom, porque o James agora não para de falar sobre o Vietnã, sobre ser veterinário, e como isso não é apreciado neste país, antes de mudar de assunto e falar sobre o rio.

As pessoas nos assistem enquanto meu pai paga. Até chegar o troco, fico olhando para o azulejo do chão, um com um milhão de pedrinhas diferentes, todas esmagadas. Meu pai saberia como isso se chama.

Ele finalmente dá uma cortada no James.

— Escuta, eu comprei comida para você e eles vão trazer, então vai sentar sozinho. Nós temos nossos próprios problemas. Não precisamos ouvir os seus também.

Talvez isso possa soar frio, mas é verdade. Todo mundo tem problemas. É assim e pronto. Melhor ser direto com as pessoas e avisar de cara o que você pode ou não pode fazer.

— Que desgrama — diz o James —, não carece de ser mal-educado.

Não sei o que desgrama significa, mas pelo que percebo, ele parece ser do sul, não é daqui. A fala dele tem um certo gingado, uma maciez que não combina com o aspecto atormentado dele. Enquanto eu tento entender o cara, meu pai

segura meu cotovelo, mas eu me solto e olho feio para ele. Ele olha para mim, suspira e anda até uma mesa no canto. Eu vou até a mesa de condimentos e pego ketchup, um frasco de Tapatío e uns guardanapos. O James me segue até lá.

— Mandando eu ir sentar sozinho — diz o James —, fala uma coisa e depois diz outra. Nossa Senhora nunca faria isso. Nunca diria isso.

— Payasa — fala atrás de mim uma voz de homem numa mesa ali perto —, dá um jeito nessa merda.

5

Uma garota musculosa, uns poucos centímetros mais alta do que eu, levanta de onde está sentada com três caras e se coloca entre o James e mim. É uma *chola* de verdade. Percebo pelo jeito que ela me olha enviesado. Ela tem olhos castanho-claros, daquela cor marrom que tem a garrafa de cerveja quando um faixo de luz atravessa.

— Com licença — diz ela. — Esse cara está te incomodando?

— Não — respondo. — Está tudo bem.

— Então ok — diz ela para mim, mas vira para o lado e encara o James. — Melhor você cair fora se quiser comer a comida que essas pessoas simpáticas te ofereceram. Eles não tinham que ter feito isso. Eu não teria.

Eu ando devagar até a mesa onde meu pai está sentado, e vejo que agora o James tem alguma coisa no olhar, um brilho de loucura.

— Terra da Liberdade — diz o James para a garota. — Eu sou veterinário, desgrama.

— É, a gente já ouviu isso da primeira vez — retruca ela. — Obrigada pelo seu serviço. Agora faz um favor para todo mudo e cala essa boca.

O James fica de queixo caído com isso e começa a bufar enquanto puxa a manga do agasalho para revelar um antebraço com duas longas cicatrizes em todo o comprimento.

— Um facão — diz o James passando o dedo no antebraço. — Eu sou veterinário, filha da puta desgramada! Terra da Liberdade!

Não sou especialista, mas acho que poderia ser um ferimento de facão. Eu olho para o meu pai para ver se ele concorda, mas ele está olhando para baixo, lendo um pedaço do jornal que trouxe do café da manhã. BRADLEY SUSPENDE HOJE TOQUE DE RECOLHER, diz a manchete na primeira página, e embaixo dela: ELE NÃO QUER ESPECULAR SOBRE A PARTIDA DE TROPAS.

— Que merda — diz a Payasa. — Isso não é nada.

Eu me enfio dentro da cabine de madeira, ainda olhando para a Payasa enquanto ela levanta a camisa para mostrar um aglomerado de cicatrizes na lateral do corpo.

— Isso não é uma cicatriz — diz ela, apontando para o braço do James. — *Essas* são cicatrizes de verdade.

Parece que uma pessoa cega tentou escrever numerais romanos nela, principalmente *I*s, um *X* e um *V*. Demora um instante até eu entender que devem ser velhos ferimentos de faca. Eu conto dez, e não consigo terminar de contar antes de ela baixar a camisa.

— Terra da Liberdade — fala ela —, mas só se você pagar a sua parte.

Ela está prestes a dar um safanão nele, eu penso.

O James deve ter pensado a mesma coisa, porque dá um passo para trás.

— Eu já *paguei* — diz ele, mas agora está gemendo.

Ele perdeu essa disputa de algum modo, de um jeito que eu não entendo direito, mas sei que aconteceu, porque agora ele está diferente, mais curvado.

— Paguei uma parte de sangue, foi isso que eu paguei — afirma o mendigo. — Esta é uma cidade preta!

As pessoas já estavam constrangidas com a cena antes de ele trazer a questão da raça, mas esse comentário simplesmente quebra o recinto em dois. O salão da lanchonete parece ter cinquenta por cento de cada, metade negros e metade hispânicos, com uma família de Samoa no meio. Vejo pessoas tomando partido em silêncio, ficando prontas para reagir se for rolar alguma coisa. Meu pai pega o frasco de Tapatío da mesa e vira ao contrário no punho fechado, como se fosse usar caso necessário. É um gesto tão calmo, tão silencioso, que eu quase nem percebi. Ele faz isso sem tirar os olhos da primeira página do caderno de esportes que diz LAKERS SE RECUSAM A SER POSTOS DE LADO.

A Payasa ri. Isto não dissolve a tensão no recinto. Só piora.

— Não — diz —, essa não é uma cidade preta, mas talvez você deva ficar por aqui. Em dez anos, ninguém mais vai nem comer costeleta de porco, como fazem seus amigos do sul, só *tacos*.

Os olhos do James quase saltam para fora da cabeça. Ele parece que vai explodir.

— Mas sabe por quê? Porque a gente trepa mais que vocês — continua Payasa. — A gente tem mais bebês que vocês, e a gente continua por aqui. Nós já ganhamos. É só uma questão de *quando*.

O James abre a boca, mas a menina do balcão salva a situação inteira entregando a comida dele numa sacola. Ele olha para a menina, para a Jeanette. Ela faz com os lábios as palavras *vai embora*, e ele deve ter decidido que não é uma má ideia, porque quando realmente vai, ele sai de costas pela porta olhando para a Payasa.

— Pois é — diz a *chola* com um olhar de satisfação no rosto —, foi isso que eu pensei. Podem voltar a comer, todo mundo. Agora vocês estão seguros. Acabou o show.

Enquanto ela senta de volta, meu pai coloca o frasco de Tapatío de volta na mesa e puxa para si o cinzeiro fino de alumínio antes de pôr a mão no bolso da camisa e tirar um maço de cigarros de cravo. Lanço um olhar para mostrar que não gosto de ter que comer perto de alguém que está fumando, mas ele rebate na hora com seu próprio olhar.

— O que foi? Eu apago quando a gente for comer — diz ele.

Do outro lado da rua, em frente à nossa mesa, está a torre de vidro do St. Francis conectada a um prédio retangular com uma pequena cruz em cima. Do lado dele há um shopping pequeno, com paredes revestidas com um acabamento branco que eu sei que meu pai consideraria terrível. Na ponta do shopping pequeno há um banco de empréstimos com guardas armados com rifles parados na frente. Duas portas adiante há um salão de manicure, mas está fechado. Nada disso é tão interessante quanto a Payasa.

Eu volto os olhos para a garota, para a mesa onde ela está. Ela está virada para o outro lado, rodando seus ombros musculosos. Seu cabelo está preso em duas tranças apertadas dos dois lados da cabeça. Na verdade nunca vi uma mulher de gangue antes. Uma ou outra, talvez, mas não se levantando deste jeito, não exercendo autoridade.

Observo a mesa dela por um instante, e agora faz sentido ter sido ela quem se levantou. Os três caras ali estão todos machucados. Não é preciso muito raciocínio para entender que eles acabaram de sair do hospital. Um deles está

numa cadeira de rodas com uma perna elevada. Ele tem uma tipoia no braço também. O magrelo ao lado dele está com a cabeça enfaixada, e noto que ele está olhando fixo para a mão do meu pai — para a cicatriz, eu acho. Tem olhos mortos iguais aos do meu pai quando não quer que ninguém saiba o que ele está pensando, mas alguma coisa está acontecendo ali, porque o cara afasta o prato de comida e vira o corpo inteiro na direção da janela. Eu me pergunto por que ele faria isso.

Ultimamente tenho tentado ficar de olho aberto à procura de histórias, e decido que com certeza há uma boa história em como esses quatro foram parar nessa mesa com uma aparência dessas. Também decido que não gostaria de encontrar as pessoas que fizeram isso com eles, porque eles parecem completamente duros na queda. Estou cursando gestão de pequenas empresas na El Centro Community College porque meu pai quer, mas na verdade quero ser escritor, por isso encaixo umas aulas de inglês sempre que consigo.

— Meu hambúrguer passou do ponto — diz o cara na cadeira de rodas. — A gente devia ter ido no Tam’s.

— Não se preocupe com isso — responde o maior de todos.

Seu braço parcialmente tatuado está num gesso novo que não tem nenhuma assinatura.

— Se eu pudesse cozinhar — continua ele —, você não ia ter que comer isso, mas não posso, e o Tom’s fica perto, por isso é o Tom’s e pronto. De nada.

Ele soa como meu pai, um provedor, cercado de gente mal-agradecida.

— Foi mal — diz o outro.

Eles não falam muito depois disso, e me ocorre que eles próprios estão bastante exaustos. Meu pai e eu terminamos, mas só depois que eu faço questão de não comer as batatas fritas que ele pediu. Ele as come, olhando fixo para mim o tempo todo.

Quando partimos, sinto olhares sobre nós outra vez, mas não me viro. Enquanto estamos saindo para o estacionamento, vejo um ônibus estacionado na Norton. A lateral está totalmente pichada, mas eu não consigo ler. Talvez um *F* e alguma coisa. Um *P* ou um *K*, talvez? Parece um *K*. Ando em direção ao ônibus e subo numa muretinha que faz a divisão com o estacionamento do banco ao

lado. Dali vejo a traseira do ônibus, e consigo ler o que está escrito, claro como o dia — diz ERNIE. Na perna de baixo do último *E*, diz R.I.P.

— Você viu isso? — pergunto para o meu pai.

— Claro — diz ele, enquanto mexe nas chaves.

Pergunto a opinião dele.

— Acho que ele morreu — diz meu pai, dando de ombros.

Então ele entra no carro, mas eu continuo olhando porque está ali para ser visto. Do meu lado, a picape dá partida. Eu desço da mureta. Me ocorre que só recebe uma homenagem dessas quem tem alguém que se importe com você, e se alguma coisa muito triste aconteceu. É um tributo, e é feito para ser notado. Nem todo mundo vai se importar, mas pelo menos quando eles puserem os olhos, vão saber que esse cara existiu. Eu me pergunto qual era a história do Ernie, pelo que ele passou para que seu nome fosse parar na traseira de um ônibus desse jeito.

Meu pai buzina para mim.

— Ok, tá bom! Estou indo — digo. — Não precisa buzinar!

— Foi você que exigiu ir no hospital! — grita meu pai, de dentro da cabine com a janela fechada

Ele tem razão. É claro que ele tem razão, mas se alguma coisa mudou em mim desde que as revoltas começaram, é que agora tenho notado as coisas. Estou enxergando, *realmente* prestando atenção na minha cidade outra vez. Antes, eu tinha parado de enxergá-la. Andar por L.A. era só algo que acontecia entre as coisas importantes, como comer e sair com os amigos, mas agora, depois de cinco dias disso, com a Guarda Nacional intervindo e os U.S. Marines chegando para restabelecer a segurança, andar pela cidade é a coisa realmente importante.

Eu dou uma última olhada no ERNIE e espero que ele tenha tido uma boa vida, a melhor vida que poderia ter tido, dadas as circunstâncias, e então isso me parece bobagem, porque eu nunca conheci o cara, então apenas entro no carro, e nós partimos.

6

Indo para o quarto da Cecilia na seção de tratamento semi-intensivo, no elevador que tem cheiro de amônia e donuts, escuto duas enfermeiras falando de alguma coisa que aconteceu no saguão em frente ao Pronto-Socorro do St. Francis na sexta-feira à noite.

— Esses dois membros de gangue entraram de revólver na mão — diz a mais baixa das duas enfermeiras. — Ninguém sabe por quê, mas fizeram isso. E os dois andaram direto até uma família de três pessoas que se queimaram num incêndio doméstico, queimaduras leves, sabe, mas mesmo assim, e ela estava esperando para receber ajuda, esta família, segurando panos molhados nos braços e no pescoço, quando os dois caras foram lá e colocaram os revólveres na cara deles, até na de uma garotinha.

A enfermeira alta então solta um som de preocupação.

— Que idade tinha a garotinha? — pergunta ela.

— No máximo uns onze ou doze — responde a enfermeira mais baixa. — O estranho foi que esses dois bandidos nem pareciam *querer* nada. Não estavam ali para roubar ninguém. Não pediram as carteiras. Estavam ali meio que só para aterrorizar as pessoas, sabe? Para ficar desfilando como se fossem durões.

— Nunca ouvi falar desses caras simplesmente aparecendo e fazendo uma coisa dessas sem nenhum motivo. Aposto que eles estavam procurando alguém e talvez não conseguiram achar — diz a enfermeira alta, e dá uma fungada. — Quanto tempo durou isso?

— Vinte minutos — responde a mais baixa —, e aí quatro homens da Guarda Nacional apareceram, miraram os rifles neles e mandaram eles irem embora imediatamente, ou encarariam sérias consequências. Falaram assim mesmo. *Sérias* consequências.

Neste ponto, o *pager* de uma das enfermeiras toca atrás de mim com três bipes estridentes. Não sei de qual delas é, porque meu pai e eu entramos no

elevador por último e estamos educadamente olhando para as portas, mas ouço as duas conferirem.

— O dever me chama — fala a mais alta, que sai do elevador no quarto andar quando chegamos lá.

Estamos indo para o sexto, e para o meu alívio, a enfermeira mais baixa continua ali.

— Desculpa eu ter prestado atenção — digo —, mas o que aconteceu depois disso, depois que os homens da Guarda Nacional chegaram?

Ela me estuda por um instante, como se estivesse tentando decidir se eu mereço ouvir o resto. Tem cabelo preto, olhos azuis e um narizinho arrebitado feito uma rampa de esqui.

— Os bandidos na verdade deram pra trás, dizendo alguma coisa do tipo "ok, cara, tanto faz, sem problema, a gente só estava se divertindo".

— Uau, *isso* é "se divertir"? — solto.

Ela encolhe um pouco os ombros e inclina a cabeça para mim como se estivesse tentando entender se eu sou um menino protegido ou apenas ingênuo, porque por aqui os bandidos fazem todo tipo de coisa o tempo todo, e por que não iam fazer uma coisa ainda mais louca quando não tem ninguém para detê-los? Eu não sou nenhum dos dois. Nem protegido, nem ingênuo, quero dizer — mas ela não tem como saber disso. Só está me deixando nervoso por ser tão bonita. Eu me pergunto se ela sabe disso agora. Meu pai sabe. Sinto ele dando um sorrisinho do meu lado.

O silêncio é quase constrangedor agora, mas eu fico pensando se a história continua além disso.

— Então foi isso? Eles foram embora e pronto? — pergunto.

— Ahã — diz ela —, eles foram embora, e quando partiram, o saguão inteiro começou a aplaudir.

— Legal — digo.

Não é a melhor resposta, mas pelo menos eu disse alguma coisa.

Quando descemos no sexto andar, agradeço a ela por ter me contado como terminou e ela pisca os olhos azuis para mim.

— Sem problema — diz ela, enquanto as portas se fecham.

7

O horário de visita começou às 10h30 da manhã, mas estamos aqui agora, um pouco depois de 13h. Todos os corredores de hospital para mim têm o mesmo aspecto e sensação: paredes brancas, piso de azulejos brancos, luzes fluorescentes, e são impessoais, limpos, cheios de eco. No balcão, uma enfermeira com um penteado estranho, cheio de camadas, que parece um repolho cinza, nos diz que a Cecilia deve estar acabando de almoçar, e eles estão se preparando para enviá-la para...

Ela se interrompe na hora.

— Desculpe — diz ela —, vocês são da família? Eu só posso dizer se vocês forem da família.

Eu digo que não antes do meu pai, porque eu sei que ele ia dizer isso.

— Ainda bem que não — confessa a enfermeira. — Se fossem, eu ia ter que pressionar vocês para obter informações pessoais e de seguro. A gente tem trabalhado muito de graça ultimamente.

Ela nos entrega a prancheta de registro de visitantes, e enquanto estou escrevendo o meu nome e o do meu pai, a enfermeira nos diz que o centro médico inteiro tem pacientes demais. Agora só estão tentando tratar e liberar. Depois disso, ela nos diz o número do quarto da Cecilia. Quando chegamos lá, a porta está aberta.

O quarto onde ela está ficando foi construído para duas pessoas, mas além das duas camas normais, tem uma maca estacionada no espaço ao longo da parede embaixo da televisão. Tanto a maca quanto a outra cama estão desocupadas. Pela janela, vejo o Lynwood Park e seu verde intenso, seis andares lá embaixo. Tem um campo de beisebol e um playground cercado por fita amarela.

Eu bato na moldura da porta. A Cecilia está de pé, se enfiando numa calça jeans. Seu cabelo está liso e escorrido do chuveiro, pesado nos ombros e pingando, molhando cada vez mais uma camiseta onde se lê: MARATONA DA

CIDADE DE LOS ANGELES, SUA VIDA, 1989. Esta não é a roupa que ela estava usando quando eu a trouxe para cá.

— Roupas de doação — diz ela, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Você acredita nessa merda? Toda essa gente do hospital me falando que minha roupa estava com fumaça demais e que eu não podia ficar com ela. Disseram que era uma coisa nociva e que eles tiveram que jogar fora. Eles estão mentindo, é isso que eu acho.

Ela mexe no botão de cima da calça jeans. Está mais pálida do que da última vez que a vi, caso isso seja possível, como se tivesse perdido uns cinco quilos de tanto suar nesse meio-tempo. Mas os arranhões no queixo e na bochecha já formaram uma crosta. Ela parece melhor, de modo geral.

— Eles querem me mandar para tratamento, mas eu não vou para essa merda.

O jeito que ela fala é estranho. É como se estivéssemos lá, pois ela registra nossa presença, mas é também como se não estivéssemos. Suas palavras não parecem ser para nós, é mais como se ela falasse para qualquer um que parasse diante dela.

— Essa gente do hospital achando que é tão esperta — continua ela —, falando que eu tenho sorte de eles não me denunciarem para a polícia por uso de drogas, mas como eles vão me denunciar se eles nem sabem meu nome completo?

Ela ri disso, como se ela fosse esperta, e eu sinto os olhos do meu pai sobre mim nesse momento, seu olhar de eu-te-disse-que-essa-garota-era-doida ardendo na minha bochecha, mas não demonstro que percebo.

— Preciso voltar para o Momo — completa ela.

Uau. Essa com certeza é a última coisa que eu quero ouvir. Nem sei como reagir a isso.

— Acho que não é uma ideia tão boa — digo. — Isso poderia ser, sabe, um recomeço para você.

Os olhos dela se enfurecem depois que digo isso, como se fosse loucura o que eu acabei de sugerir.

— É uma ideia ótima — fala ela. — Eu quero o Momo. *Ele* pode ser meu recomeço.

Já sinto que estou afundando, por isso faço uma coisa arriscada. Não tenho escolha.

— É melhor para nós dois se você não se lembrar de como chegou no hospital. O Momo acha que eu te resgatei sã e salva, e que você me roubou trinta e um dólares e foi embora. Você pode lembrar esse número se ele um dia te perguntar? Trinta e um?

Ela parece chocada só por eu sequer ter sugerido isso.

— Por que eu ia mentir para ele? Eu não ia mentir. Não para o Momo. Eu *amo* ele — diz ela.

A conversa continua assim, eu tentando convencê-la a colaborar com o que eu disse para o Momo, e ela se negando, por isso a gente não chega a lugar algum, e eu vou embora frustrado e com medo do que talvez possa acontecer quando o Momo descobrir que eu menti, porque quando ele souber disso, vai querer saber por quê, e a última coisa que um cara medonho quer ouvir nessa situação é que você só estava tentando fazer a coisa certa e protegê-la dele.

Meu pai não me diz nada no corredor, nem no elevador, mas não, ele aguenta até nós chegarmos no saguão.

— Você não acha que sua vida estaria muito mais fácil se você tivesse deixado ela queimar lá dentro? Se você nem tivesse se envolvido? — pergunta ele.

Eu não respondo. Só me dirijo à saída andando.

— Escuta — diz meu pai atrás de mim —, você não devia se preocupar com isso. Estou te dizendo, se ela voltar para ele, ok. Tudo bem. Não vai ser a primeira vez que uma mulher voltou para um homem mau. E que diferença faz o que ela disser para ele?

Meu pai, apesar de todos os seus defeitos, nunca bateu na minha mãe.

Eu paro onde estou e me viro para ele.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto.

— Quero dizer que ela é uma drogada, *hijo*. Acorda! Ninguém sabe disso melhor do que o Momo, porque provavelmente foi ele que deixou ela desse jeito. Ele já sabe que não pode confiar nela porque a casa dele pegou fogo quando ela estava tomando conta. Qualquer coisa que sair da boca dessa mulher agora vai

ser visto como uma desculpa, ou como se ela estivesse querendo limpar a própria barra. Então não importa *o que* ela vai falar para ele. Mesmo se ele vier te fazer perguntas, você é mais confiável do que ela. Ele vai acreditar em você.

Meu pai olha para mim e ergue as sobrancelhas.

— Como é que você sabe disso tudo? — pergunto.

Meu pai dá outro suspiro e examina o piso de linóleo sob os nossos pés. É de plástico, fabricado para parecer pedra branca. Ele chuta com a ponta da bota porque acha que é uma porcaria barata, mas ele entende, porque é fácil de limpar.

Ele levanta os olhos de novo e me encara como se não soubesse direito o que me falar.

— Seu velho pai sabe mais do que você pensa — responde, dando de ombros.

É bem a cara dele dizer que sabe uma coisa sem dizer nada específico. Não tem como discutir. Meu pai é especialista em tudo.

— Estou preocupado que ele a mate se ela voltar — digo.

— Essa menina não é preocupação sua — retruca. — Você é sensível demais, *mi hijo*. Eu não te criei para ser durão? O que acontecer a partir de agora não é da sua conta.

Pronto. Mais cedo ou mais tarde, toda conversa onde a gente bate de frente se reduz ao fato de eu ser sensível demais.

— Você realmente não acha que vale a pena tentar salvar a vida de uma pessoa? — pergunto.

Meu pai franze a testa e parece triste enquanto apalpa o bolso da frente da camisa procurando os cigarros de cravo antes de tirá-los e lentamente remover um da embalagem.

É um palito marrom, e ele o aponta para mim.

— Mas você já salvou a vida dela quando arrastou ela para fora, *hijo*. O que você não pode fazer agora é salvar as pessoas *delas mesmas*. O resto é por conta dela, e acredite em mim, os drogados só vão te decepcionar e fazer você se arrepender de ter tentado.

Parece tão pesado quando ele diz isso, como se talvez já tenha tentado salvar uma pessoa drogada antes e não tenha conseguido, o que é estranho, e eu nem

sei o que dizer sobre isso, porque nunca nem ouvi meu pai usar essa palavra antes, por isso eu rompo o contato visual com ele e olho para o meu relógio de pulso. Já passou da hora que combinei de buscar o Kerwin, mas não preciso telefonar. Ele vai estar na frente da casa quando chegarmos, apenas sentado lá, esperando.

Meu pai me deixa e sai para um fim de tarde que parece quente e branco atrás das portas deslizantes. Ele espera que eu vá atrás, mas está me dando um tempo. Do lado de fora, os carros estão em movimento, porém são lentos, cautelosos. É como se o mundo estivesse começando a seguir em frente de novo, mas quisesse olhar para os dois lados antes de realmente tentar.

8

Quando nós pegamos o Kerwin, que estava esperando do lado de fora exatamente como eu pensei, ele tem uma escolha: sentar na traseira da picape ou ficar apertado na cabine junto com meu pai e eu. Ele escolhe a caçamba, o que é bom, porque ele é grande e negro: um metro e oitenta e sete, ombros largos e uma certa barriga. Meu pai e eu ficamos felizes por não estar dividindo o banco da frente com ele. O Kerwin está sentado de costas para a cabine e com as pernas esticadas para a frente. Apoia um cotovelo numa caixa de papelão que meu pai tem lá atrás. Eu abro a janela entre nós, e berramos um para o outro.

— Lembra quando aqueles caras negros jogaram pneus na gente aquela outra noite quando a gente estava pirando nos incêndios? — começa Kerwin.

Eu olho para o meu pai, mas a mente dele está em outro lugar, por isso respondo como quero.

— Isso aconteceu de verdade? Achei que tinha sido uma alucinação.

— Cem por cento real — responde o Kerwin, rindo.

O Kerwin e eu temos uma banda juntos, Forty Ounce Threat. Eu toco baixo e canto. O Kerwin toca guitarra. As músicas são tipo um rock de rua.

Estou no comando do rádio enquanto meu pai dirige para o sul, na direção de Compton. Acho a KRLA, esperando que tenha alguma coisa de soul, mas tem uma banda de *doo-wop* tocando que eu não reconheço. No retrovisor, vejo o Kerwin balançando a cabeça enquanto a gente vira à esquerda da Imperial na North Alameda e eu baixo o vidro para ver a cidade passando.

São só uns seis quarteirões ou algo assim. Esta área inteira basicamente é só industrial e de grandes fábricas, e nada disso parece ter sido afetado pelas revoltas. Tem lojas de acessórios para carros, lojas de granito, de madeira para construção. Quando passamos pela Del Steel, percebo que o depósito deles parece estar bem. Eles fazem coisas decorativas de aço. Meu pai trabalha com eles de vez em quando. A L&M Steel, nos depósitos com o teto curvado,

também parece estar bem. Meu pai diz que esta área era bem agitada nos anos 1970, cheia de lojas, mas agora está à beira da morte. Tem aço mais barato da China, e ele já vem moído e com tratamento térmico. Além disso, os operários americanos custam caro demais. Já faz um tempo que a grande indústria foi para outro lugar. Mesmo antes da recessão, já estava indo para outro lugar.

Quando a música termina, um DJ diz que o prefeito Bradley suspendeu o toque de recolher, então é isso. As revoltas terminaram.

— Bem-vindos de volta à sanidade — diz o DJ, com sarcasmo.

Meu pai dá um bufo de desprezo.

As ruas me parecem normais agora. Pelo menos, parecem tão normais quanto eram antes das revoltas. É South Central como eu sempre conheci: sobretudo um lugar tranquilo, com pessoas cuidando das próprias vidas e trabalhando duro. Mesmo assim, pessoas no mundo todo pensam que agora Los Angeles é uma cidade de negros revoltados, uma cidade de bandidos e gente que põe fogo nas coisas. Essas pessoas devem achar que o que aconteceu com o Rodney King foi um fato isolado, mas não sabem que todo mundo tem um Rodney King na sua vizinhança, alguém que os policiais espancaram por bons ou maus motivos. Ele talvez não seja negro. Talvez tenha pele marrom em vez disso.

Depois que passamos pela Banning, avistamos pela primeira vez uma propriedade destruída. Porém sentimos o cheiro antes de chegar ali. Não sei se eu já soube qual empresa ficava neste depósito. Agora está completamente destruída por dentro, mas os esqueletos carbonizados de duas paredes ainda estão de pé. Em contraste com as paredes brancas de outro depósito atrás, parecem mais desenhos de carvão do que alguma coisa que já tenha sido sólida. Na frente delas, um velho com um boné dos Raiders golpeia o telhado com uma machadinha — o telhado que desabou e agora está no nível do chão. Eu levanto o vidro e pergunto para o meu pai o que era este lugar.

— Ferramentas para máquinas — diz meu pai.

— Você sabe quem é o dono?

Meu pai não sabe. Viramos da North Alameda na El Segundo, e vejo a Willard Elementary School na esquina. A escola não foi queimada, mas por algum motivo alguém cortou a cerca com um corta-fios, o que me faz pensar que

talvez alguém tenha tentado roubar a escola, mas perco a linha de pensamento porque estou esperando ver nosso conjunto residencial de dois andares, branco com um telhado preto e treze apartamentos, bem ao lado da escola — mas não tem nada ali.

Em vez disso, há um espaço vazio onde costumava ficar o nosso prédio.

— ¡*Hijo de su chingada madre!* — exclama meu pai, e ele se endireita no assento, sentando bem na beirada. — Construí essa porra inteira à toa.

Meu pai dá uns bons socos no volante. Eu contraio o rosto, mas de algum modo acho bom. Uns poucos anos atrás, teria sido eu que levaria porrada.

Conforme nos aproximamos, vejo a carcaça do que restou, uma concha preta sugando o que resta do sol poente. Aqui e ali, aparecem pedacinhos de parede branca que não queimou. O resto está preto. Meus olhos então contornam o prédio e olham para a casa vitoriana — que parece intocada —, mas além dela, no terreno seguinte, não tem outro prédio de apartamentos como eu esperava, um que costumava ser o espelho do primeiro, a mesma planta e tudo o mais: paredes brancas, telhado branco e treze apartamentos. Mas também não tem nada ali. Ainda é um espelho, só que um espelho preto, porque agora a casa vitoriana está intacta entre dois terrenos enegrecidos, porque dois dos nossos prédios foram totalmente destruídos pelo fogo.

Está ficando difícil respirar enquanto meu pai passa pela casa vitoriana e pega o pequeno beco que corre na lateral dela. Dali temos uma boa visão do que restou do segundo prédio de apartamentos, com duas vigas de suporte enegrecidas que despontam no terreno feito traves de gol carbonizadas. Estacionamos ali, na terra, do lado da casa vitoriana em estilo Queen Anne que ele possui, a que ele está consertando desde que eu tinha nove anos. Meu pai construiu sozinho a cerca branca de estacas na frente. Atrás dela, há uma casa simétrica de um andar, com duas torres pontudas que saem dos dois lados da porta da frente, fazendo parecer um rosto com duas janelas retangulares como olhos, uma porta como nariz, e um alpendre plano como boca.

Estou aliviado por ela ter sobrevivido, é claro, mas ainda estou assimilando o fato de que os dois prédios foram totalmente destruídos, quando uma coisa finalmente me ocorre, uma coisa que ir ao curso de gestão de pequenas empresas

deveria ter me feito pensar dias atrás.

— Pai — digo —, nós estamos falidos?

9

É uma pergunta idiota. A resposta está bem na minha frente. Desde que comecei a estudar contabilidade, meu pai vem me mostrando extratos de empréstimos desses últimos meses. Está tentando me ensinar a tocar o negócio quando ele morrer. Entre estes três imóveis, ele se afundou em dívidas de mais de um milhão de dólares. Cobriu-se até a testa de hipotecas para conseguir tanto dinheiro.

Isso porque meu pai nunca usa material de segunda quando faz uma reforma, mas tem que dar um jeito de cortar custos, então abre mão de todos os seguros, exceto o de proteção contra terremotos. Ele acha que, se fizer a reforma com rapidez o suficiente, vai ficar tudo bem. A casa vitoriana é a única exceção a essa regra. Foi construída em 1906, na época em que a Sunset Strip era só um grande campo de bicos-de-papagaio. Para *esta* ele tem seguro. É o seu bebê.

Meu pai fecha os olhos enquanto respira fundo e solta o ar tossindo. Não consigo vê-lo desse jeito, por isso puxo o Kerwin pelo beco até o lugar onde ficava uma antiga bomba de gasolina, perto de um abacateiro tão grande que poderia aparecer num filme.

O Kerwin quebra o silêncio com um sussurro.

— Tudo o que o seu pai tinha queimou?

— Tudo, menos isso — digo, apontando para a casa com o queixo.

Meu pai a comprou da família Kelly, uma das últimas famílias brancas a ir embora de Compton.

— Tinha uma bomba de gasolina aqui — continuo, apontando para uma longa linha de terra no quintal onde a grama não consegue mais crescer.

O Kerwin quer saber por quê, então conto a ele que esta casa é mais velha que os postos de gasolina. Meu pai vem comprando e vendendo imóveis há mais ou menos uma década. Minha mãe diz que ele sempre quis desenvolver South Central, melhorar este lugar, por isso comprava um imóvel e vendia, depois fazia

isso com dois. Isso virou um padrão. Depois de quatro vendas, ele comprou a loja de azulejos na Western, e agora ele tem cinco imóveis: três em Compton, um em Watts e um em Lynwood, mas a casa vitoriana com teto abobadado, dois quartos, uma biblioteca e uma sala íntima em Compton sempre foi o ponto alto.

— Este era o sonho do meu pai — digo. — A prova de que ele podia construir uma coisa não só boa, mas também bonita. Pelo menos isso é o que minha mãe acha. Por um bom tempo, parecia que meu pai só ficava feliz aqui. Eu o acompanhava nos fins de semana quando ele vinha reformar.

Lembro que a serra sempre ficava na cozinha. Por anos, a casa cheirava a madeira recém-cortada e tinha serragem espalhada por tudo. Eu trazia as coisas de que ele precisava — um martelo, uma chave de boca. Ele me ensinou a mexer com fiação aos catorze anos. Até hoje eu sei que o trabalho que fiz nessa época foi uma das únicas coisas que o deixaram orgulhoso de mim. Ajudou o fato de que eu nunca caí de cima de nada, nunca pisei num prego. Eu era cuidadoso. Mas fiquei cuidadoso depressa, porque a punição para qualquer passo em falso podia ser uma surra de cinta.

— Só que a vizinhança mudou muito rápido — digo. — Um monte destas casas antigas foram derrubadas. Depósitos foram construídos, mas você viu quando a gente chegou. Em pouco tempo, ninguém mais queria morar nessa rua.

O Kerwin dá de ombros.

— Quem ia querer morar ao lado de um depósito?

Não é o tipo de pergunta que precisa de resposta, mas eu respondo assim mesmo.

— Ninguém.

Apesar de a vizinhança estar mudando, meu pai continuou trabalhando na restauração da casa. A gente conseguia se virar alugando quatro apartamentos num dos conjuntos e cinco no outro, mas não podíamos alugar a casa vitoriana, e não podíamos vendê-la.

— Agora é só uma relíquia no lugar errado, mas faz tempo que é apenas isso — digo. — A pior parte é que as pessoas por aqui sabem. Sabem que ninguém mora na casa, e quando as pessoas sabem disso, coisas ruins acontecem.

— Que tipo de coisas ruins?

O Kerwin é de South Central. Ele sabe qual tipo de coisas ruins podem acontecer aqui, mas não consegue deixar de perguntar. Talvez nenhum de nós possa. Talvez isso seja simplesmente humano.

— Um cadáver foi jogado no nosso terreno, no nosso beco. Nós descobrimos quando dois polícias apareceram na nossa casa em Lynwood e quiseram levar meu pai para ser interrogado. Talvez dois meses depois disso, aconteceu um estupro coletivo no quintal embaixo desse abacateiro.

Eu aponto para a árvore. Agora não estamos longe dela, a velha cena do crime, e estou olhando para a árvore porque tem alguma coisa estranha nela. Ela não está apenas pesada, com galhos vergados de frutas que não colhemos este anos porque nunca tivemos tempo, é que tem alguma coisa na base, do outro lado do tronco gigantesco. Sendo o fim do entardecer, não consigo distinguir de jeito nenhum o que é aquela figura. É grande demais para ser um cachorro, mas é isso que parece. Um cachorro deitado, estirado embaixo da árvore.

— Peraí — falo baixando a voz, até virar um sussurro. — Você está vendo isso?

O Kerwin está bem do meu lado, agachado na terra.

— Estou — diz ele, sussurrando de volta.

— Isto são...?

Agora estou semicerrando os olhos, tentando discernir as formas compridas no chão, estendendo-se a partir do tronco. Não é um cachorro afinal.

— São pernas? — completo a pergunta.

— São — diz o Kerwin. — Puta que o pariu.

10

As pernas estão nuas, pelo que percebo, e são peludas também. Na ponta da perna direita, no pé direito, há uma meia branca. Nós avançamos juntos, o Kerwin e eu. Conforme nos aproximamos, contornamos pelo lado, e eu vejo como a sola da meia está suja, quase preta. Vemos o corpo inteiro ao qual as pernas estão ligadas, apoiado contra o tronco, sentado com as pernas esticadas para fora.

Ouço o Kerwin respirar atrás de mim. Ele está com um taco pequeno dos Dodgers, deve ter trazido de casa. É de madeira, talvez tenha trinta centímetros, do tipo que eles dão de brinde em quantidades limitadas por você ter ido a algum jogo.

— Ele levou um tiro? — pergunta Kerwin. — Levou uma facada ou o quê?

— Não estou vendo sangue — respondo.

Agora está claro que esta pessoa não tem calças, só uma cueca comprida marrom-avermelhada. Na metade de cima, ele está vestindo três camisas de flanela, e estão todas abertas nos punhos e puxadas até os cotovelos. É difícil saber se o peito está subindo e descendo com todo esse monte de roupa.

— Encosta você nele — falo para o Kerwin. — Cutuca ele, sei lá. Vê se ele se mexe.

— Não, você.

— Você que está com o taco! — respondo.

O Kerwin olha para a mão só para confirmar que está segurando o maldito taco, e então dá de ombros, como se talvez fosse cutucar o cara, talvez não fosse.

Então eu noto que tem alguma coisa no braço do cara.

— Ei, você viu isso? — pergunto.

Eu aponto. O Kerwin estreita os olhos. Nós dois fazemos isso.

— Ahã — diz o Kerwin. — Eca.

Tem uma agulha espetada na dobra do braço do cara, mas não tipo uma

seringa. Só uma agulha. Como se alguém quisesse apenas a seringa, e a agulha tivesse ficado presa no braço dele, portanto a pessoa só a desenroscou e deixou a agulha de metal espetada nele, como alfinete saindo da pele. Tem sangue seco em volta, algumas manchas e pontos, e no antebraço há uma tatuagem em longas letras cursivas estilo *L.A. Times*.

— O que está escrito? — pergunto, apontando para a tatuagem.

O Kerwin tem que inclinar a cabeça de lado para ler. Eu faço o mesmo, mas é difícil entender, com toda terra e sangue seco nele. Eu quero limpar, mas não limpo.

— Sleepy — digo. — Acho que está escrito Sleepy.

— Ele está morto ou o quê? — pergunta Kerwin, tapando a boca com a mão. — Ele parece morto.

— Não sei — respondo, mas acho que está.

A pele do rosto do cara está meio barbada e coberta de terra. Ele está da cor dos cinzeiros usados do meu pai. Formigas caminham nos pelos das pernas dele, e há até alguns calombos de mordidas tão salientes e vermelhos que consigo percebê-los sem muita luz.

— Então vai — digo, e quando o Kerwin hesita, dou um empurrãozinho com o meu ombro no dele. — Vai logo.

O Kerwin cutuca o corpo com o taco. Coloca a ponta grossa no peito do cara, bem acima do coração, e empurra. Sai um pouco de ar, como um suspiro ou algo assim, e nós dois pulamos para trás, mas as pálpebras do cara nem chegam a tremer. Elas nem se mexem.

— Isso pode ter sido, tipo, ar acumulado ou alguma coisa assim, certo? — digo, pensando em voz alta.

— Como é que eu vou saber? É sua vez. Mas te digo uma coisa — fala o Kerwin enquanto me entrega o taco —, nossa, ainda bem que a gente não viu *isso* quando estava pirando de ácido.

— Também acho — digo.

O Kerwin já fez todo o possível com o taco, por isso seguro o taco do meu lado, dou um passo à frente e estico minha mão livre na direção do rosto dele.

Isso deixa o Kerwin em pânico.

— Mikey, o que você está *fazendo*?

Sinto na garganta a batida forte do meu coração, e eu não sei o que estou pensando, além de que só preciso ver se ele está respirando de leve, e se eu sentir a respiração dele no meu dedo vou ter certeza, mas não consigo alcançar de onde estou, então chego mais perto. Porém enquanto estou pondo o pé no chão, a sola do meu sapato esmaga alguma coisa. Olho para baixo para conferir o que é e recuo depressa, só para descobrir que é a mão direita do cara. Nem vi a mão dele na penumbra. Enquanto estou me dando conta disto, ouço o Kerwin tomar fôlego depressa, e a primeira coisa que faço é olhar para o rosto sujo do cara e descobrir que os olhos dele estão *abertos*.

Eu pulo de volta para cima do Kerwin, bato com tudo no ombro dele e consigo manter o equilíbrio de algum modo. O cara franze o rosto para nós. Estala os lábios algumas vezes antes de abrir a boca.

— O que você tá fazendo, maluco?

As palavras dele saem lentas e empoeiradas. Nem é como se ele estivesse bravo, só confuso e desidratado.

— Por que você pisou em mim?

Eu não fico ali para responder, e nem o Kerwin. Já estamos recuando, andando depressa para trás, sem tirar os olhos do cara que achamos que era um cadáver, e também não estamos a fim de conversar com ele. Mas o cara continua falando, continua dizendo “ei” enquanto nós vamos embora, como se estivesse tentando chamar nossa atenção, mas estamos andando rápido demais para a frente da casa, na direção do meu pai.

— Caralho — diz o Kerwin. — Puta merda! Quase tive um ataque cardíaco.

Eu também. Não sei o que me deixa mais perturbado, o fato de que achei que tínhamos encontrado um cadáver, ou o fato de que o cadáver na verdade estava vivo.

Quando chegamos até o meu pai no alpendre, ele está olhando pela janela do lado direito da porta. Minhas botas esmagam vidro antes de eu perceber que a janela da frente por onde ele está olhando nem está ali. Foi arrancada, e meu pai está olhando pelo buraco. Quando olho por cima do seu ombro, o que eu vejo faz meu estômago despencar, mas certamente explica o homem na árvore.

11

Drogados estiveram dormindo aqui, outros além do cara embaixo da árvore. Um bando deles. Quem sabe até passaram o tempo todo das revoltas aqui. Lá dentro, o cheiro é de uma gaiola de macacos. O chão da biblioteca, com as estantes embutidas, está repleto de frascos quebrados, um cachimbo de vidro quebrado, e mais umas seringas sem agulha. No canto onde eu costumava construir fortalezas com dois cavaletes e uma lona para depois arrastar lá para baixo uma luz pendurada e ler *A ilha do tesouro*, agora há uma pilha de jornais dobrados que nossos convidados indesejados vêm usando para limpar a bunda e depois deixando ali do lado. Não faço ideia de por que alguém faria isso, mas isso me faz não querer ver os banheiros.

— Um deles ainda está embaixo do abacateiro — digo.

Meu pai levanta o queixo. Observo ele pesar esta informação.

— Que nem a Cachinhos Dourados, é? Ele parecia perigoso? — pergunta meu pai.

— Não — respondo. — Ele nem se mexeu.

Meu pai olha de volta para o lugar por onde entramos, para o contorno do abacateiro contra a penumbra negra arroxeada, mas não tem como ele conseguir ver o corpo a essa distância, e ele também parece não se importar.

Ele cospe para fora do alpendre.

— Então deixa ele.

Meu pai saca seu maço de cigarros de cravo, tira um cigarro e acende. Dá uma tragada e solta fumaça e diz:

— Esta casa está infestada.

O Kerwin me olha com receio. Já vi as caras malucas do meu pai antes, conheço elas melhor do que ninguém, e percebo como a veia na testa dele está funcionando, sei que agora ele está na corda bamba da fúria. Quando ele se vira para mim, vejo uma faísca nos seus olhos.

— Como aquele moleque queimou a casa do Momo? — pergunta ele.

Ainda estou pensando no cara embaixo da árvore quando me dou conta da pergunta.

— Ele jogou um coquetel Molotov pela porta da frente — respondo.

— Só isso? — indaga meu pai.

— É.

— Que bom — diz meu pai, andando na direção da picape.

Quando chega à caçamba, observo meu pai puxar para si a caixa de papelão e abri-la. De dentro, ele tira uma garrafa de uísque três quartos cheia, destampa, e enfia um pano o mais fundo que consegue no gargalo.

— Opa — diz o Kerwin, dando um passo atrás. — Ele vai...?

Eu olho para trás de nós, para a rua, para ver se tem alguém assistindo, mas não tem ninguém. Estamos sozinhos.

— Pai? — digo.

Mas ele não está ouvindo quando passa por mim — ouço a bebida se mexendo de um lado para o outro na garrafa enquanto ele anda — e quando chega até o alpendre que nós restauramos à mão, ele tira o cigarro de cravo da boca e o encosta no pano.

— A casa é minha — diz meu pai. — Eu posso matar ela se eu quiser.

12

O que sinto agora é confuso. Não quero que ele faça isso, mas entendo por quê. Todo o esforço que ele dedicou — que *nós* dedicamos —, e todo esse tempo que nós gastamos. Isso tudo se incendeia no instante em que a garrafa acerta esse canto de trás da biblioteca e pega nos jornais e no fundo de uma estante embutida, ainda vazia depois de todos esses anos.

Eu pisco, e meu pai está de volta na picape, dando partida. O rádio liga de repente enquanto ele acelera o motor antes de escorregar no assento e abrir a porta do passageiro. Na metade de um refrão, uma canção das Shirelles se derrama na noite, “Dedicated to the One I Love”, e meu pai grita para mim por cima da música.

— *Mi hijo*, entra na picape! Vamos!

Mas eu não consigo. Estou ocupado demais assistindo a casa vitoriana morrer.

— Kerwin, cacete — diz meu pai —, *entra*.

Quando o Kerwin entra e fecha a porta, meu pai berra para mim de novo.

— Não me obrigue a *colocar* você aqui dentro!

Não sinto minhas pernas se mexerem, mas devo estar andando, porque estou subindo na picape e entrando na caçamba, e então sento com as costas apoiadas na cabine, assim como o Kerwin estava antes.

— Ele entrou! — ouço Kerwin dizer para o meu pai.

A picape sai em marcha a ré, e vejo El Segundo Boulevard correr ao meu encontro enquanto meu pai faz a curva depressa demais, e os pneus do lado direito saem do meio-fio. Eu teria sido jogado para fora da picape se o Kerwin não estivesse com a mão no meu ombro.

Estou prestes a agradecer, mas ele me interrompe.

— Eu te seguro!

Olho para atrás de nós, ocupado demais me perguntando se este é o último incêndio das revoltas, ou se em algum lugar, por outros motivos, há pessoas

fazendo as mesmas coisas. Eu entendo a lógica do meu pai. É o único imóvel onde ele tem seguro contra incêndio, por isso só lhe resta fazer isso, mas queimar a casa não vai compensar nossa perda — a indenização nunca seria suficiente para nos deixar sem as dívidas de todos os três imóveis —, embora seja o único jeito de minimizar a perda.

Nessa hora me ocorre que talvez as revoltas sejam assim para todo mundo por aqui. Você sabe que vai perder, mas você esperneia e luta para perder o mínimo possível. Talvez seja um imóvel, ou a sua saúde, ou um ente querido como o ERNIE, mas é alguma coisa, e quando essa coisa se vai, é definitivo. Ninguém sente paz hoje à noite, e não temos sentido paz há dias. O toque de recolher pode ter sido suspenso, mas isso não significa que as coisas estão normais, ou que foram resolvidas, ou que vão ser resolvidas em breve.

Em L.A., isso só significa que as coisas estão diferentes daquela última vez em que você pôde sair à noite, e de agora em diante, quando falarmos sobre esses dias, vamos falar sobre o que eles fizeram conosco, vamos falar sobre o que perdemos, e um marco será cravado na história da cidade. Dos dois lados dele, tudo haverá um antes e um depois, porque quando você viu coisas ruins o suficiente, ou isso te derruba para sempre, ou transforma você em outra coisa — talvez uma coisa que você não pode saber ou entender logo de cara, mas talvez seja só um novo você, como quando uma semente é plantada, ainda por crescer.

O Kerwin aumenta a música, e o refrão toca enquanto a avenida se desenrola abaixo de mim com sua linha amarela pontilhada correndo nas laterais antes de se perder no negrume do asfalto. Penso agora em como o cara com uma agulha no braço está assistindo a isso da primeira fila enquanto o vento chicoteia meu rosto.

Um depósito ao lado do conjunto de apartamentos queimado mais próximo bloqueia a maior parte da visão da casa vitoriana, e só o que consigo ver é uma luz trêmula alaranjada na janela da biblioteca, como o olho de uma abóbora de Dia das Bruxas piscando, antes de nos afastarmos demais na estrada e essa luz desaparecer também. Só o que resta para ver da casa então é o lugar para onde ela está indo, o céu, enquanto uma torre negra se forma acima dela. Espero conseguir enxergá-la melhor conforme nossa distância aumenta, para poder

entender mais, porque talvez se eu vir o resto do bairro e como ele pegou fogo, se eu vir como outras pessoas foram alvejadas e sofreram também, eu possa compreender, mas agora só consigo focar na nossa casa, e em como dói vê-la ser destruída, e como a distância não me dá nenhuma perspectiva.

Então eu fecho os olhos.

Coloco as duas mãos de palmas para baixo nas duas paredes da caçamba do caminhão, segurando firme no metal e na pintura lascada enquanto o ritmo da rua me impele para a frente e para trás. Pela janela atrás de mim, ouço a música ficando mais fraca. Ouço ela correndo para dentro do vento, mesclando-se ao som de seu sopro, e visualizo como as coisas eram antigamente. Vejo como era a casa vitoriana quando eu tinha catorze anos, seu leve tom de azul na luz da manhã. Vejo na grama abacates que não amadureceram, duros e verdes, do tipo que eu costumava catar do chão para jogar futebol, e para além da árvore que os soltava, vejo um dos blocos de apartamentos postado como uma sentinela, seu telhado ainda começando a se cobrir de laranja na alvorada. Algo fica pesado no meu peito quando imagino minha própria vizinhança, o lugar onde cresci, intacta de novo. Vejo o muro de jogar paredão do Ham Park ainda de pé, crianças e adultos brincando nele, e os baques secos desses jogos de sábado ecoando por quarteirões, mas da distância da casa do Momo parecia apenas o som de um coração batendo — e talvez fosse mesmo o coração da cidade, batendo rápido demais. Na minha cabeça agora a casa do Momo está inteira outra vez, o carro dele está estacionado na frente, e ele está indo até ele com as chaves na mão, me cumprimentando enquanto eu passo na minha *chopper*, e é nessa hora que eu me dou conta: minhas memórias são os únicos lugares onde vou rever qualquer uma dessas coisas, e eu me pergunto se é isso que os escritores devem fazer, reconstruir lugares em suas mentes — lugares que há muito tempo não existem mais, lugares que desaparecem, e eu me pergunto: se isso for verdade, se aplica também a pessoas que desapareceram?

A música agora está acabando. Ouço as vozes das moças se fundirem na linha do baixo conforme a harmonia que resta dá lugar ao vento e ao ronco do motor da picape. Pelo tempo de duas respirações, não ouço nada além de sirenes lá longe. Não ouço nada além da picape girando os eixos com esforço. Quando

uma nova música começa, um tipo diferente, uma com uma bateria alta, eu não reconheço, e é um pequeno pensamento que me ocorre nessa hora, mas sinto ele vibrar e crescer a cada prédio que passa veloz. A cada quarteirão, eu me sinto concordando com ele. L.A. também tem um motor, e esse motor não para. Não pode parar. A cidade é uma sobrevivente. Vai seguir em frente, apesar de tudo, e vai abrir caminho entre essas chamas e sair do outro lado como uma coisa quebrada e bela e nova.

GLOSSÁRIO

Abuela/abuelo: avó/avô
AK: rifle de assalto originalmente fabricado na União Soviética, e abreviação de AK-47, que em si é uma sigla para Avtomat Kalashnikova 1947 — combinação da capacidade automática da arma, o nome de seu inventor e o ano em que foi inventada
Aviãozinho: gíria para alguém que faz serviços de transporte para um traficante maior
Bomber: termo para alguém que faz grafite, muitas vezes em missões clandestinas; um *bomber* tipicamente picha um único pseudônimo (ex. FREER ou JUKER) repetidas vezes, em vez de executar peças mais complexas
Bonjuk: ensopado coreano, tipicamente à base de arroz, parecido com um pudim
Cabrón: xingamento genérico que pode significar "porco", "cretino" ou "cuzão", dependendo do contexto e tom de voz
Carnicería: açougue que às vezes também vende mantimentos
Cerote: um pedaço de fezes; em gíria, tipicamente usado por mexicanos ou *chicanos* para denegrir salvadorenhos
Chavala: alguém que age ou se veste como um membro de gangue; uma menina ou jovem, a forma diminutiva (*chavalita*) significa "garotinha"
Chaves: termo de gíria para "poder"; embora não sejam chaves físicas, são consideradas elementos de posse, semelhante ao modo como um boxeador detém um cinturão de título
Chilaquiles: café da manhã tradicional mexicano, feito com uma tortilha de milho cortada em quatro e levemente frita, acompanhada de molho *salsa* ou *molé*; este prato também pode incluir ovos ou carne
Chola/cholo: um membro *chicano* de gangue, tipicamente preferindo um estilo de moda único do sul da Califórnia: camisa de flanela, regata e calça de brim

Chorizo: linguiça suína apimentada
CHP: California Highway Patrol [Patrulha Rodoviária da Califórnia]
Clica (ou *click*): uma gangue, ou facção local de uma gangue maior
Cruz Pachuco: muitas vezes associada ao envolvimento com gangues e tatuada na mão esquerda entre o polegar e o indicador, é um símbolo de cruz com linhas saindo do topo
Cucaracha: literalmente, "barata"
Culero: literamente, "cu"; usado por mexicanos em referência a um "covarde" ou um "cuzão"
Culo: literalmente, "bunda"
Dušo: termo afetuoso, literalmente "minha alma" em croata
El rey ha muerto; viva el rey: literalmente, "o rei está morto; viva o rei"
Enchilada: prato latino-americano que consiste em uma tortilha de milho enrolada, recheada e coberta com molho de pimenta malagueta; pode ser recheada com diversos ingredientes
Envolvido: gíria para alguém que participa de atividade de gangues
Ese (ou *esé*): gíria de *chicanos*, tipicamente usada entre homens, equivalente a "cara" ou "mano"; pode ser usada pejorativamente (em geral com o acento no segundo *e*, ou seja, *esé*) ou de maneira familiar, não agressiva
Fe: literalmente "fé", mas também pode significar "intenção" ou "vontade"; porém logo após levar um tiro, em estado de choque, Big Fate ouve a palavra errada primeiro como "Fate" [destino] e acaba tirando dali o seu nome
Gabacho: termo pejorativo para pessoas anglófonas de origem não latina
Hijo de su chingada madre: literalmente "filho da sua mãe fodida" ou "filho de uma puta fodida"; tipicamente considerado o pior insulto nas comunidades latinas dos Estados Unidos, sobretudo entre mexicanos, devido a seu sentido histórico ("filho de uma mulher estuprada"); o verbo *chingar* vem de uma palavra dos nahuatl (povo asteca) que significa "estuprar"; quando os espanhóis chegaram às Américas, sua prática de estuprar mulheres indígenas era tão disseminada que *chingar* tornou-se um palavrão, semelhante à palavra *fuck* em inglês
Hina: uma menina atraente ou possivelmente uma namorada

Huevos: literalmente “ovos”, ou, em gíria, “testículos”
ILWU: International Longshorean and Warehouse Union, órgão sindicalista dos trabalhadores portuários da Costa Oeste dos Estados Unidos
Jefe: literalmente, “chefe”
Juice card: gíria para a pessoa mais poderosa ou influente numa determinada área; embora não seja fisicamente real, é considerada “uma carta” que a pessoa possui, semelhante ao modo como um boxeador detém um cinturão de título
Kruškovac: licor croata destilado a partir da fermentação de peras
LAFD: Los Angeles Fire Department [Corpo de Bombeiros de Los Angeles]
LAPD: Los Angeles Police Department [Departamento de Polícia de Los Angeles], o órgão de policiamento da cidade
LASD: Los Angeles Sheriff’s Department [Departamento de Polícia do Condado de Los Angeles], o órgão de policiamento do condado
Layup (ou *layup spot*): uma área para estacionamento temporário usada regularmente, em geral perto da rota principal de um ônibus, onde os motoristas estacionam para trocar de turno ou deixar o ônibus caso ele necessite de manutenção imediata e não possa voltar à garagem mais próxima
Lengua: literalmente, “língua”, geralmente língua bovina cozida
Lentejas oaxaqueñas: prato mexicano à base de lentilhas, tipicamente apimentado e adocicado, e sem carne
Leva: um traidor ou vendido
Manflora: gíria de mexicanos para “lésbica” ou “gay”
Mayate(s): literalmente, “um besouro preto, comedor de esterco”, é uma gíria usada mais frequentemente por mexicanos e *chicanos* para denegrir pessoas de pele escura
Molé: molho mexicano tradicional, à base de pimenta malagueta, que pode ser preparado com uma variedade de ingredientes
Molhadinho: gíria para o uso de PCP (fenilciclidina), ou para um cigarro ou baseado onde se acrescentou uma dose de PCP, mergulhando-o num frasco da substância
Neo-Geo: console de video game 24 bits criado pela SNK; lançado em 1990, o sistema parou de ser produzido em 1997

Neta (ou *la neta*): aquilo que é absolutamente verdade, ou literalmente "a verdade"; também usado como equivalente a "é mesmo?" ou "é sério?"
OA: Operador de Aparelho, um motorista e operador do caminhão de bombeiros durante operações de combate a incêndio
O.G.: Original Gangster [Gângster Original], descreve alguém que já está na vida de gangues há muito tempo
Ojos: olhos
Paisa (redução de *paisano*): literalmente, um "camponês", ou alguém de origem rural
Palillo: palito de dentes
Panadería: uma padaria que às vezes também vende mantimentos
Panocha: gíria pejorativa, literamente significa "boceta"
Papas: batatas, ou às vezes batatas fritas
Plaqueasos: pichação com letras, geralmente feita com aerossol em paredes e muros ao ar livre, muitas vezes designando uma gangue, um membro de gangue ou território de gangue
Pozole: ensopado mexicano, geralmente feito com milho e frango ou porco
Puchica: gíria salvadorenha para "merda" ou "droga", derivada do dialeto indígena, caliche
Pueblo: povoado de índios americanos, tipicamente consistindo em casas de adobe de um ou dois andares
Qué onda, vos: literalmente, "e aí, cara?"; o espanhol da América Central (principalmente o de El Salvador) difere do espanhol mexicano na utilização da forma *vos*, que é um pronome da segunda pessoa do singular e é usado além ou em vez do *tu*
Qué pasa: literalmente, "e aí?" ou "como vai?"
Queso: queijo
Quincé (redução de *quinceañera*): literalmente, "quinze", ou uma abreviação do nome da comemoração em comunidades latinas onde uma menina se torna mulher, ou atinge a maturidade, aos quinze anos; é semelhante a um baile de debutantes
Raza (ou *La Raza*): literalmente, "raça" ou "a Raça", "o Povo", este termo

também pode expressar união e/ou orgulho racial entre latino-americanos

RTD: Rapid Transit District [Distrito de Trânsito Rápido], órgão governamental que supervisiona o transporte público em Los Angeles que fundiu-se à Los Angeles County Transportation Commission em 1º de abril de 1993, formando o atual órgão de transporte público da cidade — Los Angeles County Metropolitan Transit Authority, ou LACMTA (também conhecido como MTA)

Salsa: literalmente, "molho", tipicamente à base de tomates embora também possa ser verde, preto ou mesmo feito à base de cebolas

Salvi: gíria de *chicanos* para pessoas de El Salvador, muitas vezes pejorativa; ou uma expressão familiar e não agressiva de identidade entre salvadorenhos

Señor Suerte: literalmente, "Senhor Sorte", personagem icônico composto de uma caveira estilizada, com bigodes, usando óculos de sol, um chapéu de feltro, um colarinho de pele, e cruzando seus dedos esqueléticos; criado pelo artista Chaz Bojorquez em 1969, que depois parou totalmente de pintá-lo pois havia sido adotado como principal símbolo dos Avenues, uma gangue de rua de L.A.

Sherm: PCP, também conhecida como "pó de anjo", uma droga alucinógena; em referência a um baseado ou cigarro mergulhado em PCP líquida

Símon: termo mexicano que significa "é claro" ou "com certeza"

STL: Strike Team Leader [Líder da Equipe de Combate]

Tamales: massa feita de farinha de milho, tipicamente recheada de carne ou queijo e assada numa palha de milho, semelhante à pamonha brasileira

Tienes pisto: literalmente, "você tem dinheiro?"; *pisto* é um termo espanhol da América Central (principalmente de El Salvador) para dinheiro

TRW: abreviação de Thompson Ramo Woolridge; empresa americana de engenharia e aeronáutica que foi adquirida de maneira hostil pela Northrop Grumman em 2002

UCLA: abreviação de University of California, Los Angeles

Varrios (ou *barrios*): literalmente, "bairro"

Vato: gíria mexicana para "homem" há uma certa seriedade implicada na palavra

Para mais informações sobre cultura de chicanos, veja: *Chicano Folklore: A*

Guide to the Folktales, Traditions, Rituals and Religious Practices of Mexican-Americans, de Rafaela G. Castro

CITAÇÕES

A citação de Joe McMahan no começo do Segundo Dia foi transcrita de uma transmissão de TV ao vivo durante as revoltas para o noticiário *7 Live Eyewitness News*.

A citação de Daryl Gates, chefe do LAPD, que aparece em “Os fatos”, e a citação de Rodney King no começo do Terceiro Dia podem ser encontradas em *Official Negligence: How Rodney King and the Riot Changed Los Angeles and the LAPD*, de Lou Cannon.

A citação do major-general James D. Delk no começo do Quinto Dia pode ser encontrada em seu livro *Fires & Furies: The L.A. Riots.*

A citação do tenente Dean Gilmour no começo do Sexto Dia pode ser encontrada em *Twilight: Los Angeles, 1992*, de Anna Deavere Smith. O “[sic]” foi acrescentado por mim, já que não existe uma “divisão de Hollingback” em Los Angeles. Existe, no entanto, Hollenbeck.

Devo muito a estes três livros e seus autores por terem expandido minha compreensão dos acontecimentos que se desenrolaram entre 29 de abril e 4 de maio de 1992.

Exceto pela especulação de Anthony sobre a quantidade de balas disparadas depois de dois dias de revoltas, e a população de 9,15 milhões no condado de L.A. (*L.A. Almanac*), todas as estatísticas usadas neste livro foram encontradas ou na obra de Cannon ou na de Delk.

Em todo este processo, o jornal *Los Angeles Times* foi um recurso de valor inestimável para a minha pesquisa. As manchetes usadas neste livro são reais.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a meus assessores e especialistas por seus tão valiosos conselhos que deram autenticidade aos eventos fictícios retratados neste livro, especialmente Álvaro — por toda a sua contribuição e grande generosidade; Ron Roemer, chefe de batalhão (aposentado) do LAFD.; John Cvitanich, motorista de caminhão de bombeiros (aposentado); Chuck Campbell, capitão da CHP (aposentado); William J. Peace, médico; Stanley Corona e Evan Skrederstu — que jamais hesitaram em me ouvir. Agradeço também a:

Todas as outras pessoas do UGLAR (Unified Group of L.A. Residents): Chris "Horishiki" Brand, Espi e Steve Martinez. Marisa Roemer, que ouviu todos os capítulos e sempre sabia o que soava verdadeiro.

Minha família — avó Annazell, mãe, pai, Brandon, Karishma, minha irmã Char e Alexa — que me dão motivação, me amando mais a cada fracasso meu.

Kevin Staniec, Corrie Greathouse e minha família artística na Black Hill Press, que sempre estão ali me dando um apoio incrível.

Jennifer Eneriz e Zoe Zhang, estudantes de edição da Chapman University Independent Study, que fizeram a preparação do texto antes de ser enviado, checaram fatos para garantir a precisão histórica e forneceram uma assistência linguística crucial durante o processo de criação do glossário.

Gustavo Arellano e P.S. Serrato, que são excelentes professores de cultura do sul da Califórnia, cada um a seu próprio modo inimitável.

Bryce Carlson, que nunca se cansou de falar sobre L.A. nem de me ensinar sobre efeitos sonoros. Lizzy Kremer, Harriet Moore, Laura West e Nicky Lund da David Higham, que acreditaram nesta obra desde o primeiro dia e sempre exigem que eu dê o melhor de mim.

Simon Lipskar da Writers House, que abriu uma exceção para mim.

Por último, mas não menos importante, há uma série de pessoas que forneceram inestimáveis informações de fundo para este livro, mas desejam

permanecer anônimas. Sempre vou honrar sua confiança. Por favor, saibam que este romance não teria sido possível sem as suas ideias, e não tenho como lhes agradecer o bastante.

SOBRE O AUTOR



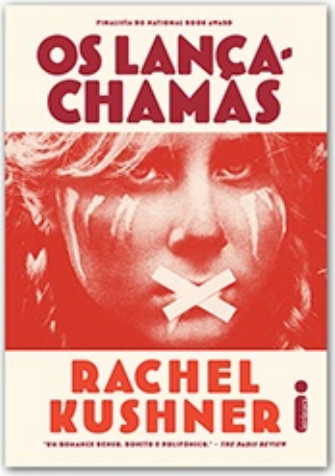
© Sam Tenney

RYAN GATTIS foi professor de inglês e escrita criativa na Chapman University por quase dez anos. É fundador da organização sem fins lucrativos 1888, que tem como objetivo a preservação, a divulgação e a promoção da herança cultural e da literatura na Califórnia, e integrante do coletivo de arte de rua UGLARworks. *Todos envolvidos*, seu quinto livro publicado, é fruto de mais de dois anos de pesquisa entre gangues de latinos, policiais, bombeiros e cidadãos comuns ligados aos eventos.

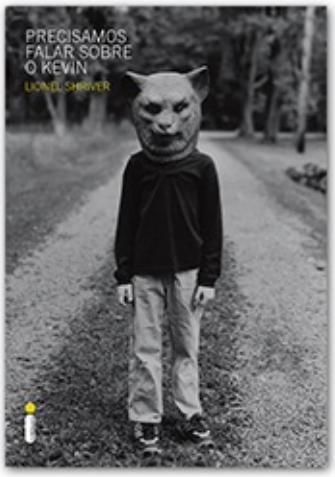
LEIA TAMBÉM



O regresso
Michael Punke



Os lança-chamas
Rachel Kushner



Precisamos falar sobre o Kevin
Lionel Shriver



A guerra dos consoles
Blake J. Harris